

---

This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

Google™ books

<https://books.google.com>



57  
1



A J IX 57.





Collecção  
CAMILLO CASTELLO BRANCO

---

A FILHA  
DO  
ARCEDIAGO



Lisboa  
*Typ.—Rua de D. Pedro V, 86 e 88*

1896



# A FILHA DO ARCEDIAGO



# Collecção Camillo Castello Branco

VOLUMES DE 240 a 320 PAGINAS

200 RÉIS, LISBOA E PORTO—PROVINCIAS E ILHAS, 220 REIS  
BRASIL, 800 REIS (moeda fraca)

## ROMANCES PUBLICADOS

- |                                   |                                 |
|-----------------------------------|---------------------------------|
| 1—A enfeitada.                    | 24—Lagrimasabençoa-             |
| 2—O bem e o mal.                  | das.                            |
| 3—O senhor do Paço<br>de Ninães.  | 25—A bruxa de Monte<br>Cordova. |
| 4—O esqueleto.                    | 26—A filha do doutor<br>Negro.  |
| 5—A mulher fatal.                 | 27—Onde está a felici-          |
| 6—Mysterios de Fafe.              | dade.                           |
| 7—Os brilhantes do<br>brasileiro. | 28—Um homem de brios            |
| 8—O sangue.                       | 29—Memorias de Gui-             |
| 9—Annos de prosa.                 | lherme do Ama-                  |
| 10—Estrellas propicias.           | ral.                            |
| 11—Vinte horas de li-             | 30—A queda d'um anjo            |
| teira.                            | 31—Carlota Angela.              |
| 12—O Regicida.                    | 32—O que fazem mu-              |
| 13—A filha do regicida.           | lheres.                         |
| 14 a 16—Mysterios de Lis-         | 33 e 34—O demonio do ou-        |
| boa (3 vol.)                      | ro (2 vol.)                     |
| 17—Livro Negro de Pa-             | 35—O retrato de Ricar-          |
| dre Diniz.                        | dina.                           |
| 18—Vingança.                      | 36—Anathema.                    |
| 19 a 20—Memorias do car-          | 37—Scenas contempo-             |
| ceres (2 vol.)                    | raneas.                         |
| 21—Scenas da Foz.                 | 38—A filha do arcedia-          |
| 22—Estrellas funestas.            | go.                             |
| 23—O santo da monta-              |                                 |
| nha.                              |                                 |

## A SEGUIR

- |                          |                            |
|--------------------------|----------------------------|
| As tres irmãs.           | A viuva do enforcado.      |
| O olho de vidro.         | Novellas do Minho (3 vol.) |
| Quatro horas innocentes. | Duas horas de leitura      |
| As virtudes antigas.     | A neta do arcediogo.       |
| Lucta de gigantes.       | Fanny.                     |
| Cavar em ruinas.         | Horas de Paz.              |
| A doida do Candal.       | Divindade de Jesus.        |
| Agulha em palheiro.      | Correspondencia epistolar  |
| O judeu (2 vol.)         | (2 vol.)                   |
| Doze casamentos felizes. | Theatro (5 vol.)           |

COLLECCÃO CAMILLO CASTELLO BRANCO

---

A

# FILHA DO ARCEDIAGO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

---

QUARTA EDIÇÃO

---

*J. Correia*

COMPANHIA EDITORA DE PUBLICAÇÕES ILLUSTRADAS

35 — TRAVESSÁ DA QUEIMADA — 35

LISBOA

20,55



---

*Companhia editora de publicações ilustradas*  
35 — Travessa da Queimada — 35  
LISBOA

Leitores! Se ha verdade sobre a terra, é o romance, que eu tenho a honra de offerecer ás vossas horas de desenfado.

Se sois como eu, em cousas de romances (que no resto, Deus vos livre, a vós, ou Deus me livre a mim) gostareis de povoar a imaginação de scenas, que se viram, que se realisaram, e deixaram de si vestígios, que fazem chorar, e fazem rir. Esta dualidade, que caracteriza todas as cousas d'este globo, onde somos inquilinos por mercê de Deus, é de per si um infallivel symptoma de que o meu romance é o unico verdadeiro.

Eu sou um homem, que sabe tudo e muitas outras cousas. Não espreito a vida do meu proximo, nem ando pelos salões atraz de uma idéa, que possa extender-se por um volume de trezentas paginas, que, depois, vil espião, venho vender-vos por 480 réis. Isso, nunca.

Tudo isto que eu sei, e muito mais que espero saber, é-me contado por uma respeitavel senhora, que não vae ao theatro, nem aos cavallinhos, e que tem necessidades organicas, mas todas honestas, e, entre muitas, é predominada pela necessidade de falar onze horas em cada dez. Desde que tive a ventura de conhece'-la, não invejo a sorte de ninguem, porque vivo debaixo das mesmas telhas com esta boa senhora, e posso satisfazer a mais imperiosa necessidade da minha organização, que é estar calado. E' que não podemos falar ambos ao mesmo tempo.

E, depois, a sua conversação, escassa de arrebiques, e despretençiosa, abunda em riquezas naturaes, em thesouros impagaveis para o escriptor pu-

blico, em estudos sociaes adquiridos no testemunho de factos da vida, que não vieram ás locaes do jornalismo, porque a imprensa, ha poucos annos que denuncia os casamentos, os obitos, e os suicidios.

Ingrato seria eu, se não significasse aqui, com toda a cordialidade de que sou susceptivel, o meu reconhecimento á dita pessoa, que promete elevar-me á importancia de escriptor veridico n'um genero em que todos os meus collegas mentem sempre.

No momento infausto em que os sêllos do tumulo me fecharem este livro do passado, obliterar-se-ha a fecunda veia de romancista, de onde tenho havido uma barata immortalidade para mim, e para a minha collaboradora.

O publico, maravilhado da minha esterilidade, dirá então que os meus romances eram d'ella; e um nome, hoje obscuro, será exhumado do esquecimento para quinhoar da gloria dos escriptores-fêmeas d'esta nossa terra tão escassa—ainda bem—d'esse contra-senso.

# A FILHA DO ARCEDIAGO

---

## CAPITULO I

Em 1815, um dos mais abastados mercadores de pannos da rua das Flores na cidade do Porto, era o senhor Antonio José da Silva. E a 23 de agosto, do mesmo anno, o negociante da rua das Flores que mais suava, e bufava afflicto com a calma, era o mesmo senhor Antonio José da Silva. O senhor Antonio, como os seus caixeiros o chamavam, tinha razão para suar. As bochechas balófas e tremulas, dilatadas pelo calor do estio, ressumavam-lhe um succo oleoso, que descia em regos pelos tres refégos da barba, e vinha adherir a camisa ás duas grandes esponjas, que formavam os seios cabelludos do nosso amigo attribulado.

O senhor Silva inquieto, e resfolegando como um hippopotamo, passeava no seu escriptorio. O seu traje era muito simples: andava de cuecas, e alperca-

tas de estôpa com sola de cortiça. Este vestido, com quanto singelissimo, e o primeiro talvez que se seguia ao que trajou Adão no Paraizo, dava-lhe ares de um sátyro voluptuosamente gordo.

O negociante representava cincoenta e cinco annos, bem conservados. No olho direito tinha muita vida; o esquerdo, porém, n'esta occasião tinha um tersol, e inflammado, de mais a mais, pelo calor.

Além do dito, o senhor Silva estava soffrendo um segundo tersol no espirito. Era uma paixão, uma paixão de alma, a mocidade na velhice, essa ancianidade impotente de um coração, que quer romper os tecidos atrophiados de cincoenta e cinco annos para dar quatro pulos em pleno ar.

Quem era a victima d'esta paixão impetuosa? Uma menina de quinze annos, que a leitora enjoada das indecentes cuecas do senhor Silva, pôde ver, no segundo andar d'esta mesma casa, sentada a costurar na varanda, com uma gata malteza no regaço, e um papagaio ao lado, que lhe depenica os sapatos de cordovão.

E' uma bonita menina, para quem gosta de um rosto oval, olhos azues, leite e rosas na face, labios acerejados e pequenos, dentes como perolas, olhar alegre e penetrante. Conversa com o papagaio, e o metal da sua voz tem aquelle timbre sonoro e puro,

que nos faz jurar na belleza de quem fala, sem lbe vermos as feições. O papagaio salta-lbe á mão, e esta mão é pequena, dedos longos, rosados nas extremidades, transparentes como o collo de sua dona, onde o proprio Lucifer de Gauthier choraria uma segunda lagrima, por se ver impossibilitado de armar ás boas mulheres, quando é de suppôr que lbe não vão lá ter as peores. . .

Concordemos em que Rosa Guilhermina era uma bonita moça, e desculparemos a paixão fatal do infeliz negociante, que, no andar de baixo, está fumegando por todos os orificios, e destillando por todos os póros.

Como veiu esta menina para a casa do negociante?

Da seguinte maneira:

Quatro annos antes, o arcediago de Barroso, padre Leonardo Taveira, amigo velho do senhor Silva, em expansiva conversa com o seu amigo, n'um domingo de tarde, nas hortas de Campanhã (onde semanalmente saturavam as respectivas massas adiposas com o excellente vinho verde de Cabeceiras de Basto), quatro annos antes, vinha eu dizendo, falava assim, com o seu amigo, o rubicundo arcediago:

—Sabes tu, Silva, que me está dando bastante cuidade o futuro de Rosa!



—Deixa-te d'isso. Não tens tu, em minha mão, um bom patrimonio que lhe dês?! Acho que vinte mil cruzados, afóra o juro de cinco por cento, ha dez annos, capitalisado no proprio, a vencer até que ella faça os vinte e cinco, acho eu que é um dote de se lhe tirar o chapéo.

—Bom dote é; mas isso não é o que me dá cuidado. O que eu queria para minha filha é um bom marido...

—O' homem, já trataes d'isso!? Que idade tem a tua filha?

—Tem onze annos; d'aqui a tres é mulher, e pôde talhar futuros por sua conta e risco. E' o que eu não quero. A pequena está em mestra-de-dentro; mas isto de mestras ensinam a coser e a bordar, mas não sabem adivinhar o coração de uma rapariga, que... emfim, Silva, vou ser franco contigo...

—Diz, padre Leonardo...

—Que é filha de tal pae e de tal mãe... Eu tenho sido o que tu sabes...

—Isso lá é verdade... tu tens sido levadinho da breca com o gado de contrabando...

—E a mãe, se queres que te diga a verdade, tinha uma perfeita embocadura...

—Diz-m'o a mim, Leonardo! Era uma namoradeira dos quatro costados... Mas, emfim, está casada, e já não é a mesma.

—Caro me custou o casamento...

—Isso custou! O que tu deste ao francez p'ra montar a loja de livros, ainda que não rendesse senão a sete por cento, podia hoje montar a réis... deixa vêr... quatro vezes sete vinte e oito, vão dois, com cinco cifras, faz... faz...

—Aguas passadas... não falemos n'isso. Agora o que me importa é a rapariga, já que fiz a asneira de a procurar na roda... Tira-me o somno, Silva! Lembra-me ás vezes que esta pequena ha de ser a disciplina com que hei de ser castigado por muitas asneiras que fiz...

—Isso lá é verdade. Diz o dictado: «Onde se fazem, abi se pagam». Já vem dos velhos a experiencia... Sabes tu que mais? Casa a rapariga assim que ella puzer as ventas no ar a contar os ventos. Não lhe dés tempo a namoricos. Janella fechada, e costura entre as mãos, era o systema de minha mãe que Deus haja, e minhas irmãs não deram desgosto á sua familia.

—Tens razão, Antonio; mas quando o diabo está atraz da porta, não vale nada fechar a janella... Olha lá... Queres tu casar com a minha Rosa?

—Homem, essa!... tu serás o espirito ruim que me appareces em corpo de homem? Não vês que tenho cincoenta feitos, e que nunca me deu na cabeça a asneira de me casar?

—Alguna vez ha de ser a primeira...

—Isso lá é verdade; mas cada qual mede-se com as suas forças, e eu já não estou homem para tropelias. O que eu quero é comer bem, e beber-lhe melhor. Isto de creanças, casadas com velhos, não provam bem...

—Estás enganado com o mau exemplo da tua vizinha Anna...

—Que pôz na cabeça do marido um chinó, porque elle era calvo... e eu não estou menos calvo que o pobre João Pereira, que deu com o negocio em pantana, por causa da mulher...

—Não meças tudo pela mesma rasa, Antonio. A pequena é docil, tem um genio de pomba, vae para onde a levam, e será uma boa esposa. Ponto é pilla'-la nos cueiros... Tu sabes melhor que eu o dote que ella tem...

—Não falemos em dote, Leonardo... Eu, se casar com a tua filha, tanto se me dá que ella tenha um como dois... A cousa não é essa... O peor é o resto.

—Que resto?

—Eu te darei a resposta amanhã.

Continuaram falando largamente sobre o assumpto, em que o senhor Silva, tres vezes, citou o chinó do seu vizinho João Pereira.

No dia seguinte, o arcediago de Barroso encontrou o seu amigo meditativo.

—Pensas ainda, Antonio?

—Estava pensando no nosso negocio. Isto de mulheres deve a gente suppó'-las sempre mercadoria avariada. . . Mas, diz-me cá, a tua filha só tem onze annos. . .

—Só, e d'aquí a dois tem treze. . .

—Se a cousa se arranjasse, não podia ser senão d'aquí a dois annos.

—De certo.

—Fois, então, falaremos.

—Não que é preciso decidir se a cousa já.

—Porquê?

—Se disseres que sim, a pequena ha de vir para tua casa já; quero que seja educada por tua irmã, e que se afaça contigo, para te ganhar amizade, e o amor depois virá.

—Qual amor, nem qual carapuça! Ella pôde lá ganhar-me amor! . . . Eu cá de mim, se casar, o que quero é uma herdeira, porque tenho para ahí uns sobrinhos, que se penteiam muito, e que não querem estar no mostrador a medir covados de panno. Ha de me custar se elles vierem metter a mão no que me custou a ganhar com honra e trabalho. Um d'elles metteu-se-lhe na cabeça ir a Coimbra estudar para doutor! . . . Que tal está o catavento! Meus paes foram lavradores, eu sou negociante, e quem houver de ficar com a minha casa ha de vir para aqui. Quan-

do penso n'isto, Leonardo, parece-me que me fazia conta casar!... E, se eu tivesse um filho!... isso então, digo-te que era ouro sobre azul! Se não fosse o medo, que tenbo ás boccas do mundo, não engeitava aquelle rapagão da Thereza...

—E' verdade, que fizeste á Thereza?

—Puz-lhe um estabelecimento de castanhas assadas na Ribeira. O diabo da moça piscava o olho ao caixeiro, e pu'-la fôra de casa. Eu cá poucas vergonhas de portas a dentro não as quero.

—Tens razão; mas isso do filho é cousa muito natural...

—Ab! é verdade; isto do filho acho eu que é cousa muito natural; mas dizias tu que a Rosinha...

—Viria para a tua companhia, e aos treze annos, ou mais cedo, com licença do bispo, casas com ella ..

—Homem... isto é uma carta tirada da baralha... Está dito, se a cousa não dêr de si, caso com a tua filha.

—Se a cousa não dêr de si... dizes tu; que quer isso dizer?

—Sim, se não houver entrementes cousa que desarranje a minha saude ou a d'ella...

—Está visto, não é preciso tirar isso como condição.

Rosa Guilbermina veiu para casa do senhor Antonio José da Silva.

O noivo predestinado afeiçãoou-se á pequena com toda a effusão paterna. Prodigalisava-lhe carinhos, que a menina recebia com indifferente innocencia, mas com certo aborrecimento intimo, e até nojo da sua grande cara, cujas belfas eram vermelhas como duas folhas de parra de moscatel, no outono.

Feitos os treze annos de Rosa, o negociante sentiu abrirem-se-lhe as valvulas do coração para lhe verterem nas veias um sangue mais quente. Não era um fino amor o seu; mas era um amor que lhe afinava a voz melódiosa de meiguices, que a pequena recebia sempre com tregeitos de enfastiada.

A afeição não correspondida reagiu.

O coração, atufado pelos tecidos cellulares, do obeso amante, esperneou nas cavidades do peito respectivo, e veiu á superficie dos acontecimentos com o ideal de um Antony, com os ciumes de um Othello, e com a paixão escandecida de um Manfredo de cuecas, como tivémos o dissabor de ve'-lo no principio d'este capitulo.

## CAPITULO II

Na tão indecente como attribulada situação, em que deixámos o senhor Antonio, veiu encontra'-lo o

padre Leonardo Taveira, que voltava de resar vespersas no côro da Cathedral.

O cálido negociante resfolegava como um tubarão, e improvisava uma ventoinha de meia fralda da camisa. Cada vez mais indecente! Valha-nos Deus, leitores, que muito amargo é o dizer a verdade inteira! Ha momentos em que o escriptor publico se vê forçado a côrar. Se me visseis, n'este instante, julgar-me-íeis de uma candura infantil.

O arcediago, porém, não se mostrou surprehendido da attitude tragicamente afflictiva do seu amigo. Cálido tambem, despiu a loba, arremessou o cabeção, descalçou os sapatos de fivella, e refocilou os amplos pés vermelhos nos propicios chinellos do escarlate mercador de pannos.

—Foste a minha desgraça!—regougou o senhor Antonio, abanando o ventilador com a mão esquerda, e enxugando com a toalha de mãos os humidos torcicollos do pescoço.

—Fui a tua desgraça! Pois que é?—replicou o beneficiado, tapando com o indicador da mão direita uma das ventas, para chilrear na esquerda uma solenne pitada.

—Que é? ainda m'o perguntas? E' a tua filha, que me faz de fel e vinagre! E' uma ingrata que se me ri nas barbas, quando eu lhe faço meiguices!

—Ora deixa estar, que o remedio não está em Ro-

ma. Eu já te disse que sou pae, e tenho direitos sobre minha filha. Queres ou não queres casar com ella, Antonio?

—Perguntas-m'ò agora, que já não sei por onde me anda a cabeça!... Dava trinta mil cruzados, e queria que a tua filha gostasse de mim! Isto parece que foi inguiço, que me fizeram!...

—Eu te quebrarei o inguiço...

—Não sei como. A pequena, seja lá pelo que fôr, não me pôde ver, ha um anno para cá. Aqui anda dente de coelho... Não sei, mas desconfio que ella namora o filbo do João Retrozeiro, que me está sempre a ler por detraz dos vidros.

—Devéras?

—Parece-me que sim. A minha Angelica já o desconfiou, e ralhou-lhe. A senhora Rosinha levantou a cabeça, e disse que não dava satisfações a ninguém.

—Ah! ella disse isso? Ora deixa-me com ella...

—Ouviste, Leonardo? não quero que lhe ralhes. E' muito creança, e pôde ser que minha irmã se enganasse. Serão escrupulos de Angelica, que me defumou com herva santa e trevo nove vezes, para me quebrar o feitiço em que me tinha a creada Thereza. E' uma pateta mulher. Não lhe digas nada por ora a tal respeito. Aconselha-a a que case comigo, e que me tenha amor, que eu prometto dar-lhe todo o



ouro e vestidos que ella quizer. Hei de até leva'-la ás comedias italianas, e não haverá fidalga que lhe bote a barra adiante em aceios.

Já veem, pela energia da expressão, que dôr tão sublime não devia ser a que assim se exprimia por jactos de calorosa eloquencia! O senhor Antonio José da Silva, superior á sua classe, sentia-se arrojadamente grande pela angustia de uma repulsa. Trinta mil cruzados déra elle pelo amor de Rosa Guilhermina! Promettia leva'-la ás comedias! Galardoava o seu amor com vestidos que fizessem morder de inveja as fidalgas do Porto! Eu quizera que Rosa lhe exigisse uma carruagem. Se o senhor Antonio accedesse ao extravagante pedido, então, leitores, seria eu o primeiro a pedir uma data gloriosa, um cantinho, na historia da civilisação da rua das Flores, para o senhor Antonio José.

A nada, porém, se movera a esquivia donzella.

O arcediago, commovido pela exclamação do seu futuro genro, subiu ao segundo andar, e procurou, meio-colerico, a filha rebelde, que ensinava o papa-gaio a dizer: *é o rei que vae á caça*.

—A' caça andava eu de ti. . . —disse affavelmente o pae, chegando uma cadeira para junto de sua filha tambem risonha, que lhe beijava a mão.

—Ah! eu não sabia. . . Tenho estado aqui toda a tarde a trabalhar, sósinha,

—A senhora Angelica não tem estado ao pé de ti?

—Não, meu pae. Creio que foi visitar o SS. Sacramento.

—Mas ella ainda é tua amiga como sempre foi...

—Eu sei cá... parece-me que não.

—Algun motivo lhe déste, Rosa...

—Eu? nenhum.

—Que disseste hoje ao senhor Antonio?

—Não me lembro... A que respeito?

—A respeito do teu casamento.

—Não falemos n'isso, meu pae... Sou muito nova, não quero casar.

—*Não quero!* isso é cousa que se diga a um pae?

—Vossemecê não ha de querer a minha desgraça... Eu não posso ser feliz casando com o senhor Antonio... Antes quero ser creada de servir, ou trabalhar para viver...

—Rosa, não sejas creança. Olha que tu, casada com este homem, és muito rica, satisfazes todas as tuas vontades.

—Antes quero ser pobre... Tenho repugnancia em chamar meu marido a um homem que eu poderia estimar como avô... Não posso, é impossivel, meu pae. Mais facil me scrá morrer, que casar com elle.

—Visto isso, resistes á vontade de teu pae!

—Bem me custã; mas o pae ha de ter pena de

mim; não ha de querer que eu seja desgraçada toda a minha vida.

—Não quero, não; e por isso mesmo é que te mando casar com o senhor Antonio José da Silva.

—Mate-me, se quizer; mas obrigar-me a casar, isso não.

—Das duas uma: ou casar, ou entrar já no recolhimento das orphãs em S. Lazaro.

—Entrarei no recolhimento, vou para onde o pae quizer que eu vá, até serei carmelita, se fôr da sua vontade.

Esta pertinaz resolução espantou o arcediago, e convenceu-o de que sua filha estava innocente das suspeitas de Angelica, beata creadeira em encantamentos, inguiços, e lobis-homens. Se a pequena tivesse namoro com o filho do João Retrozeiro, de certo não accitaria com tanta presença de espirito a condicional do recolhimento. Assim o pensava o licenciado, que tinha muita experiencia do mundo, e essa muito cara, a julgar pelas cifras que accumulou o negociante, orçando as despesas do casamento da mãe de Rosa.

Teimoso, e esperançado nas boas maneiras, entrou em negociações amigaveis com a menina. Pintou lhe o melhor que poude a vantagem de ser brevemente uma viuva rica, e a liberdade que teria então de escolher um marido mais galhardo. Repetiu a

sedução dos vestidos, e dos diamantes; encareceu as delicias do theatro; soprou-lhe a vaidade, imaginando-a invejada pelas mulheres de todos os negociantes do Porto; emfim, por não fechar o discurso sem uma immoralidade, com palavras equivocadas, dissertou pouco christãmente ácerca dos deveres da mulher casada.

Rosa insistiu na recusa. O padre irou-se outra vez; deixou cair a caixa, no excesso da indignação; verteu no peito da camisa quatro pingos de rapé; escumou pelos cantos da bocca; pisou uma perna ao papagaio; entalou o rabo da gata, que saltou, bufando, para o peitoril da varanda; e acabou por dizer, em voz cavernosa, que Rosa, no dia seguinte, sem mais delongas, seria fechada no recolhimento de S. Lazaro, para não ver sol nem lua.

O senhor Silva ouvira os ultimos berros, e zangou-se contra o padre. O seu amor não lhe consentia um ultraje a Rosa, apesar de ingrata. Em cuecas, e com a camisa em ventilador subia a escada; mas, a meio caminho, olhou para si, e viu, na sua consciencia, que não estava decente. Tornou atraz a enfiar as pantalonas de linho, quando o arcediago descia com a cara côr de lagosta, e os olhos turgidos e encarniçados como dois medronhos bravos.

—Não fazes senão asneiras, Leonardo—disse o negociante, impando com a difficuldade de enfiar a

coxa roliça nas pantiflonas, que queria vestir às avessas, no auge da atrapalhão.

—Eu não faço asneiras. Sou pae, e quero ser obedecido.

—Que vaes tu fazer?

—A'manhã ha de entrar no recolhimento por força...

—Deixa-te d'isso; não afflijas a rapariga por minha causa. Eu não consinto...

—Não preciso do teu consentimento. O caso agora é comigo, não é contigo. Veremos quem vence.

—Então não ha outro remedio, Leonardo?

—Nenhum. Está de pedra e cal. Não quer casar por bem nem por mal. Diz que tem repugnancia em ser tua mulher.

—Sim?!—atalhou o senhor Silva atrozmente ferido na sua vaidade—pois, n'esse caso, faz o que quizeres, e tira-m'a quanto antes de casa.

—Olha cá, Antonio... Eu parece-me que a pequena, em se vendo fechada no recolhimento, onde não conhece ninguem, nem tem janella para a rua, mudará de vontade, e quererá casar...

—Comigo? Isso nunca! Deus me livre! *Má mez* para ella! Lembras-te do chinó do meu vizinho?

—Ora deixa-te d'isso, meu amigo. Nem todos os maridos são calvos... nem todas as mulheres fazem marrafas. Dá tempo ao tempo. Quem lida com

mulheres, lida com o diabo. E' preciso atural'as. Sabes lá o que eu tenbo soffrido com ellas?

—Eu é que não estou para brincadeiras. . . Estava muito socegado, ha tres annos; para que vieste tu inquietar-me com o negocio, que me propuzeste em Campanhã? Guarda a tua filha, que eu morrerei solteiro.

O senhor Antonio José da Silva, dizendo isto, melhor avisado, bebia uma limonada, e o arcediago de Barroso calçava os sapatos de fivela.

N'este momento entrava a senhora Angelica, de mantilha, e camandulas de pau preto pendentés nas mãos, que trazia sobre o seio em postura beatifica.

—De onde vens, Angelica? —perguntou o irmão.

A beata resmungou, e subiu para o segundo andar.

Espionemos de onde vinha a senhora Angelica.

### CAPITULO III

Que Rosa Guilhermina estava, mais ou menos, possessa de feitiços, era um evangelho para a senhora Angelica. Que a filha do peccado, como a beata lhe chamava, seduzida pelo demonio, namorasse o filho do retrozeiro, isso é que não era liquido.

Para os feitiços deixára Deus na terra pessoas virtuosas, mulheres sabias, que os desmanchavam; e para adivinhar o coração da pequena bem sabia a irmã do senhor Antonio que o remedio não estava longe.

A senhora Angelica ouvira a conversação do seu Antonio com Rosa Guilhermina, na manhã do dia em que se passaram as scenas ridiculamente funebres do capitulo anterior. Cousas ouviu ella que a obrigaram a benzer-se tres vezes, e queimar arruda no seu quarto, e no da pequena. Parece que a timida sexagenaria receava que o espirito mau, que vexava Rosa, viesse, por variar, entreter-se com o seu corpo immaculado.

Feitas as abluções, e comido o jantar, que benzeu tres vezes, e devorou cóm as pernas em cruz, receosa de um ataque subterraneo do demonio, compoz a côca da mantilha, armou-se do rosario abençoado por Gregorio XVI, prendeu duas figas e um chispo de veado na alça do collete, e saíu.

Da rua das Flores a Miragaya dava saltinhos como uma franga com as azas cortadas. Ao pé da antiga casa da Companhia, n'uma porta baixa de casa terrea, bateu a senhora Angelica. A porta foi aberta por uma velha inqualificavel, indefinivel, mixtura de todos os animaes repulsivos desde a centopeia até á cegonha. Era a senhora Escolastica, benzedeira, adi-

vinha, mulher sabia, que praticava com o invisível por meio da peneira e das cartas.

—Venha com Deus, devota de Nosso Senhor. Já sei ao que vem.

—Já? Louvado seja Deus!

—A Rosinha não quer casar.

—Nem á mão de Deus padre. . . Aqui anda feitiço. Queria que vossemecê me dissesse se o filho do retrozeiro, que se chama José, será o manfarrico que faz doudejar a cabeça da rapariga.

—Vamos a isso—disse a senhora Escolastica, carregando duas vezes de simonte a venta esquerda, que parecia um mexilhão aberto, e folheando um surrado baralho de cartas.

A senhora Escolastica benzeu-se, e pronunciou a seguinte oração, pondo as cartas em quâtro montes, benzidas tambem:

«S. Cypriano, bispo e arcebispo fostes, sete annos no mar andastes, na vossa divina graça vos sustentastes, sete sortes pela vossa divina esposa botastes, no fim vos declarastes. Declarae-me aqui se a Rosinha anda de namoro com o José, filho do retrozeiro.»

E, depois, voltando-se, com ar sibyllino e tragico, para Angelica:

—Rosa é a dama de ouros; o José é o rei de ouros. Aqui são Rosa com o sete de espadas, que é



uma paixão de alma. Aqui está o José voltado para ella de corpo e pensamento, que é o valete de ouros. Sáe-lhe aqui outro homem, que é seu irmão; mas ella vira-lhe as costas, e dá-lhe más palavras, que é o cinco de espadas. No meio d'isto sáe-lhe aqui lagrimas, que é o cinco de copas, e a espadilha o affirma. Seu irmão aqui está com o sete de copas, que quer dizer comidas e bebidas, e ella vira-se para o sete de paus, que é um gosto grande, e o seis de paus pela porta da rua. Aqui está a dama de espadas, que é uma mulher de má lingua por causa de uns dinheiros grandes, que é o dois de ouros, vê? ella ámanhã sáe por caminhos; aqui está o dois de espadas, e aqui está o az de ouros, que é a igreja, e o quatro de paus que é a tumba... vailha-me Deus!...

A senhora Angelica, côr de cidra, benzeu se. Dito isto, a senhora Escolastica repetiu a miraculosa operação, e descobriu uma *novidade*. Novidade é uma carreira de cartas sem figuras. A novidade era a confirmação do quatro do paus, e um certo az de copas, cuja significação a benzedeira disse ao ouvido de Angelica, que fez uma carêta, e persignou se. Carêta aquella, discreta leitora, que eu tambem fiz quando me contaram esta pavorosa historia.

Feito isto, as cartas foram substituidas pela pe-neira.

A senhora Escolastica, versada nos dois ramos de sortilegio, poz de perfil a peneira, e metteu-lhe um Senhor crucificado, umas contas, e tres vintens em prata. Depois cravou em um dos lados os bicos de uma thesoura fechada, e outra thesoura do outro lado. Feito isto, com grandes tregeitos, e grave attenção da senhora Angelica, que murmurava o credo em cruz, disse a benzedeira:

«Peneira, tu que peneiras? Pão para toda a christandade. Pelo poder de Deus peço-te que me digas se a Rosinha ha de casar com o senhor Antonio; se tiver de casar, vira-te para a direita, e senão vira-te para a esquerda.»—A peneira oscilou alguns segundos, e ficou voltada para a esquerda.

A pobre Angelica deixou pender o beijo inferior, que, ha quatro annos, lhe tocava na ponta do nariz! Estava profundamente triste e aterrada! O seu olho esquerdo falou da abundancia do coração. Uma lagrima, côr de agua-pé, rolou-lhe preguiçosa nas verrugas da face.

—Sabe o que mais, senhora Angelica?—disse Escolastica, commovida, e atufando a pitada na fossa anfractuosa da venta direita—sabe que mais?... vamos *prender* a rapariga.

—Isso será cousa de escrupulo, e eu tenho medo que Deus me castigue.

—Ágora castiga... Ha de ensinar ao seu irmão

esta oração: «S. Marcos te marque, S. Manso te amanse, os quatro Evangelistas te batam á porta do teu coração, Santissima Trindade te confirme na minha vontade, para que nem na cama, nem na mesa, nem no lar, sem mim, não possas estar, rir e falar, e já, e já, e já com todo o pacto.»—Esta oração ha de seu irmão dize'-la, e quando disser *com todo o pacto* ha de dar tres vezes com o pé direito no chão. Passados nove dias, em que eu hei de resar a novena das almas, e ouvir as vozes, appareça vossemecê por cá, e veremos se é preciso trazer roupa d'ella para a defumarmos nos quatro cantos com o fogareiro de S. Cypriano.

A senhora Angelica, deu por bem empregados os seus dois patacões, e passou o resto da tarde á resar os versos de S. Gregorio, e a novena de Santa Apolinaria, em *S. João*, onde estava, n'esse dia, que era sexta feira, exposto o Santissimo.

Ora aqui está de onde vinha a irmã do senhor Antonio José da Silva.

Dobrada a mantilha, e a saia de durante, a senhora Angelica desceu a procurar seu irmão, e, farejando os cantos da sala, viu que ninguem lhe testemunhava a tremenda revelação, que ia fazer-lhe.

—Então já sabes o que acontece?—perguntou elle, emborcando o segundo pucaro de limonada.

—Que foi, meu Antoninho?

—A Rosa vae-se ámanhã embora.

—Vae! Louvado seja Deus!... bem m'ô disse a Escolastica!...

—Quem é a Escolastica?!

—E' cá uma mulher, muito temente a Deus, que vê o que se passa na alma...

—Deixa-te de crendices... não creias em maranhões...

—Credo! não digas tal, Antonio, que não vá Deus castigar-te, e ella sabe'-lo... Se tu soubesses o que ella me disse...

—Não sci, nem quero saber... Has de sempre ter essa mania! Pergunta ao padre Leonardo por isso, e verás a risada que elle te dá...

—Bem me importa a mim a risada do padre Leonardo!... Não... aquelle não é cá dos meus... Padres com filhas... não quero ir com elles nem para o céu... Sabes tu que o tal arcediogo me parece jacobino!... Deus me valha, se pecco... Calate, boca...

A devota mulher, incapaz de infamar, dava uma sonora palmada nos labios, quando apostrophou a boca faladora, e lhe impoz silencio, que mais eloquente que a boca, segundo diz o poeta latino, falou assim:

—Tenho cá minhas aquellas com este padre!... Elle não diz missa, nem préga a quaresma, nem vae

às via-sacras, como o padre Aniceto, meu confessor, e o padre Benedicto dos Carmelitas, que resa os exorcismos. Deus me acuda—continuou ella em voz alta—mas não tenho fé com padres que tem filhas, e casam as mães com outros, de mais á mais com um pelintrão da França, que é hereje, e jacobino na alma<sup>2</sup> e no corpo. . .

—Cala-te lá, que estás ali a dizer parvoices. O padre Leonardo é um homem honrado, que não vae ás via-sacras, mas tem temor de Deus. Lá se deu a sua escorregadella, em bom panno cae uma nodoa. E, se elle não fosse um bom pae, não obrigava a filha a entrar, amanhã, no recolhimento de S. Lazaro.

—Que me dizes, Antonio da minha alma? Pois a Rosa vae para o recolhimento?

—Vae, pudera não. . .

—Bem o disse a serva de Deus! Ai! que tudo nos vae sabindo como a benzedeira o disse. . . O az de ouros, lá estava o az de ouros, Antonio! Não tornes a fazer pouco dos adivinhamentos. Tudo m'o disse ella, e muitas cousas mais. . . Abençoados dois patações!

—O' mulher, tu pareces-me tóla! A impostora da velha podia lá saber isto! Botou-se a adivinhar!

—O' Antonio, tu não me pareces catholico! . . . Santo nome de Jesus! Pois, sem aquella de Deus,

sabe lá ninguem futurar o que te ha de acontecer? Não sojas assim, meu bom irmão. Lembra-te dos inguiços que te fez Thereza, (Deus lhe perdôe, se já morreu), aquella desavergonhada que tinha levado as tuas cuecas da roupa suja para as benzer uma feiticeira da rua Chã, e se não fosse a devotinha Escolastica ainda hoje terias o demonio á perna, Deus me perdôe! . . .

—Vae-te d'ahi, que a Thereza não tinha demonio nenhum. . .

—Não tinha, não. . . Pois não lhe viste a abstrucção de ventre, que ella trouxe, e só com as resas da Escolastica é que o berzebum a deixou a ella, e a tí? Valha-te o Senhor! . . . Diz-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens.

—Está bom. . . Vamos tratar de cear, que são nove horas.

—Está a Anna a segar o caldo. . . Antes d'isso quero dizer-te duas palavras.

—Diz lá.

—Mas não has de fazer modos de incredulo. Tu queres que a Rosinha case comtigo?

—Eu não.

—Não! . . . Minha mãe Maria Santissima! . . . Se eu te entendo. . .

—Quero que ella tenha por pór mim affeição de dentro. . . Contra vontade, não quero ninguem.

— Pois se eu te ensinar o modo de fazeres com que ella te tenha afeição de dentro?

— Vae bugiar! Tu cada vez estás mais tonta!

— Estou! pois olha que não é de velha.

— Isso não; mas já podias saber mais do mundo com sessenta e nove annos. . . E's mais velha do que eu quatorze.

— Então? achãs que estou tonta como a velhinha tia Brizida, que já fez noventa e dois?

— Não sei. . . Sabes que mais? Mette um salpicão no pucaro, e leve berzebum as paixões, e quem com ellas engorda.

— Olha cá, Antonio. . . Não te quero assim. . . Parece-me mesmo nos modos com os chischisbeos que vão ao theatro e á missa das dez a S. Bento, por causa das freiras, que, Deus me perdõe, podem bem com a santidade que têm! . . . Andam sempre ali pelas grades aquellas namoradeiras, que nem me parecem religiosas, e esposas do Cordeiro immaculado, e falam da vida da proximo! . . . Valham-me as cinco chagas, e a benta cruz.

— Vae pôr a mesa, mulher, e olha lá o que essa rapariga está a fazer, que eu vejo o filho do retrozeiro á janella. . .

— Ah! vês? Não que ella faz-lhe amor de cá. . .

— Tu viste?

— Disse-m'o a Escolastica.

—Que levê a breca a tua Escolastica, que o meu gosto era dar-lhe com o còvado no costado...

—Santo nome! Tu que dizes homem? Aqui cáe raio. Pede perdão á servinha de Deus, senão as pal-livras não te aproveitam...

—Que palavras?

—As palavras que hão de fazer com que a Rosa ande atraz de ti como a linha atraz da agulha. O caso é ter fé. Se as disseres, tu verás, Antonio!...

—São palavras para lhe dizer a ella?

—Não... Assim que a vires, has de dizer no teu coração...

—Cala-te ahi...

—Não me calo... tenho até escrupulo de me calar... Hei de dizert'as. Ouve lá: «S. Marcos te marque, S. Manso te amanse, os quatro Evangelistas t batam á porta do teu coração, a Santissima Trindade<sup>e</sup> te confirme na tua vontade... e... espera lá... deixa ver se me lembra... ah! já sei... «para que nem na cama nem no lar, sem mim, não possas estar, rir e falar, e já, e já, e já com todo o pacto.» Quando disseres isto, debes assim bater com o pé no chão uma, duas e tres vezes...

A' terceira, a senhora Angelica pilhou debaixo do pé o rabo desgraçado da gata, que soltou um doloroso grito, e vingou a affronta enterrando a unha no joanete esquerdo de sua ama. Angelica soltou um



brado fremente de angustia. A gata rosnava com o pello hirto, n'um canto da sala, e o senhor Antonio vascolejava com as nedias mandibulas uma gargalhada sincera.

#### CAPITULO IV

O salpicao fumegava na mesa, rodeado de ervilhas ensopadas. Ao lado, as tigelas do bem adubado caldo, opulento de gorda olha, resumavam um cheiro appetitoso, que ludibriava o paladar dos rapazes da loja, aos quaes era só permittido o cheiro.

Angelica fôra chamar Rosinha para a mesa, emquanto seu irmão espostejava as talhadas pingues do paio de Lamego. A arrufada menina não quiz cear e, para esquivar-se ás instancias da velha pertinaz, declarou-se incommodada da cabeça, cobrindo-a com o lençol.

O negociante engatilhava a cara em ar de despeito, e ensaiava as palpebras roliças n'uma postura sombria, que dêsse da sua dôr a alta idéa, que os queixos desmentiam, cevando-se na carne de porco, e nas ervilhas aromaticas.

Certo de que a ingrata filha do arcediago não vinha á mesa, o senhor Silva inutilisou a cara funebre, deu largas á testa franzida tyrannamente, e

mascou, rugindo como os deuses de Homero, a ceia substanciosa.

Angelica, da sua parte, comeu bem, e revezou no caldo, que, segundo ella, podiam come'-lo os anjos. Deu graças a Deus, e a todos os santos do seu conhecimento, que eram todos, e alguns duvidosos, enquanto seu irmão, a cada *padre-nosso*, desafogava um arrôto, que pudéra, sem hyperbole, chamar-se um urro.

O ultimo, e mais estridulo, soltou-o no seu quarto onde, emfim, aquella alma atormentada, e o estomago revoltado deviam dar-se *rendez-vous* em grato somno de sete horas.

A senhora Angelica, reservando para o dia seguinte um novo ataque á incredulidade de seu irmão, entrou, no seu quarto, a resar a novena das almas, que lhe fóra imposta pela devota Escolastica, e que não acabou conscienciosamente porque adormeceu no meio da resa, enxotando, com palavras de esconjuro o demonio do somno, seu tentador implacavel. A ultima apostrophe confundiu-se com o resonar profundo de seu irmão. O resonar de ambos, dueto horrivel, acordava os echos funebres da casa. Dormiam todos, excepto Rosa.

Rosa não dormia, porque apurava o ouvido a cada quarto, que badalava o relógio de S. Domingos.

Faltava o ultimo para as dez, quando a promettida

esposa do negociante enfiou o vestido, saltou fora da cama, abriu cautelosamente a janella, em que batia o luar, traigoeiro confidente dos amantes nocturnos, que apenas pôdem sorrir de dia, e só nas trevas, deixam voar o coração-morcego.

Na janella fronteira estava um vulto, e na rua solitaria não se viam os malditos grupos, innovação inutil da *guarda municipal*, que nos dá a entender que os ladrões augmentaram com a civilisação, posto que os jornaes diariamente nos aturdam com o catalogo dos roubos.

Em 1815 podia-se namorar honestamente de uma janella para a outra, na rua das Flores, sem que uma patrulha insolente parasse debaixo para testemunhar a vida intima dos que lhe pagam. Podia cochichar delicias a donzella recatada da trapeira para a rua, sem que o amator extatico ao som maviosissimo d'aquella voz, receasse o *retire-se!* brutal do janizaro. Podia, finalmente, segurar-se o gancho de uma escada de corda no terceiro andar, subir impavidamente, conversar duas horas sobre varios assumptos honestos, e descer, sem o receio de encontrar cortada a rectaguarda por um selvagem armado á nossa custa, que nos conduz ao corpo da guarda a digerir a substancia da deliciosa entrevista.

Bemaventurados, pois, os que namoraram em 1815.

Mas não tenham a impiedade, leitoras honestas, de suppôr que a mencionada escada de corda enganou o gancho na reputação de Rosa. Não, senhoras. A filha do beneficiado ignorava esse invento da intelligencia humana; essa corrente electrica, que aproxima dois corações, a escada de corda, emfim, que nunca ninguem imaginou tivesse electricidade, mas que eu, amante da minha patria e das glorias d'esta terra, declaro á academia real das sciencias, que a tem, e lhe offereço a descoberta como digna das suas ponderosas lucubrações.

Mais pouderosos ainda eram os motivos porque a virtuosa Rosinha déra signal ao José Bento, filho do retrozeiro, para falar-lhe áquella hora, acto que, publicado, faria jejuar a senhora Angelica dois annos, a pão e agua, e faria crescer a agua, sem o pão, na bocca de muitos caixeiros das lojas vizinhas, que a essas horas resonavam como conegos em matinas.

Era a segunda vez que a predestinada mulher do senhor Silva se abalançava ao crime infando de tagarellar da janella, a horas mortas, para a janella fronteira.

José Bento era um moço de quinze annos, muito envergonhado, e tão inutil, na opinião publica, que sua familia resolveu faze'-lo frade loio. Tinha dezeses annos, e estudava latim, com grande pasmo do mestre, que durante quatro annos não pudéra con-

seguir ensinar-lhe os rudimentos da arte, sem que elle discipulo lhe dêsse quatro asneiras em troca de cada regra. No seu genero era um prodigio! Não obstante, para loio o que lhe faltava era a idade, que sciencia tinha elle de sobejo para repartir na communiidade.

O que elle tinha, além da sciencia, era uma melancolia sympathica, contemplativa, e romanésca. José Bento, se fôsse dos nossos amigos de botequim, passaria hoje por um espirito atormentado, um mancebo devorado por illusões, um sceptico de coração crivado de angustias, e conseguiria, não falando, pertencer á seita dos Szafis da feira da ladra.

Não lhe faltava a testa espaçosa da tarifa. Um todo-nada de navalha nas raizes capilares da fronteira seria bastante para nos dar uma testa artistica, em que os sectarios de Spurzen veriam o genio, e o respeitavel publico a toleima.

Ora aqui está quem era o namoro da senhora Rosa Guilhermina, que vae falar com a voz commovida, vibrante, e melodiosa.

—Senhor José...

—Aqui estou, senhora Rosinha... Não me vê?

—Vejo... agora vejo...

—Como passou?

—Bem; e vossemecé passou bem?

—Tenho estado hoje muito doente.

- Sim? de qué, senhor José?
- Tem-me doído muito a barriga.
- Será do calor. . .
- Acho que sim; veiu cá o cirurgião, e mandou-me tomar banhos *semicuplos*. . .
- Deus queira que lbe façam bem. Então já sabe que me vou embora d'esta casa?
- Vae? para onde vae, senhora Rosinha?
- Para o recolhimento de S. Lazaro.
- Pr'amor de qué?
- Porque meu pae teima em querer casar-me com o senhor Antonio, e eu. . .
- Valha-o a maleita! Pois elle quer casa'-la á força com um velho assim?
- Ora abi está; e eu não quero. . .
- Faz vossemecê muito bem. Eu tambem, ainda que a filha de um rei quizesse casar comigo, enquanto vossemecê me lembrasse, mais facil seria atirar-me d'esta janella para baixo á rua, que casar com ella.
- Forte teima de homem! Ainda hoje lbe disse que era capaz de metter o fuso da senhora Angelica por um ouvido, se me quizessem obrigar a tal casamento. . .
- Então vossemecê de certo vae para o recolhimento?
- Antes quero isso, antes quero ser freira.

—Então, sempre lhe digo, que vou para os Loios, se a menina se mette freira...

—Eu não sei o que acontecerá... Póde ser que meu pae, em vendo que eu não mudo de vontade, me tire do recolhimento.

—Isso é verdade, e, se assim fôr, n'esse caso não quero ser frade, nem que meu pae me desherde.

—O peor é que nos não tornamos a ver...

—Não? E é verdade que não. Lá nas orphãs diz que não ha janellas.

—Não ha, não; mas, se pudéssemos escrever-nos...

—Isso sim; se pudéssemos escrever-nos era bem bom; mas vossemecê, em se pilhando lá a brincar com as outras raparigas, esquece-se de mim.

—Não esqueço, não. Estou affeita a ve'-lo ha mais de um anno, e tarde me esquecerá...

—Se vossemecê soubesse o amor que lhe tenho!... Ha quatro noites a fio que sonho comsigo, e nem posso estudar a lição, nem tenho vontade de comer. Já minha mãe hoje disse: este rapaz teve alguma olhadella má. Mal diria eu que vossemecê saia d'essa casa!... Pois olhe... a senhora Rosinha a sair, e eu tambem.

—Para onde vae?

—Vou para o Passos estudar latim. Meu pae quer que eu esteja dentro do collegio para aprender mais

depressa, e eu até aqui dizia que não, porque tinha saudades de si, mas agora não se me importa de deixar esta casa.

—E onde móra o mestre?

—Na viella da Cancellia Velha.

—Pois se eu arranjar por quem lhe escreva, lá mando.

—Então não se esqueça.

—Adeusinho.

—Adeusinho, estimarei que tenha saude.

.....

As janellas fecharam-se, e a lua no céu velou o rosto de negro, como contristada da agonia lacerante d'estes dois infelizes! Essas phrases plangentes traziam o quilate de uma lucta atormentada que lá ia dentro nos dois corações! A leitora sensivel, com as lagrimas nos olhos, e a palpação accelerada, espera, anciosa, o desfecho d'este lance, que ficará aqui insculpido para modelo eterno das paixões impetuosas.

José Bepito prostrou-se no leito do soffrimento, gemendo... com dôres de barriga, e variam as opiniões ácerca de uma lagrima que lhe tremia n'um olho, enquanto o outro conjugava o verbo *Laudo*, *as, are*, que lhe custára, no dia anterior, um elastico puxão de orelhas.

A minha opinião é que a lagrima era de pura sau-



dade. Sériamente falando, não sejamos injustos, expondo á irrisão a phrase singela do pobre rapaz. O que elle sentia então, se eu pudésse senti-lo agora, escreveria tres volumes em quarto, que o leitor me compraria, e a minha reputação de piegas amoroso estava feita.

O filho do senhor João Retrozeiro, que Deus haja, era grosso de casca, mas tinha dentro de si bellas cousas, exceptuando a dôr de barriga, que o incommodou a ponto de levantar-se, e pedir á mãe que lhe mandasse dar o *semicuplo*, receitado pelo cirurgião.

A extremosa mãe saltou em fralda do leito conjugal, resando o responso de Santo Antonio, applicado aos banhos, accendeu o lume, aqueceu a agua, e agasalhou seu filho na bacia, que, á parte, a posição que não era bonita, lamentou ahí de cócoras profundamente a sua sorte.

E Rosa?

Rosa, coitadinha, perguntava á sua consciencia se o amor era aquillo que José Bento lhe dissera. Parecida com a mãe, segundo o pae dizia, o instincto segredava-lhe cousas novas, que o vizinho não sabia decifrar-lhe. A seu pesar, porém, a pequena chorava com saudades do rapaz.

Felizmente adormeceu, pedindo a Santa Barbara, sua advogada, que a livrasse do velho, assim como,

pela sua muita virtude, se pudéra livrar do impio Diocleciauo (reminiscencias do ultimo sermão, que pregara fr. Miguel dos Antoninhos, na Misericordia, dias antes).

Em virtude do que dormiu pacificamente, viu em sonhos o José Bento, queixando-se da barriga, e acordou de madrugada, quando a magra mão de Angelica a chamava para o oratorio, em que se resava tudo que havia escripto sobre a materia.

Ao almoço, o senhor Antonio José da Silva aproveitava a edição da cara que não pode dar á luz na ceia, por falta de concorrência da parte interessada no espectáculo hediondo. Estava, portanto, mais feio que nunca o senhor Antonio. Durante o almoço de café com leite, e biscoutos de Avintes, nem uma palavra trovejou das bellas tumidas o desditoso amante. Rosa comia sem vontade, e Angelica sopeteava deliciosamente as suas sopas, abeberadas em leite quente, porque os seus quatro dentes não eram para graças.

Findo o almoço, appareceu o arcediago Leonardo Taveira, que comeu tres biscoutos, indispensavel lastro para um copo de vinho. e pequena refeição para quem vinha de resar quatro psalmos, em lingua barbara, no côro da Sé.

Reanimado de eloquencia propria do pae e do leuita, o arcediago chamou sua filha á parte, e reca-

pitulou, á ultima hora, as admoestações do dia anterior. Recalcitou a desobediente rapariga. Fumegaram as pandas ventas do sacerdote. Volitaram-lhe das ditas carogos de rapé, como as frechas dos Thracios contra Jupiter, e sacudiu da profana lingua um feixe de raios de maldição: *Vibrata jaculatur fulmine lingua*, como depois dizia o guardião dos graciosos, fr. Antonio do Menino Deus, a quem elle contava o accesso.

O seu discurso, que não vale a pena de especial menção, terminou por intimar a Rosa a immediata saída d'aquella casa. Entretanto, o padre Leonardo foi buscar a ordem de entrada no recolhimento. Quando veio, Angelica pendurou-se-lhe ao pescoço, em risco de lhe enterrar o fio cortante da barba no queixo d'elle. Supplicava-lhe a piedosa mulher que lhe deixasse a filha mais nove dias, e, ao cabo d'elles, promettia dar-lh'a alliviada.

—Alliviada!—exclamou o pae, arfando as azas do nariz—minha filha alliviada!...

—Pois então...? quer que lhe diga uma cousa ao ouvido?... venha cá...

O padre media Rosa da cabeça aos pés, mas o ponto fixo d'esse olbar não era de certo nos pés nem na cabeça... Angelica acenava-lhe, e elle não podia attende'-la, porque parece que a cara da filha denunciava um crime inaudito...

Era precisa coragem. O arcediago deu o ouvido direito á velha:

— O senhor reverendo arcediago não sabe o que aconteceu a sua filha?

— Não!... diga depressa, que arrebento...

— Tenha paciencia... Todo o mal que Deus permite é para desconto de nossos peccados...

— Diga, senhora Angelica, que me faz doudo...

— Não se afflija, senhor arcediago... o mal é do demonio, e o bem de Deus...

— Oh! mulber, por quem é não me demore n'esta horrivel suspeita...

— Pois ainda não adivinhou?

— Não, com mil pragas...

— Credo! vossa reverendissima está atrigado!...

— Santo nome de Deus, que mulher!... Que tem minha filha?... responda, senão vou arrebenta'-la...

— Arrebenta'-la! Deus nos acuda... Sua filha não tem culpa... a culpa é d'aquelle seductor do inferno, Deus me perdôe...

— Seductor!... um seductor!... quem foi o infame?... que é o que me diz, senhora Angelica?!

— Que é o que lhe digo? E' que sua filha tem o *espírito* ruim no corpo! O seductor é o demonio.

Padre Leonardo Taveira, com quanto pacifico, sentiu vontade de partir de um murro o craneo, quasi

nú, da senhora Angelica. Depois, soltou um frouxo de riso que borrifou a face da velha. A gargalhada foi tão longa e estridorosa, que Angelica julgou o arcediago possesso de outro demonio.

## CAPITULO V

O senhor Antonio, enquanto Rosa se vestia, sumiu-se para esconder a commoção da despedida aos olhos insensíveis da ingrata. Angelica procurou-o para convence'-lo de pronunciar, á ultima hora, o esconjuro de Escolastica. Não o viu, e teve de acompanhar, lagrimosa, a menina ao recolhimento, onde seu pae fôra adeante ler o programma, que devia executar-se na reclusão da pensionista D. Rosa Guilhermina Taveira. Onde se tinha sumido o noivo desprezado? Estava defronte, na loja de João Retrozeiro, que tivera medo do aspecto, raivosamente opilado, do seu vizinho, quando entrára.

—Senhor João—disse elle, arquejando, e revirando nas orbitas os olhos, que o ciume arrancára á sua estúpida immobillidade — senhor João! eu gosto de viver bem com os meus vizinhos; môro, ha cinquenta annos, n'esta rua, sou um honrado homem, que nunca deu desgostos aos seus vizinhos. . .

—Diga-m'ó a mim, senhor Antonio! pois que é que lhe aconteceu?—disse o pavido retrozeiro, ti-

rando as cangalhas, e depondo uma borla de torçal em que o imaginoso artista phantasiava uns berloques que deviam distingui-lo na especialidade das borlas.—Acaso, senhor Antonio, se desaveiu com alguém?

—Eu nunca fiz tagatés ás filhas, nem ás irmãs dos meus vizinhos. Ni guem dirá que me viu espetar os olhos nas familias alheias. Sou um homem honrado.

—Quem nega tudo isso, senhor Antonio?

—Tanto se me dá que vossemecê tenha cá uma mulher como duas...

—Isso não é verdade, e perdoará, vizinho. Eu não tenho cá em casa senão a minha mulher.. Quem lhe disse que eu tinha cá duas mulheres?

—Não sei se tem duas, nem quatro. O que sei é que vossemecê tem um filho muito mariola.

—Vossemecê está enganado! O meu filho é um rapaz muito acomodado que estuda para loio, e não tem nada que lhe digam.

—O seu filho é um mariola, já lh'o disse.

—Pois o meu José que lhe fez?

—O seu José anda-me cá a fazer gatimanhos á filha do senhor arcediago, que por amor d'elle vae ser posta fóra da minha casa. Não quero poucas vergonhas de portas a dentro, é o meu systema.

—Que me diz, senhor Antonio! Pois o meu José ..

—E' o que lhe digo, senhor João. Eu sou um homem honrado, e dos annos que tenho ninguem me viu desinquietar as minhas vizinhas. Vossemecê não é bom pae. Um lojista que tem filhos, fa'-los ir trabalhar na loja.

—O meu José estuda para frade, por isso é que não vem para aqui...

—Qual frade, nem meio frade!... Deixemo-nos de frades. Ponha-o a sapateiro, ou alfaiate, que é o mais proprio. Eu tenho sobrinhos, e não os mando aprender latim; e vossemecê, que tem aqui dois arateis de retroz, e quatro varas de nastro, já quer ordenar um filbo...

—Que lhe importa a vossemecê a minha vida?

—E o seu filho que lhe importa as pessoas de minha casa? Se eu fosse outro homem, mandava-lhe extender as orelhas por um caixeiro...

—Isso lá mais devagar, senhor Antonio! Quem castiga o meu rapaz, sou eu... Se o seu caixeiro lhe puxasse as orelhas, não havia de ter frio nas d'elle. E' o que lhe digo! Eu sou pacifico, e cortez com quem é cortez. Eu chamo o meu filbo, e veremos como é essa pendencia, que vossemecê traz.

O senhor João, já com a mostarda no nariz, chamou José, que vinha descendo, e resmungando: *imperativo do verbo laudo, as, are, laudabundum, ou laudatote. Presente do indicativo. Laudaturus.*

Contentíssimo das suas reminiscencias, e livre da dôr de barriga, José Bento ficou surpreso na presença do rival, e enfiou de susto. A edição da cara paterna não era mais nitida que a do negociante.

—Vem cá, José. O senhor Antonio queixa-se de que tu fazes tregeitos para a menina do senhor arcediago, não é verdade?

José, chofrado pelo improviso, gaguejou a resposta, que mais tarde sahiu energica e eloquente.

—E' verdade, ou não?—replicou o pae.

—Ágora é...

—E', sim, senhor. Não me desminta, seu estudante de borra!—trovejou o negociante, formando instinctivamente com as mãos dois gordos murros.

—Não é preciso berrar tanto, senhor Antonio!... A minha casa não é pateo de convento. Se quer que falemos, vamos lá para dentro... Faz favor de entrar.

Antonio José accceitou o convite, e proseguiu na apostrophe:

—Eu que lh'o digo, é porque o sei. Vossê esteve esta noite falando com Rosa! Esteve ou não esteve?

—Estiveste, rapaz?

—Eu, não, senhor.

—Como é isso?—continuou o pae—se o meu filho esteve toda a noite a gritar com dôres de barri-



ga, e por signal que a minha Anna andou toda a noite na cozinha a aquecer agua para banhos? Quer que eu chame a minha Anna, senhor Antonio?

—Não me importa o que diz a sua Anna.

—Isso... mais devagar! A minha Anna é tão honrada e verdadeira como a senhora Angelica, e pôde pedir meças ás mais honradas.

—Que tens tu, Joãozinho?—grasniu de cima a senhora Anna, mettendo a cabeça pelo alçapão.

—Olha lá, mulher... O nosso rapaz que teve a noite passada?

—Dôres de barriga.

—Vé, senhor Antonio!... Tudo que me veio dizer é mentira...

—Não se diz isso a um homem honrado, como eu!... O seu filho esteve ás dez horas a conversar com Rosa; eu que lh'o digo, é porque o sei de bom canal...

—Quem lh'o disse? onde está esse canal?

—Quer sabe' lo? Foi certa pessoa que á mesma hora estava para conversar com essa indigna mulher do João Pereira.

—De qual João Pereira? Aqui ha dois na vizinhança.

—Do João Pereira, calvo, que traz chinô.

—Que dizes tu n'isto, José?

—Digo que estive com dôres de barriga, e por signal que tomei chá de herva cidreira.

—Vê, senhor Antonio? Vossemecê é um homem honrado, mas enganaram-n'o.

—Não me enganaram. Eu de portas a dentro não quero poucas vergonhas: é o meu systema.

—Enganaram, sim, senhor—chiou de cima a senhora Anna.

—Quer apostar uma moeda contra dez?

—Aposto o que vossemecê quizer! O meu filho é um exemplo dos bons rapazes. E' filho de um bom pae.

—E de uma boa mãe—acrescentou a senhora Anna.

—Não tem a quem sahir mau—confirmou o retroteiro.

—Pois eu digo-lhe—exclamou o mercador de panos com grande chuveiro de perdigotos—digo-lhe eu que seu filho é um tratante, e vossemecê é outro, se o não castigar.

—Olhe lá como fala, ouviu?—disse a mãe do futuro loio, já perfilada, em baixo, ao lado de seu marido, que era a carne da sua carne, e o osso do seu osso.

—E' isto que lhe digo. Pela arvore se conhece o fructo. Se vossemecê fosse um homem de conhecimento, e não viesse aqui para esta rua de taman-

cos e barrete vermelho daria outra educação aos seus filhos.

—E vossemecê de onde veio?—interpellou a senhora Anna, fechando os punhos na cintura, dando-se, pelo vermelhão da colera, a figura de uma bilha de barro.—Não me dirá a sua linhagem, senhor Antonio da tia Catharina, que eu conheci na Ponte Nova fazendo camizas de estopa para os embarcadigos! Olhe o fidalgo, que nos vem falar em tamancos! Que me dizem a isto? Lembre-se que sua avó vendeu tripas na viella da Madeira...

—Cale-se ahí que vossé é uma regateira; eu não falo comsigo.

—A minha mulher, regateira?

—Eu, regateira?

—Ponha cóbro na lingua.

—Se não, topa com a forma do seu pé...

—São a racha ao pau—interrompeu o rival de José Bento, que não dizia palavra—vossemecê ha de sempre mostrar que vendeu hortaliça no largo das Freiras. E' a filha da Canastreira, e basta.

—E sua irmã, a beata que traz cilícios depois de velha, quem é, não me dirá?

—Não fale em minha irmã, ouviu?

—E vossemecê para que fala em minha mãe?

—Porque, se vossé tivesse vergonha não estava aqui a crear este mandrião...

—Faço eu muito bem, que é meu filho, e filho do meu marido, com quem sou casada á face de Deus e do altar, na igreja da Victoria. . . E sua irmã porque não cria os d'ella?

—Qual minha irmã?

—Sua irmã Angelica.

—Vossê está bebida logo de manhã?

—Bebido será elle, e mais quem o veste. Pois que cuida? Acha que a gente se calava por não ter tanto? Se tem muito, coma duas vezes, nós comeremos uma, porque não desfructamos os rendimentos das filhas dos padres.

—Cale-se ahí, sua desbocada! Vossê tem alguma cousa a dizer a minha irmã? Encontrou-a lá por casa dos Amorins da Praça-Nova, onde vossê arranjou com boas bullas o dote do seu casamento?

—Vossemecê é um patife—atalhou o retrozeiro, sériamente envinagrado—e se não sae de minha casa. . .

—Deixa-me responder-lhe, João. . . com que então eu ganhei o meu dote em casa dos Amorins, heim! E sua irmã? e a sua irmã que resa a via-sacra, e anda por casa das benzedeadas? Que fez ella tres mezes mettida na cella do congregado?

—Que congregado diz vossê, sua regateira?

—E aquelle filho do conego Silvestre, que caminho levou?

—Desavergonhada que vossé é...

—Sou? e a sua irmã que é? uma *hypolita*... uma benzedeira que dá pelo amor de Deus o que não pôde dar ao diabo! E' uma bebida que nunca ha de chegar aos meus calcanhares.

Palavras não eram ditas, a senhora Anna Canastreira levava um grande murro no alto da cabeça; murro não era dado, e o senhor Antônio sentia, nas almofadas carnosas do cachaboço, o peso de uma tranqueta, que o fez ir de chofre sobre a mulher do retrozeiro, que, atordoada do murro, resvalou por debaixo do globoso negociante, que saltou um bramido de rhinoceronte na quéda desamparada.

A detractora da senhora Angelica sentiu-se escorchar debaixo do monstro, e cravou-lhe as unhas nas fressuras tremulas do pescoço. O retrozeiro, para salvar a mulher asphixiada, puxava a perna homérica do negociante; o negociante distribuia couces tão a proposito que uma canella do senhor João recuou mal ferida da empresa arriscada. Indignado pela dôr fina do canellão, o marido da pobre mulher atufada, com a perna disponível, imprimiu tres valentes poutapés na orbita mais a geito e provocante do senhor Antonio, que esperneava, grunhindo como um cevado. José Bento, como bom filho, tentava alliviar o fardo, que ameaçava o arcabouço descarnado de sua

mãe, puxando, em vão, o desprezado amante de Rosa pelas portinholas da jaqueta de linho crú.

A salvação, porém, da senhora Anna Canastreira deve se ás suas unhas. O papo balôfo do senhor Antonio soffrera graves arranhaduras. Em compensação, o olho direito da infamadora de sua irmã inutilisára-lh'o elle com o cotovello perfurante.

Este conflicto durou quatro minutos, e ao quinto a senhora Anna não tinha folego. A pressão que soffrera na cavidade intestinal, e na thoracica tambem podia ter mui funestas consequencias, se o nosso prezado amigo, o sr. Antonio José da Silva se não levantasse, lazarado do pescoço para cima, supposto que, no vermelhão da sua cara veneranda, o sangue das arranhaduras não se destacava.

A senhora Anna, continuando a enfiada de epithetos consagrados á senhora Angelica, estava ainda sentada compondo as répas da desalinhada cabeça, quando o offegante mercador de pannos, impellido pelo derradeiro empurrão do retrozeiro, se achou na rua, onde o povo principiava a juntar-se, chamado pelos gritos confusos dos gladiadores.

O senhor Antonio entrou no seu quarto a lavar a cara com agua e vinagre. Perguntou por sua irmã, e o caixeiro respondeu-lhe que fôra acompanhar Rosinha. Pensados os ferimentos, o infeliz rival de José Bento mediu em toda a profundidade e extensão a

sua dôr, e comeu dois pasteis de Santa Clara, que eram a vanguarda de um copo de vinho.

## CAPITULO VI

Rosa Guilbermina foi recebida com carinho pela regente, senhora de boa educação, e incapaz de satisfazer as rigorosas recommendações do arcediago. A pensionista era tão meiga, tão sympathica, e tão linda, que prendeu o interesse das suas companheiras. e a amizade da regente.

Padre Leonardo recommendára que a deixassem sósinha, e a não recreassem de modo que ella saboreasse a vida nova, que lhe era dada como castigo. Ainda assim as commodidades do quarto não lh'as negára elle. Rosa encontrou aceio, suppondo que acharia um escuro cubiculo, e uma enxerga por cama. Encontrou raparigas folgazãs, onde esperava encontrar velhas rabugentas. Achou comida bem feita e abundante, onde lhe tinha dito D. Eugenia que se jejuava todos os dias, e o melhor manjar eram papas de farinha milha. Se não via a rua, que tinha, n'esse tempo pouco que ver, a cêrca era espaçosa para brincar, e a certas horas, as garrulas meninas saltavam como cabras, e rasgavam os sapatos e os vestidos á sua vontade.

Basta dizer-vos, leitoras compadecidas da namo-

rada de José Bento, basta dizer-vos que a reclusa não tinha tempo para pensar seriamente no aprendiz de loio, nem ainda no senhor Antonio José, nem na senhora Angelica. E' verdade que uma saudade dolorosa lhe assomára aos olbos em lagrimas, que as pensionistas trataram de enxugar-lhe com brincados. Era uma saudade, que lhe aguava os prazeres inesperados do recolhimento: era, em fim, a saudade pungentissima da sua gata malteza.

Entre todas as meninas, havia uma sua predilecta inseparavel, vizinha de quarto, e da sua idade. Esta não era pensionista. Orphã de pae e mãe, fôra adoptada pela Misericordia. Galhofeira por indole, tinha momentos de entristecer-se da sua condição parasi-ta, e custava-lhe soffrer encargos que as pensionistas não tinham. Lembrava-se de ter sido, até aos oito annos, educada com mimo, revoltava-se contra a religião, que mandava resar de madrugada, e muitas vezes disse ás mestras que sua mãe sahiria da sepultura, se soubesse que creára uma filha para viver sujeita ás migalhas da Sancta Misericordia, que não tinha muita. Felizmente para o senhor Diogo Leite, provedor da Sancta Casa, a mãe de Maria Elisa, por ignorancia talvez do mau humor de sua filha, não consta que sabbisse da sepultura. E a prova é que a orphã resignou-se á sua sorte, e parecia mais feliz desde que Rosa a preferiu como amiga ás



ricas pensionistas, que desdenhavam da preferencia pouco nobre e desairosa para ellas.

Maria Elisa entrára para o recolhimento aos oito annos. Aos quatorze estava mulher, e não sei por que phenomeno do instincto sabia, pouco mais ou menos, qual era a vida cá de fora! Se não é phenomeno, devemos acceitar a explicação natural do facto, como no'-la dão hoje as sinceras mães de familia, que alli foram educadas. D'antes (e agora é o mesmo) um pae que receava os resultados da indiscreta inclinação de sua filha já adulta, e emancipada, pegava da filha desobediente, e fazia o que fez o arcediago á sua. Acontecia, porém, que nem todas eram innocentes como a filha do arcediago. As que entravam apaixonadas, o desaforo que tinham era falar da sua paixão em geral, e das particularidades a alguma amiga intima, que se entretinha a scismar nos pesares da sua amiga, e achava que os homens, se fossem cousa má, não eram chorados pelas pobres meninas, victimas de um desbumano pae, ou de um barbaro tutor, como ellas diziam em estylo de tragedia velha. N'aquella casa correu occulto o desenvolvimento de dramas atrozes. Os que hoje encaram aquellas paredes de branco, e m persianas verdes, não imaginam que alli dentro, ha menos de trinta annos, se bebeu um calix de fel, cujo segredo uma sepultura lacrou. E quantos calices!

quantos segredos! que revoltantes infâmias á sombra da misericordia dos homens, que se diz a expressão da misericordia divina!...

E essas scenas presenceavam-nas meninas, que não recebiam o exemplo como admoestação, mas arrefeciam de terror quando ouviam os gritos inuteis, as supplicas escarnecidas, e os gemidos suffocados na garganta das que alli morreram abafadas.

Olhae, leitores: quando assim se fala, quando não ha receio de formular d'este modo as affirmativas, crêde que o escriptor tem as provas debaixo dos olhos. Hei de contar-vos um segredo, que vos ha de merecer lagrimas... Ha de ser um dia, quando um homem vivo acabar de cerrar os olhos, que já vêem pouco n'este mundo. Escuso dizer-vos que eu poderei cerrar primeiro os meus. N'esse caso, desde já me desobrigo da minha promessa.

Vinha eu falando da innocencia das meninas, e especialmente de Maria Elisa, amiga intima de Rosa Guilhermina. Sinto dizer-vos que não era, espiritualmente falando, mais innocente que eu e tu, leitor desempoadado, que frequentas o theatro italiano, e bebes o teu *punch*, e fumas o teu charuto, e consumes a tua resma de papel, mensalmente, falando da tua innocencia á vizinha.

O que ella tinha mais que eu, e tu, leitor, era uma galante cara.

O cabello negro, em ondas, cerceado pelas pequeninas orelhas, era de um effeito satânico. Olhos rasgados, e negros, como as espessas pestanas; trigueira; com todo aquelle fogo vertiginoso das mulheres trigueiras; labios sedentos de beijos, sorrindo para o amor e para a zombaria com o mesmo sorriso; e, mais que tudo isto, um buço, tão egual, tão caprichosamente graduado até aos cantos dos labios, em que o maldito seductor parecia colher um beijo para atormentar os Tantalos d'esta iguaria. . .

Creio que não fazem idéa nenhuma da pequena pelo retrato que lhes dei. Eu tambem não. Quando me pintaram a physionomia d'ella, não fiz idéa nenhuma, e prometti desde logo communica'-la ao publico tão fielmente como eu a concebera.

Se tendes senso-commum, basta dizer-vos que Maria Elisa era trigueira para m'a receberdes como linda, porque as não ha lindas se não são amoldadas por aquella outra trigueirinha que o santo rei de Jerusalem celebrizou nos seus cantares. Olhae lá se elle, entre mil queridas que lhe rodeavam a existencia de portas a dentro, cantou alguma outra! Pela trigueira, mas formosa, *nigra sum sed formosa*, o sabio enlanguescia de amor, *amore languet*. Em nenhuma outra viu olhos de pomba, *oculi tui columbarum*; só a ella concedeu nos seios mais limpidez que no vinho, *pulchriora sunt ubera tua vino*, e o pat-

*chouli* da trigueirinha era superior a todos os aroinas, *et odor unguentorum tuorum super omnia aromata.*

E como creio que nenhum de nós tenha a ridícula vaidade de ser mais sabio que Salomão, concordemos em que o typo, que mereceu a especial sympathia do sabio por excellencia, deve ser o eterno typo do bello.

Toda esta erudição vem confirmar que Maria Elisa era bella, porque era trigueira. A julga'-las exteriormente, as duas meninas deviam ser dois temperamentos oppostos. Rosa denunciava uma d'estas mulheres eternamente cansadas, aparentemente somnambulas, arfando a cada palavra de tres syllabas que dizem, olhando para si com ar de piedade e para os outros com aborrecimento, riundo-se com a bôca toda, e mastigando pausadamente uma resposta dependente de um *sim* ou *não*. Elisa colleava-se, requebrava-se, desconjunctava-se, trepava ás arvores, fazia discursos sobre a inconveniencia das mulheres velhas, sobre o despotismo da regente, tudo em linguagem muito caracteristica, e acabava por entristecer-se, dizendo que se sua mãe soubesse o que ella penava, partiria a pedra do tumulo para galardoar a regente e a sub-regente cada uma com dois sopapos.

Parece impossivel que estas duas organizações

sympathisassem! Pois eram amicissimas, viviam juntas de dia, illudiam as vigilancias dos guardas para pernoitarem juntas, e chegaram, por estranho milagre de infusão, a neutralisarem os temperamentos de modo que se pareciam muito uma com a outra.

Elisa arrancára á sua amiga a revelação do motivo porque a encarceravam. Ouviu-lhe, com seriedade comica, a odienta impertinencia do senhor Antonio José da Silva, monstruoso amante, e n'essa noite improvisou, no seu quarto, com o travesseiro e chapéo e jaqueta do hortelão um Antonio José da Silva, e convidou Rosa para assistir a um castigo exemplar. O castigo era uma carga de vassoura no mono, até se despegar a aba esquerda do chapéo do hortelão: tudo isto com estridulas gargalhadas de ambas, que puzeram em alarme o dormitorio.

A respeito do senhor José Bento, cuja derradeira entrevista, Rosa fielmente contára, não nutria Elisa sentimentos mais serios. Achava-o tólo, estúpido, achavascado, e promettia pôr-lhe um rabo de papel, se algum dia tivesse a fortuna de encontra'-lo.

E a filha do arcediago achava que a sua amiga tinha razão, porque as historias de amores, que ella lhe contava, eram cousa mais sublime, mais deslumbrante que os seus miseraveis dialogos com o filho do retrozeiro, a quem Elisa denominava *patego*, *par-rano*, *gebo*, e outras amabilidades, como *lapardão*.

—Olha, Rosa, não contes a ninguem que foste namorada d'esse *pasbobs*—dizia Elisa, passeando na cerca com o braço botado por sobre o hombro da sua amiga.—Eá tenho ouvido contar muita historia ás raparigas que vem obrigadas para aqui. Umas são fidalgas que quizeram casar com homens ordinarios, e outras são raparigas como eu com quem os fidalgos não querem casar. Todas ellas contam á gente as conversas que tinham com os namoros, e dizem cousas muito bonitas, que fazem chorar, como as novellas da Maria Peixoto, que eu li.

—Quem é a Maria Peixoto?

—Era uma rapariga que já sahiu. Queres saber o que ella fez? Eu te digo. Um tio metteu-a cá, porque ella queria casar-se com um plebeu, sendo fidalga dos quatro costados, como diz a regente, que tem mais dois costados do que as outras. A Maria Peixoto quando entrou, faz agora um anno, chorou muito e esteve á morte. Quando se levantou da doença, estava alegre, e diziam as velhas que fôra milagre de Nossa Senhora do Rosario. Eu estava admirada de a ver tão contente, quando me ella disse que queria fugir do recolhimento, e precisava fingir-se para a não vigiarem. Um dia entrou um carro de lenha por aquella porta, e ella andava por aqui disfarçada, e quando pilhou a porta aberta, ó pernas para que vos quero! . . . A tóla, se havia de procurar o namoro, foi

metter-se em casa de uma tia, que era tão boa como o tio, e n'esse mesmo dia trouxeram-n'a cá outra vez.

—Coitadinha! . . . e depois? trataram-n'a muito mal?

—Isso sim! . . . Se a visses, fugias-lhe! Parecia o demonio! Com a faca da cozinha na mão, correu -atraz da regente, que se alapou no quarto, e gritou por soccorro. Procurou todas as velbas, deu um pontapé na sachristã, atirou de cangalbas a Lima velha, foi á porteira, e disse que lhe cravava a faca no peito se ella lhe não abrisse a porta. A porteira gritava como uma perúa, enquanto a Maria Peixoto lhe tirava a chave, e abria a porta. Não te digo nada, Boshia! Nunca mais lhe puzeram olho. . . Da segunda vez foi mais fina. Casou-se com o tal rapaz, e mandou cá buscar os bahus, e muitas recommendações á regente, que ainda se benze quando se fala em Maria Peixoto. . . Aquillo era levadinha! E esper-ta? Traduzia novellas francezas ás raparigas, e leu-me uma que fazia doer a barriga com riso. . . era o *Cavalheiro de Faublás*, já leste?

—Eu não tenho lido nada. . . Em casa do tal amigo de meu pae não havia livro nenhum. O que me lá deram foram as *Horas Mariannas* e a *Alma Convertida*.

—Olha que brutos! . . . Deixa estar que te hei de contar a historia do Cavalheiro Faublás, que é de

morrer a gente com riso. A senhora regente pôz se um dia á escuta, quando a Maria Peixoto lia uma passagem, e disse uma rapariga que ella estava a rir-se; mas, depois, entrou com as cangalhas espetadas no grande nariz, perguntando que livro era aquelle. A Peixoto disse-lhe que era a vida da Gloriosa Santa Maria Magdalena Virgem, e a regente disse que Santa Maria Magdalena não era virgem. «Então é martyr» — teimou a Peixoto — «nem martyr, nem confessora» — replicou a regente, e levou nos o livro, que, pelos modos, lhe traduz hoje o padre capellão, valha a verdade.

—Recolham-se, meninas, que é noite — resmungou fanhosa a regente de uma janella.

As meninas subiram, praguejando a superiora, especialmente Maria Elisa, que recitou uma ladainha de titulos em que os menos insolentes eram *camafeu*, *tróxa de ovos* e *santopéa*.

Quando passavam no dormitorio, espreitaram pela fechadura de uma porta, e fungaram com riso.

—Deixa-me ver a mim — disse Elisa.

—Agora eu.

—Um bocadinho a mim.

—Que vês?

—E' a Clemencia Lima que salta por cima de uma fogueira de alecrim.

—E que diz ella?



—Não ouço: vé tu se ouves . . . Que diz ella?

—Dá um saltinho, e diz: *em louvor de Santo Antoninho*. Agora é a outra que salta, e diz: *em louvor de Santo Athanazio, e da senhora regente*.

—Diacho das velhas estão doudas!—segredou Maria Elisa—Vamos nós assusta'-las?

—Como?

—Assim . . .

O *assim* era um empurrão na sua companheira. A porta, mal fechada, não susteve o impeto, e Rosa foi de encontro á velha Clemencia, que dava um terceiro pulinho em louvor de Santa Quiteria, e do provedor da Santa Casa. O choque foi desastrado! Aterradas as duas irmãs, que não podiam sustentar-se sobre a esboroada peanha de oitenta annos cada uma, cambalearam e caíram, guinchando de modo que a turba das raparigas alvoçoçadas veio, por assim dizer, peorar a sua situação.

Entre as que vieram estava Maria Elisa, perguntando ás pobres velhas quem as atormentava.

—Era o demonio!—disse Clemencia.

—Em corpo e alma!—acrescentou Rita.

—Tragam: agua benta, e a regra do patriarcha S. Bento—disse a regente.

Emquanto as abluções demonifugas se faziam na cella endemoninhada, Maria Elisa contava a Rosa o primeiro capitulo do Cavalheiro de Faublás.

## CAPITULO VII

Os planos, que o arcediago incubára no seu profundo saber do coração humano; abortaram. Saí-lhe tudo ao invés das suas esperanças. Previra a humildade de Rosa, depois das mortificações da reclusão; e Rosa, cada vez mais contente, agradecia ao pae, que a procurava todas as semanas, a lembrança de a castigar com o recolhimento.

No principio, a regente era instada para augmentar as privações da educanda; mas as privações não podiam ser dadas como supplicio a uma menina que vivia contente, e cumpria com regularidade e promptidão as poucas obrigações de pensionista.

O zelo pharisaico do arcediago afrouxou, porém, com a frieza do senhor Antonio José da Silva. A catastrophe ridicula, de que fôra victima o esmurrado negociante em casa do João retrozeiro, modificou-lhe consideravelmente o coração, a respeito de Rosa Guilbermina, pomo de discordia, e causa desastrada de semelhante conflicto.

O senhor Antonio soffreu, pela primeira vez, uma decepção nas suas crenças senís. O pugilato com a senhora Anna Canastreira chamou-o á razão, e, se

não é profanar a idéa, diremos que a poesia matrimonial do senhor Antonio fôra dilacerada pelas unhas felinas da vizinha.

O pobre homem tinha vergonha do successo. Na rua das Flores não se falava em outra cousa. O seu vizinho João Pereira, o do chinó, ria-se á sucapa com o vizinho da loja immediata, emquanto sua mulher contava á vizinha, com grande hilaridade, os famosos murros, que o ciumento Antonio jogára com a mãe de José, por causa da Rosa. O que ella não dizia, por não escandalisar, e todos o sabiam, era que um seu amante fôra a forçada testemunha do apaixonado dialogo, que os leitores, sem serem os amantes da mulher do senhor João Pereira (se é que alguns o não foram), tambem ouviram.

O rico negociante tinha inimigos, émulos de negocio, os peores de todos, que espreitavam o primeiro ensejo de o apoquentarem. Não podia ser melhor o motivo. Algum mais odiento levou a sua vingança ao extremo de fazer quadras ao desventurado negociante. Algumas d'essas quadras, em verdade chistosas, chegaram á minha mão. Se não fosse o medo de aggravar a indigestão de versos em que imagino encruado o estomago do publico, pudéra dar-lhe quatrocentos e tantos versos consagrados ao senhor Antonio José da Silva, debaixo do titulo: **CUPIDO DESDENTADO**. Sem embargo, porém, da christã

generosidade que tenho com o leitor, não o poupo ao flagello de ler um fragmento d'esse poema, que devia ser a causa principal do abandono a que o infeliz heroe votou a filha do arcediago.

O dito poema é de auctor incognito, e o fragmento não vo'-lo dou como primor de arte; é crível, porém, que o auctor tivesse filhos, e os filhos do auctor, apurados em raça, serão talvez os genios que hoje prendem a nossa admiração, e engrandecem as letras patrias.

Elle ahí vae:

Dom Cupido desdentado,  
Desprezado em seus devaneios,  
Jurou, sobre os seus chinelos,  
Guerra eterna ao seu rival !

Fumegando pelas ventas  
As tormentas do ciume,  
Todo elle é fogo, é lume,  
No solar do Retrozeiro.

Dom Cupido desdentado,  
Desarmado, vae sem frecha  
Quer abrir, a murro, a brecha  
Do rival no coração.

Torce os olhos, solta um urro,  
Préga um murro na maçã

Da fanhosa castellã,  
Que se atira a elle á unha.

Dom Cupido desdentado,  
Não vingado, cáe de chofre,  
E tal peso a velha soffre,  
Que estourou! ó vista horrivel!

Pobre Aonio, pobre Aonio,  
Que demonio te tentou!?  
Antes dentes ter, Antonio,  
Que não ter, e ser Cupido!

Dom Cupido desdentado,  
Quer o fado que eu te diga,  
Que não pôdes ter barriga  
Mais mal feita para Rosa!

Come bem, morre a comer,  
Que, a meu ver, é grande asneira  
Ter inveja do João Pereira,  
Teu vizinho, ao tal chinó!

.....

Et cetera.

O chinó de João Pereira fôra sempre o pensamento negro da victima do poeta! Este sarcasmo ferira atrozmente o infeliz! A reacção devia ser dolorosa, mas, passada a crise, o senhor Antonio sentia-se

bom, porque ao pino do meio dia, horas de jantar, a sua paixão dominante era o melhor dos appetites. Não tinha havido poesia, que tão util fosse ao genero humano, até então, porque só depois vieram as poesias hygienicas, ás quaes a humanidade está muita agradecida, principalmente a humanidade atacada de vigílias. Afóra estas, foi aquella a poesia que melhor fructo colheu. O senhor Antonio, desde esse dia, comeu como sempre, e dormiu como nunca. Ao mesmo tempo que era açoutado em effigie no quarto de Maria Elisa, o razoavel negociante apertava os vinculos, meio lassos, que o prendiam á Thereza, com barraca de fructa na Ribeira, e entendia de si para si que a mulher que lhe convinha era aquella.

E, tão de maus humores o encontrava o arcediago, que nem ousava falar-lhe em Rosa, nem, o que mais era, o convidou para o vinho verde de Campanhã nos domingos de tarde.

Data d'ahi, portanto, a tolerancia do padre com os divertimentos da filha. Visitava-a com melhores maneiras. Festejava Maria Elisa, que lhe chamava padrinho, presenteava-a com vestidos semelhantes aos de sua filha, e redobrava de contentamento, sabendo que o filho do retrozeiro era uma cousa sem importancia no voluvel coração da pequena.

Tudo corria maravilhosamente para todos, quando Rosa Guilhermina, dia de eutrudo, atirava cantaros

de agua, e reccebia-os agradavelmente pela cabeça. O resultado, porém, foi uma constipação desprezada, uma tosse continuada, febre, e, na primavera seguinte, foi julgada no principio de uma tísica

O arcediago resolveu levar sua filha a ares para uma sua quinta de Ramalde, e alcançou licença a Maria Elisa para acompanhar a sua amiga. Sahiram, e desde esse dia, a regente, a sacristã, e todas as velhas, especialmente as Limas, agradeciam, todas as manhãs, á Providencia o favor de lhes afastar de casa semelhante flagello.

Rosa melhorou apenas se viu em boa harmonia com seu pae, livre do pavoroso negociante, senhora da sua vontade, rindo e brincando com a sua amiga, animada pelas duas creadas que o arcediago lhe dera, e decorando cada vez melhor o romance predilecto de Maria Elisa.

No inverno proximo, as meninas vieram para a cidade, e encontraram uma casa bem mobilada, apetrechada de tudo que mais lisonjeava duas amigas inseparaveis. Esta casa, situada á entrada da viella do Cirne, com frente para a rua do Laranjal, ainda hoje conserva um ar campestre, que, ha quarenta annos, era muito mais agradável, porque a não assombravam então os edificios do largo da Trindade.

O quintal d'esta casa communicava com o do defunto Rodrigues Passos, professor de latim, e o lei-

tor, se tem prestado alguma attenção ao que se lhe diz, deve lembrar-se que José Bento, no extremoso colloquio com a sua vizinha annunciou a sua ida para o collegio de Passos.

Rosa nem de tal se lembrava já, quando encontrou os olhos piscos do esquecido amante espetados nos seus. Elisa, que reparou na surpresa da sua amiga, perguntou:

— Aquelle mono conhece-te ?

— Conhece. . . Aquelle é o filho do retrozeiro. . . Agora me lembro que elle disse que vinha para a Cancellavelha! . . .

— Vamos nós namora'-lo ?

— Deus me livre! . . . Tomára eu que elle me não dissesse nada. . . Olha o tolo! . . .

— O que nós queremos é rir-nos. . . Pergunta-lhe se está melhor das dores de barriga.

— Eu não. . . Deixa o pobre rapaz. . . Vamos embora.

O estudante, cada vez mais pasmado do silencio de Rosa, é natural que meditasse na razão d'aquelle inesperado encontro, quando Maria Eliza, com a maior naturalidade, lhe perguntou:

— Como está da sua barriga, senhor José ?

O rapaz fez-se muito vermelho, e não respondeu palavra.

— Cala-te, Maria! — murmurou Rosa, puxando-a pelo vestido.



— Não quero calar-me. Pois eu não hei de saber como está a barriga do teu namoro? Então vossemecê não me responde? Olhe que eu sou sua amiga, e faço esta pergunta, porque a Rosinha tem vergonha, e pediu-me que lhe perguntasse se está melhor.

— E' mentira! — atalhou Rosa, corando — eu não disse tal... Não digas o que não é, Mariquinhas...

— Pois então, não dirias; mas eu quero que elle senhor me responda. Vossemecê é mudo?

— Não sou mudo — disse o estudante embezerrado.

— Então, fale á gente.

— E se eu não quizer?

— Se não quizer, não fale; mas é má criação tratar assim, quem lhe pergunta se está melhor da sua barriga.

— A minha barriga, graças a Deus, está boa, e vossemecê que lhe quer?

— Não quero nada... eu já lh'a pedi?

— Pensei que lhe queria alguma cousa... Eu não sou boneco de palha para caçoadas.

— Vossemecê parece-me um mau rapaz! Quem é que o caçoa? Nem me parece um estudante! Valha-o Deus! eu, se fosse Rosinha, não lhe tinha amor...

— Cala-te, Maria!... Tu pareces-me tola! Deixa o rapaz! — disse baixinho a Elisa, forçando-a a retirar se d'alli.

— Deixa-me caçoar com elle... Eu não te disse

que lhe havia de pôr um *rabo-leva* de papel? Já que não posso, deixa-me rir com este gebo, e tu ri-te também.

José Bento, favorecido pelo dialogo, ia-se escapando surrateiramente, quando Elisa o chamou:

— Psiu!... psiu!... Olhe cá!...

— Que me quer!

— Vossemecé estuda para frade?

— Que lhe importa se estudo para frade?

— E' que se vossemecé fosse frade, eu queria ser frada, e havíamos de ter uma casinha ambos e um quintalinho, e as nossas gallinhas, que nos haviam de pôr os seus ovinhos, que nós havíamos de cosinhar ambinhos na nossa casinha, e depois a gente dizia a sua missinha... e depois a gente vinha tomar o sol no seu quintalinho... e depois...

Rosa ria-se como uma perdida, quando o filho da senhora Anna Canastreira, alongando a tromba, e franzindo o nariz, resmungou:

— Sabem que mais? vão bugar! O meu regalo era...

— Qual era o seu regalo, ó senhor José?

— Se não fosse estar em casa do mestre... eu lhe responderia...

— Ora diga lá baixinho a sua resposta, que eu não digo nada ao mestre.

— Vá...

—Que vá, onde? Não seja tão mausinho, senhor Josésinho do meu coração. Vossemecê ha de ser um fradinho de pau de sabugo muito bonito... Já tem corôa?

—Teenho um dardo que a parta.

—Olha que mau!... Senhor José, não seja assim... Tome lá uma beijoca.

O corrido estudante tinha desaparecido, não só porque se via embaraçado em responder ás zombarias da importuna rapariga, mas porque o mestre, ouvindo-o falar, vinha de manso espreitar com quem era. O zeloso professor appareceu no muro, e ainda viu as duas meninas, que se retiravam em grandes gargalhadas. Eufurecido com a audacia do lórpa, como elle generosamente o intitulava, foi ter com elle explicações ácerca de tal conversa.

—Que dizias tu áquellas meninas?

—Eu, nada... Eram ellas que...

—Que... o que? que te diziam ellas?

—Ellas diziam que...

—Acaba d'ahi selvagem!

—Eu estava ali a estudar a selecta primeira e ellas disseram-me que...

—Estás zombando comigo?

—Perguntaram-me se eu era...

—Um burro? e tu disseste-lhe que sim.

—Não foi isso... perguntaram-me se...

—E's um asno quadrado! Ouviste, lorpa? Se te vir a falar com as vizinhas, escangalho te as mãos! Não tens habilidade para traduzir *mundus á domino constitutus est*, e sabes dar tréla ás raparigas!? Ora deixa estar que eu te farei a cama!...

A crise passou, e José Bento n'esse dia apenas teve, como era de costume, um bofetão e um puxão de orelhas, por causa do imperativo *laudandum*.

No dia immediato, as meninas não o viram; mas, no outro, Rosinha viera adiante esperar a sua amiga para colherem rosas do Japão, quando ouviu o som roufenho da voz conhecida de José Bento:

—Senhora Rosinha, assim é que vocemessê se porta comigo?

—Ah!... estava ahí?!...

—Pois então! cuida que eu me esqueci de si? Ficou de me escrever, e foi como se nada!... Olhe lá como vossemecê é!

—Não pude, senhor José... e tenho a dizer-lhe que é melhor não me falar, que meu pae ralha-me. Faça de conta que nunca nos vimos. Aquillo que nós dissémos foi uma brincadeira de creanças. Trate do seu estudo, e não se embarace comigo, porque eu tenho muito medo a meu pae...

—Sempre vossemecê é... d'aquella casta! E eu a pensar em si todos os dias, e sempre a esperar noti-

cias suas, ha quasi um anno! . . . Então eu já não sou o mesmo?

José Bento proseguia n'uma tirada eloquente contra a perfidia de Rosa, quando o vulto austero do mestre de latim surgiu de improviso ao lado do pallido estudante. Ao mesmo tempo chegava Elisa, rindo muito da surpresa, e Rosa punha os olhos no chão, e cortava machinalmente uma rosa menos purpurina que ella.

—Chegue-se aqui!—disse o mestre ao rapaz approximando-o do muro, que dividia os dois quintaes—O' meninas!

—Que quer?—perguntou Elisa.

—Os meus discipulos ensinam-se assim. Dé cá a mão, seu lórpa!

José Bento, córado como um molho de malaguetas, recuou diante da palmatoria, cuja cabeça o espreitava por debaixo do capote de saragoça.

—Dé cá a mão! Você não obedece? Olhe que o mando pendurar n'aquella figueira.

—Como Judas Iscariote—atalhou Elisa, fungando, e esfregando as mãos.

O infeliz dera a mão, e quatro sonoras palmatoadas lhe estouraram na epiderme. A dôr moral devia ser grande! Rosa estava pallida, e Elisa, de repente, séria, disse ao professor:

—Se eu fosse elle. . .

—Que diz lá a senhora?

—Digo que, se fosse elle...

Que faria?

—Dava-lhe um murro no nariz.

—Em quem?

—Em vossemecê...

—Se é senhora, não o parece... —disse o professor, encarando-a com desprezo—Eu tratarei de saber quem é seu pae, e, se seu pae lhe não der com umas disciplinas...

—Que me ha de fazer? dá me palmatoadas?

—Hei de lhe mandar dar com um chinelo...

—Fóra casmurro!... Venha para cá, que lhe hei de dar um docinho...

O enfiado mestre foi cevar as iras impotentes no pobre moço, que levou a pontapés para o quarto.

José Bento recatou n'uma profunda concentração. Durante o dia não comeu, nem bebeu, nem estudou. A' meia noite ergueu-se de um impeto semelhante a um ataque repentino de demencia. Abriu uma gaveta, e tirou um garfo. A's apalpadellas atravessou um corredor, e, na extremidade, abriu de mansinho uma porta. Approximou-se do leito onde resonava um homem, e cravou-lhe tres vezes o garfo no pescoço. O agonisante soltou um rugido, que só o assassino ouviu, e expirou.

Pela manhã encontraram morto o velho Manuel

José de Almeida, professor de latim, com um garfo tinto de sangue sobre a dobra do lençol.

José Bento desaparecera. Foi procurado em casa do João Retrozeiro, e não o encontraram.

Horriavel acontecimento!

A lingua latina perdeu um dos seus melhores interpretes. O senhor Manuel José de Almeida poderia ser um temperamento colerico com os seus discipulos, mas a sciencia devia-lhe muito. Escreveu largamente sobre a genuina interpretação do *tam libet hirsutam tibi falci recidere barbam*, de Ovidio. Deixou ineditos tres volumes sobre a conjuncção copulativa, e preciosos manuscriptos sobre o adverbio *quotiescumque*. Era um bom catholico, e amigo dos pobres, que lhe chamavam pae. Era bom esposo, bom pae e bom irmão; e, se não era bom cidadão, é porque os cidadãos inventaram se depois.

*A terra lhe seja leve!*

## CAPITULO VIII

O tragico successo inquietou um pouco o espirito de Rosa; mas a sua amiga convenceu-a de que não devia dar-se por achada em semelhante cousa. O director do collegio ignorava a causa do inaudito cri-

me, presenciára a sóva de pontapés com que José Bento se recolhera ao quarto; mas suppoz que a justificada razão d'aquelle castigo fôra qualquer asneira do rapaz na impossivel conjugação do verbo *Laudo*, especialmente no imperativo *laudandum*.

Por conseguinte, as pequenas não tiveram de responder como causas involuntarias d'aquelle sinistro, e continuaram no goso da sua felicidade.

O arcediogo, supposto não vivesse com ellas, almoçava e jantava com sua filha, ceava com uma senhora viuva que lhe administrava a casa; e, depois de ceia...

Depois de ceia, ha muita cousa a dizer a este respeito.

E' sabido que Rosa Guilhermina era filha de uma tal Anna do Carmo, velha predilecção do padre Leonardo, e por elle dotada para o honesto fim de casar-se com um tal francez, com loja de livros na rua das Flores.

O padre não andou com toda a generosidade n'este negocio. Dado o dinheiro, se quizesse ser honrado, devia renunciar inteiramente, a beneficio do livreiro, a mulher de que se descartára. Magôa-nos, porém, ter de annunciar que o arcediogo era um agiota no seu genero, e pensamos que a senhora Anna do Carmo não era mau genero para agiotagem...



A verdade é que o pae de Rosa continuava a visitar de dia o estabelecimento do livreiro, comprava algum livro que ajuntava, na estante, aos seus virgens irmãos, e predispunha favoravelmente com as visitas diurnas a confiança do marido, que tinha lido Molière, e não queria incorrer no defeito do *Cocu imaginaire*, que o leitor pôde ler, se a consciencia o não incommoda.

A honesta esposa repellia as seducções do padre, esquivando se a encontros em que o usurario amante parecia convida'-la a pagar-lhe um juro avaro do capital recebido. Dissertava-lhe amplamente sobre a verdadeira virtude, pintava-lhe a ingratição o mais feio dos crimes, dissuadia-a de temores píegas que não tinham nada com a verdadeira religião, e queria convence'-la de peneira nos olhos a respeito do matrimonio e de muitas outras cousas.

O francez não sabia que fóra elle o amante de sua mulher.

Movido pelo interesse que as frequentes visitas do amator dos bons livros lhe dava,—e, de mais a mais, convencido da honestidade de sua mulher, se o padre, feio e velho, tentasse seduzi'-la,—o senhor Heimerin Pierrote (Deus lhe fale n'alma) acolheu agradavelmente o seu bom amigo, e honrou-se muito, não só das suas visitas, mas do interesse que o

generoso padre tomava em ser o padrinho do primeiro filho de tão feliz matrimonio.

Madama Anna Pierrote recebia com repugnancia as pontuaes visitas do arcediago, e esta repugnancia, que seu marido lhe censurava como inconveniente aos interesses de ambos, era uma nova razão para que o espirito do francez estivesse tranquillo, e as suas portas sempre francas para o generoso compadre.

Este parentesco fôra contrahido muito contra vontade da senhora Anna. Seu marido, porém que recebera de antemão o enxoval do recém-nascido, perguntou cheio de colera a sua mulher, se queria algum *garçon de bonne mine* (rapaz esbelto) para compadre. Accrescentou que, se ella fosse fina, devia ameigar constantemente o arcediago, que era rico, e poderia fazer o afillado seu herdeiro. Resumiu, emfim, o seu discurso, declarando, pelo *sacré nom de Dieu*, que o arcediago de Barroso seria seu compadre, e mandaria n'aquella casa como na sua.

A senhora Anna, como boa esposa, resignou-se; padre Leonardo, como bom compadre, vinha duas vezes ao dia fazer caretas e botar a lingua de fôra, com o pequeno nos braços; e o risonho marido, como habil e francezissimo logrador, deixava o padre em cima ensinando a creança a dizer papá, e vinha para a loja fazer negocio e trautear a *Marseilleuse*.

A creancinha, habituada com o arcediago, apenas o via, estrebuxava no collo da mãe, batendo as palmas, e articulando—*papá, papá*. O livreiro ria-se muito contente da esperteza do pequeno, e ensinava-o a dizer *padrinho*; e a criança, que não sabia ainda ájuntar tres syllabas, teimava em dizer *papá*.

Mr. Hemerin estava contentissimo do filho, e da mulher tambem, porque a repugnancia em receber o arcediago desaparecera desde certo tempo, e sua mulher, emfim, sabia viver perfeitamente com o compadre, e já se lhe não dava de jogar com elle a *bisca de nove*, e o *trinta-e-um*.

Correram dois annos n'esta perfeita harmonia. Os vizinhos riam-se do francez, mas a razão do riso devia ser elle o ultimo que a soubesse.

Eram notorios, na rua das Flores, os precedentes de Anna do Carmo; os maledicentes sabiam que ella fôra amante do arcediago; o livreiro vizinho contava aos seus freguezes a immoralidade do jacobino (que vendia melhores obras, e sortira a sua loja de tudo que se procurava) e lamentava a queda da religião, se o senhor bispo não puzesse côbro áquelle grande escandalo.

O demonio da intriga viera perturbar a felicidade domestica d'aquella familia.

O pequeno Leonardo, já de dois annos, continua-

va a chamar papá ao padre, com grande aprazimento do pae matrimonial. A senhora Anna mostrava a seu marido as prendas que o compadre lhe dava. O marido mostrava a sua mulher o corte de velludo vermelho que o compadre lhe dára. Tudo isto ia *le mieux qui se peut*, como dizia o jubiloso livreiro, quando, abrindo de manhã a porta, encontrou uma carta em que um seu *amigo intimo*, como todos os amigos das cartas anonymas, lhe dizia o que se passava em sua casa, as antigas relações de sua mulher com o padre, e o descredito geral em que a sua honra andava nas praças publicas. Como seu *amigo intimo*, e zeloso do seu bom nome, aconselhava o generoso espião que puzesse o padre fóra de casa, e que mettesse a mulher no Ferro, para assim dar uma plena satisfação ao publico escandalizado.

O discreto marido leu a carta, e vendeu com a maior presença de espirito um *Flos-Sanctorum* a um padre da aldeia, que se apeára de uma égua, no momento em que a porta se abria.

—Estas obras de sanctidade—disse o padre—creio eu que se vendem pouco... A religião está por terra... Já lá vae o tempo em que os frades escreviam obras de substancia... Os de hoje criam muito cachaço, e os seculares são uns libertinos, que o mais que fazem é apanhar as prebendas, os canonicatos, e os beneficios para viverem á regala-

da. O exemplo devemo'-lo dar nós, como diz o apóstolo: *Ante eas vadit, et oves eum secuntur*. . . Já lá vaes esse tempo. Os bons padres, e que sabem do seu officio, vivem obscuros na aldeia, e ninguem os chama para as dignidades da igreja; os que arruinam com a sua má vida e mau exemplo o edificio da religião, a casa de Deus, *aedes Domini*, esses são chamados a lamber as chagas do corpo putrido da humanidade; *canes veniebant et lingebant ulcera*, como diz S. Lucas no capitulo XVI.

—Então o senhor padre veio requerer algum beneficio, que lhe não deram?

—Vim, sim, senhor, vim pedir ao senhor bispo uma igreja apresentada pela Mitra, e estou aqui há um mez a gastar n'uma estalagem, e vou-me embora sem ella. O bispo é. . . o que Deus sabe. . . Dizem que é um santo, mas barata virtude é a sua. . . Quando o rebanho anda tresviado, o pastor não é lá grande cousa, como diz o livro santo: *Nam quod ab ovibus erratur, negligentia pastoris adscribitur*.

—Quer o senhor padre uma cousa?

—Nada, não, senhor, não quero mais livro nenhum; precisava d'este para tirar uma duvida sobre se o apóstolo Sant'Thiago veio ou não a Portugal, e se S. Martinho de Dume foi arcebispo primaz. . .

—Eu não lhe perguntei se queria mais livros; disse-lhe que me lembrava um meio de v. s.<sup>a</sup>. . .

—Alto lá! Nada de *vossa senhoria* . . . Eu não sou d'esses modernos, que se esquecem da humildade do divino Mestre, e querem as honras que, ha trezentos annos, se davam ao rei . . . Trate me por vossemecê.

—Pois bem; se vossemecê quizesse, eu poderia arranjar-lhe um bom empenho para o bispo.

—Sim? então quem é elle?

—Isso agora é um segredo . . . Veja lá vossemecê quanto dá . . .

—Quanto dou? isso é symonia, reprovada e condemnada com graves penas pelo concilio tridentino. Se eu quizesse servir-me d'esse infernal recurso, bem sei a que porta devia bater. Conheço como as minhas mãos um vendilhão d'esses favores, que não tem vergonha nem temor de Deus, e ha muitos annos que trafica descaradamente com os objectos sagrados da santa religião de Nosso Senhor Jesus Christo. E' um symoniaco, um libertino, indigno de se sentar no cabido . . .

—Quem é elle?

—Quem ha de ser? é o arcediago de Barroso, um homem sem religião, de pessimos costumes, que tem vivido amancebado toda a sua vida, e que, de mais a mais, tem o desaforo de casar uma das suas concubinas ahi não sei com quem, e disseram-me

que continúa a viver adulterinamente com ella . . .  
Fôra o adúltero! Não lhe faltava senão esta! . . .

—E vossemecê conhece o?

—Conheço muito bem, oxalá que não. Fomos companheiros no seminário, e já lá prophetisei a rôlha, que viria a ser o senhor Leonardo Taveira. . .  
Depois, via-o pelo Porto, e fui jantar a casa d'elle, e saí escandalizado porque teve o desvergonhamento de sentar connosco á mesa uma rapariga que tinha em casa. . .

—Sabe como ella se chamava?

—Sei, sim, senhor. Chamava-se Anna do Carmo. . .

—Anna do Carmo! . . .

—Vossemecê espanta-se? E' o que eu lhe digo. . .

—Que figura tinha ella?

—Era uma mocetona tirada das cânellas, branca, cheia do peito, com os olhos mesmo concupiscentes como os do proprio demonio, e falava sem vergonha deante de mim.

—E sabe se foi essa a que elle casou?

—Dizem-me que sim, até o homem é estrangeiro, por signal, e tem não sei que officio. Se vossemecê quizer, eu volto cá qualquer dia, e posso saber-lhe tudo isso a preceito.

—Muito obrigado. . . eu não tenho interesse n'isso. . .

—Pois é como é. A religião está entregue a estes ministros. O arcediago de Barroso tem muito dinheiro em casa de um negociante da rua das Flores, mas esse dinheiro é o preço por que elle comprou o inferno... ganhou-o nas symonias... Lá está em cima quem o ha de julgar... E, com isto, adeusinho até outra vez. Fique na graça de Maria Santissima, e passe por cá muito bem até outra occasião, se Deus nos dér vida. Adeusinho, sem mais.

O padre abria o alforge para metter o *Flos-Sanctorum*, quando o arcediago lhe dava uma palmada no hombro.

—Tu por aqui, padre João Pires?

—E' verdade... Então que é feito, Leonardo?

—Vamos vivendo... Já te não vejo ha muito!...

—Não ha dinheiro para vir á cidade... Os padres de *requiem* não comem do cabido... Lá nas aldeias o mais que se pilha é a missinha de tostão, que não dá para hostias. Isto cá é outra cousa. Os padres do Porto são cardeaes, menos na sabedoria, que no mais tem tudo...

—Não é tanto assim, padre João... Deus sabe como cada qual se arranja. Então vieste comprar o teu livrinho?

—E' verdade; comprei o *Flos-Sanctorum*, e sabe Deus o que me tem custado a arranjar os tres mil e duzentos.



—Se queres mais algum, e não tens dinheiro, eu fico por ti, e tu pagarás depois ao senhor Hemerin, que me faz o favor de ser meu amigo.

O arcediago piscou o olho para o livreiro, que estava encostado ao mostrador, e o livreiro, sorriu-se de um modo que era novo para o arcediago.

—Nada, muito obrigado—disse o padre João Pires—eu não gosto de fazer dividas, porque não tenho esperanças de ser conego para paga'-las depois... Com que sim, meu caro Leonardo... Os bons tempos que nós passámos no seminario... Lembras-te?

—Se lembro!...

—Eras um bom tratante!... fugias de noite, e vinhas de madrugada pedir-me que te ensinasse o Larraga... Boas as fizeste!... Que é feito d'aquella rapariga do vendeiro de Campanhã que tu tiraste de casa?

—Não falemos n'isso .. Como tu te lembras d'essas rapaziadas... Esse tempo passou...

—Pois era uma rapariga perfeita!

—E aquell'outra das Fontainhas, que tinha um pae levadinho da breca, que te fez fugir em camisa para o seminario?

—Cala-te lá com essas cousas, João!.. Isso foram bambochatas de estudante...

—Está feito, está feito... Tu tens pago um bom

tributo á mocidade... Já tu eras padre ha muitos annos, e ainda fazias das tuas de estudante...

—Olha lá, meu caro João, se quizeres alguma cousa de mim...

—Obrigado... eu gosto de falar nos tempos da mocidade...

—Pois sim; mas eu tenho de estar nos Congregados ás oito horas... Estimarei que passes muito bem.

—Olha cá, padre Leonardo... ha abi um sujeito que te quer falar a respeito de uma dispensa para casamento entre primos em segundo grau. O pretendente dá boas luvas a quem lh'a arranjar depressa...

—Sim!... pois eu conheço um banqueiro, que vence todas as difficuldades; mas... aqui entre nós... é preciso untar-lhe as unhas...

—Ah! maganão!... o banqueiro és tu em carne e osso!...

—Não sou, João. Acredita que não sou...

—*In verbo sacerdotis!*

—*In verbo sacerdotis* .. N'essas materias melindrosas escrupulisa a minha consciencia. Terei algumas fraquezas, de que me accuse, do tempo de rapaz, mas em cousas de religião o caso é muito sério.

Com que tu tens muitos escrupulos das tuas rapaziadas, heim?

—Alguns; mas em certas edades tudo se desculpa, e Deus bem sabe que a razão não tem a força necessaria para conter os impetos d'aquelle novissimo do homem...

—Que não é do mundo, nem do diabo! Ora pois, Deus te conserve no sancto arrependimento...

—Então quem é o pretendente da dispensa?...

—Isso falaremos outra vez... Ora olha, meu querido Leonardo, não sei se sabes que tenbo cá na Sé requerimento para uma igreja.

—Nada, não sei.

—Poderás fazer com que o sr. bispo me despache?

—Homem, isso é um caso difficil... Se queres que te fale a verdade, no paço tudo se move por dinheiro ..

—E tu dás á manivella nas rodas da machina, não é assim, meu Leonardo?

—Estás a rir, João...

—Pois eu pudéra chorar! Tudo isto leva-se a rir, senão endoudecia a gente... Ora anda lá que tu não deves só ter escrupulos das tuas rapaziadas... A proposito de rapaziadas, que é feito da Anna do Carmo?

—Da...?

—Sim... da Anna do Carmo... aquella mocetona que morava contigo na rua Direita, aqui ha dez annos...

—Não sei... não me recordo... não sei de quem me falas... adeus... até outro dia...

—Espera, homem—disse o padre inexoravel ao confuso arcediago que suava em janeiro como o seu amigo Silva no mez de agosto, por ver alli tão perto o francez, que não perdia uma palavra do dialogo.— Espera... não te confundas, que eu não quero confundir-te. Isto é conversar como amigos... Eu já sabia que foste honrado com a rapariga, e que a casaste com um bom dote... Uma fraqueza não desacredita ninguem... David tambem peccou, e S. Pedro negou o mestre.

—Dizes bem, João, adeus, até outra vez...

—Então... até outra vez...

Padre João não comprehendeu a afflicção do arcediago. A ultima despedida disse-lh'a, quando elle de repente lhe voltou as costas, por não poder conservar-se com a cara voltada para o francez que lhe não desviava os olhos d'ella.

Já escanehado commodamente sobre o albardão da égoa somnambula, o antigo conhecido de Anna do Carmo, voltando-se para o livreiro, disse, sorrindo:

—Vê que tal é o amigo? Olhe como elle se atrapalhou quando eu lhe falei na moça...! reparou?

—Reparei... reparei...

—O que ella merecia é que o marido lhe quebrasse o espinhaço com uma tranca... Mas os

maridos, ás vezes, são tão bons como ellas. . . Adeusinho. . .

—Passe muito bem.

Mr. Hemerin leu, segunda vez, a carta anonyma, e sahiu.

Esperem asneira. Quando mal nos percatamos, temos pela prôa um marido brioso!

Safa! . . .

*Rara avis in terris . . .*

## CAPITULO IX

O arcediago, quando fugiu bruscamente ás impertinencias viogativas do padre João Pires, ia perdido, e não atinava com o refugio mais azado no embaraço em que se via.

Na rua das Hortas, quando voltava do campo de Santo Ovidio, até onde fôra machinalmente, encontrou o marido de Anna do Carmo, que o comprimimentou com a graça costumada, e nem de leve lhe tocou nas escandalosas revelações do profundo investigador de Sant'Thiago, e S. Martinho de Dume.

Padre Leonardo, admirado da singeleza do francez, entendeu que as cousas estavam no pé em que as deixára na vespera, e tranquillizou o tumulto de vergonhas e receios que lhe traziam o coração em dolorosas piruetas.

Convencido do inesperado quão feliz resultado da extravagante scena, veiu á rua das Flores, e encontrou Anna do Carmo, ao mostrador, espantada de que seu marido sahisse sem dar parte, nem chama-la a ella para a loja.

Isto fez impressão no arcediago, que teve a prudencia de calar á mãe dos seus filhos o desgraçado encontro com o amaldiçoado padre de Ponte-Ferreira.

Todavia, a sabida rapida do francez alguma coisa queria dizer. O atilado arcediago reflectiu no que poderia resultar d'alli; lembrou-se, um momento, que a sua organização physica poderia soffrer algum abalo menos agradável, e, finalmente, appellando para o futuro com a intrepidez de philosopho, esperou as consequencias.

Acabava o velho amigo de padre João Pires de fazer os seus juizos, quando o livreiro entrou com a mesma affabilidade, com o inalteravel sorriso de um esposo feliz.

— Sahiste sem dizer nada?!— disse a senhora Anna.

— Foi-me necessario sahir com tal precipitação, que nem me lembrou chamar-te.

— Pois que foi, Hemerin?

— Que havia de ser? Um engano... Vieram-me aqui dizer que o regedor das justicas me queria

mandar prender, porque eu vendia clandestinamente na minha loja livros protestantes, e folhetos escriptos contra a religião. Corri immediatamente a casa do regedor, e tive a fortuna de encontrar, quando lá cheguei, o desmentido da calúnia que forjaram contra mim os meus inimigos.

—Inda bem! . . —disse a mulher.

—E se não acontecesse assim— accrescentou o arcebiago com o contentamento da boa fé— eu ainda tenho amigos para desmanchar as traições dos seus inimigos.

—Muito obrigado, senhor compadre. Tudo está arranjado, d'esta vez. Se elles continuarem, v. s.<sup>a</sup> será o nosso protector, como tem sido sempre.

O arcebiago almoçou com elles, e não podia deixar de felicitar-se por ter casado a mãe de Rosa com tão boa pessoa, alma tão singela, e genio tão estimavel a todos os respeitos. Fez muitas festas á creancinha, que dava biscoutos ao livreiro para que os dêsse ao *papá*, o que o livreiro, com paterna meiguice, cumpria, rindo-se muito da galanteria do pequeno.

Correu o dia regularmente. O arcebiago despediu-se á meia noite, promettendo na noite seguinte pagar quatro partidas de bisca, que perdera jogando com a senhora Anna, enquanto seu marido sahira a

encomendar de Paris a nova edição de Bossuet e Bourdaloue.

Na madrugada do seguinte dia, Hemerim levantou-se mais cedo que o costume, e disse a sua mulher que lhe dêsse a chave da commoda em que estava a sua roupa branca.

Anna quiz erguer-se para dar uma camisa a seu marido, e elle mandou-a ficar. A mulher instou, e o francez intimou-a imperiosamente que não sahisse.

Momentos depois, a mãe de Rosa sentiu fechar-se por fóra a porta da rua! Ergueu-se, foi á commoda, e achou-a vasia da roupa de seu marido. Desceu á loja, tudo estava fechado. Tornou ao seu quarto e viu um bilhete sobre o lavatorio, com estas poucas palavras: *«E's uma boa mulher, mas não me serves. Eu não sou mau homem, mas não te sirvo. Sejamos francos, e bons amigos. Tu ficas, e eu vou. Regala-te com o padre, e faz-lhe visitas minhas. Se me quizeres alguma cousa e elle tambem, escrevam-me para Paris. Adeus.»*

A senhora Anna do Carmo ficou aturdida. Queria fazer alguma cousa n'aquelle conflicto; mas que poderia ella fazer? A porta da rua, de mais a mais, estava fechada! Se o arcediago viesse. . . mas o arcediago não vinha antes das oito horas! Se arrombava as portas, dava que falar aos vizinhos, e o escandalo era certo! Mas, se o escandalo era certo, inevitavel,



a pobre mulher lembrou-se de arrombar a porta, e procurar seu marido; mas aonde?

N'esta irresolução, a senhora Anna ouviu as oito horas. Correu á janella, e viu á sua porta alguns homens, um dos quaes abria a porta. Desceu abaixo, e perguntou quem eram:

—Sou um escrivão, com os meus meirinhos.

—Que querem?

—Fazer penhora nos objectos conteúdos n'esta casa.

—Devo alguma cousa a alguém?

—Deve.

—O qué?

—O conteúdo n'esta petição, a que está junto um titulo de divida authentico, assignado por seu marido o senhor Hemerin Pierrote.

—Mas eu não assignei.

—Vossemecé sabe escrever?

—Não, senhor.

—Por isso mesmo é que não assignou. Seu marido assignou por ambos.

—Isso é uma ladroeira! Eu grito aqui d'el-rei, se me levam alguma cousa de minha casa.

—Pois grite, que arranja com isso ser levada tambem.

—Para onde?

—Para a cadeia, ou para o hospital de S. José.

—Que é dos louvados, senhor meirinho geral?

—Estão aqui os ensambladores.

—Pois que subam a avaliar os moveis, e chame abí dois livreiros para louvarem os livros.

—E' um roubo que me fazem!—exclamou Anna, collocando-se adiante dos livreiros, que vieram de um pulo.

—Retire-se, mulher, se não mando autua'-la!

—Mas quero saber a quem é que devo...

—Ao vice-consul da França.

—Eu não conheço esse homem.

—Tambem não é preciso, nem deve ter muita pena d'isso. E' um homem como os outros, pouco mais ou menos.

Entrava o arcediago com os olhos espantados, e o queixo pavidamente descahido.

—Senhor compadre!—exclamou Anna—querem-me roubar!...

—Roubar!... Como se entende isto?!

—Deixe-a falar—disse o escrivão.—E' um mandado de penhora.

—A' ordem de quem?

—Do juiz de fóra.

—Mas quem é o credor?

—Senhor arcediago, não nos importune com às suas perguntas. Vá lá sabe'-lo, se quizer. Nós cumprimos a lei, e não temos obrigação de dar explicações a quantos passarem na rua.

—Onde está seu marido?—perguntou o padre.

—Não sei... Olhe aqui.

A senhora Anna chamou-o de parte, e contou-lhe o succedido. O arcediago ficou tranzido.

—Que hei de eu fazer, Leonardo? Não me dirás?

—Põe a tua mantilha, pega no pequeno, e vae com a creada para minha casa.

—E os meus arranjos?

—Que arranjos?

—Os meus vestidos?

—Deixa os vestidos... Faz o que te digo. Não te affijas... Has de ter sempre que comer: Nem mais uma palavra, que não quero escandalos.

Anna do Carmo sahiu com a creada e o pequeno que grunhia por ter sido tirado a dormir do berço. O escrivão achou-se sósinho com os aguazis e louvados. A livraria foi logo comprada pelo livreiro da loja vizinha. Os moveis arrematados, ficou o escrivão com elles. As roupas comprou-as uma adeleira. E a chave da casa foi entregue ao senhorio. Foi um dia cheio para os vizinhos!

A vingança do francez fôra uma vingança franceza; mas, de parte a parte, concordemos em que a honra orçava os mesmos quilates. Parece que eram dignos um do outro, e o arcediago digno de ambos, como vae ver-se.

A mãe de Rosa vivia com o arcediago; mas tão

cauta e escondida que se não deixava ver. Era um cuidado inutil; porque ninguem duvidava que os braços do padre eram o refugio nato da esposa abandonada.

A immoralidade chegára aos ouvidos do bispo, que empregou os meios brandos para chamar ao caminho da bemaventurança aquelle Lovelace de murça e meias vermelbas. O arcediago defendia-se como podia, e citava os seus traioeiros denunciantes para que lhe provassem a calúnia infame. Se fôsse hoje, o senhor padre Leonardo Taveira teria escripto quatro correspondencias para os periodicos, em que provocaria os maledicentes a tirarem a mascara, ou serem convencidos de infamadores da honra albeia, e vis calumniadores, como é do estylo.

N'aquelle tempo, porém, o infamado não tinha o respiradouro da gazeta, e não podia andar de casa em casa apregoando a sua innocencia. Razão porque a detracção se incorporava pouco e pouco, até ser recebida como facto consummado.

Os conegos, que não eram mais virtuosos que elle, mostravam-se escandalisados das torpezas do seu collega, e queriam que o prelado os desultrajasse do odioso que reflectia na corporação. O bispo via-se entalado entre certos compromissos que o prendiam ao arcediago, e as instancias reiteradas do chantre e do deão, que eram mais discretos nas suas torpe-

zas, porque nunca tinham caído na immoralidade de dotar as mães dos seus filhos para casarem.

A indignação publica urrou no paço episcopal; e o principe da egreja receou que a mitra lhe caísse com deshonra da cabeça, e metteu o arcediago em processo.

Estas deploraveis scenas passavam-se, mezes depois que Rosa Guilbermina e a sua amiga vieram de Ramalde para o Porto. Rosa observava a inquietação de seu pae nas poucas horas que se demorava em casa. Interrogaram-n'o ambas muitas vezes, e não puderam saber nunca a afflicção que o atormentava.

O processo corria, quando o bispo deu uma audiencia secreta ao arcediago. O fim d'essa prática de amigo, e não de juiz, era aconselha'-lo que fugisse immediatamente de Portugal, e que esperasse lá fóra que a borrasca serenasse, e depois viria.

O arcediago annuiu.

Com as lagrimas nos olhos, e sua filha nos braços, revelou-lhe que uma grande desgraça o obrigava a saír da patria. Mandou-a entrar outra vez no recolhimento. Estabeleceu uma pensão a Maria Elisa. Deixou outra a Anna do Carmo, e partiu para Hespanha com todos os seus cabedaes, excepto as quantias que o honrado negociante Antonio José da Silva mensalmente devia repartir pelas tres, se eram só

tres as pensionadas da illustre victima de padre João Pires.

Anna do Carmo sabia que sua filha existia no convento; mas, por ordem expressa do pae, não a procurava. Vivia com honra, e recebia pontualmente a sua mezada.

Rosa ignorava a existencia de sua mãe, tinha de longe a longe saudades do pae; mas isso não era forte razão para que deixasse de comprar a melhor edição do Cavalheiro de Faublás, que traduzia perfeitamente com a sua amiga, graças aos cuidados do pae em manda'-la aprender o francez durante um annó que esteve na casa do Laranjal.

Mr. Hemerin vivia em Pariz, e vivia perfeitamente da quantia que lhe fôra dada com a condição de cobonestar as relações da mulher com o padre: missão aliás christã que o maldito não quiz desempenhar christãmente, e encarou com a melhor philosophia do mundo.

O arcediago vivia em Madrid, e gastava o seu tempo n'um convento de Thereziinhas, onde lhe não faltavam delicias para o espirito, e parece que as melhores esperanças para tudo que os philosophos teimam em dizer que não é espirito.

Padre João Pires, esse, contentissimo de ter resolvido o problema de Sant'Thiago, veio um dia procurar o livreiro para comprar-lhe—*El sabio instrui-*

*do de la natureza*,—e soube, no livreiro vizinho, a catastrophe do arcediago.

Citou quatro textos em latim ácerca da obscenidade, disse tudo o que sabia a tal respeito, confirmou minuciosamente todos os escandalos da vida de padre Leonardo, e foi dizer missa á Misericórdia, e ouvir de confissão a senhora Angelica, que, por um triz, ia ficando sem absolvição, por ter murmurado da senhora Anna Canastreira, e da mulher do João Pereira, do chinó.

O senhor Antonio José da Silva, recobrado dos dissabores por que passára, restaurava as banhas perdidas do seu lustroso cachaço, e continuava a suar copiosamente.

E o senhor João Retrozeiro, finalmente, lia com o maior prazer a sua mulher as cartas de seu filho José Bento, que estava no Rio de Janeiro ganhando duzentos mil réis como segundo caixeiro de um armazem de molhados, onde o não forçavam a conjugar o atrocissimo verbo *laudo*.

## CAPITULO X

Corria tudo fastidiosamente regular e monótono, menos para o espirito das duas amigas, que progrediam de um modo admiravel na sciencia das cousas, e na theoria do mundo estudada nos livros. Todas

as suas economias de tempo e dinheiro, que lhe sobejavam á farta, empregavam-n'as em novellas franquezas, que uma creada, das que serviam cá fóra, lhes introduzia no recolhimento, com pequena commissão.

Maria Elisa se dissermos que era uma litterata, não nos fica o remorso de ter mentido. A prova de que o era dá-se com bem pouco: basta dizer que duvidava da efficacia da resa, e dos preccitos mais fundamentaes da sua religiãõ da infancia. Falava na religiãõ natural, e sabia de cor a *Voz da Razão*, e a *Pavorosa illusão da Eternidade*.

Rosa Guilhermina era litterata metade e mais um terço. Não acreditava na resa, nem nos santos da regente: mas tinha fé na existencia de Deus! Não era consummada como a sua amiga, que punha todo o desvelo em instrui'-la e aperfeiçoa'-la.

Era corrido um anno. As meninas entravam nos dezeseite, e já não eram as creanças zombeteiras que traquinavam na cêrca, e irritavam as velhas da casa com travessuras.

Convencidas de que eram senhoras, revestiram-se da dignidade própria, deram-se um ar de pensadoras, mediam as suas palavras sentenciosas, olhavam com desdenhosa insolencia a ignorancia das companheiras, desdenhavam o heaterio de muitas que lhes não mereciam o favor das suas reflexões, e, com al-



gumas, dignaram-se descer até lhes confiarem o segredo da philosophia; o dogma sublime da razão. Se quereis em duas palavras comprehender a illustrada extravagancia das duas meninas, sabei que o seu quarto era intitulado por ellas: *hotel de Rambouillet*.<sup>1</sup>

D. Rosa recebia regularmente extremosas cartas de seu pae, que não tinha expressões com que pudesse encarecer o talento de sua filha, manifestado nas apparatusas cartas, que lhe enviava.

A ultima, que elle lhe escrevera de Madrid, annunciava a sua proxima vinda para Portugal. Bem informado, o arcediago sabia que as linguas mordentes dos seus inimigos estavam cançadas, e que o processo, ao cabo de um anno, estava esquecido.

Depois da carta, que promettia a sua vinda, que devia abrir outra vez as portas da clausura ás litte-

---

<sup>1</sup> Foi assim chamada a assembléa de illustrações scientificas na França, em que avultavam a marquezia de Lafayette, Lacraipenède, madame de Sevigné, Julie de Angennes, e outras que se davam o titulo de *preciosas*, baptisando-se com nomenclaturas gregas, e praticando em linguagem privativa d'ellas. Molière, o grande espirito, que espancou da França o *ridiculo* com o *ridiculo*, pôz esta gente em scena. nas comedias— *As Preciosas Ridiculas*, e *As Mulheres Sábias*. O hotel de Rambouillet não resistiu a Molière.

ratas, as anciosas meninas receberam outra em que o padre lhes dizia que, em determinado dia, viria abraça'-las, e que fossem dispendo a sua immediata saída para Lisboa, onde elle tencionava estabelecer casa.

De equal theor recebeu a mãe de Rosa a fausta noticia, e cada qual não tinha socego em preparar as suas cousas, de modo que se não fizessem esperar.

Era chegado o festivo dia. D. Rosa com a sua amiga, para não perderem tempo, já tinham feito as suas despedidas; Anna do Carmo tinha fóra dos bahús o indispensavel para as poucas horas de existencia no Porto; umas e outras não saíam da portaria ou da janella para felicitarem o amante e o pae e o carinhoso protector, quando o senhor Antonio José da Silva rolou a sua rotunda personagem no pateo do recolhimento.

Rosa, ao ve'-lo pelo raro, recuou assustada da inesperada visita. O negociante perguntou pela filha do arcediago de Barroso, e a porteira, industriada pela menina, perguntou-lhe se o senhor arcediago tinha vindo.

—O senhor arcediago — respondeu o negociante com a commoção de que era susceptivel—o senhor arcediago... está na presença de Deus...

—Morreu?!—exclamaram as meninas.

—E' verdade... Faz favor de me chamar a menina.

—Estou aqui, senhor Silva... Pois é verdade que morreu meu pae?

—Desgraçadamente... Acabo de receber um portador de Madrid... As suas ultimas palavras foram estas: «Eu morro... vão dize'-lo á rua das Flores, no Porto, a um negociante chamado Antonio José da Silva». Morreu de uma apoplexia... Deus tenha a sua alma na bemaventurança...

—Isso é impossivel!... —atalhou Rosa, soluçando e chorando.

—Pois é tão certo como estarmos aqui, senhora D. Rosa... O peor é que o grosso dinheiro que seu pae levou, sabe Deus porque mãos andarà a estas horas!...

—E eu fiquei pobre, não é assim?—atalhou a litterata, que considerava a riqueza como o primeiro dogma dos sublimes dogmas da razão.

—Pobre... não, senhora—respondeu o negociante, enxugando uma lagrima importuna.—A menina está perfilhada. Eu tenho a perfilhação em meu poder. Ainda mesmo que não appareça o dinheiro, que elle levou, o seu patrimonio vale bem quarenta a cincoenta mil cruzados. E' a quinta de Ramalde, são dois predios na cidade, e as pratas de seu pae, que estão em minha casa, só essas valem bem seis mil

cruzados, a olhos fechados. O que é necessario é fazer-se um conselho de familia, e bom será que a menina saia do recolhimento para tomar conta da casa de seu pae.

Pergunta d'aqui, resposta d'acolá, convieram em que a menina sabisse, passados tres dias, durante os quaes recebeu visitas no seu quarto, e chorou alguns instantes sinceramente,

Maria Elisa, como philosopha e boa amiga, animou-a a resignar-se, convencendo-a de que a morte era a condição da vida, e que as lagrimas não resuscitavam ninguem. Rosa conveio n'isso em nome da illustração do seu elevado espirito, e assentou em mostrar-se intrepida na dôr.

Portador da infausta nova, o negociante foi dar o tremendo golpe na pobre esposa sem marido, e na amante sem amparo, que devia senti'-lo mais profundo. Ahi, sim: havia uma verdadeira dôr, a consciencia de desamparo, a invalidez na quasi velhice sem refugio. Restava-lhe uma esperança: era sua filha; mas essa filha não lhe bebera o leite, não lhe sentira os beijos, não lhe vira as lagrimas, nunca lhe chamára mãe.

Por encurtar razões, o franco negociante foi-lhe dizendo que em seu poder não estava dinheiro algum, e que tratasse ella de procurar o amparo de sua filha que era a herdeira do arcediago.

Ao quarto dia, D. Rosa Guilhermina com a sua amiga occupavam a casa do Laranjal, tomavam as antigas creadas, e consultavam-se no que deviam fazer, ou se acceitariam as condições que algum impertinente tutor lhes impuzesse.

—Eu não posso dizer nada em tal assumpto—respondeu Elisa.—Sou absolutamente extranha n'este objecto; não obstante, como tua amiga, entendo que não deves sujeitar o teu coração ás barbaras leis de algum barbaro tutor.

Já vêem como era o estylo de Elisa; agora admirem o de Rosa:

—Dizes bem, minha terna amiga. Se a parca me roubou o pae, não serei ludibrio da morte, porque vivo ainda. Não quero mais reclusão, nem o convento para mim foi feito. Quero a liberdade, porque o meu coração é livre. Eu e tu temos bastante philosophia para nos sabermos guiar na estrada tortuosa do mundo. Conhecemos a sociedade pela leitura; saberemos evitar os abysmos, renderemos os nossos corações aos ardentes votos de algum amor digno de nós, e viveremos juntas pelo espirito, assim como temos vivido pela intelligencia.

Falou bem. Tudo, que dissesse depois d'isto, seria uma redundancia. Não ha nada a desejar aqui. Optima resolução, exemplar programma, e invejavel talento!

Nomeado conselho de familia, a orphã foi consultada pelo tutor, homem probó, escolhido pelo senhor Silva. A menina espivitada respondeu em alto estylo, e o tutor retirou-se maravilhado da pupilla, e disse em plena reunião dos membros do conselho de familia que ella era muito *pronostica*, e que falava com cabeça. Os outros membros não duvidaram acredita'-lo, e consentiram em que a menina fosse entregue dos seus rendimentos, e vivesse fóra do recolhimento.

Contentes da sua sorte, as duas litteratas, cada vez mais ricas de sciencia, achavam já que o seu espirito não saboreava a simples nutrição dos romances, e queriam mergulhar no oceano da sabedoria. Talhavam o seu plano de instrucção; lastimavam a soledade em que viviam duas almas devorando-se no proprio fogo, e sentiam a falta de uma sociedade mais ampla que as admirasse, ou de espiritos illustrados que as conduzissem á luminosa região das sciencias ignoradas ao seu desherdado sexo.

Tudo isto era muito bonito: a tal respeito diziam-se cousas admiraveis, quando, no mais acalorado do projecto, D. Rosa Guilhermina Taveira recebeu a seguinte carta:

«Minha filha. Ignoras talvez que a morte de teu pae deixou n'este mundo uma mulher desvalida.

Esta mulber é tua mãe, e terá brevemente necessidade de um bocado de pão. Quando esse momento vier, não o negues á infeliz Anna do Carmo, que virá mendiga'-lo á tua porta. Vivo na rua Direita n.º 25.»

Esta carta, lida em sobresalto, produziu em Rosa, uma sensação inqualificavel. Elisa, queria ver esta carta, e a sua amiga não lh'a mostrava.

—Será namoro?! — perguntou Elisa com azedume e admiração—Diz, Rosa! tu não me respondes? Deixa-me ver essa mysteriosa carta! E' epistola amorosa?

— Não, minha amiga... E' uma carta, que não te mostro!... Não devo mostrar-t'a...

—Oh céos! que extranha carta é esta! Não sou eu, por ventura, a tua amiga, a confidente dos teus segredos?

—E's... mas ha segredos que se não dizem...

—Pois bem: eu calarei a minha ancia, e não farei jámais de amiga para todos os teus cuidados, Rosa.

O portador esperava a resposta.

A filha de Anna do Carmo sahiu de ao pé da importuna confidente, tirou da gaveta do seu toucador quatro cruzados novos, embrulhou-os em um retalho de seda preta, entregou-os ao portador, sem lhe dizer palavra, e rasgou a carta.

Quando voltou, chorava Elisa, em ar de arrufada amante. Rôsa, mais tranquilla, depois de tão generosa acção, serenou a susceptibilidade da sua melindrosa amiga com esta revelação:

—Olha, querida amiga, faz comigo as pazes. Eu te digo o que se passa. A carta, que recebi e devolvi pelo portador, era uma supplica de uma pobre amante de meu pae, que me pedia uma esmola. Fez-me tanta pena, que me vestiu de luto o coração! Como pensei que era aquelle um deshonoroso segredo para meu pae, nem dizer-t'ô a ti, cara amiga, eu julguei que me era nobre. Ora aqui tens...

—E mandaste-lhe o beneficio supplicado?

—Mandei...

—Fizeste bem... Pobre mulher, abandonada, não devia achar fechadas as portas da alma que sahiu do peito amante. Perdôa o meu resentimento, querida Rosinha...

E com estas e outras finezas passaram uma hora, ao fim da qual voltava o portador, que levára o di-nheiro, e entregava á senhora D. Rosa Guilhermina outra carta, acompanhando os quatro cruzados novos. A carta dizia assim:

*«Minha filha. A esmola é muito avultada para  
«uma mãe. Quando eu tiver fome, irei pedir-te um  
bocadinho de pão.»*



Rosa fez-se da côr do lacre, e fugiu de ao pé da sua amiga.

## CAPITULO XI

Anna do Carmo, quando pensava em escrever a sua filha, dizia-lhe o coração que a não procurasse, porque seria recebida com má vontade. Falava-lhe assim o coração, porque n'aquelle peito não batia o coração de mãe.

E não.

A amante do arcediago vira, sem lagrimas, levar aquella menina do seu ventre para os braços mercenários de uma ama de expostos. Não estendeu os seus, supplicando que lhe não roubassem a filha da sua alma, e da sua deshonra. Não pediu ao pae desnaturado que lh'a desse em compensação da renuncia, que ella fizera da sua dignidade. Não saltou, esvaída de sangue, fóra do leito, procurando resgatar a creancinha que deveria dar-lhe em amor de filha o premio da sua ignominia de amante.

Viu-a ir impassivel! Nunca lhe deu que pensar o destino da creança. Nunca sentiu o remorso do infanticidio. Nunca se lembrou que a desgraçada menina, que viu a chorar com frio e fome nas lages da rua, poderia ser a sua filha.

Os annos correram. O arcediago lançou um olhar

melancolico ao futuro. Ambicionou uma herdeira, que fruisse o grosso cabedal que amontoava. E lembrou-se de ter assignalado, cinco annos antes, aquella engeitada.

Procurou-a com zelo de pae; encontrou-a entre as meninas desamparadas, pallida de fome, e vestida de farrapos, apresentou-a a sua mãe, e sua mãe encarou-a serenamente, deu-lhe um beijo frio, e aconselhou o pae que a mandasse para um collegio.

Quando o pae extremoso, cheio de saudades, mandava buscar sua filha de seis annos, com os seus lindos cabellos louros, e os seus labios radiosos de innocentes sorrisos de gratidão, Anna do Carmo achava enfadonhas as repetidas visitas, e zangava-se asperamente se a menina batia com a faca no prato, ou pedia doces para dar ás suas companheiras.

Espanta-vos esta dureza d'alma? Entrae na enfermaria das que vão ser mães, debaixo das telhas da Misericordia. Reparae n'esta, que prepara risonhamente o cueiro e a faxa que ha de levar seu filho ao monturo dos filhos sem mãe. Olhae aquella que jura que o seu seio não tem nutrição para que a não obriguem a crear o seu filho. Vede além outra, que crava as unhas no menino, que tem ao peito, para que os dolorosos vagidós da creança accusem a fome, e a seccura d'aquelle seio, que tem dentro morto o coração.

«Diante d'este quadro hediondo, tenho duvidado do amor materno! Compungido por esta verdade atroz, tenho collocado a hyena n'um grau de sensibilidade superior á mulher!» dizia-me um illustrado professor de medicina <sup>1</sup>, que me expunha estes lances com as lagrimas nos olbos.

Não duvideis, pois, mães! Anna do Carmo chegaria sua filha ao seio; mas aquelle sangue não se alvorocava nas arterias. Tocar-lhe-ia ós labios com os seus, mas aquelle beijo fóra sempre a banal formalidade, que se barateia por ahi em cada cara que vos saúda.

Sobejavam-lhe razões para reccar o desprezo da filha. A dura experiencia dissera-lhe que o castigo sobre a terra era infallivel.

Se aquella mulher tivesse sido a mãe d'aquella menina, sentiria um estimulo superior impellindo-a para ella. Iria, coberta de farrapos, lançar-se nos braços de sua filha, radiante de velludos e brilhantes. Iria, sem pejo, na presença de todo o mundo abraçar essa filha, com a certeza de que Rosa exclamaria na presença de todo o mundo: «Esta desgraçada mulher é minha mãe!» Pediu que lhe es-

---

<sup>1</sup> O já morto Joseph Gregorio Lopes da Camara Sinval.

(Nota da 2.<sup>a</sup> edição).

crevessem uma carta; mas essas poucas palavras, que parecem o enigma de uma grande dôr, nem suas eram. Foi uma cabeça fria, e um coração estranho, que as dictou; porque, na alma d'ella, estava a irresolução gelada, o prestigio do desprezo, o espinho da consciencia, precursor de um grande castigo.

Quando recebeu, como resposta á sua carta, o silencio, e quatro cruzados novos, Anna do Carmo sentiu-se assaltada pelo orgullo que não era orgullo de mãe. Era um rancor, que reagia ao desprezo, uma altivez que caracteriza as almas pequenas, e não essa nobre independencia, que nos manda atirar á cara do falso bemfeitor uma esmola, quando nos não é delicadamente dada como quitação de uma divida.

Foi ella quem repelliu a esmola; mas não foi ella quem redigiu o bilhete que acompanhava a remessa. Por sua vontade, aquelle bilhete devia ser um insulto e uma ameaça; mas a pessoa que escrevera previu que a mãe de Rosa seria brevemente uma mendiga, e precisaria de humilhar-se a extranhos, por ter sido soberba com sua filha.

Rosa Guilhermina meditou aquelle bilhete, e sentiu em si uma transformação repentina.

Ha pouco ainda, teve vergonha de declarar á sua amiga que sua mãe existia, e vinha pedir-lhe uma esmola; e agora é ella que sente a dura precisão de revelar a Elisa todo o seu segredo.

Elisa ouviu-a, e reprehendeu-a da inconfidencia, que a não lisongeava nada. Depois, aconselhou-a que dêsse uma mezada a essa pobre mulber, se a não queria receber em casa na qualidade de mãe.

Rosa optou pela mezada, e escreveu immediatamente uma carta a sua mãe com a direcção que lhe fôra indicada. Esta carta chegou nos assomos freneticos de Anna do Carmo. Sahiu com a carta para que lh'a lêssem; ouviu-a cada vez mais colerica, supposto que as phrases fossem brandas, e carinhosas. A offerta da filha era uma boa mezada que permittisse a decencia de sua mãe. Anna tomou a carta com arremesso, rasgou-a, e disse á portadora:

«Diga a essa desavergonhada que não preciso das «suas esmolos; e que, se torna a mandar aqui alguem, que atiro pelas escadas abaixo quem cá vier... Pegue lá... dê-lhe a carta rasgada.»

D. Rosa, quando ouviu semelhante resposta, voltou-se para a sua amiga, como quem pede um conselho:

—Não tens mais passo algum a dar—disse Elisa.  
—Mulher que assim responde não é tua mãe: isso é uma impostora! Faz de conta que este incidente não veiu perturbar a nossa felicidade . . . Será tuá mãe: mas só te conhece agora, que és rica, e ella pobre. Tal mulber não é digna de chamar-te filha... Que lhe deves tu? O nascimento? Grande favor!... Se

teu pae não tivesse esta riqueza, que te deixou, o que serias tu? Uma filha sem mãe, abandonada de todos, e desprezível aos olhos da propria que te atirou ao mundo como quem atira ao chão as rosas murchas, que lhe serviram de prazer e ornato!...

Quer fosse o estylo assoprado de Maria Elisa, quer fosse a negação completa do coração de Rosa a essa extranha mulher, que lhe chamava filha, o certo é que os escrupulos e temores desapareceram, e o importuno successo não impressionou muitos dias o espirito da leviana moça, que se demorava pouco nas mesquinhasias d'este globo.

O rapido desvanecimento das idéas funebres do caso, deve-se á visita da senhora Angelica que não veio mais cedo por ter estado ás portas da morte com um catarro, que lhe cahira nos bofes, como ella se explicava subindo as escadas.

—A snr.<sup>a</sup> D. Angelica por aqui!—disse Rosa descendo a recebe'-la.

—Deixemo nos de *dom*. Cada qual é como cada um. Eu cá sou filha de negociante, e não quero essas trapalhadas da fidalguia. Então, como passa a minha menina?

—Muito boa, e a sr.<sup>a</sup> Angelica doentinha, não é assim?

—Deus louvado, vou melhor dos bofes, mas, acho

que tenho aqui no costado, salvo tal lugar, um lobinho, que hei de queimar com a massa.

Elisa tinha o lenço na bocca, para suffocar o riso.

—Então, esta menina é que é a sua amiga?

—Tenho a gloria de merecer tal nome—respondeu Elisa.

—Por muitos annos e bons... Então vossemecê de quem é filha, ainda que eu seja confiada?

—Meus paes ceifou-os a dura foice da parca.

—A Parca? não conheço essa senhora. Sua mãe chama-se a sr<sup>a</sup> Parca?

—Não, senhora—atalhou Rosa, porque a sua amiga não podia responder, suffocando com uma gargalhada.—A mãe d'esta menina, e tambem o pae, morreram já.

—Ah! sim? pois Deus lhes fale n'alma, e elles a abençoem no céo, que é bem galantinha... Porque não vae ser freira, minha menina?

—As almas livres não querem ferros. Umas nascem para o culto dos templos, outras vêm o altar de Deus na natureza.

—Ella que diz?—perguntou a velha a Rosa.

—Diz que não nasceu para freira.

—Não diga isso, menina, que é peccado. Todos nascemos para o serviço de Deus, e deve ir para carmelita, que é uma ordem muito apertada, e ganha-se o céo, com a pobreza e a paciencia.

—O céo ganha-se com os vóos do espirito.

—Que é? os avós do espirito? não creia n'isso; nas carmelitas não ha espiritos ruins... Ri-se? ora queira Deus que não chore ainda... Quem lbe disse que andavam espiritos nas carmelitas? Olha as santinhas! coitadas!... E' cousa que não consta é espirito nas carmelitas...'

—Isso creio eu; mas por isso mesmo é que a materia me não convida. O grande espirito é Deus.

—Jesus! que heresia! A menina parece-me douda!

—Não é, não, sr.<sup>a</sup> Angelica... E' porque ella fala sempre em alto estylo...

—*Estylo!*... que é isso de estylo!...

—A sua linguagem é mais sublime que a costumada entre pessoas sem luzes.

—Sem luzes!... Eu não vos entendo, raparigas! Vossemecês aprenderam o latim?

—Não, minha senhora—disse Elisa—a nossa lingua é portugueza, e as nossas phrases tem o toque da superioridade, que nem todos os espiritos alcançam!...

—E ella a dar-lhe com os espiritos!... Parecem-me doudas! Quem vos ensinou esse palavriado de latinorios e berl.ques-berloques que ninguem entende? E' isso o que vós aprendeis no recolhimento? Deixae-vos d'essas tolices e falae como a outra gente 'nossa laia.



—Da nossa?—disse Elisa—Não lisonjeia a miscellanea.

—Miscellanea!... quem é a miscellanea? Eu não a entendo!... Ella que diz, Rosa?

—Diz que as pessoas instruidas...

—Pessoas estruidas, Deus me livre d'ellas... Olha como ella se ri!... Esta rapariga tem aduella de menos, não tem Rosinha?

—Tem aduella de mais... E' uma senhora muito esperta, sabe francez, e faz poesias.

—Eu a arrenego! pois ella é como os homens, que vão ali berrar debaixo das janellas das freiras a botar versos para cima?

—E' verdade... Eu faço versos; a musa favorece-me: o Pégaso voa comigo á apolinea fonte, e converso com os deuses na Castallia.

—Ella parece lá d'esses reinos estrangeiros!—disse, torcendo o nariz, a sr.<sup>a</sup> Angelica.

—Sou lusitana, não nego a patria. Nasci nas margens do patrio Douro.

—Nasceu no Douro? Então isso como foi? Sua mãe teve-a no rio? Vinha, talvez no barco... pobre mulhersinha!... E ella a rir-se!... Ella não está boa!...

—Desaperta-me, Rosa, que eu arreberto—exclamou, suffocada de riso, Elisa.

—Eu não n'ó disse? Eu logo vi que ella não esta-

va boa! Isto é cousa má que se lhe metteu no corpo... Dizem que o demónio ás vezes fala de modo que só o entendem os padres. Quer a menina que eu vá chamar-lhe um fradinho de muita virtude, para lhe lér os inzorcismos?

—Minha alma detesta o frade.

—E' frade de testa... e de cabeça... é muito sabio... Eu vou busca'-lo...

A sr.<sup>a</sup> Angelica atirava com a côca da mantilha para a cabeça, e preparava-se para sair em cata do frade, quando Rosa, perdida tambem com riso, lhe acenou que não fosse.

A parvoice sinceramente estupenda estava pintada na indescrível physionomia da velha.

—Sébeis que mais? não me entendo comvosco! Não sei o que pareceis! Ou vós estaes doudas, ou a graça de Deus vos desamparou!

—Venha cá, sr.<sup>a</sup> Angelica, falemos sérias... Eu sou sua amiga, e Maria Elisa tambem o é. Nenhuma de nós está vexada do espirito mau... é porque vossemecê não nos entende, e pensa que a nossa linguagem não é do mundo dos mortaes. Eu sou a mesma Rosa, muito sua amiga, e sinto immenso prazer em vê'-la n'esta sua casa, e quero que venha cá muitas vezes.

—Agora já entendo o que me diz... A gente deve falar como fala todo o mundo. O latim é lá cousas de

pregadores, e dos doutores. Uma mulher em sabendo a ladainha e a *Magnifica*, sabe o latim preciso para a salvação. . . Com que assim, minha Rosinha. . . Como se dá por aqui?

—Muito bem.

—E a outra menina?

—Plenamente jubilosa.

—Ella lá torna com o berzabum dos latinorios! . . . Valha-a Nossa Senhora!

—O' Maria Elisa, fala em baixo estylo. . . humanisa-te.

—Repugna-me. Não sei manchar a lingua de iguaria indigena.

—Que diz ella? que eu sou indigena?

—Não, senhora; diz que não póde falar como nós.

—Pois então que esteja calada. . . O' Rosinha, eu queria-lhe uma palavra em particular.

—Pois sim; iremos para o meu quarto. . . eu venho já, Elisa.

—Vae .. mas guarda-te do filtro da Gorgona fatal.

—Ella lá fica com os gorgues, gorgues! . . . mámez para ella!—murmurou a sr.<sup>a</sup> Angelica.

## CAPITULO XII

—Ora venha cá, Rosinha. . .—disse a sr.<sup>a</sup> Angelica, pendurando a mantilha na porta, e acocorando-

se n'um tapete, que ella suppoz ser feito para isso -  
Sente-se ao pé de mim.

—Eu não gosto d'essa posição, que é incommoda-  
tiva. Sento-me n'esta cadeirinha.

—Pois sim; mas chegue-se bem para mim, que  
não quero que nos ouça a sua amiga. Deus me per-  
dôe, mas não engrajo com os modos d'ella. . Aquillo  
não ha de ter bom fim. . . Tem muito palavriado. . .  
Ora diga me, de que presta aquella rapariga?

—De muito; é a minha amiga do coração; conhe-  
ço-a ha dois annos; quero-lhe como a ninguem, e  
basta.

—Está dito. . . Pelo que vejo, aqui não ha rei nem  
roque, e quem governa é vossemecê, não é verda-  
de?

—É, sim, senhora. Quem governa em minha casa  
sou eu.

—Pois, minha menina, precisa de quem a gover-  
ne. Os tempos não vão bons para as donzellas. Deus  
me perdôe se pecco, mas o diabo anda ás soltas en-  
tre as raparigas desde que os francezes vieram lá do  
fim do mundo ao Porto. No meu tempo não se ouvia  
dizer que uma rapariga namorava este nem aquelle.  
Hoje, bemdito seja Deus, quem tiver raparigas em  
casa, traga-lhe o olho em cima, senão, quando mal  
se precata, os peralvilhos. . . nem pensa'-lo é bom! . . .  
E más linguas? isso então é um louvar a Deus! Pois

aquella grande bebedeira da mulher do retrozeiro, que mora defronte de mim, não foi dizer ao meu Antonio que eu, quando era moça... em nome do padre, e do espirito sancto... Cala-te bôca... Olhe que sempre! Ninguém diga que está bem! Uma desavergonhada assim! Estar eu mansa e quêda em minha casa, amando e servindo a Deus como posso, e nemja como devo, e vae senão quando aquella lingua damnada não teve o ousio de falar da minha conducta, que não teve nunca tanto como isto que se lhe puzesse (*mostrando-lhe a ponta do dedo*)! Ah! está por que Deus não manda chuva, e mandou a praga dos francezes para nosso castigo... é por causa da Anna Canastreira, e outras que taes... Aquella grande regateira! Atrever-se a pôr a bôca na minha honra! E ella? A porca, que andou... Cala-te bôca... E tem aquella de falar de mim, que fui sempre como as estrellas, e que nunca houve na rua quem dissesse, com verdade, que me viu piscar o olho ao congregado, nem ao conego Anselmo! Inda a lingua se lhe tolha, e descanso não tenha ella de dia nem de noite sem me pedir perdão...

—Então é isso ó que precisa dizer-me, sr.<sup>a</sup> Angelica?

—Inda não chegamos lá, Rosinha. Isto vinha a respeito de dizer que as donzellas não estão seguras com esses melcatrefes que por ahí andam de oculos,

e polainas, que me parecem mesmo o demonio tentador! . . .

—Elles tentam n'a, sr.<sup>a</sup> Angelica?

—A mim? para cá é que elles vem bem! . . . Eu os arrenego! Assim que os vejo ao longe, reso o credo em cruz. . .

—E perseguem-n'a os peralvilhos?

—Hão de ter bom olho! . . . Elles só perseguem as que lhe dão trela. A mim? isso sim. . . Inda não ha muito que um mariola me puxou pela mantilha, ao saír da Capella das Almas, e eu voltei-me para elle . não lhe digo nada. . . apenas me viu, aquillo foi como se lhe desse com um sedeiro na cara, voltou logo o focinho. Está-se a rir, Rosinha? E' como lhe digo. Os homens, em vendo má cara nas mulheres, não tenha medo que elles se atrevam. . . E mais eu agora já não sou o que era. . . estou muito acabada. . . estes malditos lobinhos, que me vem todos os annos ao cos'ado, fazem-me de fel e vinagre. D'antes eu era a flor das donzellas, isso é que se podia ver os peraltas com o nariz no ar por minha causa. . . Pois, olhe viam-me com os olhos e comiam-me com a testa. . . Uma rapariga quer se honestinha; e quanto mais vamos inda peor é. Está dito. . . agora vamos começar o nosso arranjo.

—O nosso arranjo?! Que arranjo temos nós, sr.<sup>a</sup> Angelica?

—Nada de pressa... ha muito tempo para morrer... Ora vamos, Rosinha... inda está dos mesmos humores de ha dois annos?

—Que humores? não me lembra quaes eram...

—A respeito do seu matrimonio com o meu Antonio.

—Ah! nem me lembrava essa brincadeira... Sim, minha boa senhora, ainda estou, e estarei, resolvida a não casar com o sr. Antonio.

Maria Elisa, pé ante pé, viera collocar-se atraz de Angelica fazendo-lhe carantonhas, que obrigaram Rosa a sentar-se de ilharga por não poder conter o riso.

—Com que então está na mesma!... Ora, se Deus quizer, a sua cabecinha ha de mudar. Pense bem no caso, Rosinha. Lembre-se que meu irmão não sabe o que tem de seu. Lá, se é velho, olhe que faz dar a agua pela barba aos novos. Não vê aquellas côres, que elle tem? Olhe que alli onde o vê, inda tem muita força. Come-lhe bem, e está gordo como um tanho.

—Bem sei que está gordo; mas que me importa a mim a gordura de seu irmão? Como não quero vende'-lo a peso...

—Isso não é resposta de menina honesta, Rosinha, Não se ponha a rir... Acho que já tem as manchas da sua amiga. Foi ella que lhe disse que não quizesse o meu Antonio? Tomára-o ella.

—Pois offereça-lh'o

— Que se lave... Olha a labisgoia! Se meu irmão se via com aquella tartamuda, que ninguem a entende, entisicava! E ella tem legitima?

—Quem, a minha amiga? é muito rica, por morte de duas tias, que são pouco mais ou menos da sua idade, sr.<sup>a</sup> Angelica.

— Da minha idade? Então ainda pôdem viver muito, e tarde virá a legitima...

—Quantos annos tem, sr.<sup>a</sup> Angelica?

—Quem, eu? eu lhe digo... Eu sou mais velha que o meu Antonio, que é da idade do Joaquim Antunes, casado com a Theresinha dos Loios, e que se lembra de ouvir dizer a sua mãe que o meu Antonio era da idade do sr. Joaquim, e eu sou da idade da sr.<sup>a</sup> Brizida, que dizia minha tia Aniceta que nascera ao mesmo tempo, e se baptisára no mesmo dia com o Thimoteo, que ninguem ha de dizer a idade que tem

—E' o mesmo que acontece a seu respeito, depois da sua conta. sr.<sup>a</sup> Angelica.

--Pois é verdade; eu o que tenho é estar acabada; meu irmão está gordo e feio como sempre o conheci. Quizesse elle casamentos que lhe não faltavam.

—Pois, sr.<sup>a</sup> Angelica, sinto muito dizer-lhe que não me sinto deliberada a casar com seu irmão, e que provavelmente ficarei solteira, porque não tenho vo-



cação para o casamento. Acho-me em extremo inclinada ao celibato.

—Quem é esse Celibato? Olhe lá que não vá ser algum pandilha que lhe quer pilbar a legítima!... Eu não conheço esse sr. Celibato... é negociante?

—Nada; é um cadete... —disse Rosa mordendo o riso nos beiços.

—Ah! um cadete, chamado Celibato... Conheço muito bem; ouvi falar n'elle... é um grande tratante. Não queira esse bigorrilhas.

—Ah! que malvado! Eu não sabia que o sr. Celibato José...

—E' verdade, Celibato José... já me esquecia...

—Da Cunha...

—Sim, sim... da Cunha; é o mesmo, tal e qual! Ora vê como eu lhe vali, Rosinha?

—Agradecida, minha amiga. Detesto esse tyranno! Guardarei meu coração para outro esponsalicio...

—Eponsalicio! parece-me que conheço esse sr. Esponsalicio...

—E' um rico proprietario...

—Enganaram-na, Rosinha. Esse Esponsalicio...

—Da Costa...

—E' o mesmo... louvado seja Deus, que me trouxe aqui!... Esse Esponsalicio da Costa é um traficantê, que enganou a filha de uma minha ami-

ga, e que diz á bôca cheia que não quer casar com nenhuma! Não caia em lhe receber palavra de casamento, Rosa... Deus a guarde d'essa tentação!...

—Nenhum d'elles, pois, é digno do hymineu?

—O Hymineu! Apre! que são muitos. Eu tenho ouvido falar n'essa pessoa... Inda outro dia a mulher do João Pereira, que tem chinó, estava a falar mal d'elle. Não pôde ser grande pessoa, porque anda mettido com tal mulher...

—Pois bem: farei um juramento. Não casarei com o sr. Celibato!

—Bonita...

—Nem com o sr. Esponsalicio!

—Ora, pois.

—Nem com o sr. Hymineu!

—Isso é que se chama ter a cabeça no seu lugar.

—Nem com o sr. Antonio!

—Valha-a Deus, menina, valha-a Deus, que tem o passarô na mão, e deixa-o fugir... Case com o meu Antonio, e verá que pimpona elle a íraz!

—Fiz voto de morrer solteira. Os meus votos são infalliveis. Serei como as Vestaes.

—As bestiaes! Deus a livre d'isso! A menina tem alma, e não pode ser bestial...

—O mais que posso é convidar a minha amiga a receber a terna dextra do ditoso Aouio.

—Que diz, Rosinha? Parecia-me agora a outra! Onde vos ensinaram esses aranzeis?

—Pódes entrar, Maria Elisa—disse Rosa, que não podia supportar as caretas que a sua amiga fazia.

—Então ella ahí vem com os latinorios... Vou-me embora, com a graça de Deus.

—Espere, senhora D. Angelica—disse Maria Elisa com burlesca formalidade.—Muito ha, ditosa irmã do mais ditoso Adonis, que eu suspirava por apascentar meus famintõs olhos no manjar succulentó das rosadas faces do sr. Antonio José da Silva, vosso mano, e querido meu. Vi-o uma vez. Ve'-lo e ama'-lo foi obra de um momento. Nunca mais meus olhos tristes provaram os carinhosos afagos de Morpheu. De noite era elle o meu pensamento: de dia o meu pensamento era elle; elle era de dia e de noite o sangue das minhas veias, o fogo ardente do meu coração, e o nome mais appetitoso da minha lingua, e a lingua mais eloquente da minha alma.

—Está douda!...—resmungou a velha, voltando-se para Rosa.

—Douda!—disse Elisa—douda de amor! Cupido, que me varaste o coração de hervada setta, porque não feres o coração de Antonio José?

—Está apaixonada por elle...—murmurou Rosa ao ouvido de Angelica que principiava a acreditar a naturalidade d'aquella dôr sublime.

—Será verdade, Rosinha?

—Não vê como ella soluça.

Maria Elisa retirava-se com o lenço nos olhos para esconder o riso, na janella.

—Ella viu meu irmão?

—Viu, no pateo do recolhimento; e desde esse instante fala constantemente no objecto dos seus votos, que é seu irmão.

—Coitadinha! . . . E' preciso dizer-lh'o a elle, que não vá a rapariga dar volta ao miolo.

—Diga-lhe algumas palavras animadoras, sr.<sup>a</sup> Angelica.

—Venha cá, minha menina; a troco d'isso não se afflija, que tudo se ha de fazer pelo melhor, com o favor de Deus. . .

—Não me illuda, senhora! Não ponha mel nas bordas da taça, que tem no fundo o amargo absyntho! A minha paixão é incuravel como a gotta!

—Coitadinha! . . . por causa da paixão tem gotta! que pena! tão novinha já com gotta.

—Com gotta, sim! Eu com gotta na primavera dos meus dias!

—Pois ella costuma atacar mais no inverno. . .

—Com gotta na aurora da infancia, no crepusculo do amor. . . Com gotta eu! . . . por causa de um ingrato Narciso! Miseranda Ecco!

—Então o tal Narciso que lhê fez? O Narciso é al-

gum cirurgião que a não soube tratar, pelos modos... Pois, minha filha, não chore. Eu vou já d'aqui falar com meu irmão, e veremos como se arranja isto do melhor modo. Ponto é que não esteja cá arrumado para a Rosinha...

—Cruel rival!—disse (à parte) Elisa, com a melhor das caretas imagináveis.

—Injusta! Eu cedi t'ó, e os deuses sabem que sacrificio fiz cedendo a mão do sr. Antonio!

—Bem me parecia a mim, que andava aqui alguma mastigada!... Agora vejo eu porque não queria casar com meu irmão, sr.<sup>a</sup> Rosinha... E' uma boa amiga da sua amiga. Deixe estar, menina, que talvez ainda sejamos cunhadas... E, com isto, vou-me embora que são horas... adeus...

—Vá, mensageira de amor!—disse Elisa.—Propicios céos meus votos abençoem, e os seus desvelos galardoem.

Ausente Angelica, seguiu-se uma tremenda gargalhada, em que estalaram os espartilhos ás duas azougadas moças.

### CAPITULO XIII

Dois ou tres dias depois (parece me que foram tres: aquillo de que eu não estou bem certo não affirmo),

às onze horas da manhã, mais minuto, menos minuto, estava á porta da sr.<sup>a</sup> D. Rosa Guilhermina Taveira, o sr. Antonio José da Silva limpando o suor, e puxando para o abdomen o cozo do rebelde collete de velludo preto, que lhe marinbava em refegos pelo estomago.

Arranjadas assim as cousas no seu logar, o negociante puxou a campainha, e perguntou se podia falar á sr.<sup>a</sup> D. Rosa. Responderam lhe que a menina estava na cama curando uma constipação. Disse que queria falar á sr.<sup>a</sup> D. Maria Elisa, e mandaram-no subir, o que elle fez, puxando, com ambas as mãos, o indomavel collete, que subia a ponto de descobrir o cós das ceroulas, as quaes rebentavam comprimidas pela arquejante barriga de seu dono.

Esperou alguns minutos, que lhe não foram penosos, porque os aproveitou mirando-se em um espelho de sala pendurado defronte da sua cadeira. Conversando com a sua imagem, o sr. Antonio perguntou a si proprio se era elle por ventura o venturoso amado que apaixonára a amiga de Rosa a tal ponto que a virtuosa Angelica (apesar da lingua damnada da Anna Canastreira) escrupulisava, não exgotando da sua parte todos os esforços para que elle Antonio José annuisse, como homem e christão que era, ao suspirado casamento.

Esta era a primeira parte do monologo do nego-

ciante. A segunda, porém, era mais dramatica. O homem tinha pundonor como outro qualquer. Desprezado pela filha do arcediago (que Deus tenha em sua santa gloria) resignára-se, mas não se esquecia do ultraje immerecido. Pensára muito na vingança; mas não sabia com que armas nobres devia vingar-se. Se elle quizesse desferrar-se com deshonra para a sua consciencia, não lhe faltariam occasiões como a que tivera, pouco antes, na qualidade de amigo intimo do curador dos orphãos. Quizesse elle, e Rosa não sahiria do recolhimento. Mas o sr. Antonio José da Silva era um homem honrado, temente a Deus; supposto que peccador, e incapaz de vingar-se vilmente. O desforço, que elle ambicionava, devia ser cavalheiroso, e digno de especial menção no romance, que, trinta annos depois, devia occupar-se da pessoa do sr. Antonio, digna, a todos os respeitos, de fazer gemer os prelos, e dar consumo ao papel das nossas fabricas, interesse duvidoso aos editores, e não sei que migalhas a mim, humilde apologista de todos os Antonios, maiores que o seu seculo, e credores da immortalidade.

Era chegada, pois, a occasião d'este appetecido desforço. O negociante era amado, e amado pela intima amiga de Rosa, tão nova e tão gentil como ella. Antonio José da Silva, dispensador de graças do seu munificente coração, prodigalisaria extremos á sua

amante ditosa, na presença da desprezada ingrata, que se morderia de raiva. Ostentaria caprichosamente os seus ardores de amante e mari-lo no sumptuoso luxo de sua mulher. Rosa ficaria *levadinha da breca* (esta phrase é d'elle genuina) quando não pudesse *hombrear com os calcanhares da outra*. Ora aqui está no que pensava o sr. Antonio, durante os cinco minutos que esperou na sala, não lhe esquecendo de conter nos seus justos limites o collete, que parecia de borracha, porque apenas se via livre dos dedos impertinentes de seu dono, saltava logo para o pescoço, deixando mal velado o promontorio das regiões adjacentes, por não dizer sempre barriga, que é uma palavra que me destôa, e fere os ouvidos pudicos do sexo por excellencia.

No decurso de cinco minutos, que faziam as duas amigas? Estavam perturbadas pela surpresa de semelhante visita.

Nem se lembravam já da scena burlesca em que a sr.<sup>a</sup> Angelica promettera apiedar seu irmão a favor da delirante Elisa. A vinda inesperada suscitou-lhes a desconfiança de que o sr. Antonio vinha colerico e enfurecido, reprehende'-las da galhofa com que receberam sua irmã, e talvez ameça'-las de que, por ordem do tutor, Rosa outra vez seria obrigada a recolher-se, e demais a mais separar-se da sua amiga.

A filha de Anna do Carmo não estava doente. Aquel-



le pretexto era o susto da desconfiança que assaltou a ambas. Ora Maria Elisa, menos tímida, ou mais desenvolta, contra a vontade de sua amiga, não duvidou receber a visita do sr. Antonio, e preparava-se para chalacear as suas iras, se elle não viesse ás boas, como era de suppor, ou ao menos a vaidosa Elisa tinha a sem cerimonia de vaticinar.

Depois arrependeu-se de o mandar subir; e perguntava a Rosa a maneira decente de o despedir, sem ir á sala. N'esta consulta demoraram-se os cinco minutos, e resolveram, por fim, que seria mais discreto ouvi'-lo, e amacia'-lo, para que o maldito as não indispuzesse com o tutor de modo que as forcassem a una cruel separação. Elisa, inferior á sua galhofeira coragem, entrou acanhada na sala, justamente no momento em que o sr. Antonio dava o ultimo puxão ao collete, e limpava a terceira camada de suor que lhe envernizava as pandas bochechas.

O negociante ergueu-se, impando, e levou ambas as mãos ao chapéo, que apenas levantou da cabeça meio calva.

—Ha de dar licença que me cubra — disse elle — porque venho suado, e sou atreito a catarrhos... Aqui corre o ar de encontro áquella porta, e não é lá das me'hores causas para quem traz os póros abertos.

—Esteja a seu bel-prazer, e queira sentar-se—

disse Elisa, suspeitando ainda que, depois do brutal cumprimento, viria a trovoadá dos brutaes insultos.

—Então a Rosinha diz que está constipada?

—Bastante enferma. A minha amiga tem uma compleição melindrosissima.

—É pouco tino tambem. Quando ella esteve comigo era uma desacautelada; levantava-se do calor da cama, e vinha com o saíto pela cabeça acocorar-se na varanda a brincar com a gata... Diacho da gata! era tão amiga d'ella que não viveu muito depois que a não viu em casa. Ha bichos, que só lhes falta a razão, que no mais parecem mais amoraveis que as proprias creaturas com alma! A boa da gata ia-se pôr á porta do quarto d'ella a miar *miau, miou, miou* e, afinal de contas, não queria comer, nem beber, até que appareceu morta no telhado do vizinho...

—Misera gata! que infeliz morte!

—Pois é verdade. Isto veio a respeito de dizer que a Rosinha está constipada. Aquillo a respeito de cabeça não regula lá grande cousa, a falarmos a verdade.

—E' uma excellente menina, cheia de virtudes...

—Eu não digo menos d'isso; mas de cá se vae a lá. Deixe a ter mais dois annos, e verá onde vae dar comsigo...

—Eu creio que ella saberá conter-se nos honestos

limites que lhe são demarcados pela honra, e pelo dever.

—Pois Deus a ouça; mas duvido. Pelo que me disse minha irmã, ella traz na cabeça umas tolices que não hão-de ter boa sabida. Inda não ha tres mezes que sahiu do recolhimento, e já conhece não sei quantos namoros.

—Isso é uma injustiça, sr. Silva. A minha amiga Rosa Guilhermina não tem namoro algum

—Deixe-se d'isso, não a defenda, que eu cá sei tudo. Minha irmã falou-me n'um tal cadete chamado Liberato, ou Celibato, ou não sei que, e um proprietario que tem o nome arrevezado assim a modo de Apparicio... ou Esponselicio... uma cousa assim... finalmente, oxalá que eu me engane, mas não lhe agouro bem... Enfim, quem mal fizer a cama, mal ha de dormir. A pena que eu tenho é ser ella filha do meu amigo arcediago, que Deus tenha na sua presença, que ja lá sabe o bem e o mal que fez... Do mais, deixa'-la lá, que o mal se o fizer, para si o faz...

—Não se afflija. A minha amiga será digna do bom pae que a morte lhe roubou, e não deshonrará jamais as cinzas paternas.

—Pois assim seja. Ora, menina, eu não sou d'esses bigorrilhas que dizem palavras de mel, e sabem d'esses *circumloquios* de trapalhadas com que enga-

nam as moças, e, a final de contas, não dizem nada. Eu sou um homem chão... pau é pau, pedra é pedra. O que sente o coração a boca o diz, e o que a boca não diz não sente o coração. Ora aqui está. Os homens entendem-se pelas palavras, e eu gosto de quem não está a fazer uma grande mastigada de palavras bonitas para dizer o que se diz em duas palavras. Eu venho aqui de proposito falar com a menina, porque minha irmã Angelica foi d'aqui, ha tres dias, e disse-me certas cousas que me buliram no coração. Pelos modos a menina disse-lhe que se lhe não dava de casar comigo...

—Eu?!

—Não se envergonhe de ter confessado os seus affectos. Eu gosto da franqueza, e a gente muitas vezes perde por falar de mais e falar de menos. A' menina bem sei que lhe ha de custar esta conversa; mas, deixemo-nos d'essas *bijularias* do costume, eu estimei muito saber que a menina gostára de mim..

—Eu... não disse que...

—Bem sei que não disse a cousa assim... Eu sei muito bem que a menina tem uma maneira de dizer as cousas com outras palavras mais discretas, mas o que é verdade diz-se com clareza, e eu sei entender as cousas.

Maria Elisa não previa semelhante desfecho! A surpresa annullára-lhe por momentos o sestro cho-

carreiro, e a confusa moça não sabia qual dos partidos devia adoptar, se o da seriedade, se a brincadeira. De mais a mais, a cabeça de Rosa apparece-ra-lhe n'este momento, entre as duas portadas mal cerradas, e o riso, sua feição característica, luctou cruelmente com a seriedade zombeteira, que ella queria sustentar.

—Eu, a falar-lhe a verdade—continou o sr. Antonio, persuadido que o silencio de Elisa era o natural pudor dos dezeseite annos—a falar-lhe a verdade, pela terceira vez que a vejo, não desgosto da sua pessoa. Quando a vi na grade do recolhimento fiquei sympathisando muito com as suas maneiras, e gostei de a ouvir falar, porque eu não sou homem de estudos, mas sei dar valor ás cousas, e gosto de quem saiba dizer duas palavras.

—Ditosa mulher aquella que viver sujeita ao seu dominio! Os vãos do seu espirito não acharão fechados os vastos horisontes do talento, nos penosos sabores domesticos.

—Que é? agora não percebi bem...

—Dizia eu que será uma felicidade pertencer a v. s.<sup>a</sup>.

—Felicidade... isso vae da maneira de ver as cousas cada um. O que lhe posso desde já prometter é que não hei de dar-lhe penas.

—A mim?... Creio que não dará...

—Póde estar certa d'isso. Eu sei como se tratam as pessoas. A gente póde gosar a sua riqueza sem andar á compita com as grandezas dos fidalgos. Isso é que é asneira. Os fidalgos arruinam-se, e vivem por ahi sabe Deus como, atraz de mim e dos outros, que lhes damos a juro o nosso dinheiro, para as mulheres gastarem em velludos, assembléas, e theatros. Dizia o meu amigo arcediago, que quem sáe fóra da sua classe não tem classe nenhuma. E' cá uma idéa que eu aprendi de cabeça, e acho isto bem dito: *quem sáe fóra da sua classe não tem classe nenhuma.*

—E' um axioma.

—Que é?

—E' um axioma, uma maxima, uma eterna verdade.

—Isso é. Um negociante é um negociante, e um fidalgo é um fidalgo. Andam ahi de carruagens uns tres cá da minha classe, que querem hombrear com os fidalgos, e mais hoje ou mais amanhã verão onde vae parar o negocio.

—Pois v. s.<sup>a</sup> abomina a carruagem?

—E' cousa em que nunca andei. Parece-me que aquillo não ha de dar grande saude ao estomago! Tombo para aqui, tomo para acolá, quem fór nutrido como eu ha de por força soffrer dos bofes.

—Engana-se . . . A agitação, causada pelo balanço da carruagem, é saudavel.

—Deveras?! acho que não!

—Queira acreditar-me. Eu tenho lido varios auctores de medicina, que recommendam o uso da carruagem ás pessoas nutridas, como meio de evitar as apoplexias.

—Ah! a menina leu isso nos livros?

—Sim, senhor, e como pessoa que se interessa no seu bem estar, recommendo-lhe o uso da carruagem.

E o carroção não fará o mesmo effeito?

—Creio que não: o carroção é mais moroso, menos agitado, mais impertinente nos solavancos.

—Pois eu estava resolvido a mandar fazer um carroção, porque tenho uma junta de bois na minha quinta de Lordello, e, visto o que me diz . . .

—Parecia-me que v. s.<sup>a</sup> deveria possuir carruagem, já que os bens da fortuna lh'o permitem.

—Lá isso tenho eu para mais; mas que diriam os meus vizinhos se me vissem de carruagem? Eram capazes de me apupar os tratantes!

—Deixe-se d'isso, senhor Silva. As suas commodidades são mais attendiveis que a critica estúpida dos seus vizinhos. Ora diga-me: se casasse com uma senhora debil, que precisasse de passear de carruagem para entreter o espirito nas delicias do campo, v. s.<sup>a</sup> não lh'a compraria?

— Isso comprava; ponto é que minha mulher me fosse leal, e precisasse d'ella, porque lá, por luxo, acho que era uma asneira sustentar uma parelha de machos, e dois creados. E não será melhor uma cadeirinha, ou uma liteira?

— Isso é antiquissimo! . . . De que serve o dinheiro, se o não fazemos servir aos nossos prazeres?

— Diz bem; mas sempre é bom a gente gostar menos do que lhe rende o negocio.

— Concordo; mas acho justo que se engrandeca a gente tanto quanto é possivel.

— Pois a tal respeito falaremos mais devagar. Agora é necessario que tratemos da nossa união. Eu estou disposto a casar com a menina, já que sympathizamos um com o outro, segundo me disse minha irmã. A menina faz-lhe conta casar comigo?

— Acha-me digna de si?

— Eu que lhe pergunto se quer casar é porque sympathiso com a menina.

— Sabe que eu não sou rica?

— Sei que não tem nada de seu. Confiteci muito bem seu pae, que era negociante, e quebrou com honra. Eu não lhe pergunto se é rica. Rico sou eu, e tenho de sobra para que nos não falte nada. O que eu quero é quem governe a minha casa, e herde os meus bens [por] minha vontade, porque o que tenho não quero que vá parar a sobrinhos. Se lhe serve, o



que ha de fazer-se ao tarde faça-se ao cedo. Não tenho mais nada a dizer-lhe; pense no negocio, e responda-me breve...

—Eu responderei...

—Está dito tudo. Dê cá recados á doente, e saiba que fico sendo seu amigo.

.....  
O rico mercador de pannos retirou-se. D. Rosa veio a rir-se, ao encontro de Elisa, e, vendo-a séria, perguntou-lhe:

—Tu não te ris, Elisa?

A litterfata respondeu com o silencio e a seriedade.

—Em que pensas tão trombuda?—replicou Rosa.

—Em que penso?... eu sei cá em que penso!... Acho que não penso!...

—Aposto que te serve o noivo?!

—Estás a caçoar, Rosa!

#### ENTRE-PARENTHESIS

Oh benemerita philosophia! quão sublimes effectos a humanidade experimenta da tua sisuda influencia!

Oh! candida filha do talento, irmã gêmea da independencia, neta de Catão, e parenta proxima dos Catões da minha terra, ó patusca philosophia, que santo prestigio tu exerces nas almas, desde que Diogenes arremessou a escudela que lhe não servia de nada!

Ob! philosophia das mulheres, tu és sobre todas a melhor das philosophias! A teu respeito poderia eu escrever este capitulo XIII, que ficaria sendo um capitulo de abalo no espirito publico, mas, não tenho agora vagar, nem me lembra nada que se tenha escripto a respeito da philosophia das mulheres

Apesar da minha ignorancia n'este ramo (unico em que não sou profundo) tentarei, indulgentes leitores, iniciar-vos na philosophia de Maria Elisa, que foi, honra lhe seja, a mais fervorosa sacerdotisa do culto.

Nada mais boçal, mais rude, mais soez, mais detestavel que a figura, o abdomen; o palavreado, o suor, e o collete, do senhor Antonio José da Silva.

De accôrdo.

Nada mais repulsivo que os seus tres papos, que as compressas dos collarinhos reduziam a seis refêgos, parecidos com o intestino mesenterio do cevado, que é a mais saborosa das tripas do tal animal (seja dito de passagem).

Nada mais displicente que os seus olhos azues, abertos a canivete, na franja de uma pequena testa quadrada.

Nada mais abominavel que os seus quatro dentes em anarchia, impellindo, emparceirados com a lingua, perdigotos ás legiões, que orvalhavam, a qua-

tro palmos de distancia, a physionomia dos circumstantes.

Nada mais irrisorio que a supina ignorancia das suas sandices, á mixtura com anexins fastidiosamente vulgares, e momices mais ou menos grutescas, mas sempre ridiculas ou nauseabundas. E os callos, e os joánetes? tudo horrivel!

De accordo.

Mas o dinheiro do senhor Antonio José da Silva! o dinheiro, atilados leitores, vêde bem que se trata de dinheiro, dinheiro em abundancia, placas de ouro e prata, cousas torpes e vis, confessemos que sim, mas cousas com que se compram as carruagens, os velludos, os setins, os jantares, os bailes, a consideração, os ouvidos, os olhos, as linguas, as pennas, as eloquencias, com que tudo se compra inclusive os romances, illustradas leitoras, e intelligentes bachareis!

O DINHEIRO!

Vós não sabeis o que são essas oito lettras, que só ellas valem as vinte e cinco do alphabeto! Vós não sabeis que eu conheço quatro, dez, trinta alarves de uma estupidez fabulosa que escondem n'uma luva branca a mão, que deveria aguçar brochas, e palmilhar sapatos; que encostam aos coxins das carruagens os lombos musculosos que a natureza affeioára para as asperezas do costal; que mascaram a hedion-

dez do vicio ignaro, o peor de todos, com o riso alvarmente cynico de todos os homens endinheirados, que é um riso particular.

Esses taes são tudo isso e mais alguma cousa; e eu sou o primeiro a sorrir-lhes urbanamente, com meiguice, com mimo até, folgo que me apertem a mão, que me chamem amigo, embora depois se riam de mim, folgo e ennobreço-me d'essa esmola de consideração, porque, se, em minha consciencia, reconheço que são elles os devassos, os torpes, os ignorantes, os incorrigiveis, a minha illustrada cabeça diz-me que eu amanhã serei apedrejado, na praça publica, se esses taes passarem por mim sem me cartejarem, e retirarem a sua mão da minha.

O DINHEIRO, amigos! Eu nunca me cançarei de vos lembrar esta palavra, tres syllabas distinctas que fazem o unico deus verdadeiro d'este paganismo ignominioso em que medram os vicios da sociedade.

Tres syllabas! trindade veneranda que representa o mytho de todas as religiões, em cada uma das quaes o profundissimo Dupuis achou uma trindade, e não descobriu esta, que eu tenho a honra de evangelisar-vos.

O DINHEIRO, enfim, foi o dinheiro, representado em Antonio José da Silva que perturbou a tranquillidade descuidosa de Maria Elisa, desde o momento fa-

tal que a serpente, na feia figura do negociante, veio tentar a Eva da viella do Laranjal.

#### CAPITULO XIV

A pobre orphã do Recolhimento, antes de conhecer Rosa Guilhermina, enraivecia-se de não ser pensionista para participar das regalias das ricas, que tinham o direito de responder com altivez às reflexões das mestras, e às rabugices da velha regente.

Reprimida pela necess'dade de obedecer, phantasiava extravagantes futuros d'onde a felicidade poderia vir resgata'-la á humilhante condição de orphã dependente da caridade publica. Moça ainda de treze annos, lembrava-se de muitos casamentos ricos com meninas pobres d'aquella casa, e botava sortes e adi-vinhas, que todas lhe annunciavam o suspirado casamento. Uma velha, que sabia lançar as cartas, e com a qual havia muita fé no recolhimento, tres vezes lhe vaticinou um vantajoso casamento.

Relacionada com Rosa Guilhermina, a ambiciosa orphã esqueceu-se um pouco das suas queridas esperanças, porque, desde o momento em que ganhou a intimidade da sua amiga, dispensou a ração da casa, e viveu, independente da misericordia, como irmã com a pensionista.

Se algumas vezes contou á companheira os seus passados sonhos de casamento, Rosa ouviu-lb'os rindo, e pediu-lhe que nunca se lembrasse de tal emquanto ella fosse viva, e tivesse um bocado de pão que repartir com ella.

Ainda assim, Maria Elisa tinha assaltos de vaidade e soffria, lembrando-se que não podia indemnisar alguma vez as liberalidades que recebia de Rosa.

Quando se installaram, senhoras suas, na casa do Laranjal, Elisa pensou no seu futuro, e lembrou-se que viria tempo em que Rosa trocaria por outros affectos os carinhos d'ella, e acharia pesado o encargo de sustentar com tantas regalias uma extranha.

Este reservado pensamento, que ella, eminentemente philosopha, sabia calar, dominou a muito tempo, com bem pouco elogio para a sua edade e para o seu caracter.

Quando veio á sala zombar de Angelica não havia n'essa caricatura de rapariga apaixonada intenção séria, nem podia have'-la.

Quando o senhor Antonio principiou a franca exposição dos seus sentimentos, que elle significava na meíodiosa palavra «sympathia», Maria Elisa zombava ainda, e respondia com caretas ás caretas de Rosa.

Quando, porém, o capitalista falou em luxo, em carrogens, em fidalgas, e, sobre tudo, na necessi-

dade de deixar uma herança, que não queria deixar aos sobrinhos, a moça pobre lembrou-se das suas esperanças desvanecidas, e dos prognósticos da velha do recolhimento, que lançava as cartas.

E, portanto, Maria Elisa, a seu pesar, recaiu de repente na gravidade do assumpto, e ouviu as ultimas palavras do ingenuo negociante com a discrição que o caso pedia.

Aqui o que temos a admirar, se alguma cousa vale a pena da admiração, é a philosophia tão saturada aos dezeseis annos!

A idéa philosophica, em uma mulher, começa aos vinte e cinco annos, e acaba aos quarenta e cinco. Até aos vinte e cinco domina a poesia, dos quarenta e cinco para deante, se não domina a theologia, ha de forçosamente dominar a toleima, que os vocabularios definem «tolice grande». Isto não é maxima, que valha as de *Larochefoucauld*; mas é, no seu tanto ou quanto, uma maxima que deve aproveitar a muita gente.

Maria Elisa, porém, fôra demasiado temporã na razão da philosophia. Antecipou se, é verdade; mas veremos que não abortou por vir cedo de mais. Os grandes pensamentos tem cincoenta annos de incubação nas entranhas da sociedade. Terão: não duvido nada; mas o maior pensamento, que se conhe-

ce, é o de Elisa em casar com o senhor Antonio, e vingou em cincoenta minutos.

As perguntas de Rosa mortificavam-na.

A ciumenta amiga custava-lhe a crer semelhante extravagancia; mas a importancia grave que Maria Elisa estava dando ás perguntas zombeteiras, que lhe eram feitas, aggravou a desconfiança da sua amiga.

Por esquivar-se ás impertinentes instancias da arrufada Rosa, a noiva, em perspectiva, refugiou-se nas chufas ao promettido esposo, e conseguiu dissuadir a amiga, que foi tão facil em descrer como tinha sido em irritar-se por um ciume extravagante.

Quando emprégo a palavra «ciume», não se persuadam que a filha do defuncto arcediago era rival de Elisa. Justiça lhe seja feita: D. Rosa era rival do senhor Antonio. Como estas cousas são, não me importa a mim sabe'-lo. Ha no coração de duas mulheres muito amigas puerilidades assim, segundo me consta.

Maria Elisa pensou na aventura toda a noite.

Para neutralisar a cubiça do luxo, e da independencia, a ambiciosa pequena afigurava-se ligada ao senhor Antonio, carnal e positivamente como Deus o atirára a este mundo. Punha de parte o dinheiro, afastava o crepe dourado, para ver o cadaver em todo o horror das ulceras; mas o demonio tentador não



lhe pintava uma cousa sem lhe pintar a outra. Pelo habito de imagina'lo familiarisou-se com elle, e já lhe não parecia tão repulsivo. E, se declinava os lindos olhos do homem para a opulencia embrionaria no ouro d'elle, a philosophica menina via cousas lindissimas, e deslumbrava o coração esquivo com as liberalidades que a cabeça lhe promettia.

E, no mais caloroso do seu delirio, via um marido velho, e uma riqueza pósthuma a gosar, e um coração, cheio de vida, a offerecer.

Foi esta a final conclusão dos seus raciocinios, que ella não deixou escriptos em compendio para uso dos collegios de meninas; mas que, depois d'ella, temos visto que foram adoptados, e que fazem hoje as delicias das educandas. Os bons principios teem isso comsigo.

O dia seguinte correu sem novidade.

O outro foi um dia triste para ambas as meninas.

El'sa parece que se esquivava á sua amiga. Rosa ensaiou uma pergunta definitiva; mas não ousou preferi'-la.

Ao terceiro dia, uma carta do senhor Antonio José da Silva foi causa de grandes dissabores. O conteúdo era assim:

«Senhora D. Maria Elisa.

«Porto, 24 de abril de 1818.

«Minha senhora do meu coração e da minha par-

«ticular estima. Faz hoje tres dias que falámos em  
«certo negocio a respeito da nossa união. Muito de-  
«sejava eu saber, para meu governo, se v. s.<sup>a</sup> está  
«resolvida a dar-me a sua mão de esposa. Estes ne-  
«gocios não devem demorar-se. Eu já lhe disse o  
«que lhe tinha a dizer. Por motivos, que á vista lhe  
«darei, estou deliberado a casar-me o mais breve.  
«Soube que v. s.<sup>a</sup> sympathisava coimigo, e eu da mi-  
«nha parte não desgosto da sua pessoa. Por isso, se  
«houver de se fazer este casamento, ha de ser já,  
«quando não com bem desgosto do meu coração pro-  
«curarei outra que tenha as boas qualidades da me-  
«nina. Peço-lhe que responda com brevidade. Mande  
«no seu serviço este que é e será até á morte

«De v. s.<sup>a</sup>

«Attento venerador e creado obrigado,

«Antonio José da Silva.»

Está conforme o original, excepto a grammatica, a pontuação e a orthographia.

Maria Elisa, não podendo illudir as instancias de Rosa, sem ler a carta, relatou a seu modo o conteúdo. Vejam que a vaidade não a deixava já expôr ao escarneo da sua amiga a redacção do capitalista! Por mais que a curiosa teimasse, não conseguiu julgar do coração do seu antigo amante pela eloquencia da carta!

Perseguida, cansada de fingir, exausta de pretextos, Elisa disse á sua companheira de dois annos:

—Eu amo te muito, minha querida amiga. E's a primeira e a unica pessoa a quem consagrei a minha alma, e todos os instantes da minha existencia, que não será longa, longe de ti; mas não posso contar com o teu apoio toda a vida. Preciso de ser independente, como tu és, para bem avaliar as tuas generosidades. A verdadeira e duradoura amizade firma-se na independencia . . .

—Olha que me ultrajas, Elisa! Eu fiz-te nunca sentir a tua dependencia?

—Fizeste.

—Fiz! isso é uma mentira, que me escandalisa!

—Fizeste com os teus carinhos. Quanto mais procuravas esconder aos meus proprios olhos os beneficios, que me fazias, mais os olhos do meu coração se abriam, para ve'-los, e mais devedora me considerava aos teus extremos. Quer Deus que eu seja o que não poderei ser de outra maneira. Serei rica. Não digo que seja feliz; porque a ventura não a dá o ouro, nem as lagrimas da saudade se enxugam com o dinheiro. Mas eu sou sempre a tua amiga. Serás sempre a minha confidente. Serão reciprocas as nossas casas, e as nossas riquezas. Viveremos tão juntas como até aqui. Terás, mais ditosa que eu, um marido da eleição da alma. Serás venturosa, com el-

le, e eu um dia... talvez... bem cedo... viuva, e rica... serei outra vez a tua irmã, debaixo das mesmas telhas...

—Isso nunca!

—Nunca!... Porquê?...

—Nunca!... Quem me não amou até hoje, virá depois offerecer-me riquezas que desprezo, e não preciso.

—Eu não virei offerecer-te riquezas, porque rica és tu. Virei outra vez atar o fio que se vae quebrar entre os nossos corações, se é que a separação de instantes é um laço de dois corações que se desata! Rosa, não chores, que me comprimes o seio... Dá-me a tua mão... não sentes que estas palpitações só tuas pódem ser? Apraz-te martyrisar a tua amiga?...

—Impostora!

—Impostora, eu, Rosa, e tens alma de me dizer tal? Não sentes o remorso de tamanha offensa?

—Não! E's uma ingrata, que me trocas pelo dinheiro de um homem que eu desprezo.

—Porque és rica.

—De um homem a quem chamavas os mais desprezíveis nomes.

—Que hoje outra vez lhe dou.

—Então como podes tu sacrificar a tua vida a um ente abominavel?

—Porque não tenciono sacrificar-me . . . O escravo ha de ser elle.

—Não te entendo! O escravo ha de ser elle! . . . de que modo?

—Obriga'-lo-ei a servir os meus caprichos.

—Quaes caprichos?

—Todos.

—Vaes ser uma esposa infiel?

—Não.

—Vaes ter carroagem e vestidos ricos?

—Vou.

—E se te não dér carroagem, nem vestidos?

—Ha de da'-los.

—E se não dér?

—Divorcio-me . . . metade da sua riqueza será minha.

—E queres dar escandalo?

—Escandalo é ser pobre. Vejo-te hoje muito moralista.

—E tu pareces-me philosopha de mais.

—Antes isso.

—Que maneira de responder!

—E' como a tua de perguntar . . . Não nos zanguemos, Rosinha. Sejamos boas amigas. Aconselha-me que me case, que é a maior prova que podes dar-me da tua estima.

—Faz o que quizeres... és livre Enganei-me contigo... creei uma vibora no meu seio.

—Isso é de uma novella que nós lemos ha dias. Nada de arrufos... Vamos cear?

## CAPITULO XV

RESPOSTA Á CARTA DO SR. ANTONIO JOSÉ DA SILVA

«Ill.<sup>mo</sup> sr.:

«Hontem recebi a sua preciosa carta. O meu coração delirou de contentamento, e a minha penna não pôde fielmente interpretar os jubilos do espirito.

«Não se resiste aos seus carinhos. É-se arrastada involuntariamente para a fasninação dos seus affectos. Deslumbra-se o entendimento, e humilda-se o amor proprio na presença de v. s.<sup>a</sup>

«Sim. Eu serei sua esposa, e satisfarei assim a mais incendiaria ambição da minha alma. O matrimonio, porém, é de todos os passos o mais sério passo da vida. Se resvala o pé, o casamento é o desfiladeiro, que conduz ao tumulo. Eu mando calar a minha paixão. Faço que o cego amor emmudeça para que a razão fale. Raciocinemos, pois, que assim é preciso.

«V. s.<sup>a</sup> já conhece bem o meu character? Creio que não. Eu não sou uma mulher vie! l' enho um

«grande coração para amar; mas o amor não é suficiente alimento para elle. Sou ambiciosa de brilho, de ostentação, de gloria, e não poderia fazer feliz, um homem pobre, porque preciso resplandecer aos olhos de meu marido e ao dos extranhos.

«Este brilho que ambiciono, não é um instrumento com que eu queira ferir a minha honra, ou a honra de meu marido. Pelo contrario, humilde para elle a quem devo tudo, serei soberba da minha grandeza para todos os outros.

«Se me quer para esposa, se me quer para dominar o seu coração, e ser dominada no meu, é preciso que v. s.<sup>a</sup> se comprometta, por sua palavra de honra, a não embarçar-me no livre gôso da riqueza que me transmite, desde o instante em que um eterno vinculo nos prender.

«Eu sei que v. s.<sup>a</sup> vive acostumado a uma mediocridade que não enquadra no meu grande espirito. Não vá esse fatal habito, no futuro transtornar a nossa tranquillidade. Reflexione, senhor Silva, enquanto é tempo e responda-me quando o coração concordar com as meditadas reflexões, que tem honra de fazer-lhe esta que é

De v. s.<sup>a</sup>

«Muito affectuosa amante, e attenta veneradora,

«*Maria Elisa Sarmiento de Athaide.*»

O senhor Antonio leu tres vezes a carta e entendeu o essencial. Uma das maiores difficuldades que zombaram da sua intelligencia foi a mais simples das cousas: a assignatura.

—Como é (dizia elle) que ella se chama *Sarmento de Athaide*, se seu pae era Joaquim Nunes, e sua mãe Michaela Felisberta? Isto, pelos modos, cada qual assigna-se como quer! Pois eu hei-de morrer como nasci...

Estas sensatas reflexões foram interrompidas pela senhora Angelica.

—Já recebeste resposta, Antonio?

—Agora mesmo.

—Ora lê lá isso.

O noivo leu a carta, que sua irmã ouviu com a boca aberta, franzindo a testa a cada palavrão, que seu mano não entendia melhor do que ella.

—Está uma carta d'uma vez!—disse a senhora Angelica, abrindo os olhos para o lado da testa, e apanhando com os seus tres dentes, resto de maior quantia, o beijo inferior, em signal de admiração— Isso é que é falar! O diacho da rapariga parece que tem cousa má! Aquillo é que é uma cabecinha! Diz que bota sonetos, e lê pelos livros grandes dos doutores! Ora vejam lá como a boa da pequena sabe estas palavras, e diz tudo que faz mesmo pasmar!... É um regalo ouvir essa carta... Ora lê lá outra vez,



meu querido Antoninho, que tens uma noiva de toda a sabedoria!

O senhor Antonio leu quinta vez a sublime carta.

—Com effeito!— tornou a senhora Angelica— eu aposto se um doutor a fazia melhor! A pequena parece que veio ensinada da barriga da mãe... Cousa assim não consta!... Nunca vi nada mais bonito! Então isso que quer dizer?

—Pois tu não entendeste?

—Assim me Deus salve que não.

—Isto quer dizer, sim... quer dizer que... é verdade, isto quer dizer, que me tem uma grande afeição da sua alma, e que está prompta a ser minha esposa...

—Coitadinha!... Isso já eu sabia... eu não t'o disse? Ora vê lá como as cartas falam verdade! Bem dizia a Escolastica de Miragaya que a igreja te saía brevemente... E não diz mais nada a minha cunhadinha?

—Diz que quer muito vestido, e muita... sim, diz que quer muita grandeza para metter figas nos olhos...

—A' Rosa? bem haja ella! Eu cá tambem fazia o mesmo!... Pois olha, Antonio, por ser cousa tua hei de dar-lhe o meu vestido de vareja branca com lentejoulas para o casamento, e as plumas que minha madrinha me deu, que lhe hão de ficar ás mil

maravilhas. O vestido não tem mais que pôr-lhe meias mangas, e subir a cintura para cima, que no mais está na moda; custou-me a quatro mil réis a vara... d'aquella fazenda ha mais de trinta annos que cá não vem tão boa... E que mais diz a carta? não me manda visitas?

— Não... esqueceu-se...

— Pois, se lhe escreveres, diz-lhe da minha parte que muito estimo que seja minha cunhada, e que havemos de ir ambas visitar o Senhor, e resar a novena do menino Jesus dos attribulados, e muitas devoções. Diz-lhe mais que faça por ter saude, e que peça a nossa Senhora que lhe dê muito juizo e graça para servir a Deus... Ouviste?

— Ouvi, sim, vae pôr o jantar na mesa.

Entretanto, o senhor Antonio ficou sósinho passeando, e traduzindo para vulgar a carta de Maria Elisa. O seu espirito, posto que de uma parcimonia admiravel no entendimento das cousas, custava-lhe a combinar a cega paixão de Elisa com as calculadas condições que lhe eram estipuladas em contracto de casamento. Todavia, o negociante combinava a carta com o que ella pessoalmente lhe fizera sentir ácerca de carroagens e assembléas, e deduzia de tudo que a rapariga queria figurar.

O senhor Antonio era rico, muito rico, mas avarento não. Nunca lhe occorrera a idéa de gastar di-

nheiro em competencia com alguns seus collegas que figuravam na roda dos fidalgos. Se desejasse deslumbra'-los, não olharia a despesas. Mas o coração não lhe pedia essas cousas, e muito menos a carroagem, cujo balanço (dizia elle) não podia dar grande saude aos bofes de um homem gordo. O orgão que o senhor Antonio respeitava mais na sua economia eram os bofes, de que se queixava pondo a mão no estomago. Naturalmente suppunha que tinha o figado no peito. Era um erro de anatomia desculpavel. Eu proprio, que já tive a honra de vos dizer que sei tudo e mais alguma cousa, não tenho absoluta certeza da collocação do figado, supposto que fui em anatomia estudante profundo, a ponto de querer provar que o duodeno (tripa de doze pollegadas) tinha, pelo menos, trinta e duas braças. E ainda hoje estou n'isto, diga lá o que disser Bichat, e Soares Franco. Em consequencia do que tinha muita razão o senhor Antonio em recear que o balanço da carroagem lhe prejudicasse os bofes situados no estomago. Mas a senhora D. Maria Elisa de Sarmiento Athaide lêra nos livros que a carroagem era hygienica, e o senhor Antonio renunciára, como vimos, o pensamento do carroção.

O jantar do senhor Antonio, n'este dia, foi rapido e pequeno, porque ao coração refluiu-lhe quasi toda a sensibilidade do estomago. O senhor Antonio

Limitou-se a comer obra de arratel e meio de cozido da perna, uma travessa de arroz com rodellas de linguiça, uma concava pelangana de carneiro ensopado com batatas, uma tigela de chorudo caldo com sôpas que se levantavam entumecidas quatro pollegadas acima do nivel da tigela, um quarto de ceira de figos de comadre, alguns copos de vinho á proporção, e mais nada. A senhora Angelica, assustada do fastio de seu irmão, pouco mais comeu. O amor espiritualisára a organização do nosso amigo o senhor Antonio José. Mais tres dias d'esta quasi abstinencia de anachoreta, e o sensível negociante, um pouco pallido, e outro pouco meditabundo, poderia sem favor ser tido e havido como a preexistencia d'estes rapazes, que nós conhecemos, e lamentamos na sua desesperação de amantes não comprehendidos na face da terra!

—Ai! quem me déra poder-vos dizer que o senhor Antonio, á hora melancolica do crepusculo, fixava o olho lagrimoso na amplidão dos céos, espreitando o fulgor da estrellinha que o enamorava de lá!

Eu daria de graça este meu romance, se pudésse, em estylo scintillante umas vezes, e outras morbido, affiançar-vos que o senhor Antonio José da Silva fóra pousar a sua redonda pessoa na fraga de á beira-mar, e ali com os olhos no horisonte, e os bofes arquejan-

tes, perguntára á gaivota gemebunda o segredo dos seus gemidos!

Não é possível, leitores. O senhor Antonio o mais que pode fazer, no auge da paixão, foi comer assim. Não exijam mais d'aquelle homem, porque d'ahi ao suicidio vae só um passo.

Antonio José da Silva, meu sympathico heroe, tu passaste sobre a terra, e a tua geração não te comprehendeu!

Tu nasceste para estes nossos dias de angustiosa provação, de sentimento fino, de doloroso trespassse de uma civilisação material para o reinado do espirito.

Se vivesses hoje, serias ordeiro, e visconde; terias ido ás camaras falar na cultura da cebola-albarrã, e na estrada concelheira de Guinfões e Terras de Bouro; comerias biscoutos na assembléa portuense, e pedirias a palavra na associação commercial, para dizeres que eras um honrado negociante. E não ficaria aqui a tua missão grandiosa. Se morresse algum homem, rei do talento, e creador de uma litteratura, serias tu o encarregado de dar a tua idéa para um monumento que perpetuasse a gloria d'essa illustração! <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> No Porto, onde nasceu Garrett, invocaram se todos os Antonios Josés cosvos para idearem um monu-

Antonio José, vieste cedo de mais! Eu lembro-me de ti com saudades (e mais não tive a honra de conhecer-te) todos as vezes que vejo a tua alma cavalgando o nariz dos meus contemporaneos.

Lembro-me de ti, especialmente, quando me vejo a braços com uma paixão séria, e não sinto cá dentro ferir-me o toque inspirador com que tu, depois de jantar, respondias assim á carta de Maria Elisa Sarmiento Athaide:

«*Ill.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup>*»

«Porto, 27 de abril de 1818.

«Sem tempo para mais, recebi a sua estimada cartinha, que veio muito a proposito, porque eu já não estava bom. Vejo o que me diz, e a respeito de tudo não tenho nada a dizer contra. Eu não sou d'esses sovinas que são capazes de engulir, á hora da morte, o dinheiro, como certos avarentos que eu conheço. A menina não ha de ter falta de cousa nenhuma; ponto é que tenha juizo, e que saiba conduzir-se. O que eu tenho seu é, e de mais ninguem. Gostei muito de a ouvir discorrer na sua carta, e

---

mento a Garrett... Não se fez o monumento; mas ficou um de vergonha na memoria dos vivos, e bom é que passe além.

(*Nota da 2.<sup>a</sup> edição*).

«falou bem a respeito do matrimonio. Eu gosto de  
«de quem me entenda, e, a respeito do mais, deixe  
«o negocio por minha conta. Logo que esteja resol-  
«vida, botam-se os banhos, e faz-se isto depressa,  
«que é o melhor. Sem mais, sou

«De v. s.<sup>a</sup>

«Vosso amante do coração

«Antonio José da Silva.»

Maria Elisa leu sósinha, com frouxos de riso, esta carta. O estímulo do riso cedeu ao da meditação. Momentaneamente, a melancolia annueou o semblante da pensativa menina. Parece que estava sentindo vergonha ou piedade de si. O pensamento de quebrar com uma gargalhada aquellas relações, assaltou-a duas vezes; mas o pensamento de ter caruagem e um bello futuro por detraz da campa de seu marido, assaltou-a tres vezes, e venceu por um assalto, posta a sua alma a votos.

Rosa Guilhermina, desde o dia anterior, não lhe falava. Esta demasia de aspereza concorreu muito para a definitiva resolução do casamento, porque o seu orgulho dizia-lhe que os annos de Rosa eram o effeito da dependencia. De mais a mais a colerica filha da Anna do Carmo tinha-lhe dito que tal casa-

mento não seria feito em sua casa. Que sahisse ella para onde quizesse, porque, no momento em que annuisse a tal infamia, terminavam de todo em todo as suas antigas relações. Isto foi de mais: mas a filha da Anna do Carmo tinha uma costella de sua mãe, e essa costella vencera, na questão, as vinte e tres de seu pae. O portador da carta esperava a resposta.

Maria Elisa, passada uma hora de lucta, dolorosa talvez, respondeu assim:

«Não tenho nada que esperar. Póde dar como resolvido o nosso casamento. Cumprirei a minha palavra, quando v. s.<sup>a</sup> quizer. Eu recolho-me hoje «mesmo ás orphãs.»

Depois, entrou no quarto de Rosa, com os olhos rasos de lagrimas, talvez as menos intelligiveis de todas as lagrimas de que tenhó falado:

—Rosa, acabo de decidir definitivamente o meu casamento. Cumprindo as tuas ordens, venho despedir-me de ti.

—Estimarei que sejas feliz.

—Devo considerar acabadas as nossas relações de amizade?

—Deves.

—Menos as de gratidão, porque te sou muito devedora.

—Dou-te paga e quitação d'essa divida. Não quero mesmo ser tua credora, porque me envergonho.



—E eu também... e cada vez mais. Hei de avali-  
liar a dinheiro os teus favores, e darei á Santa Casa  
da Misericórdia esse dinheiro, por tua tenção.

—Basta! Eu não admitto escarneos! Basta de af-  
frontas!

—Cada vez agradeço mais á Providencia a inspi-  
ração de me casar... adeus...

Rosa Guilhermina pensou alguns minutos, arre-  
pendeu-se, e correu a procurar a sua amiga, para pe-  
dir-lhe perdão de um accesso de cólera, filho do amor.  
Já a não viu. Tinha sahido com a sua creada, e dei-  
xára um bilhete com estas linhas:

«Não levo os vestidos de meu uso, porque não são  
meus. Comprou-os com o seu dinheiro a senhora D.  
Rosa Guilhermina. Deixo-os para serem avaliados,  
e descontados depois no saldo das nossas contas.»

A filha de Anna do Carmo, outra vez atacada de  
raiva, foi aos vestidos, e rasgou-os com mãos e den-  
tes, praguejando.

Que taes eram as bichas!

## CAPITULO XVI

Não conheço palavra que vos dê uma cabal idéa  
da sensação suávisima que atravessou até ao cora-  
ção os tecidos adiposos do senhor Antonio, quando  
os seus olhos peccadores leram o bilhete de Maria

Elisa. A ultima linha, porém, essa que declara a entrada da noiva no recolhimento, fendeu no peito do alvoroçado negociante um vesuvio de amor, mixturado de orgulho, por se ver amado de uma donzella, que tão nobre amostra dava da sua virtude.

Cinco minutos depois que Elisa entrara, com grande pasmo e má vontade da regente, era procurada na portaria pelo rico negociante, muito conhecido n'aquella casa, em virtude dos cargos importantes que tivera na Santa Casa da Misericordia. A pedido do senhor Antonio, a regente acompanhou a menina á grade em que era esperada pelo mais ditoso dos mortaes.

Trocados de parte a parte os cumprimentos, o festival Antonio José da Silva abriu assim a questão do momento:

—Senhora regente, não sei se essa menina já lhe disse que será brevemente minha esposa.

—Nada, ainda não... E estava calada com isso? Receba os meus parabens, minha ruimzinha, que me fez cabellos brancos com as suas travessuras...

Elisa sorriu se, e o noivo atalhou:

—Creancices... tudo tem o seu lugar. Agora ahi onde a vê é uma mulher de tino, que sabe o que lhe convém, e não dá ouvidos a tolas... Eu cá me entendo... Pois, senhora, como lhe vinha dizendo, trata-se o nosso casamento, que ha de fazer-se, que-

rendo Deus, o mais tardar quinze dias... Esta menina veio outra vez para aqui lá por cousas que ella sabe, e fez ella muito bem... Com doudos nem para o céo... Eu cá me entendo... Acho que por poucos dias não será necessario arranjar casa cá dentro, e eu venho pedir á senhora regente o favor e obsequio de me a ter na sua companhia, que eu hei de saber-agradecer-lhe de modo que...

—Pois não, senhor Silva!? Não só isso mas tudo mais que estiver ao meu alcance... O que eu sinto é não ter um palacio para lhe offerecer; mas a boa vontade supprirá as faltas.

—Muito agradecida, senhora regente—disse Elisa entristecendo-se a ponto de lhe tremerem as lagrima, nos olhos.

—Que tem, minha menina, chora, quando vae ser tão feliz?

—Nada... eu não choro...

—São saudades da sua amiga Rosa?

—Não, minha senhora... eu não tenho saudades de amiga nenhuma.

—Diz muito bem... —acudiu o jocundo negociante—saudades são seccuras... ora adeus! Saudades de qué? A menina não precisa de ninguem... Eu vou ser seu marido, e seu pae, e seu amigo. Não lhe ha de faltar nada, e não ha de faltar quem se

morda de inveja... Eu cá me entendo... Então fiquemos certos no pedido que lhe fiz?

—Já disse, e repito, senhor Silva; na minha companhia só não prometto a esta menina o impossivel de fazer-se n'estas casas para estar bem... Ella já sabe como é o recolhimento, e não extranhará as faltas...

—De certo não extranho, minha senhora; isto hoje parece-me mais bello que nunca. Hei de gosar, na sua preciosa companhia, deliciosos momentos...

—Mais deliciosos ha de ir gosa'-los depois na companhia do senhor Silva, que é um homem honrado, e que sabe dar valor ao merecimento da menina.

—Isso pôde ella estar certa, que se a não tratar melhor é porque não sei... Ora pois, senhora regente, eu queria falar em particular com a minha futura esposa.

—Eu retiro-me, senhor Silva. Fique na certeza de que serei como tia d'esta menina

—Ora, minha cara menina—disse o negociante logo que a regente sahiu—é necessario preparar os seus arranjos para o casamento. Eu não sei lá d'esses enfeites de noiva, senão eu seria o proprio comprador. A menina mande chamar costureira, e ourives, e lá essa gente que vende as trapalhadas. Aqui deixo cem peças; sendo necesario mais, não tem senão escrever-me um bilhete... Tambem lhe quero

offerecer uma prenda, que me não pareceu fóra de proposito: é um pente de diamantes, que lhe ha de dizer bem com o cabelo, acho eu.

—Agradecida.

—Aqui não ha que agradecer. Eu bem sei que a menina lá lhe parece que eu sou algum unhas... Está enganada de meio a meio. Eu sou sovina com quem me parece; mas com a que ha de ser minha mulher dou muitas graças a Deus por ter muito que gastar com ella, assim Deus nos dê saude para o gozar. Então que me diz?

—Digo que o pente é riquissimo, e que estou muito penhorada dos seus generosos sentimentos para comigo.

—Não ha de quê. O que eu quero é que a menina se porte bem, e não dê que murmurar ás linguas damna-las... Eu cá me entendo...

—Farei tudo que em mim caiba por merecer um bom conceito de toda a gente.

—E' o que se quer. Ora diga-me, qual gosta mais, de viver na aldeia ou na cidade?

—Na cidade. Eu não gosto da aldeia; e v. s.<sup>a</sup> gosta?

—Deixemo nos de *senhorias*: o melhor é tu cá, tu lá, não lhe parece, menina?

—Eu pedia-lhe licença para por emquanto não tomar a liberdade de lhe dar tal tratamento. V. s.<sup>a</sup> pôde tratar-me como lhe approuver.

—Pois então lá como quizer. Eu cá acho mais não sei que no coração se lhe der um *tu*.

—Pois satisfaça o seu coração, que eu tenho muita gloria em merecer-lhe esse novo signal de estima.

—Pois então ahí vae... Com que então tu não gostas da aldeia? Estás-te a rir? Pois olha que eu gostava da aldeia, e, desde que me disseste que não gostavas, a falar-te a verdadinha pura, tantó se me dá, como se me deu Como te vi assim a modo de poeta, pensei que gostavas de ouvir cantar os pass<sup>os</sup> ros, que é a mania dos poetas, que todos falam em rouxinoes, e não sei em que outros passarólos que se chamam graças, ou garças, e zephyros, e não sei que mais ninhadas de aves, que ninguem conhece, penso eu. Vós lá sabeis essas cousas... Olha como ella se ri... Eu bem sei porque tu te ris, minha cachorrinha!... Eu já sei que tu botas sonetos...

—Eu?... que graça!... eu não sou poeta.

—Não? antes assim. Isto de ser poeta não é lá grande cousa. Pelos modos, o miólo dos taes patavinas não regula bem... Eu sempre tive cá minha birra com homens que fazem d'isso. Ha de haver nove annos que fui a Lisboa, e vi lá um poeta, chamado... assim a modo de... era um nome estrangeirado...

—Bocage?

—Tal e qual; era o tal Bocage; estava no Rocio, á

porta de um botequineiro, e eu passava, e disse-me um meu amigo: queres vêr o... o... como era?

—Bocage.

—O Bocage... agora não me ha de esquecer... e vae elle olha para mim, muito sério, e bota-me um soneto que não sei q ue diabo dizia, que toda a gente se riu... Acho que o tal Borrage...

—Bocage.

—Valha a breca o tal nome, que tem que se lhe diga! Acho que elle era tólo, e os outros não têm mais juizo que elle. . Pois muito folgo saber que a minha esposa não é poeta... Agora diz-me: tu sabes alguma cousa cá d'estas cousas do ar?

O senhor Antonio fez, sobre a cabeça, um gesto com as mãos, que poderia significar uma pergunta de honestidade equivoca.

—Que são cousas do ar?

—Sim... perguntava eu se sabias alguma cousa dos planetas...

—Astronomia? Tenho lido alguma cousa.

—Então has de saber quando está para vir chuva?

—Ainda não estudei essa parte. Eu penso que a chuva vem quando os vapores condensados na atmosphera...

—E' isso mesmo... Ora diz-me uma cousa que me tem dado que pensar. Lá em cima na lua diz que anda gente como por cá?

—Penso que não ha certeza d'esse phenomeno.

—D'esse?...

—Phenomeno...

—Se te não custa diz-me o que é isso? é algum planeta?

—Nada, não é... Phenomeno é uma maneira de existir na ordem natural das cousas, manifestada de modo que as leis dos systemas conhecidos não attingem a lei que rege esses actos...

—Ah! agora entendi... Olha que tu sabes mais do que um frade loio que abi ha muito sabio, e que teve o descoco de dizer que a terra anda á roda!... Que te parece a cavalgada?

—Eu acho que elle disse scientificamente a verdade.

—Essa é boa! Pois se a terra andasse á roda, tambem nós andavamos sempre com os focinhos pelo chão... Deixa-te d'isso...

—E' illusão sua. Ha uma razão que nos sustenta na posição direita em que estamos.

—Bem sei que são as costas das nossas cadeiras; mas, se a terra andasse ao redor, cahiam as cadeiras comnosco.

—Não é essa a razão... E' que todos os corpos pendem para o centro da terra... é o que se chama lei da attracção



—Ah! agora entendi... *todos os corpos saem do centro da terra...*

—*Saem, não: pendem.*

—Sim, *pendem para a lei da attricção...* Não te rias, que toda a gente aprende quando não teve lá esses principios do latim, e da grammatica... Cada qual tem o seu tráfego. Eu cá na minha officina do commercio sei como os que sabem. Lá de rethoricas não sei nada, a verdade deve dizer-se; mas, se Deus quizer, tu has de dizer-me como é isto cá de cima. Eu ás vezes ponho-me a olhar para esta machina, e fico estarecido horas e horas a ver o que nós somos e como o Creator fez tudo isto para nós.

—Para nós? Eu não sei do que nos servem as estrellas...

—Não sabes? A falar a verdade, eu tambem não; mas ouvi dizer que as estrellas de alguma cousa servem.

—Tambem creio que sirvam; mas para nós não lhes vejo a utilidade.

—Então os livros não resam d'isso?

—Não achei ainda uma explicação precisa.

—Pois, minha Mariquitas, estão-se fazendo horas de ir ao jantar. Deixemos isto para outro dia, que não ha de faltar occasião de falarmos a respeito da sabedoria. Vê lá se queres alguma cousa...

—Não preciso de nada.

— Amanhã é a primeira corrida de banhos... De amanhã a quinze dias effectua-se o negocio; e ficamos arrumados d'aqui. Adeus, menina, até amanhã.

O senhor Antonio sahiu, com o espirito remoçado e a cabeça aturdida de idéas novas sobre astronomia. Contente, como nunca, o milagre de vinte annos de menos não daria ás suas pernas tropegas a agilidade com que o viram passar nas Fontainhas.

Mal elle tinha sabido, quando Rosa Guilhermina entrou no pateo, e pediu á porteira que lhe chamasse Maria Elisa.

A resposta foi que a senhora D. Maria Elisa não recebia a visita da senhora D. Rosa, porque não queria envergonha'-la com as suas relações.

A filha do arcediago instou, supplicou, fez empenhar a regente para que a orphã lhe falasse. A regente, porém, que não queria importunar a noiva de Antonio José da Silva, antigo mesario da casa, negou-se ás instancias da lagrimosa menina.

Dera-se um forte motivo para a recusa teimosa de Elisa. Quando ao despedir-se do negociante, subia para a casa da regente, entregaram-lhe no caminho um bahu e uma chave. Elisa entendeu que eram os seus vestidos que a attribulada amiga lhe mandava. Abriu o bahu para tirar um chale, e viu tudo espedaçado.

A indignação coincidiu com a vinda de Rosa, e Rosa, arrependida, correrá ao recolhimento para estorvar a entrega do bahu.

Era impossível a reconciliação. A' ultima imperinencia de Rosa Guilhermina, a orgulhosa respondeu que podia já dar-lhe algum dinheiro por conta do que lhe devia, e remetteu-lhe a sacca com as cempças que lhe deixára o negociante.

A filha de Anna arrojou-as ao chão, e sahiu furiosa, promettendo vingar-se da nova villania.

Maria Elisa ficou satisfeitissima d'aquelle rasgo, e sentiu, pela primeira vez na sua vida, que, sem dinheiro, ninguem pôde ter rasgos, nem mesmo pode contar com que romancistas futuros se entretendam da sua pessoa.

O' meu caro Antonio José! tu de astronomia não sabias muito; mas tinhas d'aquella cousa que faz descer os astrónomos cá para baixo!

## CAPITULO XVII

—Quem é aquelle peralvilho que bate á porta da D. Rosa?

Temos namoro, sé dermos ouvidos á tia Bernarda Estanqueira, que mora na viella do Bomjardim, e que tem um olho na balança do simonte, e o outro, que por signal é vêsgo, na porta da filha do arcediago.

—Que berzabum de escanellado será aquelle, que parece que traz espartilhos! Valha-o a breca que tão tezo está! Aquillo não me parece homem cá do Porto! Parece mesmo um comediante d'aquelles que berram umas cantigas na casa das operas da Batalha... O' tia Joaquina! (*a tia Joaquina era uma vizinha que estava deitando ao sol*) vossemecê não vê acolá aquelle ingarilho que já puxou duas vezes a sineta?

—Já vi.

—Conhece aquella avantesma que me parece mesmo o peccado?

—Conheço... ora se conheço!... Aquelle é o sobrinho do senhor Antonio da rua das Flores, que me tem dado muito pãosinho. Quando eu ia d'antes levar-lhe os novellos do algodão, aquelle menino era caixeiriinho na casa; mas pelos modos elle agora estuda para doutor.

—Sim? pois olhe que d'aquelle magricellas não pôde sabir grande doutor! Acho que um homem assim não tem boas as memorias, nem sustancias para saber lá aquellas cousas da justiça... Elle lá entrou... Quer vossemecê ver que a delambida da rapariga anda de namoro com elle!...

—Ágora!... Se fosse isso, elle não entrava assim ao pino do meio dia... acho eu!

—Boa vae ella!... Pois vossemecê pensa que as raparigas de agora são como as do nosso tempo? Diz

o frei Manuel do Santo Lenho, dos carmelitas, que já não ha vergonha nem temor das penas do inferno!... E quer que lhe diga, tia Joaquina? Quanto mais fidalgas, mais desavergonhadas!... Inda hontem a minha Euzebia, que está em casa de uma certa fidalga que vossemecê sabe tão bem como eu, me contou que a sua ama estava com um inglez á janella a dar-lhe beijos, e que elle lhe dava beliscões nas pernas. A minha Euzebia deu fé d'esta pouca vergonha, sem querer; e a fidalga tambem viu que a rapariga deu fé; e disse-lhe depois: «Euzebia, nós cá as fidalgas podemos fazer isto que viste; e vos outras plebeias, não, porque não tendes nada senão a vossa honrasinha.» Ora que lhe parece isto? Dá mesmo vontade de lhe responder: «Vá-se d'ahi, sua porca; se vossa excellencia tivesse o miolo no seu logar não consentia que lhe estivesse um herege lá do fim do mundo a beliscar as pernas, e a pôr-lhe os beijos no cachão!» Fôra com as libertinas!

—Tem razão, tia Bernarda... a religião é cá só para os pobres. As ricas o que querem é ir á igreja mostrar os aceios... Disse outro dia um prégador na Victoria, que a casa de Deus estava sendo uma feira; e que Nosso Senhor puzera as *pelicanas* fôra do templo... As *pelicanas* são as fidalgas... Olhe lá... aquella sumelga, que alli mora, será fidalga?

—Acho que sim. O pae era o senhor arcediago de

Barroso, e a mãe ouvi rosnar que era uma das taes pelicanas...

—Consta que tem muito de seu.

—Muitos bragaes, muita prata, não sei quantas moradas de casas, e uma quinta em Paranhos... Que comer não lhe falta; mas acho que a respeito d'isto (*pondo o dedo na testa*) não regula lá grande cousa... Veiu aqui ha dias á minha loja uma mulher de mantilha, ainda frescalbona, e perguntou-me muitas cousas a respeito da tal rapariga. Quem entrava, quem sahia, se ella andava pela rua, se tinha muitos aceios, emfim, eu fiquei com a pedra no sapato, e cá de mim para mim entendi que aquillo era uma refinada alcayota. Tambem hei de saber quem tu és—disse cá com os meus botões—e mandei, assim que ella sabiu, o meu galleguito atraz d'ella. Veiu dizer-me que morava n'um baixo da rua Direita, e que se chamava Anna do Carmo...

—Eu sou da sua idéa...isso era volta de alcofeira, que vinha saber se lhe poderia entregar alguma cartinha d'aquelle fidalgo que mora á Victoria, e que tem o nariz apurado para as moças como gato para boches. Ha de ser isso...

—E olhe que não era outra cousa!...

—E eu até me parece que já o vi aqui passar uma noite.

—E eu tambem... Que signaes tem elle?

—E' um pacabote baixo, com a carinha côr de cereja...

—E' o mesmo, que eu vi, tem carinha côr de cereja, e os olhos a modo de...

—São azues...

—E' verdade, os olhos são azues... Era o mesmo em carne e osso... E vossemecê viu-o entrar para lá?

—Não o juro: mas acho que entrou...

—Eu tambem não juro, mas parece-me que o viu entrar...

—Então é que entrou... Que horas eram?

—Meia noite, mais quarto, menos quarto.

—Era elle... foi ha de haver quinze dias... tia Bernarda...

—Ha quinze dias... é isso mesmo... por signal...

—Que estava vossemecê no hospital, tia Joaquina, e não podia vêr o que se passava na rua—interrompeu uma terceira, que estava fiando a um postigo.

—Quem a chama cá?—disse a velha desmentida.

—Não posso ouvir murmurar com mentira... nem me parece catholica!

—Ora metta lá a sua religião no pucaro e coma d'ella, ouviu, sua intrometida?

—Quem não quer ouvir não mente descaradamente.

—E que lhe importa a vizinhança?

—E vossemecê que lhe importa aquella senhora que está muda e quêda em sua casa?

—Se come por ella, ganhe a sua vida lá como puder, e deixe conversar quem conversa! Que lhe parece, tia Bernarda! sempre ha cada estafermo n'este mundo! . . .

—Isso ha! . . . —disse a tia Bernarda, retirando-se para o estanco a pesar dez réis de simonte.

—Estafermo será ella! replicou a honesta fiadeira.

—Cale-se ahi, sua trapalhona!

—E vossê . . . sua lingua de trapos!

—Desavergonhada!

—Estupor!

—Bebeda!

—Pangaia!

—Feiticeira!

—Ladra!

—Ladra é vossê!

—E vossê come pela filha!

—E vossê quando casou já comia pelas suas, e tem quatro que não conhecem os paes!

—Ladra, ladra, ladra!

—Bebeda, bebida, bebida!

A tia Joaquina rematou a apostrophe, erguendo-se,



e curvando-se um pouco com as costas para a vizinha, e assentando tres palmadas que provocaram esta resposta do postigo:

—Fôra porca! regateira! vae vender sardinhas, grandissima beberona!

Abriu se uma janella de Rosa, e appareceu a cabeça do sobrinho do senhor Antonio da rua das Flores, como no'-lo denunciou a desbocada Josephina. Já não veiu a tempo. O dialogo edificante emmudecera, e o observador correu á vidraça, dizendo:

—Não vi ninguem, minha senhora...

—E' uma terrivel vizinhança esta!—disse Rosa—estou anciosa pelo S. Miguel para occupar o meu predio da rua do Almada...

—Tem razão, minha senhora; o bêco é detestavel. . Tornando á nossa conversação, disse-me v. s.<sup>a</sup> que não conhecia meio nenhum de obstar ao casamento d'aquelle reloucado!

—Eu, pelo menos, ignoro os sortilegios que desmancham as loucuras de um velho...

—Não ha meio de dissuadir a sua amiga?

—Já lhe disse que não, senhor Augusto, essa pessoa nem é minha amiga, nem é docil para ceder a instancias de ninguem. O que ella quer é ser rica, e a occasião que se lhe offerece agora, é a mais propicia ao complemento das suas ambições.

—E' admiravel que ella, habituada com v. s.<sup>a</sup> não

aprendesse a nobreza de character, e independencia com que a senhora D. Rosa repelliu a fortuna do meu louco tio!

— Bem vê v. s.<sup>a</sup> que eu, se não sou rica, herdei a independencia, e Maria Elisa julgou pessimamente a minha alma. Suppoz-me capaz de lhe retirar a mão generosa que a tirára da servil condição de orphã... Quer tambem ser rica...

— V. s.<sup>a</sup> desde creança mostrou um coração nobre. Lembra-se, ha quatro annos, quando pedia a meu tio que me deixasse ir para Coimbra estudar?

— Lembro, perfeitamente... e elle enganava-me, dizendo-me que sim, e por fim...

— Tinha-me traiçoeiramente preparado a minha ida para o Brasil, para se vêr livre das exigencias de minha pobre mãe, e irmã d'elle, que lhe pedia um subsidio para a minha formatura.

— E comó pode depois v. s.<sup>a</sup> obter os meios para ir estudar, independente do subsidio de seu tio?

— Com o trabalho. Como sei francez, traduzo novellas, que vendo a um livreiro de Lisboa, e do escasso producto d'este trabalho fiz a minha independencia. Algumas dividas contrahi na esperanza de ser um dos herdeiros da riqueza de meu tio. Quando cheguei ao Porto, e me disseram que esse homem casava com uma orphã, pensei que era v. s.<sup>a</sup> a feliz ou infeliz destinada a essa gloria ou a esse sacrificio.

Resolvi logo, em nome de minha mãe, e em nome da nossa amizade de infancia, vir supplicar lhe que não tolhesse o nosso futuro, visto que v. s.<sup>a</sup> era rica. E vinha cheio de esperança, na certeza de move'-la em nosso favor. Desgraçadamente enganei-me; mas, de todo o meu coração lhe digo que estimo vê'-la livre de um perigo tal. Com a sua formosura, com a sua intelligencia, seria barbara a escravidão a tal velho, que o ouro, e só o ouro fez digno de vincular uma mulher nova áquelle quasi cadaver. Faz-me lembrar os supplicios de Mezencio!...

D'este arrazoado bem se vê que o sr. Augusto Leite, estudante do 2.<sup>o</sup> anno juridico, traduzia novellas, e conservava alguma cousa de memoria.

Rosa, tocada no sentimentalismo, respondeu:

—Commoveu-me a sua narração, sr. Augusto! Espero acredite que me amarguram os seus padecimentos, e dera quanto possuo para minorar-lh'os. Eu não me esqueço de que foi v. s.<sup>a</sup> a unica pessoa de sua familia, que me não enjoava com os tregeitos, momices e impertinencias de uma baixa educação. Sua mãe, que raras vezes vi, parecia-me uma celeste creatura. Muitas vezes me disse que tremia de me vér n'aquella casa, porque eu era o instrumento com que seu irmão ameaçava destruir os planos de seus sobrinhos. Ella enganou-se, e elle tambem. Eu só posso ser escrava, quando a escravidão me fizer

rainha. Olhei sempre com enjôo para esse velho, e por fim detestei-o... Hoje, porém, chego a lamenta'-lo, porque vae ser um ludibrio de sua mulher. Quem ha de vinga'-lo, senhor Augusto, é Maria Elisa. A indole d'ella conheço-a eu perfeitamente. Seu tio vae ser a fabula do povo, e a sua nova tia ha de deixar nome; mas não deixará bens de fortuna que tirem da miseria os seus herdeiros...

—Quanto é suave ouvi'-la falar, senhora D. Rosa! Quem diria que o tenro botão abriria do seu seio uma linda flôr, com taes perfumes!...

Muito agradecida, sr. Augusto... Eu tenho deixado falar o coração, e creio que acreditará na extrema vontade que tenho de ser prestavel...

—V. s.<sup>a</sup> é uma divindade. Minha mãe virá abraça'-la como abraçaria... uma filha. Eu retiro-me com o coração embalsamado das suas palavras, e entrei com elle atravessado de agudos punhaes. As suas expressões são como a lyra do Orfeu, que adormecem as dores, ou como a harpa de David que acalentava as tribulações de Saul (*extracto da LUISA OU A CABANA DO DESERTO. pg. 26*). Ninguem diga que é verdadeiramente infeliz. Ha anjos, encarregados de cobrirem de flôres os espinhos que nascem sobre a carreira de alguns mortaes! (*este é de pag. 31, de SOPHIA OU A DONZELLA HOUZARD, e não presta para napa hoje; mas n'aquelle tempo tinha novidade*). V.

s.<sup>a</sup> é um d'esses adjos e eu sou o mortal que mereceu á Providencia Divina a benefica assistencia dos seus desvelos! (Os SYBARITAS OU OS SUBTERRANEOS DE PIOMBINO, pg 41.) Se os meus labios não tem ardentés phrases, o meu coração arde em penas de serem frios os labios! (O HEROISMO DO AMOR, pg. 202.) Finalmente, não a importuno mais. Dé-me v. s.<sup>a</sup> as suas ordens. (*Isto agora é d'elle.*)

—Espero que me faça muito recommendada a sua mãe, á qual offereço a minha casa; e v. s.<sup>a</sup>, dignando-se honrar-me com a estima que outr'ora lhe mereci, muito me obsequieia vindo aquí passar alguns instantes de conversação.

—Eu tenho a honra de offerecer a v. s.<sup>a</sup> as novellas que tenho publicado. Se fossem minhas, não me atreveria a tanto; mas, como são de bons auctores, e apenas tem de meu a incorrecta versão. . .

—Penhora-me muito com a sua offerta, que aceito, grata á sua mimosa lembrança. Eu amo a leitura das novellas, e quando, nas que me offerece, estão vestigios da sua applicação, muito mais grata me será essa leitura.

—Serei eu o portador, se me der licença.

—Mais valiosa prenda devo reputa'-la. . .

—A's ordens de v. s.<sup>a</sup>

—Muito boas tardes. . . Joaquim, acompanha este cavalheiro.

—Sem incommodo, minha senhora.

—Permitta...

—Por quanto ha....

—Eu não consinto que vá só... não sabe as sa-  
hidas...

—Oh! minha senhora, é muito desvello...

—E' um dever... oh!...

—Ah! minha senhora... é muito...

—Não consinto...

—Por quem é...

—Muitos recados a sua mãe...

—Ha de prezal-os infinitamente...

—Senhor Augusto...

—Senhora D. Rosa Guilhermina...

—Emfim, despediram-se! Estavam bonitos! O tio  
e o sobrinho tocavam-se pelos extremos.

Rosa Guilhermina olhando-se a um espelho para  
ajuizar do merito da sua pessoa, momentos antes,  
dizia comsigo:

—Eis alli um perfeito mancebo! Ninguem dirá  
que é sobrinho d'aquelle bruto! Como é sublime!  
Aquella linguagem toca!...

Vamos vendo que a filha do arcediago dançava fa-  
cilmente quando a linguagem tocava...

Faz ella muito bem. Está na flôr da sua idade, e  
Deus não lhe deu os talentos para esconde'-los na  
terra. O seu coração aneia um confidente; o seu es-

pirito ambiciona applausos, a sua alma não veio tão cheia de luz para se esconder debaixo do meio alqueire. N'esta especialidade, raras são as mulheres que não obedecem ao preceito do Evangelho. Se faltam a muitos outros, é porque o homem divino, que conhecia a fragilidade da creatura, dissera : «A carne do homem é fraca». Ora, eu, pelos vastos conhecimentos que tenho de anatomia, affirmo que a carne da mulher não é mais forte.

E, por consequencia, se a senhora D. Rosa Guilhermina me dissesse :

—Vmc.<sup>a</sup> faz favor de me dizer se devo embalsamar com meus perfumes aquelle gentil moço, que me parece um genio ?

—Embalsame o, minha senhora; perfume-o á sua vontade (lhe responderia eu), e quando não tiver incenso, nem myrrha, sirva-se d'aquella offerta dos tres réis, que a historia do tempo poz em primeiro logar. . . .

## CAPITULO VIII

Se eu bem lh'o dissesse, ella melhor o faria.

A indignação contra Elisa, n'essa tarde, cedeu o logar a novas sensações. A litterata punha a mão sobre o peito e dizia : Eu tenho aqui alguma coisa nova !»

E parece que tinha !

Lembrava-se de cinco situações, em varios romances, semelhantes á sua. Encontrava-se a cada passo com a imagem de Augusto Leite. Achava extraordinaria a coincidencia de dois espiritos sublimes. Divinísava aquelle encontro, lançando ás largas costas da Providencia a predestinação de se verem creanças, e encontrarem-se na idade em que os corações não resistem ao superior destino da sua união. Não ha nada como a mulher espirituosa !

O futuro bacharel da sua parte não era tão metaphysico. Quando procurou Rosa já trazia na carteira um calculo approximado do patrimonio da sua companheira de infancia. E depois que a ouviu, indagou as cousas de modo que o calculo não lhe falhava em 3\$200. Era um poeta da força de quatro dromedarios em prosa villã. Tirem-lhe o francez, e ponham-lhe dezoito arrobas de carne, terão o seu digno tio Antonio José da Silva.

Na manhã immediata a senhora D. Custodia Hermenegilda da Silva, acompanhada de seu filho, e tres novellas vieram visitar a filha do arcebiago. O academico depoz respeitoso a offerta nas mãos (que não chamo lindas, porque não mintó) da agradecida menina.

As mil cousas da conversação, particularmente ácerca de Elisa, resumi-'las-bemos na ultima pergun-



ta, que D. Custodiá, passeando no jardim a sós com D. Rosa, lhe fez enquanto seu filho, de proposito, folheava os romances da poetisa.

—Porque se não casa menina? Precisa quem administre a sua riqueza, quem lhe sirva de companhia, e lhe mereça o seu bom coração. Casar pobre é uma desgraça; mas na sua situação, o casamento deve ser a felicidade de toda a vida. A tal não a aconselho eu com um homem estragado. Eu sou um triste exemplo d'essa leviandade. Meu marido era um letrado, muito sabio, o melhor advogado do Porto, mas o mais extravagante homem que imaginar-se pôde. Casei contra vontade de minha familia, e por isso, quando meu marido dissipou a minha legitima e a d'elle, deixando-me por herança este filho que tanto me tem custado a educar, meu avarento irmão negou-me um subsidio para ajudar a formatura de seu sobrinho. Nasci em casa rica, e tenho sempre vivido pobre. Minha irmã Angelica é uma beata estúpida, que nem irmã me quer chamar. Estas e mil outras infelicidades me tem obrigado a amaldiçoar a hora em que casei: mas... se me lembro de meu marido que era um doudo infeliz, não lhe amaldiçoó a memoria.

—E se eu deparasse um homem como seu marido?

—Não dé esse passo cegamente, menina. Estude

bem o character dos homens, e, quando encontrar um como meu filho, case-se, que é venturosa, e dá a ventura a um mancebo digno d'ella... Vejo-a pensativa!... Eu não lhe fiz pergunt a nenhuma, senhora D. Rosa, a que a menina deva responder com a côr na face... Estou certa que v. s.<sup>a</sup>, conhecendo a fundo as virtudes de meu filho, seria a primeira a chamar-me mãe... e, se as circumstancias a privaram de conhecer a sua, acharia em mim... Que sobresalto é esse?! Sente-se opprimida? Foi por lhe falar em sua mãe?... desculpe-me, que eu não cuidei que a magoava...

—Não me magôa... Isto são reminiscencias da infancia...

—Conheceu a mãesinha?

—Mal me lembro... via, sendo eu creança de seis ou sete annos...

—Ella já morreu?

—Penso... que sim...

—Que prazer não teria ella em conhece'la tão linda, tão esperta...

—Talvez me odiasse, como me odiou...

—Pois ella...

—Não vê que me abandonou?

—Talvez violentada por circumstancias...

—Muito por sua livre vontade...

—Sim?! então era uma indigna mãe... e desculpe-me...

—De certo era... uma indigna mãe... meu pae nunca me falou d'ella...

—Tal era a differença que elle conheceu entre a mãe e a filha... Ora, pois; não soffra por tal motivo, minha menina... Quer-me para sua mãe?...

—De certo... queria.

—Eu estou-me a rir... Esta pergunta não devia fazer-lh'a, sem que a menina tivesse do character do meu Augusto um seguro conhecimento... Isso ha de vir com o tempo; e, se o coração lhe não repugnar, acceite-o como marido... Não é rico; mas o seu patrimonio é o amor que elle tem ao trabalho, e o seu talento que lhe promete creditos semelhantes aos de seu pae, que tratava pouco dos seus interesses. De pae a filho vae grande differença. Um pensava no dia presente; o outro pensa no dia futuro... Tem sido bem grande a minha impertinencia, não é verdade?

—Pelo contrario, deleita-me a sua conversação, e captivo-me dos carinhosos desvelos que emprega na minha ventura... Oxalá que eu nunca desmereça no conceito da minha amiga...

—Espero que assim seja... Diz-me o coração que teremos de ser muito amigas, que viveremos unidas muitos annos, e que falaremos com prazer do bello

dia que temos passado... Ah! vem o Augusto!... sempre com os livros de volta...

—São as *Cartas a Sophia* por Mirabeau... Não pensei que a senhora D. Rosa conheceria esta obra...

—Porquê?

—Não é muito propria para leitura de meninas.

—Que tem? Se eu entendo as idéas d'esses livros, é que elles não me dizem nada novo, e se as não entendo, nada perco da minha innocencia.

—Acaba v. sr.<sup>a</sup> de apresentar uma idéa que opéra uma completa revolução na minha maneira de encarar as novellas! Tem razão!... Vejo que é não só sublime, mas até razoavel no seu systema!

—Creia que disse a verdade; e, senão, despresuada-me que eu serei docil...

—Não a contradigo, minha senhora. Pelo contrario, sou da sua opinião. Minha mãe, esta menina é um anjo, e tem um talento extraordinario...

—Não o creia, minha senhora.

—Não preciso que m'o diga. Meu marido soube dar-me o gosto para apreciar o merito das pessoas. Se fiquei pobre de bens, posso afoutamente dizer que o não fiquei de intelligencia. A senhora D. Rosa Guillermina é um portento. Ninguem dirá o que aqui está, sem se lhe importar com o mundo, onde as tôlas, com algum palavriado, recebem aclamações de espertas.

—Ai! eu não ambiciono lisonjas do mundo!... Gosto de saber, porque o meu espirito precisa d'este alimento.

—E o seu coração?—perguntou Augusto.

Rosa baixou os olhos, e a sua linda face, côr de cereja, fez-se mais linda.

—São horas de nos retirarmos—atalhou a irmã do negociante, que resumia em si a fiura que a natureza caprichosa não quiz regularmente distribuir na sua numerosa e estúpida familia.—Menina dê-me um abraço.

—Augusto apertou a mão de Rosa, que hesitava, não obstante as *Cartas a Sophia*... Despediram-se com requebros e olhaduras de varios modos, e feitiços, de parte a parte.

Seguiram-se as visitas regularmente. D. Custodia Hermenegilda acompanhava sempre seu filho. (Seja dito para socego da opinião publica). A estanqueira reformou a sua opinião a favor de Rosa, e vingou-se em pedir trinta réis de divida de simonte, que a fiadeira intromettida lhe devia! A outra, que dobava, e cujo nome não me lembra, vingou-se da vizinha, batendo-lhe á porta alta noite. Tantas vezes repetiu a graça, que se constipou, e constipação foi esta que a pobre mulher morreu no hospital, declarando á hora da morte, que nunca vira entrar de noite homem nenhum em casa de Rosa, e que fôra a estan-

queira que a metterá n'aquella alhada: declaração que fazia para que Deus não condemnasse a sua alma, traste, realmente, de que Deus, de bom grado se dispensaria, e nós também.

As mulheres dos meus romances quasi todas são honestas pessoas, que se casam. Só quando de todo em todo não posso falsificar a tradição em honra das minhas heroínas é que as sacrifico ao nariz-torto das mães de familia, que, quasi sempre, exprimem com o nariz a sua justa indignação contra os romances em que os amantes não casam por fim.

Benignas senhoras, exultae, que a moral triumphae em todas as minhas obras. D. Rosa Guilhermina resolve casar-se na fórma do sagrado concilio tridentino e constituição d'este bispado com o senhor Augusto Leite. O juiz dos orphãos concedeu a licença, e o senhor Antonio José da Silva, embrigado da ventura propria, estimou que seu sobrinho arranjasse mulher com dinheiro, unica esperança, que elle negociante tinha de evitar as mendicantes perseguições de sua irmã.

Se imaginam que os noivos deviam dizer muito bonitas phrases, enganam-se. Namoraram-se pelas novellas, e liam ambos a pergunta e a resposta dos dialogos, mais apaixonados. A senhora D. Custodia assistia a estas leituras, e lagrimejava de ternura.

A constante presença d'esta senhora ao lado d'el-

les, auctorisa-me a dizer-vos que nunca as duas creaturinhas do Senhor tiveram occasião de adiantar-se um beijo por conta do matrimonio. Eu não sei que se tenha feito um namoro mais honesto que aquelle ! E' um gosto a gente encarregar-se de archivar estes casamentos que fazem honra ao genero humano ! A intelligencia gosa, o coração consola-se, a virtude dança a polka, e o vicio envolve a cara bedionda no seu *cache-nez* !

Oh ! bemaventurados, em duplicado, aquelles que me lerem ! O futuro fará justiça á candura das minhas intenções !

## CAPITULO XIX

## O NOIVADO

Drama em um acto

## PERSONAGENS

*D. Maria Elisa de Sarmiento e Athaide.**Antonio José da Silva.**D. Angelica Athanasia da Silva.**João Alves Rodrigues**Manoel José Fernandes* } Convidados.*Joaquim João Baptista* }*O sr. João Pereira, o do chinó.**Um encapotado.*

A scena passa-se na rua das Flores, em casa do senhor Silva. Vista de sala decorada, segundo a epoca.

D. Maria Elisa e seu marido estão sentados no canapé. Á esquerda do senhor Antonio está sua irmã. Os convidados estão em frente do canapé, com as costas voltadas para nós.

O relógio de S. Domingos dá meio dia. Ouvem-se as regateiras que apregoam robalinhos na rua.



## Scena I

## O SENHOR ANTONIO

(Batendo na respectiva perna) — Meus amigos, mal diriam vossemecês que eu viesse por fim de contas a casar! Ninguém diga d'esta agua não beberei! Um homem, enquanto anda n'este mundo, não sabe para que veio...

O SENHOR FERNANDES, (á parte). — Ella t'o dirá...

O SENHOR ANTONIO — Eu não tinha, até ha pouco, na cabeça... (*sensação nos espectadores enquanto o orador se assoa*) não tinha na cabeça a idéa de me casar, porque, emfim, os tempos não vão muito bons para alguns maridos que eu conheço... O nosso vizinho João Pereira, do chinó, que o diga...

D. MARIA ELISA. — Que historia é essa do João Pereira, em que o senhor Silva já me falou de passagem duas vezes?

D. ANGELICA. — Ora o que ha de ser? Os nossos peccados, cunhada... É uma mulher que o demonio tentou. Deus me perdôe, se pecco... Não gosto de murmurar... É mesmo uma vergonha... Está vestida e calçada no inferno...

D. MARIA ELISA. — Quem? Não comprehendendo...

D. ANGELICA.—Quem ha de ser? Ella, a birbanta, que deu a mão de esposa a um, e anda por ahí sempre... como se diz, Antonio?

O SENHOR ANTONIO.—Como se diz o quê?

D. ANGELICA.—Como é que dizem os prégadores d'esse peccado?

O SENHOR ANTONIO.—Não são os prégadores, é o nono mandamento.

D. ANGELICA.—Pois sim; mas os prégadores chamam a essas mulheres... *indultas*... *adultas*, ou não sei que...

O SENHOR FERNANDES.—Adulteras?

D. ANGELICA.—Isso mesino... Eu uma cousa assim nunca vi na minha vida!... Em nome do Padre e do Filho, e do Espirito Sancto... Assim que vê um homem na rua a olhar para ella, ás duas por tres, faz-lhe gaifonas com a gata...

D. MARIA ELISA.—Com a gata?

D. ANGELICA, (remedando com a manga do capote de castorina amellada)—Põe-se assim com a gata no collo a bulir-lhe na cabeça...

D. MARIA ELISA.—E isso que quer dizer?

D. ANGELICA.—Eu sei cá? é o peccado... Acho que a gata lá tem cousa de feitiçaria, porque os homens ficam de bocca aberta para ella!

O SENHOR FERNANDES.—Acho que não é para a gata...

O SENHOR BAPTISTA.—Eu tambem sou da mesma opinião... A gata não é má...

O SENHOR RODRIGUES.—O peor é o gato, que a gata boa é, que caça ratos...

D. MARIA ELISA, (á parte).—Que cacafonias! *que a gata! que caça!*... Apre, que são muito alarves!

O SENHOR ANTONIO.—Deixemos lá isso... ella lá sabe o que faz, e cada qual guarde bem a sua cabeça do mau pensamento de casar-se com doudas... Eu bem lh'o disse a elle... «Olha que essa mulher não te serve... tem má pinta, e não sei, mas ha de te dar que fazer...»

## Scena II

OS MESMOS E O SENHOR JOÃO PEREIRA.

O SENHOR PEREIRA, (entrando, sem pedir licença).—Deus aqui, e o diabo em casa dos frades...

D. ANGELICA, (á parte).—Olha o inimigo!... quem o chamou cá?!

O SENHOR ANTONIO.—Ora viva o meu amigo e vizinho! Esteja bom, passasse muito bem, é o que eu mais estimo. Puxe cadeira, e sente-se, sem cerimonia.

O SENHOR PEREIRA.—A boda e a baptisado, diz lá o outro, não vás sem ser convidado. Eu não estive pelas contas. Somos vizinhos ha cincoenta e dois

annos, e rapazes da mesma criação. Cá entre nós não ha cerimonia. Vim dar os parabens ao meu amigo e senhor Antonio, e vér-lhe a sua noiva, que em quanto á mim é esta menina...

D. MARIA ELISA — Uma sua creada.

O SENHOR PEREIRA. — Creada dos anjos. Pois, minha vizinha, a minha casa é logo adiante d'esta; mettem-se duas portas de permeio; se precisar d'al-guma cousa, de mim ou da minha companheira, não tem mais que mandar.

D. MARIA ELISA. — Muito agradecida ao seu favor... Queira sentar-se.

O SENHOR PEREIRA. — Estou bem assim: farto de estar sentado estou eu atraz do mostrador. Com que sim, senhor Antonio, está vmc.<sup>s</sup> cá no rol dos homens de bem...

O SENHOR ANTONIO, (com intenção) — É verdade... cá estou no rol dos homens de bem...

O SENHOR PEREIRA. — Fez vossemecè o que devia. Não ha vida melhor que a de casado. Eu cá demim não tenho razão de queixa. Estou casado ha dez annos, tres mezes, e vinte e quatro dias, e, graças a Deus, não tive ainda um desgosto!

O SENHOR FERNANDES, (á parte) — Estes é dos taes que o sabem no fim.

O SENHOR PEREIRA. — A minha santa companheira é propriamente uma mulher de casa, e minha

amiga, que é mesmo uma cousa ! Lá por eu ter mais vinte annos que ella, issa não tira, nem põe. Não é como algumas cá da nossa rua. . . nós bem sabemos quem ellas são. . .

O SENHOR FERNANDES, (á parte)—Eu só conheço a d'elle. . .

O SENHOR PEREIRA.—Lá porque os maridos não andam espartilhados a dar, com licença. . . nas canellas com as abas da casaca, gostam mais de peralvilhos !. . .

Arreda com ellas ! Eu se tivesse assim uma, eu não seja João, se lhe não arrebentasse a propria barriga ! A minha Marcellina é uma rapariga, que, se me vir afflicto, vem prantar-se ao pé de mim, e não sáe d'alli sem que eu lhe diga que estou bom. Quando me cabiu o cabello foi ella que me poz este chinó na cabeça, e por ahi os tratantes metteram-me sone-tos ao chinó por debaixo da porta. Valha-os o diabo !

D. ANGELICA.—Credo ! Anjo bento ! vossemecé fala tantas vezes no inimigo ! Não diga essa palavra que faz arripios no costado !

O SENHOR PEREIRA.—Ahi está a nossa beata com as suas *escrupulisações*. A gente não sabe como ha de falar diante de vossemecé. A minha Marcelina, ás duas por tres, é diabo para aqui, diabo para acolá : e, se eu lhe digo que não é bom chamar quem está manso e quedo, ella diz que o diabo se chama diabo !. . .

D. ANGELICA, (persignando-se)—Sancto breve da marca! Cale se lá com essas blasphemias! Sua mulher se tivesse juizo, não dizia isso!... Se vossemecê lhe desse com o covado pela rabada, ella se calaria...

D. MARIA ELISA, (á parte)—São indecentes!... Se algum futuro auctor de novellas quizesse descrever fielmente esta scena, teria de ser indecente como elles! Tomára-me eu sósinha!

O SENHOR ANTONIO.—Em que pensas tu, Mariquinhas?

D. MARIA ELISA.—Ab!... eu?... não pensava em nada...

O SENHOR ANTONIO.—A modo que estás triste! Aposto que estás a pensar lá n'essas cousas dos astros?

D. MARIA ELISA.—Dos astros? não... pensava... na minha sorte... (*com ironia*) que é realmente invejavel. Estou satisfeitissima da deleitosa conversação d'estes senhores, que são sobremaneira recreativos.

OS SENHORES BAPTISTA E RODRIGUES.—Pela parte que me toca... muito obrigado...

O SENHOR FERNANDES, (á parte).—Pobre mulher!... e pobre homem!...

O SENHOR ANTONIO.—Então, Fernandes, estás ahí tão calado!...

O SENHOR FERNANDES.—Que quer que eu lhe diga?

O SENHOR ANTONIO.—Quando te casas?

O SENHOR FERNANDES.—Quando tiver mulher. Ainda não é tarde.

O SENHOR ANTONIO.—Isso não; mas o casamento faz arranjo... Ella tem cincoenta e quatro, mas olha que é um anno para cada conto; e tu tens os teus trinta e seis, mas cá, segundo os meus calcúlos, por morte de teu pae não tens nem trinta e seis moedas, porque elle é um gastador, e deixa-te viver lá mettido no quarto a lér o Carlos Magno, sem te importares do negocio... Teu pae parece-me que não virá... vae-se demorando.

O SENHOR FERNANDES.—Já lhe disse que o meu pae pede desculpa de não vir, porque se sente incommedado da gotta... Eu vim da sua parte dar ao senhor Antonio os parabens, e comprimentar a sua esposa a quem desejamos, tanto eu como elle, largos annos de felicidade.

D. MARIA ELISA.—Muito agradecida! (á parte) Este fala melhor que os outros...

O SENHOR ANTONIO.—Tu sabes fazer a preceito esses discursos! Sempre é bom a gente lér o Carlos Magno... Eu era pequeno quando o li, e ainda me lembra esta passagem da formosa Floripes a Roldão: «Senhor par de França! Os vossos olhos são dois

sões que derramam raios que matam como os lampejos da vossa durindana. Senhor cavalheiro, eu vos digo que o vosso affecto é mais doze que o mel, o mais abrasador que as ardentes *fragas*.»

O SENHOR FERNANDES (sorrindo).—Essas fragas deviam de ser boas para assar bacalhau.

D. MARIA ELISA (sorrindo).—De certo...

O SENHOR ANTONIO.—E outras muitas cousas que me não lembram agora.

O SENHOR FERNANDES (com ar sarcástico)—E' pena que vossemecê se esqueça dos bocadinhos de ouro do Carlos Magno!

O SENHOR ANTONIO.—Ora diz lá tu algumas passagens...

O SENHOR FERNANDES.—E' impossivel, porque nunca li o Carlos Magno; mas, á falta d'essa preciosidade litteraria, posso dizer outra qualquer passagem bonita.

O SENHOR ANTONIO.—A apostar que tu não sabes orthographia?

O SENHOR FERNANDES (sorrindo).—Nada, não sei.

O SENHOR ANTONIO.—Pois então diz alli a minha mulher que t'eu ensine...

O SENHOR FERNANDES.—Far-me-hia muito particular favor.

D. MARIA ELISA.—Eu?!



O SENHOR ANTONIO.—Sim, tu, Mariquinhas. Ensiná-lhe aquellas cousas que fazem com que a gente não caia quando a terra anda de redor.

O SENHOR FERNANDES.—E é isso que se chama orthographia?

O SENHOR ANTONIO (meio irritado).—E', sim, senhor. Olha lá se queres saber mais d'essas cousas que minha mulher!

O SENHOR FERNANDES.—Deus me livre d'isso... (sorrindo a Maria Elisa que abaixa, envergonhada, o rosto). Eu nem sequer sei escrever com astronomia, como hei de saber essas leis com que se regem os astros!...

O SENHOR ANTONIO.—Chama-se *lei d'attricção*... Não te rias... é o que te digo, e, senão, ouve: ó Maricas, como se chama isto que nos faz estar de pé, assim direitos? (erguendo-se)

D. MARIA ELISA.—Salvo erro, creio que são as pernas.

O SENHOR ANTONIO (sériamente).—Isso é verdade; mas, se a terra andasse á roda, a gente cahia para o lado...

O SENHOR FERNANDES.—Não é forçoso que caia para o lado; póde cabir para traz, ou para diante. (Maria Elisa ri-se).

O SENHOR ANTONIO.—Tambem não vou contra isso; mas minha mulher sabe de uma cousa que faz

com que a gente não caia, porque todos os corpos saem do centro da terra... Olha ella a rir-se! Eutão enganavas-me, cachorra?... Ah ruimzinha!... (puchando-lhe uma orelha).

Ó SENHOR FERNANDES.—Sua senhora tem razão... Os corpos, não digo que saiam do centro da terra, mas tendem para lá; e esta tendencia faz que não possam, embora a terra se mova, cahir no espaço.

Ó SENHOR ANTONIO.—Tu não sabes d'essas cousas.

Ó SENHOR PEREIRA, *do chinó*.—Os diabos me levem se eu sei o que vossés estão a dizer!

D. ANGELICA.—S. Bento! Elle abi torna com o berzabum do inimigo ás voltas! Não se pôde estar ao pé de vossemecé!... Credo!

Ó SENHOR PEREIRA.—Ó mulher! deixe falar gente!... Eu queria saber como é lá isso de andar o mundo ao redor como se fosse uma bola! Esta gente moderna sempre diz cousas! Eu nunca tal ouvi aos velhos! Já a minha Marcellina se mette tambem a falar d'essas cousas lá dos livros com o doutor Miranda, e, pelos modos, a rapariga não é tola de todo. Agora anda ella a congeminar nos planetas, e levanta-se algumas vezes de noite, e vem á janella...

Ó SENHOR FERNANDES.—Observar os astros?

Ó SENHOR PEREIRA.—Acho que sim! A mulher lá tem aquella pancada na molla, e eu deixo-a estudar a natureza, como ella diz...

O SENHOR FERNANDES.—Isso é justo. Não me sabe dizer que planeta estuda sua mulher?

O SENHOR PEREIRA.—Acho que é o sete-estrello.

O SENHOR FERNANDES.—Ah! sim? E que diz ella a respeito d'esse «planeta?»

O SENHOR PEREIRA.—Eu sei cá o que ella diz? Está alli á janella duas horas a olhar lá para cima, e quando se deita está fria de neve. Eu já lhe disse: ó mulher! deixa lá essas cousas celestes aos homens que sabem da póda! Tanto faz como nada; ella diz-me não sei que de abobada, e das *mariadas* de estrellas... Apostar que o senhor Fernandes não sabe que ha uma estrella chamada *vespa*, e outra *saturnea*?

O SENHOR FERNANDES.—Nada, não sabia, mas ainda venho a tempo de saber. Sua senhora é que lhe ensina essas cousas?

O SENHOR PEREIRA.—E muitas outras, que me esquecem, porque não tenho as memórias affeitas a esses nomes inglezes e gregos. Se vossemecê quiser vêr o que é uma cabecinha ha de falar com minha mulher...

O SENHOR FERNANDES.—Estou convencido... não é preciso mais nada... Vejo que sua senhora estuda perfeitamente a natureza, e compensa bem a pena deitar-se fria de neve, quando a intelligencia vae quente do fogo da sciencia. Não concorda, senhora D. Elisa?

D. MARIA ELISA.—Eu?!... não sei se...

O SENHOR FERNANDES.—Pois não é da minha opinião?

D. ANGELICA, (rabugenta) —Não é, não senhor! Qual natureza, nem meia natureza! Uma mulher não se deve metter lá n'essas trampolinices! Do que ella deve tratar é de governar a sua casa, de tratar do seu marido, e dos seus filhos, e de encommendar a sua alminha a Deus. Nossa Senhora era a propria mãe de Deus, e não sabia lá das sciencias, nem d'os planetas! Uma mulher honrada não vae de noite ver á janelle o sete-estrello, nem a vespa, ou o bisouro... mau bisouro é o demonio... Deus me perdoe...

O SENHOR PEREIRA, (pundonoroso).—Com que vnc.e lá porque não tem cabeça para estas cousas, quer que as outras sejam tapadas como vnc.s? Não é má esta! Cada qual trata de si, e Deus de todos. Minha mulher gosta de estudar a natureza, e vossemecê gosta de resar novenas. Quem vai contra isso?

D. ANGELICA.—E ella porque não resa novenas? Acha que lhe não são precisas? Pois olhe que... eu já vi quem precisasse de resar menos... Melhor lhe fôra governar a sua casa, e remendar a sua roupa, e não deixar ir tudo como vae de portas a dentro...

O SENHOR PEREIRA.—Sabe que mais? trate cá do que lhe pertence, e deixe as outras! Vossemecê é muito murmuradeira.

D. ANGELICA.—Eu! murmuradeira!... Ó meu Menino Jesus! inda mais ouvirei! Ó Antonio já viste uma cousa assim?

O SENHOR ANTONIO.—Está bom... calem-se lá com essas questões... Cada qual vive como o seu genio lhe pede; mas olha cá, vizinho, eu sempre fui teu amigo, e não tenho papas na lingua, quando é necessario. Cá a minha opinião é que não deves deixar vir tua mulher para a janela de noite...

O SENHOR FERNANDES, (com ironia).—Porque se pôde constipar...

O SENHOR ANTONIO.—Não é isso... é que das más linguas ninguém se livra... Se quer estudar a natureza, ou lá o sete estrello, ou o que é como se chama, que o faça de dia.

O SENHOR PEREIRA.—Tu és tolo, Antonio! Pois os planetas apparecem lá de dia?! Já vejo que não te chama Deus para este caminho!...

O SENHOR FERNANDES.—O sr. João Pereira tem razão. De dia não se descobrem planetas. O padre Theodoro d'Almeida, que escreveu muito sobre os astros, diz-me meu pae que o vira muitas noites na grapeira dos Congregados a contemplar a natureza.

O SENHOR PEREIRA.—Vossemecé é que sabe responder, senhor Fernandes... E, de mais d'isso, eu estou muito contente com minha mulher. Antes quero que ella se entretenha com os planetas lá de cima,

do que com certos planetas que andam por ahí a olhar para as janellas, e que não são das melhores cousas para viver em paz cada qual com a sua mulher. Eu não tenho até hoje razão de queixa; oxalá que tua mulher te dê a boa vida que a minha me tem dado...

O SENHOR ANTONIO (enfurecido).—Isso agora!... salvo tal logar!...

D. ANGELICA.—Longe vá o agouro, e mais não diga a bôca que tal diz...

O SENHOR ANTONIO, (para os circumstantes).—Que lhes parece esta?! (*para elle*) Meu amigo, sabes que mais?... Vai muito de cá a lá...

D. ANGELICA.—O' menina, Deus a livre de tal... Minha querida Nossa Senhora dos Remedios, não permittaes que tal aconteça...

O SENHOR PEREIRA, (formalisado).—Que diabo dizem ahí? Se eu os percebo, sébo! Parece que já lantaram! — Pois minha mulher... sim, pergunto eu... minha mulher... se faz favor de me dizer... com que então a minha Marcellina... digam para ahí o que sabem, linguas damnadas!... Eu queria saber o que vem a ser estas benzedellas da nossa sanctinha, e lá esses arrufos teus, Antonio!...

O SENHOR FERNANDES.—Não se irrite sr. Pereira, que não tem razão. Vmc. entendeu mal os reparos da senhora D. Angelica e seu irmão. É porque o

senhor Antonio não quer que sua senhora se constipe no estudo da natureza. . .

O SENHOR PEREIRA.—isso agora é outra cousa. . . Cada qual tem o seu genio; mas vir cá dizer-me que vae muito de cá a lá, isso tem que se lhe diga. Tanto é a minha Marcellina como a tua companheira. Somos todos do negocio, e deixemo-nos de fidalguias, porque todos nos conhecemos. E quem fôr mais rico, coma duas vezes, mas não desdenhe dos outros. O que eu queria dizer-te a respeito da conducta das mulheres é que sou teu amigo, e que oxalá a tua mulher seja como tem sido a minha.

O SENHOR ANTONIO, (desesperado; com as bellas tremulas).—Isso é que eu não quero! . . . já te disse que não quero e que não ha de ser! . . .

D. ANGELICA.—E elle a dar-lhe! *má mez* para elle! . . . Valha-o uma figa! Não faça caso, cunhada. . .

D. MARIA ELISA.—Eu sinceramente lhes digo que não sei o motivo d'esta disputa! Se me não engano, a esposa do sr. Pereira tem vocação para a astronomia. É louvavel esse gosto da sciencia. São raras as senhoras que se dedicam ao trabalhoso estudo da natureza. . .

O SENHOR PEREIRA, (interrompendo).—É como diz, e viva quem sabé falar!

D. MARIA ELISA.—O senhor Antonio José da Silva diz que. . .

O SENHOR ANTONIO.—Ó Mariquinhas, é melhor dizeres *meu marido*.

D. MARIA ELISA.—Meu marido diz que não quer que eu imite a senhora D. Marcellina.

O SENHOR ANTONIO.—Não quero, é tal e qual o que eu disse. Minha mulher entendeu-me logo.

D. MARIA ELISA —Pois bem, eu não a imitarei; não me levantarei de noite a observar a atmospherá, porque realmente não quero ser martyr da sciencia. D'este modo, está acabada a questão. O sr. Pereira consentirá, porque assim lhe apraz, que sua senhora se levante para os seus estudos; e meu marido usará do direito, que eu lhe concedo, de me privar que eu estude os astros de noite.

O SR. PEREIRA.—Falou bem como quem é; parece mesmo a minha Marcellina que sabe dizer cousas que é mesmo da gente ficar encantado; mas eu tenho a dizer que cá quanto ao que eu quiz dizer, a minha birra é que se a sr.<sup>a</sup> Mariquinhas fôr honrada como a minha Marcellina, não precisa ser mais.

O SR. ANTONIO.—És teimoso como um jumento! Já te disse que a minha mulher tem outros brios, e que sabe as obrigações de mulher casada!

D. ANGELICA.—E não ha de dar que falar como algumas... emfim... cada qual metta a mão na sua consciencia...

O SR. PEREIRA, (solenne).—Que quer dizer isso?



Então vossemecê acha que minha mulher... Ora tenha juízo, que já é bem tempo de perder o sestro da má lingua... D'estas beatas... Deus me livre d'ellas...

D. ANGELICA, (aguçando o queixo inferior).— Vossemecê está mesmo a inquietar a gente... Olhe que eu!... não me puxe pela lingua, que eu não sou boa...

O SR. PEREIRA.— Isso sei eu... que vossemecê é levadinha de todos os diabos... diga-m'o a mim...

D. ANGELICA (enfurecida) Sabe que mais? ninguém o cá chamou... Deixe-nos em paz...

O SR. PEREIRA.— Vossemecê é muito mal creada... O que merecia... sei eu...

O SR. ANTONIO. — Está bom, Angelica! cala-te, João Pereira!... Se não estás bem, vae-te embora; eu não te chamei cá...

O SR. PEREIRA — O asno sou eu em vir cá fazer de homem que sabe a cortezia quando é preciso. Olha, meu amigo, enquanto tiveres cá em casa esta sr.<sup>a</sup> Angelica, não has de ter amigo nenhum...

D. ANGELICA.— Vá importar-se lá com a que tem em casa, que não tem pouco que guardar.

— O SR. PEREIRA. — A que eu lá tenho em casa tem mais honra nos calcanhares, que vossemecê na cara. O que vossemecê queria era que eu casasse comsigo, quando casei com ella. Como eu não esti-

vesse para isso, vingá-se em falar mal de minha mulher.

D. ANGELICA.—Olha o bezuntão!... Eu quiz lá nunca casar com elle!...

O SR. ANTONIO.—Accomodem-se!

D. ANGELICA.—Sevandija! Más maleitas te collam!

O SR. ANTONIO.—Angelica tapa a bôca.

D. ANGELICA.—Não quero!... Pois este desavergonhado não diz que eu quiz casar com elle! Mariola! Sempre é bem *coitadinho!*...

O SR. PEREIRA.—De uma pandorca assim não ha nada a extranhar. Eu tenho vergonha, sua truquilha, quando não havia dizer aqui quem vossemecé é...

O SR. ANTONIO.—Quem manda aqui sou eu! Já d'aqui para fóra, João Pereira!

*(João Pereira, irritado como Ajax, leva as mãos indignadas á cabeça e machinalmente desloca o chinó. Ouvem-se fungadellas de sorrisos, que exacerbam a colera de calvo que se retira. Angelica tem o queixo n'uma attitude perfurante. O sr. Antonio transpira na abundancia do costume. A' lucta succede um profundo silencio, quebrado apenas pelos gemidos convulsos da beata offendida na sua isenção de setenta annos.)*

## Scena ultima

(S MESMOS E UM ENCAPOTADO (no limiar da porta que communica para o interior) Sr.<sup>a</sup> Angelica!

D. ANGELICA.—Que queres tu, rapaz?

O SENHOR ANTONIO.—Pois tu levantaste-te da cama a tremer maleitas, Joaquim? (para Maria Elisa) Aquelle é o rapaz da loja que tem maleitas.

D. ANGELICA.—Que queres tu?

O ENCAPOTADO.—Eu estava a tremer as maleitas e ouvi um grande restolho debaixo da cama.

D. ANGELICA.—Credo! que seria?

O ENCAPOTADO.—Resei o credo em cruz, e fúi ver o que era. . .

D. ANGELICA.—E que viste?!

O ENCAPOTADO.—Era a gata que comia uma galinha assada, que trago aqui, mends o pescoço que lh'o tinha ella já comido.

(O encapotado affasta as bandas do capote; e mostra a gallinha effectivamente degolada!... A senhora Angelica recebe a victima da gata, e pede a seu irmão poderes discricionarios para vingar a affronta).

UMA VOZ.—Está o jantar na mesa.

## CAPITULO XX

Está portanto, casada a senhora D. Maria Elisa de Sarmiento e Athaide. Temo'-la na rua das Flores, e

deixa'-la lá estar. Que se embriague dos carinhos do nosso bom amigo Antonio José. Se a riqueza satisfaz plenamente as suas ambições, é muito rica, pôde cortar por largo, tem á sua disposição um homem capaz de tudo, menos de resignar-se com a felicidade do seu vizinho João Pereira, que Deus tenha na bemaventurança dos pobres de espirito, que são quasi sempre os ricos da materia.

Vamos encontrar Rosa Guilhermina tambem casada com Augusto Leite. Sou o primeiro a confessar que o meu romance está cahindo muito! Um casamento ainda pôde aturar-se no fim do romance. A gente gosta de ver recompensados os tormentos de dois amantes com o prosaico destino de todos os tolos e espertos. Ha casos, porém, em que o casamento, em vez de ser o ultimo, deve ser o primeiro martyrio das personagens de uma novella. Quantas vezes eu leio uma, em que se me arrancam lagrimas de compaixão por dois entes que se adoram, a despeito de mil estorvos que lhes diluem em lagrimas, os bellos olhos! Consterno-me; aneio a ultima pagina em que vão ser coroadas por um goso duradouro as suas agonias... E essa ultima pagina diz-me que se casaram! «Faltava-lhes esta!» digo eu então, arremessando com piedosa indignação o livro!

Ainda um casamento... passe! Mas dois casa-

mentos!... E' abusar dos dons da igreja, ou romantisar o factio mais prosaico d'esta vida! Isto em mim creio que é falta de imaginação, ou demasiadô servilismo á verdade!

Se Deus me chamasse para este caminho, como dizia, a respeito do estudo da natureza, o senhor João Pereira ao seu vizinho, de certo não casava estas mulheres, tão depressa. Acho que o melhor era trazer-las por ahí um pouco de tempo a dar escandalos. Rosa deveria apaixonar-se por um major de cavallaria que lhe faria o favor de a inscrever no productivo catalogo das mães de familia. Depois o major era promovido a tenente-coronel, e ia commandar dragões de Chaves, do que resultava (que palpitante não seria isto!) a boa da rapariga tomar duas onças de verdete n'um copo de agua, e morrer amaldiçoando o perfido! Que cousa tão bonita! Hei de aproveitar'-la no primeiro romance que escrever, e que desde já se assigna nas lojas do costume.

Ora, Maria Elisa, essa... que havia de ser essa?... Eu entendo que Maria Elisa devia namorar-se de um marquez. E vae depois este marquez tinha casado clandestinamente com Joanna Fagundes, creada da casa. E vae depois, constando á dita Fagundes que seu marido namorava Maria Elisa, a espadauda moçoila n'uma bella tarde, procura-a em casa, e mette-lhe os tampos dentro com uma cadei-

ra. Elisa expira nos braços de um sargento de policia, e Joanna Fagundes deixa cahir a mantilha, exclamando:

«Eu sou a marquezia de tal!»

O leitor ficava maravilhado do successo, e contava á familia a passagem com as lagrimas nos olhos.

Espero tambem não perder esta idéa, e o leitor terá occasião de avaliar duas obras primas. Por emquanto, peço ao respeitavel publico que suspenda o juizo a respeito da minha capacidade inventiva.

Já agora, porém, atemos o fio d'esta fastidiosa historia, e vejamos quantas moralidades pôdem produzir dois casamentos honestos.

O secundanista de direito casou oito dias depois de seu tio, e tomou conta da administração da casa, que recebeu do tutor de sua mulher.

Nos primeiros dias parece que leram muitos romances, e aligeiraram as horas em deliciosas palestras sobre a *Experiencia amorosa*, e *Sophia ou o Consorcio violentado*, romances muito lidos n'aquelle tempo. Ao cabo de quinze dias, Augusto Leite não era certo á hora da leitura, e vinha meia hora depois, pretextando negocios da casa.

Ao cabo de um mez, o extremoso marido deixava sua mulher a ler as *Viagens de Gulliver* a sua sogra, e elle saía a negocios domesticos, que lhe empata-vam o tempo até ás 11 horas da noite.

Ao cabo de dois mezes, o digno apreciador da litterata, se sua mulher lhe perguntava a razão da demora, encarregava sua mãe de responder suavemente, porque a paciencia já lhe não dava azo para tantas satisfações.

Findo o prazo de dois mezes, Augusto foi para Coimbra continuar a sua formatura, e convenceu sua mulher de que não era costume ás mulheres acompanharem seus maridos ao fóco da immoralidade. Rosa ficou, portanto, na companhia de sua sogra, que lhe enxugava as lagrimas saudosas, pedindo-lhe que lêsse a *Joanninha, ou a Engeitada generosa*. Seu marido escrevia-lhe todas as semanas poucas linhas, mas essas eram calidamente amorosas. Rosa indemnizava-lh'as com longas cartas, bonitas de linguagem, com muita meiguice em phrase pomposa, e muitas outras galanterias a que o academico, diga-se a verdade, não dava a maior importancia. E vejamos porque:

Augusto Leite tinha uma paixão unica: era o jogo; mas o jogo fóra o seu inferno, obrigára-o a fazer uma triste figura, como hoje se diz, porque perdia sempre. A sorte que o perseguira em solteiro não lhe era mais propicia em casado. O estudante continuava a jogar, e a perder; mas as perdas agora avultavam mais, e ateavam-lhe a paixão com mais ardor.

Depois do jogo, o pensamento subalterno do marido de Rosa Guilhermina era uma tricana, rapariga do campo, fresca e rosada, que vivia com elle, desde o primeiro anno, e que viera ao Porto durante as ferias grandes, em que se realisára o casamento do nosso traductor de novellas. Augusto transigiu amigavelmente com a rapariga, prometendo-lhe um cordão de ouro de vinte mil réis, uns brincos de sete mil e duzentos, dois pares de chinelas, umas cõr de gemma de ovo, e outras verde-gaio, afóra um capote de castorina cõr de mel. De mais a mais, obrigára-se elle a te'-la em sua companhia, com tanto que ella não fizesse barulho.

As condições estipuladas, de parte a parte, foram cumpridas. Benedicta vivia, sem fazer barulho, na rua do Coruche, com o seu academico, e conseguira, além dos dois pares de chinelas, um terceiro par de sapatos de cordovão com fitas, e uma mantilha de durante com aquelle bico escandaloso que usam as mulheres de Coimbra, que são as mulheres mais feias que Deus nosso Senhor depositou na face da terra. Nas ferias do Natal, Augusto Leite veio consoar com sua familia. Houve muito beijo, muita saudade, foram á missa do gallo á Sé, comeram muitos confeitos de chocolate, e não tiveram tempo de lér romances. Os outros dias correram rapidos para a carinhosa esposa. No ultimo fez certa revelação a seu



marido, com a qual elle se mostrou contentissimo, e sentiu a innocente vaidade de ser pae.

O academico partiu, e de aqui até aos Carvalhos foi imaginando o systema de banca-portugueza que lhe dêsse a desforra de seiscentos mil réis, perdidos até ao Natal. E tal era a certeza da desforra, que não duvidou contrair o emprestimo de um conto de réis, por isso que o patrimonio de sua mulher eram só propriedades.

O imaginado systema falhou, ou pelo menos não tinha vingado ainda, quando o imaginoso jogador perdeu o ultimo real do conto de réis.

Revoltado contra o traçoeiro systema, seguiu o contrario, e perdeu tambem. As meditações incessantes no methodo de ganhar, absorveram-lhe o espirito de modo que o estudante foi reprovado, e retirou de Coimbra, onde dissipára seis mil cruzados, e ficára devendo dois.

No Porto eram geralmente sabidas as dissipações de Augusto Leite. Sua mulher fôra avisada por cartas anonymas, mas o seu espirito era altivo de mais para rastejar nas mesquinhas do dinheiro. O juiz dos orphãos é que não era tão sublime; e, instigado por o senhor Antonio José da Silva, resolveu intervir na ruina do patrimonio de Rosa, sujeitando-a a uma tutela, visto que seu marido era incapaz de administrar. Augusto Leite quiz provar que tinha mui-

to juizo, mas parece que provou de mais, e peccou pelo excesso. As testemunhas disseram que nunca o tinham visto atirar pedras. Isto, que devia convencer o juiz dos orphãos, o mais que fez foi tranquillisar-lhe o espirito dos receios de ser apedrejado pelo dissipador. Tenho á vista os autos d'este processo, e sou obrigado a confessar que o juiz julgou em boa harmonia com Pegas, e Carvalho, e Pereira de Mello.

Era um magistrado probo. Permittam este *entreparenthesis*, porque o meu fraco é chamar probos a todos os magistrados, que recebem peitas, porque os ordenados não chegam a nada. N'este paiz, um magistrado probo já deu esta razão em pleno parlamento, e desde esse dia todos os magistrados são probos e a probidade e a deca e os sapatos de fivela e as meias de seda, a rectidão e os bofes da camisa ficam sendo insignias de todos os magistrados.

Que é o que eu vinha dizendo? Não ha nada que me incommode tanto como ter de ler o que escrevo... Acho que falava no nascimento de uma filha de Rosa Guilbermina... Ha de ser isso... Pois é verdade: nasceu a tal menina, e foi baptisada com o nome de *Assucena*, da qual se ha de fazer larga e pungentissima chronica.<sup>1</sup> Era uma linda creancinha, que a

---

<sup>1</sup> *A neta do Arcediago*, já publicada. (Nota da 2.<sup>a</sup> Edição).

mãe offerencia ao pae, mas o fraco de Augusto não eram as creanças. Apenas a tomava dos braços de Rosa douda de contentamento, passava-a aos braços da avó, que, por força, queria que a pequena se pacesse com ella.

Augusto vivia triste. Os carinhos de sua mulher não bastavam a desenrugar-lhe a testa, sempre carregada para os afagos da pobre senhora. Passeava sósinho no quintal, e, quando a timida mulher se approximava e, retirava-se elle a meditar no seu quarto.

—Eu desconheço-te! . . . —dizia Rosa, tomando lhe meigamente a mão insensivel — Que tens tu, Augusto? . . . ja me não adoras com aquelles extremos de ha um anno? Que te fiz? Não tenho eu sido tão egual para ti?

—Tens, Rosa . . . Não repares na minha tristeza . . . Isto é organização . . .

—Pois assim variam as organizações! . . . Grande mudança transfigurou o teu genio! . . .

—Que queres! . . . Eu não me fiz . . .

—Pois sim; mas porque soffres?!

—Porque não sou um homem vil, a quem se tire infamemente a administração de uma casa . . .

—Mas tenho eu culpa de tal infamia! . . . Não fui eu propria falar com o juiz?! Não empreguei os rogos, e as lagrimas com esse barbaro que quer go-

vernar o que é nosso?! Serci eu culpada n'essa fatalidade!...

—Não és... eu não te accuso... mas deixa-me, se não pôdes remediar esta punhalada que se deu na minha honra! Foi um ultraje cobarde, forjado nas trevas, á sombra da lei!... Despotas!... Eu hei de vingar-me de vós, ou a minha dignidade nunca mais erguerá a frente diante dos homens! (*Reminiscencias de um romance intitulado: EMILIA DE TOURVILLE, OU OS MEUS SETE ANOS DE PERSEGUIÇÃO*). Feriram-me na corda mais sensível da minha honra! Exauctoram-me dos direitos communs, a mim, que conheço, profundamente, as raias, que separam a demencia irresponsavel das operações do intellecto são! (*Idéas pilhadas a dente na SCIENCIA DOS COSTUMES*.) Falam-me no jogo!... Privarem-me do uso da minha fortuna, porque jogo!... Quem pôde privar-me de abrir com uma alavanca de ouro a minha propria sepultura! (*Pensamento soffrivel, roubado ao JOGADOR, comedia de Regnard*).

—E gostas assim de jogar, meu querido Augusto? Achas prazer no jogo?

—Acho... preciso d'esta distracção; fóra do jogo não vivo...

—Pois joga...

—E o dinheiro?... que é do dinheiro? Não vés

que nos dão para a nossa subsistencia quarenta mil réis cada mez:

—Mas temos outros recursos...

—Quaes?!

—A nossa prata, que está avaliada em cinco mil cruzados... vende-a.

—Não te zangas por isso?

Não, filho!... Eu dera a vida pela tua tranquillidade... Não é ella tua? Se o desejavas fazer, porque o não tens feito?...

.....

Dias depois, Augusto Leite vendia a prata, que tinha sido o thesouro mais querido do arcediago de Barroso, e partira para Coimbra, combinando as formas de um novo systema de jogo.

No dia seguinte ao da sua partida, Rosa Guilhermina recebia a sua prata, e este bilhete:

*«Não desdenhes uma lembrança da tua velha amiga. Comprei essa prata, e quiz presentear tua filha com ella.*

*Maria Elisa.»*

A prata fôra comprada pelo senhor Antonio José da Silva.

## CAPITULO XXI

Já não viviam na rua das Flores os disparatados conjuges.

O senhor Antonio José, quinze dias depois de casado, fechou a sua loja de pannos e algodões, trespassando-a. Fôra esta a primeira exigencia de sua mulher. Tanto elle como Angelica resistiram um pouco ás razões frivolas de Maria Elisa; mas o amor vencera, e o covado e as balanças foram offerecidas em holocausto a hymineu, como dizia a mulher de João Pereira, rindo-se muito da aristocracia balofa da sua vizinha, que lhe não dava tréla.

Fechada a loja, e liquidados os lucros, o senhor Antonio, por escolha da sua mulher, foi viver na ultima casa que o leitor encontra na rua da Rainha, que n'esse tempo não tinha nome. Era uma casa de quinta, com ares apalaçados, onde a senhora Angelica se dava pessimamente com os ratos enormes que tiveram o barbaro appetite de lhe comer a manga esquerda do seu capote, na primeira noite, e tentaram a temeridade de lhe roer a unha de um dedo do pé! Inscrevemos aqui as amarguras da senhora Angelica porque nos impuzemos a obrigação de commemorar todas as lagrimas d'este desventurado enredo.

O senhor Antonio José da Silva comprou carroagem. Esta immoralidade custou muitos *padre-nossos* a sua irmã, que esperava todos os dias um raio fulminante sobre os cavallos, que conduziam sua cunhada a passeio pelas estradas de Braga e Guimarães, que eram n'esse tempo um pouco melhores que

hoje, porque eram de pedra, e a civilização não tinha ainda inventado o cascalho.

O senhor Antonio cahira na imprudencia de entrar, uma vez, na carroagem, e viu desgraçadamente realisadas as suas previsões! Foram taes os solavancos que soffreu aquelle globo de carne, taes entaladelas flagellaram os seus refegos esponjosos, que, tres dias de cama, o nosso bom amigo difficilmente digeria a mesquinha refeição do costume.

Maria Elisa nunca mais o convidou para o martyrio da carroagem. Era uma excellente esposa! Conhecera profundamente que as dimensões abdominosas de seu marido não comportavam a agitação febril do seu espirito. Ia, portanto sósinha, emquanto seu marido cultivava uns repolhos e umas melancias que plantára e semeára para ter em que exercitar as suas forças musculares.

A Providencia nem sempre é justa para os bons cultores da hortaliça! Emquanto o senhor Antonio estudava a maneira de salvar do bicho a folha exterior do repolbo; emquanto o bom cidadão classificava methodicamente a natureza do estrume, com que deviam adubar-se os terrenos de melancia; emquanto, finalmente, o negociante retirado prestava á humanidade um relevante serviço em horticultura, sua mulher andava por lá fazendo cousas, que aqui vamos escrever para caução de todos os maridos, que

espreitam a toupeira no cebolinho, enquanto suas amaveis mulheres vão comprar tarlatanas e rendas.

O leitor, se tem attendido á melhor historia que se tem escripto n'estes ultimos annos, ha de lembrar-se de um senhor Fernandes, que assistiu ás bodas do senhor Antonio, e que tinha uma linguagem distincta, e umas ironias salgadas a sabor de D. Maria Elisa de Sarmiento e Athaide.

O senhor Fernandes, de trinta e tantos annos, aspecto agradável, com algum espirito, com muito pouca materia, amigo de livros, e mais ainda das boas mulheres, era o maior peccador que produziu a rua das Flores. Contra todas as leis da honra, contra o mais respeitavel dos preceitos do decálogo, o senhor Fernandes tinha uma diabolica vocação para a mulher do proximo! Cae-me da mão a penna indignada por se vêr na dura precisão de archivar este escandalo! Lucto, ha oito dias, com a veracidade do ignominioso facto, que vou enunciar com as lagrimas nos olhos, e o pudor na face. Quizera cobrir com o véo da caridade esta ulcera; porque antevejo o doloroso vexame que involuntariamente vou infligir ao leitor pudibundo! Não é possivel. Sou muito amigo do publico; esforço-me para manter a moral na temperatura em que a encontrei; mas, como o amigo de Platão, sou mais amigo da verdade. É necessario dizer-se ao menos metade do que sei. Ben-



zamo nos, pois, primeiramente, para que Deus nos livre de maus pensamentos, e das tentações hediondas d'este grande peccador, que a estes horas já sabe o bem ou mal que fez! . . .

Fernandes (*proh pudor!*) entendeu que devia namorar Maria Elisa, a esposa do seu vizinho, a mulher do seu proximo, que é sempre um sujeito respeitavel, ainda que seja um grande tolo ou um grande maroto!

Ouseiro e vezeiro de semelhantes impudicicias, este monstro fôra o primeiro immoral que tentára a honestidade da senhora D. Marcellina, esposa muito querida do senhor João Pereira, e, pelos modos, assidua cultora dos estudos da natureza. Esses estudos quem lh'os fez appetecer foi elle! Não queremos fazer peso aos seus enormes peccados, mas relevenos a sua alma o encargo que lhe fazemos de ter sido elle o mestre de astronomia de Marcellina. Sem os prologo menos, que lhe ensinou, nunca ella viria alta noite, estudar o «planeta sete-estrello»! Á sombra da sciencia, deu-se abi uma grande immoralidade na face da terra! O crime infando, que hoje felizmente não tem sectarios, graças á civilisação que vae ensinando os limites dos deveres, não só internacionaes, mas tambem inter-vizinhos, o crime infando (repetimos com os calefrios do terror na espinha dorsal); o crime infando, finalmente, consubs-

tanciou-se de tal arte no sangue d'aquelle homem, que (*vox faucibus hœsit!*) não havia mulher casada com um palmo de cara soffrivel, que o réprobo de Deus e dos maridos não tentasse abysmar nas profundezas do báratro perpetuo!

Mas pela litteratura tinha vindo um grande mal á senhora Marcellina, que não é digna de *dom*, attendendo á villã fraqueza com que se deixou embair das astucias d'aquelle grande velhaco, que já me fez suar tres vezes, desde que estou falando nas suas impudencias!

De mais a mais, Fernandes era inconstante nas suas affeições, e cynico na maneira de se desquitar das fastidiosas mulheres, que o fatigavam depressa. Esta segunda immoralidade é uma questão á parte. A nossa missão, aliás repugnante (nunca cessaremos de lembrar ao leitor que nos parece impossivel este crime, como o parricidio aos legisladores de Athenas) a nossa missão é contar que o dito Fernandes tentou seduzir Maria Elisa!

O peor não é isto! A maior das vergonhas é ter eu de dizer que Maria Elisa, legitima representante de nossa avó, que comeu maçãs no paraizo, cedeu á tentação, e só torceu o pudibundo nariz duas vezes (ou tres, não me recordo bem) ás calidas manifestações d'aquelle grande desaforado, perverso, dissoluto, scelerado, e não sei mesmo se concussionario!

Quem soubesse isto, entrava no segredo dos constantes passeios de Maria Elisa. A sua habitual direcção era a Ponte da-Pedra, a uma legua do Porto, na estrada de Braga.

Ahi apeava-se da carruagem, a pretexto de descansar. Subia para a sala da estalagem, que já n'esse tempo era as delicias dos honrados amadores de peixe frito, e azeitona. E n'essa sala... (*digitis-callemus et aure!*... Soccorre-me, meu velho Horacio!) encontrava sempre esse homem para o qual o meu vocabulario de indignação não tem um nome adequado! E isto aconteceu muitas vezes, emquanto o senhor Antonio sachava os repolhos, e mondava a hervagem das melancias, sabe Deus com que difficuldades na curvatura da columna vertebral!

Tres mezes, seis, nove, um anno esta pouca vergonha! E o céo não tinha raios para o impio, e o senhor Antonio não tinha n'aquelle coração um presagio, que lhe dissesse que entre o repolho e a melancia ha alguma cousa que deve occupar a cabeça de um homem sensato!

A Providencia, algumas vezes, parece-se com Homero; dormita, e consente que os Antonios Josés levem no somno a palma ao cantor de Ulysses, que tambem dormitou emquanto Penélope fazia muitas cousas, em que se parecia com Maria Elisa. Ora já não é pequena a gloria para o senhor Antonio José

collocar-se a par de Ulysses ! Era em uma bella tarde de agosto.

Maria Elisa sahira para a Ponte-da-Pedra. O senhor Antonio ficára n'um banho de tina, chafurdando como o proprio tubarão de barbatanas. Quando sahíu do banho, achou-se fresco, como é natural, e resolveu dar um passeio, e, o que mais é, surprender sua mulher, que devia ficar contentissima de tal surpresa.

Ao pensamento seguiu-se a execução. O senhor Antonio repartiu as suas duas pernas pleonasmos sobre o dorso de uma pacifica jumenta, e com a ponta da bengala estimulou-lhe a anca de modo que era um raio por aquella estrada fóra ! E era um grupo bonito ! A pequena jumenta, debaixo do vulto magestoso do senhor Antonio, parecia consubstanciada na organisação do seu dono ! Iam contentissimos !

—Lá está a carruagem !—disse elle, exultando, á sua jumenta, com a qual tivera um longo colloquio, em que a submissa interlocutora não fóra menos eloquente com o seu silencio, nem lhe quizera conceder honras de Balaam.

—Pararam á porta da estalagem. O senhor Antonio não queria fazer ruido, e perguntou baixinho:

—Onde está a dona da carruagem ?

—Está lá em cima com o primo.

—Com o primo!—exclamou elle com um som de ventriculo.

—Sim, senhor, o primo. . .

—Quero vê'-la. . .

E subia as ingremes escadas, agarrado ao corre-mão.

Maria Elisa conhecera a voz. Fernandes fugira para o quintalejo immediato, e escapára-se pelos pinhaes vizinhos, sem ser visto.

O senhor Antonio estava diante de sua mulher, solenne e magestoso como todos os maridos em semelhantes apertos. Queria falar, e parece que a eloquencia lhe ficava estagnada nos papos do pescoço que oscillavam como duas bexigas de porco, sopradas pelo vento. Queria profundar o abysmo da sua situação, e a unica imagem que lhe apparecia aos olhos pávidos era João Pereira, o do chinó !

Angustias d'estas . . . não tem nome na terra ! Casu, como forçado por um enorme murro, sobre uma cadeira. O urro, que a cadeira gemeu debaixo d'esta avalanche de carne, acordou os echos da estalagem.

Maria Elisa, essa, pallida e confusa na surpresa do crime sorprendido, approximou-se de seu marido, e murmurou com meiguice:

—Que tem ? . . .

—Que tenho ? . . . perguntas-me o que tenho ?

—Sim ! . . . pois que fiz ?!

—O que me fizeste?!

—Sim, o que lhe fiz?

—*O que lhe fiz?! diz ella.*

—Digo; pois que lhe fiz eu para tal commoção?

—Tu escarneces de mim!... Que primo é esse que estava contigo?

—Um primo!?...

—Sim, um primo... quem é esse primo, que nunca me falaste n'elle?... Deixa que eu chamo a estalajadeira, e ella te dirá quem é que me disse que tu estavas aqui com um primo... Espera ahí...

O senhor Antonio dera um pulo, como um tigre, da cadeira para o meio da sala, e tomava fôlego para chamar a estalajadeira, quando Elisa, atordoada da surpresa, mas não de todo, correu a elle, embaraçando-o no vergonhoso proposito...

—Não chame... que é uma vergonha...

—Então sempre é verdade, que me és infiel!... Deshonraste, Maria Elisa, um homem a quem deves tudo!... E' assim que se é mulher honrada!... Foi para isto que me amaste, e quizeste casar comigo!... Eu endouço... Eu morro!... Que dirá o mundo!...

O senhor Antonio começava-lhe a dar cuidado o que diria o mundo. N'estas enfermidades, o temor do que o mundo dirá é sempre um symptoma favoravel; porque o mundo cala-se depressa, e as func-

ções vitaes dô espirito entram no seu curso regular.

Maria Elisa não era tão esperta como eu suppunha. Ficou estupidamente surprehendida. Não teve nenbuma lembrança feliz, que obrigasse seu marido a pedir-lhe inclusivamente perdão da calumnia injuriosa ! Caiu com miseravel imbecilidade n'um torpor moral, indigno da sua experimentada philosophia. Deu-lhe para amuar, e morder o labio inferior, mas não com tanta força que espirrasse sangue. Ella sabia fazer as cousas com prudencia; e, com quanto soffresse bastante na alma, parece que poupava o corpo como cousa sua, e não lhe quero eu mal por isso. Uma mulher, como eu seria se o fosse, deve fazer muito por que o corpo se não sinta das enfermidades da alma. A alma tem muitas primaveras, e por mais envelhecida que esteja não se vê. O corpo tem só uma, e essa está sujeita á maldita perfeição das lentes que lhe não deixam uma ruga precursora de decadencia sem demorada analyse.

Eu, se fosse mulher, tinha enviado para Rilbafolles muitos poetas ! Havia de reduzi'-los á quinta essencia do amor, que é a demencia. Com preferencia a todos os outros, andaria de modo que me tornasse um curioso estudo dos scepticos. Estas feras é que eu amansaria. Se eu conseguisse tornar-me objecto dos seus estudos physiologicos, prometto vos que a seita ridiculamente comica dos *cansados*, dos *scepti-*

cos, e dos *não comprehendidos* acabava como as preciosas ridiculas de Luiz XIV.

Querem saber o que eu fazia? Ahi vae... E' um serviço gratuito que eu offereço ás mulheres, embora provoque inimizadas de homens, que são realmente os entes que menos me incommodam. N'este mundo ha só duas cousas que me affligem: são os maus charutos, e madrugadas antes da uma hora da tarde. No mais entendo que este globo é o melhor de todos para quem não tiver callos e rheumatismo.

Se eu fosse mulher com uma cara soffrivel, estabelecia para meu uso as seguintes theorias:

### *Solteira*

Tendo de quinze a vinte e cinco annos, dava me ares de candida innocencia, e singeleza patriarchal. Olharia este ou aquelle importuno, mas só com tres partes de um olho, imaginando que elle tinha quatro. Far-me-ia passar por myope, para que ninguem reparasse no olhar penetrante com que os myopes costumam encarar os objectos a certa distancia. Não usaria luneta para mostrar assim que a minha vista era de sobejo para admirar as poucas maravilhas do mundo. No theatro teria a barba sempre apoiada na convexidade da mão, e nunca pegaria do binoculo sem reparar que a luva retezada não tivesse rugas.



Com as lentes assestadas para a segunda ordem deixaria passear a vista, como dizem os francezes, pelo rebanho de Epicuro, que somos nós os misera-veis estafermos de calças.

Surpreendida, retirava os olhos com indignada commoção, e perguntaria á mamã se o vestido de D. Efigenia, ou de D. Simplicia não era de pessimo gosto.

No final de cada acto, sabia a visitar uma amiga, e dava dois saltinhos quando me erguesse do banco, para que a minha cintura não ficasse sempre occulta pelo parapeito do camarote.

Acontecendo, porém, que a minha cintura lucrasse com o mysterio, não sahia nunca sem lançar com languida graça uma pellica pelos hombros. Nos bai-les não sei o que faria; mas o que devia fazer era não tocar nunca n'um taboleiro, e aceitar com mostras de grande sacrificio a instada offerta de um fôfo, ou de um rebugado de chocolate. Liquidos, excepto agua limpida, nenhum. Nos jantares tomaria duas colheres de sôpa, o pescoço de uma rôla, ou a aza de um frango. E isto mesmo seria vagarosamente triturado pelos dentes preguiçosos, com ar de victima sacrificada ás conveniencias de uma sociedade, que tem o prosaismo de comer nas boras vagas. Fructas, comeria uma laranja, uma amendoa torrada, e o resto do tempo entrete'-lo-ia com o palito.

Como é natural que me retirasse com fome, em minha casa, nas horas silenciosas da noite, quando a natureza já não respira, como se diz nos primeiros capitulos de quasi todos os romances, comeria de modo que, no outro dia, me levantasse pallida pelo effeito de uma indigestão.

Estaria duas horas diante de um espelho a desalinhar-me, porque o desalinho é o mais melindroso toucador de uma mulher, que conhece profundamente as irrisorias pieguices do homem.

Cheguei á especialidade em que eu muito queria ser mulher, pelo menos na estação do theatro lyrico.

Se vivesse no Porto, colheria as melhores flôres da minha corôa na estufa do real theatro de S. João, e escolheria de preferencia certos cactos reaes que eu lá conheço. Eu denomino cacto real o leitor, qualquer que elle seja, com tanto que tenha escripto algumas sandices e dito outras tantas a respeito do scepticismo. E' cacto, de trapeira pelo menos, (esta classificação não é minha: pertence a um espirituoso folhetinista que d'antes classificava cactos, e actualmente elle proprio se fez cacto politico, e vive nas estufas doentias do jornalismo sério), é cacto de trapeira, dizia eu, todo aquelle que chora o eterno desalento da sua alma despoetisada, e não desencrava a luneta indecentemente enorme da primeira mulher,

que teve o descuidoso passatempo de reparar cinco minutos na sua pallida physionomia.

Com estes é que eu me queria encontrar, sendo mulher, e mulher litterata, porque, do contrario, agradeço á Providencia o favor que me fez de me atirar qual sou á torrente dos acontecimentos masculinos.

Mulher, e litterata, sacrificaria temporariamente a minha isenção a um d'esses scepticos desgrenhados, que se balouçam na platéa como se, insaciáveis de espirito, precisassem dar á materia todos os repellões, que as turbas contemplam como terremotos do talento.

Logo que eu conseguisse prender-lhe a attenção, aventuraria um d'esses sorrisos, que me não custariam nada, sem que por isso me parecesse com certas mulheres, que se escangalham em risadas alvares e frivolas, mostrando a profundidade dos engastres mandibulares como quaesquer cozinheiras nos seus colloquios amorosos com os cozinheiros respectivos.

Eu não me riria nunca; sorriria algumas vezes, e quereria que o meu sorriso fosse recebido como formalidade da etiqueta para com os ditos semsabores das pessoas que me rodeassem, que seriam quasi todas de uma fabulosa semsaboria.

A fera, domesticada no seu sanguinario scepticis-

mo, procuraria revelar-me dez paginas intimas da sua agonia dilacerante. Falar-me-ia quatro vezes do seu desalento; faria o necrologio da sua alma; citaria Lazaro, levantando-se do tumulo á voz de Christo; e acabaria por pedir-me que sentenciasse o seu futuro para optar entre a vida e a morte.

O que eu faria, então, attenciosas leitoras, não sei se alguma de vós já teve a condescendencia de o fazer. Mandava-o á meia noite apparecer debaixo da minha janella; e, sendo no entrudo, atirava-lhe um ovo de cheíro; sendo na semana santa, quatro confeitos; e, no Natal, uma tigelinha de ovos molles.

A humanidade estava vingada.

Ora aqui está o que eu faria, sendo solteira.

### *Casada*

Sendo casada, eu era, com grande despeito da mulher de um certo ministro da fazenda do Egypto, chamado Putiphar, e da mulher do senhor Antonio José da Silva, uma honesta mulher, de quem os mestres encartados de necrologios diriam depois: *Era uma esposa carinhosa, o modelo das mães, e uma senhora virtuosa a todos os respeitos.* É verdade que não é necessario ser tanta cousa para, á sahida d'este mundo, deixar os jornaes encarregados de dizerem ainda mais. Morram quando puderem, que eu lhes prometto uma boa duzia de epithetos.

Eu seria não só o que me fizessem ser os constructores de necrologios e epitaphios; mas, por minha parte, exerceria todas as virtudes conhecidas, e muitas outras que ninguem conhece. Seria, por abreviar moralidades, que me dão grande trabalho e aborrecimento aos leitores, seria tudo menos o que foi D. Maria Elisa.

O que o senhor Antonio seria, isso é que eu não sei; mas o que elle estava sendo, em verdade vos digo, que não deve ser inveja de ninguem!

A eloquencia dolorosa, que o auxiliou no choque da surpresa, falhou-lhe. Quiz fulminar a perjura com uma apostrophe corrosiva, e não lhe occorreu nada a proposito. Um pensamento ignominioso esvoaçara-lhe na cabeça febril... Teve tentações de esmaga-la contra a parede do quarto em que esta scena attribulada corria desapercibida.

O negociante, digno de melhor sorte, pagava com usura as affrontas orgulhosas com que tentára ferir a honra do seu vizinho João Pereira.

No auge da desesperação, a sua alma tornou-se esteril, a sua lingua pegou-se aos gorgomilos, os seus labios resequiram como queimados pelos suspiros rugidores, que lhe subiam das soturnas catacumbas do peito. Um tremulo de seção vibrava-lhe os musculos da face, especialmente os bussinadores, que a maior parte dos leitores não sabe o que é, mas

por isso mesmo é que tudo o que eu disser tem um cunho de originalidade, que o senhor Antonio não sabia dar ao seu ciúme, nem sua mulher á sua perfidia.

Esta falsa posição não podia durar muito. Se se prolonga mais cinco minutos, eu, por mim, declaro que largava a penna, e acabava o conto aqui. Não ha nada mais sensabor que a situação da mulher desleal surprehendida por um marido, que nem sequer arranca de dentro quatro gritos, e reteza os braços na arripiadora postura de Orestes, insultando os deuses ! Porque não disse o senhor Antonio alguma cousa fóra do commum ?

Porque não fez estylo de marido, que é o mais mascavado de todos os estylos ? Porque não exclamou: *«Perfida mulher! hei de beber-te o sangue, e cevar no teu coração as minhas iras! hei de esfolar-te para memoria eterna! hei de mandar ao vento as tuas cinzas, e a tua alma a Satanaz! Oh! Ah! Ah! Oh!»*

Com estas palavras já eu compunha um capitulo, porque as outras tolices encarregava-me eu de as pôr de minha casa, e juro que um dos maridos mais venerandos e ferozes do seculo, que passa, seria o nosso amigo Antonio, com grande desfalque de João Pereira, que, no seu genero, não era mau.

Assim nem eu sei como hei de acabar o capitulo

de modo que elle e ella não pareçam dois volumosos parvos! Se me lembrasse d'algum romance, que tenho lido, cousa que se parecesse com isto!... Ah!... Achei um bom desfecho, e que tem o merito de ser o mais natural de todos.

O senhor Antonio desceu solennemente para a rua a procurar a jumenta, que tão grata portadora tinha sido do seu anhelante coração. A jumenta pilhando-se solta, fugira para casa, e não sei que monologo mental ella faria á sua liberdade.

O senhor Antonio pedira aos echos a sua jumenta. Os sobreiros da encosta contemplavam silenciosos a sua dôr. A lympha dos regatos era como um arremedo cruel aos seus gemidos! Desgraça!

N'este angustioso conflicto appareceu Maria Elisa. A carruagem approximou-se.

—O senhor veiu a pé?—perguntou ella, vendo seu marido encostado a um pilar da ramada.

—Que lhe importa?—redarguiu o marido convulso, mettendo as mãos nos bolsos, e puxando as calças machinalmente para cima, dando-se a grutesca figura de uma talha chinesa.

—Porque não entrã na carruagem?—replicou a carinhosa esposa, approximando-se meigamente do marido, que fumegava pelas ventas, como uma fabrica de fundição.—Venha... eu lhe explicarei tudo... verá que estou innocente, ha de arrepende-

se de me tratar assim . . . —proseguiu ella, com o tremor de voz, que precede as lagrimas.

—Como innocente!—murmurou o senhor Antonio um pouco modificado nas caretas da sua furia legitima.

—Sim... innocente... Em casa lhe contarei tudo...

—Pois pôde lá ser que estejas innocente?... Tu estás a mangar comigo!...

—Verá que não sou digna da sua colera, e que os seus ciumes são injustos... A affronta que fez ao meu character de mulher casada, tarde ou cedo lhe fará remorsos, senhor Antonio José da Silva!...

O tragico entono d'estas palavras acobardára os espiritos briosos do marido. O senhor Antonio julgou-se algoz d'aquella victima; e, se ella teima, haviamos de ve'-lo ajoelhar aos pés do innocente holocausto do seu ciume, e pedir-lhe perdão.

Maria Elisa, restituo-te os teus creditos! Andaste perfeitamente, por fim! Eu, se fosse mulher casada, com os teus costumes, faria o que tu fizeste.

Em 1819, ninguem faria mais do que tu!

Hoje... serias de uma simplicidade boçal.

## XXII

A seu tempo saberemos até que ponto o senhor Antonio podia ser civilizado por sua mulher.



Agora vamos procurar Rosa Guilhermina.

Antes de entrarmos, reparemos n'esta mulher que bateu á porta primeiro que nós.

— Quem é? — perguntou da janella uma creada.

— Faz favor de dizer á senhora D. Rosa que está aqui uma mulher, que lhe quer falar.

— Que lhe quer?

— A vossemecê não lhe quero nada, é a sua ama.

— Quer pedir-lhe alguma esmola?

— Sim, senhora, queria pedir-lhe uma esmola.

— Pois para isso escusa de falar á senhora: pegue lá... Então não levanta do chão os dez réis?!

— Não levanto, porque lhe não pedi nada a vossemecê. Já lhe disse que quero falar com a senhora D. Rosa.

— A senhora D. Rosa não fala a mulheres de mantilha rôta .. Se quer, queira, se não quer, onde sempre...

A janella fechou-se e a mulher de mantilha rôta sentou-se no degrau da porta.

Pouco depois, abre-se outra vez a janella, e apparece D. Rosa!

Vêde-a, já não é a rosa purpurina de outro tempo!... A pallidez d'aquellas faces não é natural!... Ali, ha muita saudade do que foi, ou muito receio do que será! Aquelle desalinho não era d'antes assim... Rosa tinha tanto brio nos seus longos cabel-

los negros!... Enfeitava-os tanto de fitas e flores!... E agora?... Aquelle lenço branco que lhe apanha as tranças desgrenhadas, é tão desairoso!... Aquelle chale, que lhe esconde as formas do pescoço mais lindo ao pé dos hombros mais artisticamente torneados, dá-lhe um aspecto tão triste de enfermeira do hospital... Que mudança!... faz pena!... Cahiú tão depressa da haste aquella flôr, que tinha tanta vaidade das suas petalas avelludadas, e da fragancia dos seus aromas!... Minha pobre Rosa, que é da tua philosophia!... De que te valeram os teus romances, se te devias amoldar aos typos dolorosos que lá encontraste!... Ai... porque cheguei eu a interessar-me na tua sorte, se nunca te conheci!... Porque ha de esta phantasia pintar-me realidades que me fazem dores no coração, quando as vejo sahirem infelizes dos bicos da minha penna!... Tenho cousas de muito creança, leitores!... Desculpae-me estas imbecilidades...

Para que vieste tu á janella, Rosa, se quasi me obrigaste com a tua pallidez a discorrer com ternura sobre cousas que me fazem lembrar mil outras, e tão tristes são ellas, que nem eu sei se era mais feliz não vindo ao mundo para recorda'-las, ou, ao menos vê'-las, e esquece'-las para sempre... Forte puerilidade!... Se me não chamam para jantar,

— n'este momento, eu reduzia-me á situação piegas de verter uma lagrima... por quem?

Uma lagrima!...

Sabeis o que é uma lagrima de um homem!... E' a perdida essencia do sangue que nos alimentaria a existencia longos annos!.....

.....  
A mendiga, ouvindo abrir-se a janella, ergueu-se, voltou a face macilenta para cima, e cortejou D. Rosa.

—Quer alguma cousa, mulher?

—Queria-lhe dar duas palavras, minha senhora

—Então diga d'abi.

Eu bem queria dizer lh'as de perto.

Rosa voltou-se para dentro, e mandou abrir a porta. A mulher subiu, e encontrou a senhora no topo da escada, perguntando-lhe o que queria.

—Venho pedir-lhe uma esmola.

—E para isso era necessario subir? Dissesse-o da rua, que eu mandava-lh'a dar.

—Uma teima assim!...—atalhou a colerica creada—Eũ já lhe tinha deitado á rua dez réis, e ella não levantou do chão a esmola... O que vossê merecia sei eu...

—Não se zangue tanto, menina... Bem me basta a minha pobreza. Lembre-se que não está livre de chegar ao estado em que me vê... Outras mais ri-

cas, e com bem melhores principios que os seus, teem tido este fim...

—De mais a mais quer dar leis!—interrompeu a cozinheira, animada pelo silencio approvador de sua ama—Sabe que mais, minha senhora? mande-a pôr no olho da rua, que, enquanto a mim, essa mulher não vem para fazer boa obra... Eu vou queimar ar-ruda...

—Tome lá...—disse Rosa Guilhermina, offere-cendo-lhe um pataco.

—Seja pelo divino amor de Deus...—disse a men-diga beijando a esmola.

—Então não se vae embora?

—Ainda não, senhora D. Rosa Guilhermina... Tenho duas palavras a dizer-lhe muito em particu-lar...

—Que negocios poderei eu ter comsigo?!

—Negocios nenhuns; mas Deus não deu lingua á gente para falar só em negocios.

—Diga o que quer mesmo ahí.

—Aqui não, porque a sua creada está ouvindo o que nós dizemos.

—E que tem isso? Eu não tenho segredos de que me esconda á creada.

—Mas vae te' los agora, e bom é que ella não sai-ba o que vou communicar-lhe.

—Fóra com a alcoviteira!—exclamou a creada lá

— do interior — *Má mez* para ella! . . Olha o estafermo que me apparece em jejum! . . .

— Esta sua creada, minha senhora, é bem pouco caritativa com os desgraçados, e v. s.<sup>a</sup> não é melhor que ella, pelo que vejo . . .

— Está bom! — atalhou irada D. Rosa — Eu não admitto reflexões! Saia, que quero mandar fechar a porta.

— Pois devéras não me quer ouvir?

— Não, já lh'o disse.

— Pois ha de ouvir-me, digo-lh'o eu.

— Se cá tivesse o creado, mandava-a pôr no meio da rua.

— E a senhora para isso precisa de um creado? Eu sou uma pobre velha sem forças . . . qualquer sopro me faz cabir, e a menina mesma pôde empurrar-me por esta escada abaixo . . .

— E esta? já se viu um descaramento assim? Vos-sê parece-me uma mulher sem vergonha! . . .

— Pois eu tenho muita, e principalmente agora. Sabe Deus com quanta vergonha eu vim pedir-lhe uma esmola.

— Mas, se eu lhe dei a esmola, porque se não retira?

— Não me retiro, porque os desgraçados não se satisfazem só com pão . . . precisam de outras consoações, que a menina pôde dar-me.

—Pois que quer?

—Queria que me deixasse sentar um bocadinho nas suas cadeiras... Estou muito fatigada, falta-me já a força n'estas velhas pernas, que tanto andam, e tão pouco caminham... Tudo me falta... até a vista: nem a menina me parece o que era aqui ha um anno!... Deve ter feito uma grande mudança a sua vida!... Vejo-a tão coadinha... A menina soffre do corpo, ou da alma?

—Que lhe importa do que eu soffro? Não soffro de uma nem de outra cousa...

—Pois louvado seja Nosso Senhor!... Felizes aquelles que assim o podem dizer... Pois veja que differença... Eu soffro de tudo...

—E que culpa tenho eu d'isso?

—Nenhuma, nem eu a culpa, senhora D. Rosa Guilhermina...

—Faz favor de saber que eu quero recolher-me?

—Está o almoço na mesa—disse a creada.

—Se a menina consentisse que eu tomasse uma chavena de chá consigo...

—Comigo?... essa é boa!

—Envergonha-se d'isso? Pois olhe que não descia de quem é, porque os pobres foram sempre os amigos, com quem Jesus Christo repartiu o pão e os seus peixes.

—Parece-me esperta de mais para pobre...

—Pois é de obrigação que todos os pobres sejam brutos!... Então dá uma chavena de chá... a sua mãe...

—A...

—A sua mãe!

—A minha mãe... Quem é minha mãe?

—Fale baixo que a não ouça a sua creada!... Não lhe tinha eu dito que era bem melhor ouvir-me em particular!... Espanta-se de mais, menina? Pois não sabia que tinha mãe? Não soube ha um anno que ella precisava de recorrer á sua generosidade. Não calculou, que, mais hoje ou mais amanhã, a sua desamparada mãe devia cobrir-se com esta mantilha esfarrapada pera vir receber dez reis da mão da sua creada?

—Eu não a reconheço como minha mãe... Eu já colhi informações de que minha mãe não existia... Meu pae nunca me disse que eu tivesse mãe viva!

—Deus perdôe á alma de seu pae... Não lhe quero por isso amaldiçoar a memoria... Pois, quer me acredite, quer não, esta desgraçada mulher, que não conhece, esta velha, que ainda não tem quarenta e quatro annos, é sua mãe.

—Não acredito, já lh'o disse... Prove-me que é minha mãe, e eu lhe farei aquillo que já lhe quiz fazer, se vossemecê é uma tal Anna do Carmo, que morou na rua Direita.

—Sou uma tal Anna do Carmo, que morou na rua Direita, e agora morà no pateo dos conventos, esperando a tigella de caldo da caridade. Bem vê que soffri muito antes que viesse importuna'-la. Não disse a ninguem que a menina era minha filha, para a não envergonhar. Lembrei-me de que, sendo eu moça e rica do muito que seu pae me dava, não gostei de que minha pobre mãe viesse um dia procurar-me para me pedir doze vintens para comprar uma gallinha para minha pobre irmã, que morreu de miseria depois de um parto... Lembrou-me o quanto eu me vexei então, e quiz poupar minha filha a semelhantes vergonhas, que só sabe o que ellas são quem passa por ellas. Agora, se aqui vim, é porque de todo em todo já não podia levantar-me das palhas para ir de manhã procurar a bemdita esmola no pateo de S. Bento e de Santa Clara. Sinto-me quasi sem vida, tenho um aneurisma no coração, e queria ver se morria descançada para me reconciliar com a misericordia divina... Se não fósse isto, minha filha, eu não vinha de certo aqui, de mais a mais tão rôta, tão magra, indigna de me chamar sua mãe...

Rosa Guilhermina tinha soffrido um abalo, e parece que as lagrimas iam saltar-lhe involuntariamente dos olhos. Mas a creada, que viera collocar-se, sem ser vista, na alcova proxima da sala, adi-



vinhando a commoção de sua ama, resolveu salva'-la das arteirices da velha, e tomou a palavra, saltando para o meio da sala, com a mão na cintura:

—Pois v. s<sup>a</sup> acredita o que lhe está dizendo essa onzeneira?

—Não... eu não acredito, mas tenho pena d'ella... Coitadinha... é a necessidade que lhe ensina estas mentiras... Quer vossemecé uma chicara de chá?

—Não, menina, eu já não quero a sua chicara de chá. Deus Nosso Senhor dá-me forças para que eu possa viver sem a sua esmola. O que eu queria era morrer, abraçando-a ao meu coração, e chamando-lhe *filha*...

—Será ella douda!—atalhou a creada.

—Não sou douda, não... Não receie que eu lhe quebre as suas jarras... Estou no meu perfeito juizo... Estejam descansadas que não farei doudice nenhuma. Se fôsse ha um anno, poderia faze'-las... Hoje, já não... A desgraça enfraquece a gente, e apura o entendimento... Conheço muito bem minha filha...

—E ella a dar-lhe com o *minha filha!*...—interrompeu a creada.

—Ouça-me enquanto ella se ri, menina, que o que eu vou dizer-lhe ha de faze' la chorar. Conheço muito bem que não tenho direito nenhum a pedir-

lhe o amor, que se deve a uma mãe... Eu quasi que a não reconheci minha filha. Dei-a ao mundo, e o mundo assim como a fez feliz podia faze'-la muito mais desgraçada que eu sou... N'este mesmo momento, em que venho aqui expiar as minhas culpas, confessando-lhe que fui tão desnaturada mãe, olhe que lhe não tenho amor, nem me offendo com o seu desprezo. Por força assim devia ser... Se não fôsse assim, eu não acreditava na justiça de Deus!... Se a minha filha me tivesse atirado com um pontapé á rua, eu havia de levantar-me, se pudésse, para lhe dizer: «eu te perdôo, filha de Leonardo Taveira!» Veja que bom coração eu poderia ter-lhe dado, se tivesse, quando a expulsei de meus braços, um presentimento de que viria uma hora em que eu precisava das suas consolações...

D. Rosa chorava, e a propria creada sentia-se amollecere no coração.

—Entre para esta sala—disse a filha do arcediago commovida.

—Não entro, minha filha, eu vou retirar-me; disse-lhe tudo, levo o coração mais desabafado, e creio que a não offendi... Se a maguei, diga-m'o, que lhe quero pedir perdão.

—Entre... — balbuciou Rosa, offerecendo-lhe a mão.

—Não... já lh'o disse... aqui tem os seus dois

vintens, molhados de lagrimas, que são a usura d'este empréstimo... Dentro d'essa sala não posso entrar como mendiga: se eu pudésse visita'-la, como senhora, viria muitas vezes aqui, e talvez lhe pudésse fazer serviços que a poupassem a muitas desgraças no futuro... Assim... adeus!..

—Não consinto que se retire; quero informar-me de quem a senhora é. Se fôr minha mãe, hei de trata'-la como quem é...

—Por ser sua mãe, não sou ninguém, minha filha... A menina não me honra, nem me deshonra. Não tenho senão remorsos de a ter dado ao mundo, como posso eu ter vaidade de ser sua mãe!... Fique com Maria Sãctissima, e diga á sua creada que não é do agrado de Deus insultar assim as pessoas infelizes... Chame-a aqui, menina, que me quero despedir d'ella...

A creada veio, instada por D. Rosa.

—Não se afflija, moça!—disse Anna do Carmo— Não tenha pesar de me ter offendido, que eu perdoo-lhe de todo o meu coração... Tire d'aqui uma experiencia para todas as pessoas necessitadas... O seu zelo por sua ama é demasiado. Receava que eu lhe pedisse algum vestidinho velho dos que vmc. espera que sejam seus? Não vim a isso... E para que se lembre do que esta velha de mantilha rôta lhe disse, quero deixar-lhe uma lembrança de mim...

Pegue lá. .

—O quê?—perguntou a creada, recuando-lhe a mão

—É uma peça de quatro mil réis, com que vmc. pôde comprar umas arrecadas. . . Aceite que lh'a dá a pobre mãe de sua ama! . . . Não quer? . . . Ora pois, Deus lhe dê muito que dar. . .

A ama e a criada ficaram perplexas, encarando-se estupidamente, enquanto Anna do Carmo sahia. Quando vieram á janella para vê-la, ia já na extremidade do bêco, mas á porta de D. Rosa estavam dois homens, que conversavam apontando para a mulher da mantilha rôta.

—Não a conheceste?—dizia um.

—Eu não, nem tenho pena—respondeu o outro com desprezo.

—Pois não conheces aquella mulher?

—Não. . . já t'o disse. . .

—Pois não conheceste a fidalga, que ha tres mezes comprou a quinta dos Engenhos, na ponte de Ramalde!

—É aquella?

—É. . . dou-te a minha palavra de honra que fui eu o tabellião que lavrei a escriptura, e contei os doze mil cruzados.

—Mas então que historia é esta! . . . Ella vac assim rôta!

—Eu sei cá o que é! É o que tu vês!... Eu, logo que a avistei aqui n'este sitio, conheci-a, e ella puxou para o nariz a côca da mantilha...

—Que celebreira!... eu ainda hontem a encontrei a passear n'um jumento, com lacaio ao lado; e até me disseram que o fidalgo das Larangeiras queria casar com ella.

—Tu não sabes a historia d'esta mulher?

—Eu não... ouvi dizer que fôra casada com um livreiro, aqui no Porto, e que depois ficára rica...

—É verdade... foi casada com um livreiro; mas o livreiro não deixou fazer o ninho atraz da orelha, e foi-se embora para a França, onde morreu. A tal senhora parece que lhe não foi fiel, e, na ausencia do marido, menos o foi ainda. Viveu na companhia do celebre arcediago de Barroso, que foi mandado sahir pelo bispo, e morreu na Hespanha. O padre era muito rico, e por muito tempo ninguem soube que fim levou o grosso cabedal que elle lá trazia comsi-go. A final, ha de haver seis mezes, morre lá uma freira, que, á hora da morte, declarou que o tal arcediago lhe deixára em seu poder quarenta mil cruzados em ouro, para ella fazer entregar a Anna do Carmo, moradora não sei aonde. A freirinha, só á hora da morte se lembrou de cumprir o legado, e o caso é que se não lembrou mal, porque a pobre amante do arcediago estava vivendo miseravelmen-

te ahí na rua Direita, e quando a procuraram para lhe dizer que se habilitasse para receber a herança, a pobre mulher já se não levantava da cama com fome. Ora aqui tens a historia da tal riqueza...

—Mas por ahí dizem que ella é fidalga...

—Isso é uma historia á parte. Apenas a mulher appareceu rica, soube que era fidalga, porque a fizeram fidalga á força, uos taes que moram ahí atraz da Sé, dizendo que ella era filha bastarda da casa. Começaram a visita'-la, a hospeda'-la, a chamar-lhe prima, e tem querido leva'-la para a sua companhia... Ora, ahí tens a historia da mulher da mantilha... Quem me déra saber o que ella andaria a fazer por aqui... Eu parece-me que ella saiu d'esta casa...

O tabellião olhou machinalmente para a janella, e viu esconderem-se duas cabeças: eram D Rosa e a sua creada que se retiravam espantadas do que tinham ouvido. E tinham razão. Eu, por mim, tenho-me espantado com cousas muito mais pequenas. Mas o que devéras me espantou, foi dizerem-me que Anna do Carmo, quinze dias depois, estava casada com o ex.<sup>mo</sup> sr. \*\*\*, fidalgo, morador atraz da Sé, e fóra, *ipso facto*, reconhecida prima de todas as familias illustres do norte desde os Leites até aos Albuquerque, desde os Cogominhos até aos Malafaias!

## CAPITULO XXIII

O senhor Antonio José da Silva deve ter movido a compaixão interessante das damas, e talvez o desprezo dos briosos maridos, que, no logar d'elle, tinham pelo menos degolado suas mulheres, e lavado a sua nodoa em sangue.

Eu lhes digo: faziam uma solenne asneira, e arrendiam-se, depois, como o senhor Antonio (que não era menos brioso que v. ex.<sup>as</sup> e s.<sup>as</sup>) se arrependeu de ter superficialmente condemnado sua mulher.

D. Maria Elisa convenceu o candido marido de que effectivamente tinha um primo, filho de uma irmã de sua mãe, que morrera pobre, e o deixára abandonado. Que esse infeliz primo se tinha dirigido á sua compaixão, pedindo-lhe alguns sobejos da sua fortuna para alimentar a penosa existencia. Que ella, como esposa e dona de casa, responsavel pelos cabedaes de seu marido, se negára, muito tempo, a dar-lhe os supplicados recursos; mas, por fim, taes foram as instancias, que a seu pesar, não poude deixar de ceder aos impulsos do coração, que lhe mandavam socorrer o infeliz com as migalhas da sua mesa.

O senhor Antonio chorava de piedosa ternura,

quando sua mulher, cada vez mais eloquente e philantropa, continuou:

—Com o receio de que a vinda de meu primo a esta casa suscitasse suspeitas malevolas, disse-lhe que me esperasse algumas vezes na Ponte-da-Pedra, e eu, indo sósinha a passeio, lhe daria o que pudesse esconder aos olhos de meu marido, sem que elle desse pela falta, que de certo era um crime. . .

—Pois não fizeste bem, Mariquinhas! E' o que eu te digo, e perdôa. . . Se me contas o caso, era eu o primeiro a dizer-te que podias dispôr á tua vontade do que ha n'esta casa, porque o que é teu é meu, e o que é meu é teu.

— Pois sim; mas eu não tenho ainda um cabal conhecimento do seu character. Receei que me levasse a mal esta caridade com um meu infeliz parente, e não ousei manifestar-lhe um desejo, a que o meu bom marido annuiria mais por delicadeza, que por vontade do coração. Agora, que tudo se declarou, não quero que o senhor Silva se mortifique por me ter offendido com as suas imprudentes calumnias. Faça de conta que não houve entre nós a mais ligeira desintelligencia. Estamos quites: o senhor fez-me uma injustiça, reputando-me desleal; e eu fiz-lhe outra, julgando-o soffrego da sua fortuna, e incapaz de estender a mão bemfeitora a meu desgraçado primo! . . .



— Ora, pois, não nos lembremos d'isso... Eu agora o que quero é saber onde mora esse teu primo, porque sou eu o mesmo que propriamente lhe quero ir levar os recursos necessarios para a sua subsistencia... Onde mora elle ?

— Onde mora elle ? ... (Maria Elisa não esperava esta! O improviso não era o seu forte, e viu-se na mais embaraçosa atrapalhação). Eu, se quer que lhe diga a verdade, não sei bem onde elle mora... mas deixe passar alguns dias, e talvez que elle aqui mande algum recado...

— Pois então logo que elle appareça, farás favor de lhe dizer que eu quero falar com elle... Mas tu não conheces ninguem (tornou o suspeito marido depois de reflectir um momento) que saiba onde elle mora ?

— Não, senhor.

— Não ? ... Eu não sei o que me parece isto, a falar-te a verdade! ... Aqui anda dente de coelho! ... Pois ninguem, ninguem ?

Talvez me lembre de uma mulher que aqui veio trazer-me uma carta d'elle, e me disse onde elle morava... Deixe-me recordar, e depois lhe direi.

— Pois olha lá se te lembras... Eu sempre quero ver os focinhos ao teu primo... Acho que a cousa assim não vae bem...

— Que é o que não vae bem ?

—Eu cá me entendo...

—Isso que quer dizer? Explique-se, senhor Silva... Nada de meias palavras... Não está ainda satisfeito com a explicação?...

—Podia estar mais, se queres que te diga cá o que tenho no meu interior...

—Pois não sei que lhe faça. Creia, se quiser, e, se não quiser não creia. Vae-me fazendo subir a mostarda ao nariz!... Eu não lhe dou direito a duvidar da minha palavra. Se cuida que lida com sua irmã, engana se. Tenho uma face para o amor, e outra para o odio. Sei amar, e sei aborrecer... Entende-me, senhor?

—Mas a que vem todo esse farelorio? Que te disse eu para tanta arrenegação?

—Parece que duvida da explicação que lhe dei do meu comportamento?! Esse direito só o dou á minha consciencia!

—Tem a menina muita razão; mas, eu, sim, acho que... parecia-me que não sou mau homem, nem mau marido; se tenho cá minhas comichões de de conhecer seu primo...

—Se tem comichões, coce-se... é o que eu tenho a dizer-lhe... E de resto, se quer esperar que meu primo appareça, espere; e se não, procure-o até encontrar-lo.

D. Maria Eliça retirou-se enfronhada, e foi feliz

n'esta lembrança, porque o senhor Antonio precisava de semelhante reacção para entrar nos justos limites de um marido exemplar, como todos os maridos que não tem publica-forma.

Que é publica-fôrma de um marido? Eu sei cá... Lembrou-me isto; se me lembra, em lugar de publica-fôrma, dizer uma sandice mais compacta, creiam que não era homem de a deixar no tinteiro, porque, se ha inviolabilidade n'este mundo, é para todas as sandices que se escrevem. D'este peccado tenho eu a dar serias contas a Deus; mas quem de certo não deu nenhumas, quando d'este mundo se partiu, foi aquella alma gentil do senhor Antonio, que nunca publicou asneira nenhuma, honra lhe seja feita! Se vivesse hoje tinha pelo menos escripto para os jornaes uma carta, renunciando a sua candidatura, ou qualquer outra trapalhice da barbara linguagem do systema representativo.

N'aquelles felizes tempos, as asneiras desciam á sepultura com o individuo; e d'essa grande seventeira creio eu que nasceram as muitas que hoje amadurecem no jornalismo, e entre as quaes peço ao publico imparcial que classifique a minha da «publica-fôrma do marido» pelo que me declaro já summamente penhorado, como todos aquelles que se retiraram de um baile ás cinco horas da manhã.

Por não esgotar as frioleiras de que disponho, sa-

berão, estimaveis leitoras (se me dão a honra de me dirigir a v. ex.<sup>as</sup>, como quem quer diverti'-las da seriedade austera das suas cogitações) que D. Maria Elisa entrou no seu quarto, e escreveu uma longa carta ao senhor Fernandes, contando-lhe miudamente os infaustos successos.

Na manhã do seguinte dia, a anciosa esposa recebeu a seguinte resposta:

*«Não te afflijas. Hoje de tarde ahi vae teu primo. Fala pouco, e deixa-o falar a elle.»*

#### CAPITULO XXIV

O senhor Antonio estava seriamente avario. Atormentava-o a duvida, e as suspeitas terriveis principiavam a obra maldita do arrependimento. Comparando a sua pacifica vida de solteiro com as consequencias da vida matrimonial, arrependia-se o brioso mercador de pannos, e considerava-se o bode expiatorio do seu orgulho insultante com o proximo do chinó, em circumstancias analogas.

Era isto que affligia o coração do marido de Maria Elisa, enquanto ella, amuada tambem, se fechára no seu quarto, imaginando a comica solução que o senhor Fernandes daria ao problematico parentesco da Ponte-da-Pedra. Assim se entretinham aquellas duas

creaturas, quando foi dito ao senhor Antonio que estava ali um sujeito, que queria falar-lhe, sendo possível.

—Que diga quem é.

O creado voltou, dizendo que era um primo da senhora D. Maria Elisa.

—Devéras?!—disse o senhor Antonio, com sobresalto, expandindo as bochechas em ar de contentamento.

—Sim, senhor, diz que é primo da senhora.

—E quer falar comigo?

—E' o que elle disse.

—E não falou ainda com a senhora?

—Nada; nem por ella perguntou.

—Pois que suba para a sala.

Em seguida, foi introduzido na presença do senhor Antonio um sujeito de trinta annos, pouco mais ou menos, com uma cara trivial, um trajo usado, e maneiras delicadas.

—Tenho a honra de cumprimenta'lo, senhor Silva

—E eu a mesma. Com que então o senhor é primo de minha mulher?

—Sim, senhor: filho de uma irmã de sua mãe.

—Estimo muito conhece'lo.

Eu devo, sem mais delongas, dizer a v. ex.ª o fim que me traz a sua casa.

— Ora diga lá sem cerimonia, os homens são uns para os outros, e eu estou prompto a mostrar-lhe que não sou de aquelles que... emfim... diga lá o que quer...

— Quero ser eu o proprio accusador da mão bem-feitora, que tem derramado sobre mim alguns beneficios. E' preciso que v. s.<sup>a</sup> saiba que eu sou pobre, e não tenho podido até hoje agenciar pelo trabalho a minha independencia. No commercio não me acceitam, porque me acham adiantado em idade. Emprego não me dão nenhum, porque não tenho protecções. Para militar não sirvo, porque sou muito doente do peito, e além d'isso muito curto de vista. Para frade tambem não sirvo, porque não tenho patrimonio, e de mais a mais não sei latim para poder entrar nas ordens mendicantes. Sou, pois, vadio por necessidade; não tenho de quem me valha, a não ser d'esta minha prima, que, pelo facto de casar-se com v. s.<sup>a</sup>, é a unica pessoa do meu parentesco, a quem se póde pedir uma esmola ! Nas minhas tristissimas circumstancias, dirigi-me a ella, e achei-a fria, dura de coração, e insensivel ás minhas supplicas. Instei, segunda e terceira vez, obrigado pela indigencia, e consegui que ella me mandasse espera'-la, algumas vezes, na Ponte-da-Pedra, onde me daria o pouco que pudesse economisar do que seu marido lhe dava para alfinetes. Disse-lhe eu que não duvidava falar

pessoalmente a v. s.<sup>a</sup>, e ella tirou-me d'isso, dizendo que não queria ser pesada a seu marido com os seus parentes pobres. Hontem foi um dos dias em que ella me deu uma pequena esmola, e me prometeu algum dia empenhar-se com v. s.<sup>a</sup> para que se me dêsse um logar na alfandega, ou em qualquer repartição da justiça, em que eu pudesse ganhar com honra um bocado de pão. Quando falavamos n'isto, ouvimos uma voz, minha prima empallideceu, dizendo-me que fugisse, porque ouvira falar seu marido. Eu atralpei-me com os sustos de minha prima, e nem tempo tive de reflectir nas consequencias da minha fuga. Fugi pelo quintal, e vim de volta para a estrebaria escutar o que se passava. Quando v. s.<sup>a</sup> sahio com ella, reparei que vinham amuados, e entendi que eu fôra a causa d'essa desgraçada desintelligencia entre dois esposos que tanto se amam, segundo ella me tem dito. . .

—Ella disse-lhe isso?

—Sim, senhor. Quando os vi enfronhados estive por um triz a sair da estrebaria, e dizer quem era, porque v. s.<sup>a</sup> não seria tão barbaro, que maltratasse sua mulher, porque tem um primo que necessita das suas migalhas. O receio fez-me recuar no meu plano e vim para casa meditar na minha triste sorte. Resolvi ter animo, e venho eu proprio accusar-me de ter sido o perseguidor de minha prima. O que ella

me tem dado é tão pouco, senhor Silva, que eu talvez, vendendo este velho casaco e estas calças, possa embolsa'-lo. Quero ficar em mangas de camisa, mas não quero que minha prima soffra por minha causa.

—Com que então o senhor metteu-se-lhe lá na cabeça que eu cá sou homem capaz de tratar mal minha mulher, porque lhe deu alguma cousa? Ora adeus!... mudemos de conversa! O senhor como se chama?

—Pedro José Sarmento de Athaide.

—Já que falou em Sarmento d'Athaide, faz favor de me dizer d'onde é que herdaram esses appellidos?

—Eu lhe digo... Meu quarto bisavô João de Lencaestre e Sarmento casou com minha quarta visavó D. Urraca de Athaide, da casa de Valladares no Alto-Minho. Tiveram quatro filhos. O morgado casou em Pena-Ventosa com a herdeira da muito antiga familia dos Pesicatos...

—Dos...?

—Pesicatos e Bemões.

—Nunca ouvi falar d'essa linhagem.

—Não admira, porque ficou toda essa familia sepultada em Lisboa, nas ruinas do terremoto de 1755. Foi uma grande desgraça para a posteridade do outro ramo d'este tronco illustre. O filho segundo de meu quarto visavô fez um mau casamento com uma



mulher da plebe, e os dois seus irmãos foram frades; um morreu dom abbade em Libães, e outro foi bispo de Constantinopla, o chamava-se fr. Zagallo Sarmen-  
to e Athaide.

—Nunca ouvi falar d'esse senhor bispo de... Castanhoplas!...

—Pois, senhor, eu posso mostrar-lhe que elle era irmão legitimo do meu terceiro visavô, com documentos que param na Torre do Tombo.

—Não é preciso; eu vejo que v. s.<sup>a</sup> fala verdade... Mas como é que o pae de minha mulher era negociante, e não era dos de primeira ordem?

—Isso explica se pelos casamentos deseguaes. O vinculo passou para os parentes que temos em Macau, e já meu avô foi negociante, e teve de riscar de seu nome os appellidos de nossos avós, porque não podia sustenta'-los. Ora aqui está a triste historia dos meus ascendentes, que mal diriam elles que seu neto Pedro José de Sarmen-  
to e Athaide precisaria de estender a mão á caridade de extranhos!...

—Pois, senhor Pedro, não ha mal que sempre dure. O senhor fez muito mal em não vir ter comigo logo que soube que era seu parente por infinidade. Havia de topar um homem como se quer para o seu amigo. Não fez bem... mas enfim tudo se remedeia... eu vou chamar sua prima, e ella dirá o que se hade fazer...

—Perdão... eu acho que não será bom que ella saiba que eu vim aqui, porque me não levará a bem a liberdade que eu tomei de me dirigir a v. s.<sup>a</sup>, abrindo-lhe francamente o meu coração...

—Qual?... Ora o senhor então não sabe como ella é!... Verá que ha de estimar que se aclarassem d'este modo cá certas suspeitas...

—Suspeitas!... quaes?...

—Eu cá me entendo...

—Mas eu é que não entendo .. A minha honra está compromettida n'essas suspeitas... Sou pobre, mas tenho pundonor; exijo que v. s.<sup>a</sup>, em nome da honra, me declare quaes foram as suspeitas...

—Eu lhe digo, senhor Pedro... Eu não sabia que minha mulher tinha primos, e, quando me disseram na estalagem que ella estava com um primo, meteu-se-me cá uma asneira na cabeça...

—Qual asneira?

—Pensei que o tal primo era algum rufião...

—Rufião!... Eu não entendo essa linguagem!

—Quero dizer que pensei que andava por ahí algum farropilhas a arrastar-lhe a aza!

—Então o senhor não sabe que minha prima pertence á veneranda linbagem dos Sarmentos e Athaides, e não consta que, na genealogia dos Pescatos e Bemoes, se desse uma infidelidade porca e villã!...

V. s.<sup>a</sup> offendeu as cinzas de meus avós! Em nome de meu quarto visavó João de Lencastre e Sarmento, e de fr. Zagallo, bispo de Constantinopla, exijo que me dê uma satisfação! . . .

—Não se arreneque assim, senhor Pedro. . . Um marido pôde enganar-se muitas vezes com sua mulher.

—Mas eu, neto de heroes, é que não admitto enganos taes! As suspeitas são affrontas! V. s.<sup>a</sup> affrontou-me na pessoa de minha prima! Insto pela satisfação! Na França entre cavalheiros é costume disputar-se a honra á ponta da espada. V. s.<sup>a</sup> ha de bater-se comigo!

—Eu! . . . essa é que é d'aquella casta! . . . Pois eu, sem mais nem menos, hei de jogar a taponia com o senhor, porque se me afigurou que minha mulher não era tão boa como se dizia! Ora, senhor primo, deixe-se d'isso. Eu não sei cá d'esses costumes dos francezes. Que os leve o diabo e mais quando elles cá vieram.

—Não me importam os francezes! Importa-me a honra dos meus avós, insultada em minha prima D. Maria Elisa de Sarmento e Athaide. Senhor Antonio! Dentro em vinte e quatro horas um de nós estará na eternidade!

—O senhor, por mais que me digam, está a mangar comigo, ou não regula bem da cabeça!

—Com a honra não se manga, senhor negociante de pannos! Se a sua arma é o covado, a minha é a espada, que herdei de meu vigessimo-quarto avô D. Alarico Themudo Pescato! É forçoso que se bata ou então que declare á face do céu e da terra que é um cobarde. Dentro de vinte e quatro horas virei procurar a resposta. Se não quizer bater-se, hei de sacrificar a aos manés de meus illustres avoengos, que do Olympo excitam a minha coragem! Não tenho mais a dizer-lhe, senhor!

—Venha cá... isto não é modo de tractar o homem de sua prima!... Se quer dinheiro, diga-o, e não esteja ahí a arrotar postas de pescada.

—Com que então chama o senhor a isto arrotar postas de pescada!... Muito bem! Hei de provar-lhe que as postas do seu corpo tambem se arrotam!... Passadas vinte e quatro horas, repito, um de nós será cadaver!

O neto dos Pescatos sahiu. O senhor Antonio, atordado com a seriedade do negocio, entrou no quarto de sua mulher.

—Que diabo de homem é este teu primo, ó Mariquinhas?

—Meu primo!... pois elle esteve cá?!

—Sahi agora mesmo... O homem parece-me doudo!...

—Pois que fez elle?

—O que fez?... Quer que eu jogue a bordoada com elle!

—Porquê?

—Isso agora é que eu não sei!... Levou se dos diabos por eu lhe dizer que tive cá minhas desconfianças a teu respeito... e, ás duas por tres, pôe-se a berrar como um barqueiro, e a dizer que antes de vinte e quatro horas um de nós havia de morrer!... Que te parece isto?

—Parece-me um sonho!... Porque me não chamou?

—Porque elle não me deu tempo... Começou a desembuchar umas trapalhadas de avós, e do bispo, e dos Pesi... Pesi... como se chamavam esses homens da tua linhagem?

—Quaes homens?

—Uns fidalgos que morreram no terremoto de Lisboa?

—Eu sei cá que homens eram esses?

—Eram os... os... Pesigatós... De que te ris? O caso não é para isso... O tal teu primo, se é doudo, o melhor é amarrarem n'ó, e mandem-n'ó para o hospital de S. José...

—Que figura tinha elle?

—Pois tu não sabes que figura tem teu primo?

—Sei... mas... lembro-me se não seria elle...

—Elle não se chama Pedro?

—Sim... elle... chama-se... Pedro.

—Póis então ahí está... É elle mesmo... deu-me todos os signaes certos da Ponte da Pedra.

—E que lhe disse?

—O homem falou bem, a respeito de não ter meios e fez-me cá no coração uma certa aquella; mas, depois, parecia-me um maluco chapado, lá com as suas valentias. É preciso saber como isto ha de ser; eu não quero historias com elle. Manda-lhe dizer que se deixe de asneiras, se quer ter que comer e vestir em minha casa, ovviste, Maricas?

—Pois sim; mas eu ignoro a sua residencia. Quando elle cá tornar, chame-me, e eu verei como se remedeiam as loucuras de meu primo.

O senhor Antonio, um pouco mais socegado, relatou, pouco mais ou menos, a sua mulher o dialogo que tivera com o descendente do bispo de Constantinopla. Maria Elisa ouvira-o, afflicta com vontade de rir-se, e, ao mesmo tempo, vexada de ter um marido, que se prestava assim ao ridiculo. Era bem natural esta mortificação do amor proprio.

A conversação foi interrompida pela chegada de dois senhores, que precisavam immediatamente falar com o senhor Silva.

—Temos alguma!... —murmurou o negociante, e entrou na sala onde o esperavam dois officiaes de cavallaria, de grandes bigodes, e caras de arremetter.

—Quem são v. s.<sup>as</sup>?—perguntou o assustado dono da casa apenas os encarou.

—Somos embaixadores de Pedro José de Sarmiento e Athaide! — respondeu um d'elles, arqueando os braços, e levantando a cabeça com orgulhoso enono.

—Embaixadores!... e que me querem os senhores embaixadores?...

—Adverti'lo de que é desafiado pelo nosso amigo...

—Ora, deixem-se d'isso!...—interrompeu o senhor Antonio, fingindo que recebia a intimação com gracejo—V. s.<sup>as</sup> estão a brincar... Queiram manda' se sentar.

—A nossa missão cumpre-se de pé... e v. s.<sup>a</sup> ha de responder-nos tambem de pé! Queira tirar o seu barrete, porque nós tambem estamos descobertos. As formaes solennidades d'este acto não permitem distincções de cavalheiro para cavalheiro. Repito, senhor! queira descobrir-se!

—Eu estou em minha casa, posso estar como quiser

—N'este momento a sua posição é outra. O homem desafiado não se considera em sua casa, enquanto a sua honra não está illibada, porque o homem deshonrado não tem casa, nem propriedade, nem direito! Descubra-se!

O senhor Antonio tirou o barrete e emmudeceu na presença de semelhante insolencia.

—Muito bem... Responda agora: quer bater-se em leal duello com o senhor Pedro José de Sarmiento e Athaide Pescato.

—Não quero lá saber d'essas cousas, já lh'o disse a elle, e não me façam azedar o estomago, senão eu mando chamar o meirinho geral, e os senhores são catrafilados e mais elle na relação.

—O senhor insulta-nos! Se não tivéssemos piedade da sua barriga... essa lingua seria cortada pelo gume d'esta espada!...

—Os senhores vem insultar-me a minha casa! Já no meio da rua, quando não chamo os vizinhos.

—Cale-se, monstro, quando não...

Os esturdios desembainhavam as espadas quando Maria Elisa entrou na sala, e parou diante de seu marido, que recuava espavorido.

—Isso que quer dizer?—perguntou ella—Não respondem?... Que infamia é esta de entrarem n'uma casa extranha insultando o dono d'ella?

Os embaixadores do imaginario primo arrefeceram nas suas comicas furias, e não ousaram responder.

—Retirem-se d'esta casa!—disse Maria Elisa apontando-lhes a porta da sahida.



—Minha senhora...—balbuciou um d'elles—nós somos enviados por...

—Seja por quem fôr. Vão dizer a quem os enviou, que Maria Elisa lhe manda dizer que o seu procedimento é muito infame, e que eu sinto muito não ser homem para poder dar a v. s.<sup>as</sup> uma resposta cabal. Retirem-se!

Os officiaes saíram vexados, e o senhor Antonio estava espantado da coragem de sua mulher.

## CAPITULO XXV

O senhor Fernandes quando respondeu, em duas linhas, á carta que Maria Elisa lhe enviára, contando lhe os successos occorridos desde a fatal surpresa da Ponte-da-Pedra, procurou um seu amigo, cadete de cavallaria, e convidou-o a representar de primo para poder salvar a sua amante do risco.

O cadete, mancebo de maus costumes, e votado engenhosamente a toda a casta de maroteira, accitou o papel e estudou-o com muita habilidade. Era necessario que D. Maria Elisa o não visse para obviar aos embaraços muito naturaes em tal surpresa. Fernandes inventára o desafio, e o cadete inventára de improviso a historia genealogica dos Pesicatos e Bemões, que encaminhou ás mil maravilhas a historia do duello.

O comico, retirando contentissimo do bom exito da sua travessura, antes de procurar Fernandes, fez obra por sua conta, divulgou a brincadeira aos seus camaradas, que eram o tenente e alferes da companhia, e achou u'elles dous optimos bargantes para continuarem a caricatura.

Quando a ultima scena se passava no Serio, o senhor Fernandes, na rua das Flores, estava desesperado, porque previra que Maria Elisa levaria a mal este excesso de escarneo a seu marido. Elle bem sabia que nenhuma mulher consente que a desgraçada condição do marido ultrajado seja um brinquedo para o ludibrio do homem, que fatalmente a levou a uma fraqueza de coração.

Era tarde para remediar a imprudencia. Esperou, inventando pretextos que o reconciliassem com Maria Elisa, no caso possivel de ter ella sido testemunha da zombaria feita a seu marido.

Não se enganára. O cadete fôra o portador da resposta enviada pelos officiaes. Fernandes, reprovando o procedimento do seu amigo, que dava grandes gargalhadas, e promettia contar o caso a toda a gente, escreveu a Maria Elisa historiando o acontecimento. Era impossivel salvar-se! Embora não tivesse elle sido o inventor do escandalo, quem expuzera Antonio José da Silva fôra de certo elle, e Maria Elisa leu a carta, rasgou-a, e devolveu-lh'a.

Seguiram-se novas remessas de cartas, que ella nunca abriu. Deixou de sahir de casa, para não ser encontrada. Soffreu quanto pode soffrer o amor proprio. Não sentiu, por isso, mais interesse por seu marido; todavia córava, muitas vezes, diante d'elle, lembrando-se que o fizera descer tanto. Comprehendam-na, se podem! A sua consciencia estivera tranquilla até ao momento, em que foi sorprendida na Ponte da Pedra! O que lhe peava não era a infidelidade; era o ultraje, que lhe fizeram a ella, escarnecendo um traste de sua casa, uma cousa que a sociedade chamava o «seu marido!»

Eu, se fosse mulher, seria isto, pouco mais ou menos, e levaria o meu nobre resentimento ao extremo de abominar o vaidoso amante que estabelecesse termos de comparação com meu marido.

A situação de Maria Elisa era muito especial. O sr. Antonio estava assustado, e dava como certa a sua morte, logo que os officiaes de cavallaria o encontrassem a geito. Ao anoitecer mandou trancar as portas, e armar os creados, emquanto, confiado na coragem de sua mulher, consultava os meios, que devia empregar, para judicialmente defender da sua arriscada corpulencia os golpes de espada d'aquelle par de Damocles que o neto de D. Alarico Themudo Pesicato lhe enviava a casa.

Maria Elisa queria serenar os sustos de seu mari-

do; mas de que modo? Se lhe dizia que tudo aquillo fôra uma phantasmagoria, ficava a sua honra muito duvidosa para seu marido. Se deixava medrar o terror do infeliz, o pobre homem succumbiria de medo, se visse em sonhos o lampejo da espada nas proximidades da barriga provocante.

Os palliativos não valiam nada para a cura. O sr. Antonio, no auge do medo, chegou a censurar sua mulher por ter usado palavras, fortes de mais, quando deu ordem de despejo aos militares.

Maria Elisa quando viu, ao cabo de tres dias, que seu marido tinha febre e tremia ao menor ruido que se fazia nas escadas, sentiu escrupulos, e accusou-se de ter concorrido para os soffrimentos do pobre homem.

Fernandes teimava em escrever-lhe, e não conseguia que as suas cartas fossem, ao menos, abertas. O seu tormento inspirou-lhe um recurso extremo. Pediu ao cadete que se apresentasse humildemente em casa do negociante, pedindo-lhe perdão das asperezas do seu character, e affiançando-lhe que nada viria perturbar-lhe a sua tranquillidade.

Maria Elisa estimaria este acontecimento; mas não queria lembra'-lo ao seu indigno amante, porque jurára acabar taes relações.

O cadete foi representar, de boa vontade, a segunda parte da farça. O senhor Antonio não quiz ou-

vi'-lo, sem que sua mulher estivesse escondida no quarto proximo, para intervir, sendo necessario.

—Eu venho—disse o cadete—desarmar a sua justa indignação, senhor Silva. Foi de mais o meu brio. Minha prima é sua mulher, e v. s.<sup>a</sup> não tem obrigação de responder-me pelo mau conceito que fez d'ella. Desafiei-o: fui imprudente; mas espero merecer-lhe um generoso perdão, visto que as minhas demasias são filhas do nobre sangue que me gira nas veias. Retiro-me na certeza de que v. s.<sup>a</sup>, de hora em diante não se lembrará mais do passado, e terá per mim a estima que se deve a qualquer individuo, que zela a honra de nossas mulheres, tanto como nós.

O senhor Antonio ouviu-o primeiro com sobresalto, e depois com satisfação. Tinham-lhe alliviado do coração o peso de quatro quintaes. O sangue girava-lhe de novo em toda a extensão do systema circulatorio; e os frouxos, que lhe accometteram as pernas, desapareciam, á maneira que o primo de sua mulher lhe garantia a inviolabilidade do seu abdomen.

O senhor Antonio tinha um excellente fundo. Não era valente, mas odiento tambem não. Deu um abraço no estroina, que recuou dois passos para o receber com todas as formalidades de um habil comico, e pareceu-lhe até que o primo de sua mulher (valha

a verdade) lhe dêra um beijo na bochecha direita. Não affianço isto; mas o que posso, debaixo da palavra de honra dos meus amigos, affiançar, é que um beijo na face do senhor Antonio, se se deu, revela um gosto-estragado, um paladar torpe, e alguma cousa de indecencia atróz na pessoa do cadete.

A verdade é que o tranquillo marido recobrou a felicidade inquietada, e restituiu a sua mulher a plena confiança retirada por uma fatal intermittente de ciume. Desfazia-se em satisfações, acarinhava-a a seu modo o melhor que podia e sabia, comprou-lhe duas pulseiras de grande custo, e uma fivela de cintura, cravejada de diamantes. Maria Elisa aceitava os carinhos, a fivela, e as pulseiras com a mesma indifferença.

Não era, porém, filho do estudo este desdem. A chistosa amiga de Rosa Guilhermina vivia triste, porque vivia só. Desde que se entregára aparentemente ao extremoso negociante, as suas horas únicas de passageira felicidade eram as da Ponte-da-Pedra. Fernandes era um homem de não sei que perverso talento que seduz, capacita; e chega a victimar as proprias mulheres que teem a consciencia de que são victimas. Talente e corrupção era já n'aquelle tempo uma espada de dois gumes com que se cortam os nós gordios do coração de certas mulheres. E Maria Elisa era uma d'essas certas.

O que ella teve de mais, entre as da sua escola, foi uma caprichosa dignidade, que a fez esquecer n'um momento o amor de um anno. Recordava-se de Fernandes com pesar, e odio; saudade, nunca. Quando se deixára cair nas astuciosas ciladas, que elle lhe preparára, com o animo frio da experiencia das Marcellinas (que pelos modos eram muitas n'esse tempo, apesar dos frades, e da suspirada virtude de outras eras) tirára ella, como condição, um eterno silencio a respeito de seu marido. Parece que o galhofeiro amante epigrammou, uma vez, o abdomen do senhor Antonio, e teve, em vez de sorriso approvador, um gesto de desprezo, que elle reconciliou lá como poude. O caso é que nunca mais caiu na leviandade de ferir a susceptibilidade de Elisa, lembrando-lhe a monstruosidade moral e physica de seu marido.

Foi pessima lembrança aquella de enviar o cadete a representar de primo! Maria Elisa quereria antes ser julgada, qual era, por seu marido, porque a deshonra seria um segredo domestico, e a hilaridade publica não viria aggravar a vergonha de ambos. Mas o remedio comico e inesperado, que o inconsiderado Fernandes deu ao mal, era exacerbar a ferida, expondo-a ao ar da publicidade, e ao fel do ridiculo, prompto sempre a flagellar os maridos da escola do senhor Antonio, que não são muitos, mas

satisfazem as necessidades de alguns celibatarios que vieram ao mundo para chronistas dos infortunios alheios. Eu, que sou um dos que se honram d'essa missão, não posso deixar de confessar publicamente a minha admiração por esta senhora, digna (a todos os respeitos não direi, mas a alguns, de certo) de outro marido, ou de outro amante. Qualquer que tenha sido o seu peccado, a gente de bom coração tem pena d'ella, vendo-a, depois dos tristes acontecimentos que historiei com sincero dó, sósi-nha, entregue á escuridão da sua vida sem amor, sem luz, sem ar, alli sempre na presença do senhor Antonio, carinhoso até á desesperação, terno até ao aborrecimento, desvelado em extremos de meiguice até dar vontade de o mandar comer e dormir.

Isso foi que elle nunca deixou de fazer. O estomago era uma cousa á parte na sua organização. Eram dois Antonios n'um. O Antonio do ciúme morreria de paixão: mas o Antonio do estomago só uma indigestão poderia mata'-lo.

Sempre ao lado de sua mulher, inerte, sedentário, bufando, arquejando, impando, o nosso amigo sentia-se cada vez mais pesado. A medicina mandava-o passear a pé, e elle sem Maria Elisa não dava um passo. Já não eram suspeitas. Era a tenacidade do amor, a reloucura da velhice que o prendia áquel-



la mulher, como se prende a creança tímida ao seio de sua mãe.

Correram assim tres mezes. Maria Elisa, cada vez mais triste, cahiu n'uma especie de doloroso somnambulismo. As janellas do seu quarto não se abriam nunca. Passava as longas horas do dia e da noite, lendo sem reflexão, e escrevendo cousas que o seu marido não entendia, mas gostava de ouvi'-las. Eram «melancolias surdas» como ella intitulára os trinta cadernos de papel em que as escrevera. Disseram-me que essas paginas perdidas continham cousas bonitas, pensamentos que não pareciam de mulher, energia de phrase, conhecimento do coração, e toque real de uma verdadeira dôr. O que não viram n'ellas as pessoas, que me informaram, foi o nome de Fernandes. Parece que a imagem d'este homem fôra para sempre banida das saudades de Maria Elisa.

Constrangida pela soledade, a antiga orphã de S. Lazaro lembrou-se com amor da sua amiga de infancia. Queria revoca'-la ao seu coração, d'onde nunca sahira, mas seu marido odiava Rosa, fazia-se côr de carmim quando lhe falavam n'ella, e repetira muitas vezes que, enquanto elle fosse vivo, a filha do arcediago não entraria em sua casa.

Maria Elisa não replicava a este odio inveterado. Tinha compaixão do pobre homem que, desde certo tempo, vaticinava a morte. Ja não comia com o mes-

mo appetite. Já não accumulava com prazer as sopas na tigella do caldo de gallinha. Sentia precisão de sentar-se, apenas se erguia, e acordava muitas vezes de noite com os pés frios e a cabeça em brasa.

A senhora Angelica, sempre a mesma devota, depois das desordens, por causa do neto dos Pesicatos, metteu-se no seu quarto, em oração permanente, e apenas sahia tres vezes em cada doze horas para comer, visto que era necessario dividir a sua extatica existencia entre o oratório e a cozinha. Quiz, algumas vezes, intrometter-se na vida de seu irmão, censurando a frieza de sua cunhada; mas não obstante a seriedade do assumpto, a senhora Angelica, se fallava só dizia asneiras, o que não succede sómente á senhora Angelica.

Consta que ella fôra uma vez consultar a senhora Escolastica, a Massarellos; mas esta mulher tinha morrido de fome, não obstante predizer o futuro, que, parece, á primeira vista, um bom modo de vida, depois de jornalista, que são as Escolasticas de calça e paletó do nosso tempo.

Eu vou dizer-vos cousas pungentissimas. É com pena, realmente vos digo, que me vejo obrigado a deixar morrer uma das creaturas mais notaveis d'este romance. Accuso a medicina d'aquelles tempos por não ter salvado de um ataque apoplectico o senhor Antonio José da Silva. Se fosse hoje, este homem não

teria morrido, sem que ao menos o esfolassem com quatro duzias de ventosas, e cento e tantos causticos. Te-lo-iam salvado com algumas d'essas medicinas, que disputam entre si a vida dos cidadãos, ao passo que as camaras municipaes mandam alargar os cemiterios. Felizes os que morrem hoje, que, se morrem, é porque não podiam viver mais.

O senhor Antonio deitou-se uma tarde, queixando se de dores de cabeça. Metteu os pés n'um banho de mostarda; mandou pedir a sua mulher que viesse fazer-lhe companhia, e recebeu-a morto, quando ella entrou. O facultativo chamado sangrou-o. A veia verteu algumas gottas de sangue negro, e fechou-se, porque as valvulas do coração estavam fechadas para sempre.

Maria Elisa tomou a mão do cadaver, e beijou-a sem lagrimas. A senhora Angelica veiu ao quarto de seu irmão, e chorou muito, grunhiu desentoadamente, e atordoou a vizinhança com gritos. Feita essa berraria de duas horas, comeu alguma cousa sem appetite; mas podia dizer que tinha fome que ninguém duvidaria da sua palavra. Ao mesmo tempo, Maria Elisa, que não gritára, nem chorára, fugiando do quarto de seu marido, fechára-se no seu, escondera a face nas mãos, e murmurou: «Perdi um pae! Sou orphã outra vez!»

## CAPITULO XXVI

A viuva do honrado negociante, que passou da terra sem um necrologio, escreveu a Rosa Guilhermina uma carta que era um grito supplicante á sua amiga de outro tempo. Pedia-lhe que viesse, porque a chamava de ao pé de um cadaver. Só, sem amigos, e rodeada de riquezas inuteis, appellava para a única pessoa capaz de avaliar a sua orphandade.

Rosa Guilhermina entrou com o portador da carta. Abraçaram-se, chorando. Fecharam-se, para se furtarem ás formalidades estupidas das visitas funebres que nos vem dizer: «sinto muito» e nos obrigam a responder: «muito obrigado.» Dois dias e duas noites quasi não tiveram um intervallo de silencio. Sofriam ambas, soffriam muito, e já não sabiam adubar as conversações d'aquella fina especiaría de risos, que tanto promettiam, e em tantas lagrimas deviam converter-se depois.

— Já não somos as mesmas, Maria Elisa! — disse Rosa, abraçando a sua amiga, que lhe inclinava o rosto pallido no hombro.

— Já não... A nossa mocidade foi um dia... Parece-me que vivo ha muito... Tem-me lembrado a morte, como o maior beneficio que posso esperar do céo...

—E eu tenho-a pedido tantas vezes!...

—Tambem soffres, Rosa?! Não tens um esposo amado?

—Não.

—Como não? pois não casaste por paixão?

—Casei... e depois, vi que me tinha perdido...

—Pois que? elle não te estima?

—Não... arrasta-me na sua desgraça... Meu marido é um homem perdido... um ente sem honra, nem futuro, nem presente.

—Pois teu marido não está a formar-se em Coimbra?

—Já não trata d'isso... Meu marido é um jogador.

—Jogador!

—Sim, jogador de profissão... Gastou quanto podia gastar do meu patrimonio... O pouco que posuo para a minha subsistencia e de minha filha, tira-m'o com violencia Foi riscado da universidade, veio ao Porto vender aquella prata, que tu déste a minha filha, depois de a comprares a meu marido, e foi para Lisboa, sempre acompanhado de uma mulher ordinaria, que viveu na minha companhia quinze dias, e ousou dar ordens das minhas portas a dentro. Ha cinco mezes que não tenho noticias d'elle. Nem ao menos me pergunta por sua filha. Sei que vive, porque, no fim de cada mez, se apresenta em

minha casa uma ordem assignada por elle para eu pagar quasi tudo que o juiz dos orphãos arbitrou para o sustento da minha familia... Aqui tens a minha vida... Estou pobre... Maria Elisa!...

—Tu não estás pobre, Rosa! Não me fales assim, que me fazes chorar! Tu não estás pobre... Eu preciso que te esqueças de todo o nosso passado, para entrares de novo no coração de Elisa... Queres ser minha? Eu estou viuva, e viuva tambem tu estás... O teu coração não é já d'esse homem... E' da tua filha, e meu; a tua filha é minha e tua, sim?... Não chores... Troquemos entre tres as nossas afflições todas... Vivamos n'uma só vontade... Foge para os meus braços, que não tem no mundo ninguém que os queira, a não seres tu... Faz-me outra vez sorrir para a vida, que n'estes ultimos dois annos me tem sido tão negra... tão negra... Rosa, Faz que a minha riqueza me seja uma cousa agradável... Dá-lhe algum prestimo... Só tu podes, se vieres ser outra vez minha irmã, explicar-me a razão por que eu queria ser rica... Era para isto, era, minha querida amiga, era para nos fazermos felizes tres creaturas... eu, tu, e a nossa menina... Vae busca'-la... Vae... Não me digas que não... que me matas... Essa mezada que tens dá-a a teu marido... Que jogue, que se deshonne, mas fogue-lhe tu, que não tens ainda uma nodoa na tua vida...

Vem ensinar-me a ser boa, e honrada, porque eu tenho sido...

—O que?... que tens tu sido?...

—Uma desgraçada...

—Tambem eu... que culpa temos nós?!

—Eu?... muita!... Calemo-nos, Rosa... Olha, aquelles sinos pesam-me sobre o coração... Tenho medo d'aquelles sons... Se meu marido tivesse sido n'esta vida um homem, como eu deveria ter encontrado um, eu pensaria que aquelle dobre era a voz d'elle que me accusava da eternidade... Ai!... tu ignoras a minha vida? Parece impossivel!... Nunca ouviste falar de mim como se fala de uma infame mulher?

—Nunca...

—Pois pergunta ao mundo o que eu fui... Não, não perguntes nada... Ignora tudo. O meu coração para ti está puro... Restituo-t'o como t'o roubei, ou tu o lançaste de ti para fóra... Não te importem os meus defeitos... Foi um sonho horrivel! Acordei nos teus braços... quero aqui viver... Deixas-me esquecer aqui do muito que tenho soffrido?.....

Rosa Guilhermina recebia com lagrimas as meias confidencias de D. Maria Elisa, quando lhe disseram que seu marido a procurava, por saber que ella estava alli.

A surpresa brutificou-a.

Maria Elisa mandou subir Augusto Leite, e reanimou a sua amiga do lethargo em que a deixou esta apparição tão pouco desejada. Fôra preciso muito para que a pobre senhora aborrecesse seu marido.

Não bastariam para isso as dissipações que elle fizera do seu patrimonio. A mulher perdôa sempre os desperdicios de seu marido, com tanto que elles não envolvam uma affronta ao seu amor proprio, servindo de preço aos amores alheios que se vendem.

Não fôra, pois, o jogo que arruinára a felicidade de Rosa. Foi o descarro insultuoso com que Augusto, na sua penultima vinda ao Porto, lhe introduzira em casa a tricana das chinellas amarellas, mulher insolente que, auctorisada pelo amante, ousára esbulhar os bragaes da casa, deixando a sua dona só os indispensaveis.

Estes vexames nunca se perdoam. A esposa assim ultrajada, pôde soffre'-los calada como martyr; mas não poderá nunca reservar um resto de affeição ao homem, que a humilhou assim.

Rosa entrou na sala em que era esperada. Quando deu de face com seu marido, que não vira nos ultimos seis mezes, desconheceu-o e recuou. Trazia a barba toda, que lhe augmentava a magreza cadaverica do rosto. Vestia uma velha sobre-casaca, de



panno desbotado, encodeada na golla, e farpada na botoadura. Os seus olhos pisados, mas ainda penetrantes do brilho da desesperação, fixavam Rosa com ar ameaçador.

Cruzando os braços com a importancia tragica de um marido de tragedia, que vem, de longes terras, pedir contas a sua mulher, Augusto Leite disse, approximando se:

—Parece que me não conheces, Rosa?

—Vens tão mudado do que eras!... não admira que te não conhecesse, Augusto!

—Pois sou eu mesmo... Vejo que não sentes grande prazer com a minha visita...

—Não te esperava... Como ha seis mezes me não escreves...

—Entendeste que não havia nada de commum entre nós. Pois, minha amiga, sou teu marido, apesar de ambos nós...

Sinto muito que o sejas a teu pesar... Eramos ambos bem mais felizes, se o não fosses.

Parece-te? a mim também; mas já agora o remedio é seres minha mulher, e eu teu marido...

—Falas-me de um modo que me fazes gelar o coração!... Que te fiz eu para me tratares assim?

—Eu sei cá o que me fizeste!... não me fizeste nada... Penso que me tornaste mais desgraçado do que eu era...

—Vejo que sim; mas não era essa a minha intenção... Eu quiz fazer-te feliz; se o não consegui, é porque não pude, nem tu me disseste o que eu devia fazer para a tua felicidade...

—O que me perdeu foi o teu dinheiro...

—Não tive culpa, Augusto...

—Eu, se fosse sempre pobre, não me illudia com as esperanças do teu patrimonio, e trabalharia, estudaria para chegar a ser homem...

—Que hei de eu fazer-te Augusto!... Eu nunca te aconselhei que arruinasses o que te dei; se soubesse que o meu dinheiro te fazia infeliz, lança'-lo-ia ao mar para me casar pobre contigo... Mas, se eu fosse pobre, de certo me não quererias...

—Não sei, não me importa saber, todas as conjecturas agora são estupidas...

—Perdôa as minhas conjecturas... Eu d'antes era espirituosa, segundo tu dizias, que eu nunca o acreditei... Agora sou estúpida, é porque a desgraça embrutece...

—Nada de ironias... Sabes que estou pobrissimo?

—Não sabia; mas acredito que o estás.

—Podes avaliar a minha situação?

—Posso; porque eu tambem estou pobrissima.

—Menos que eu...

—Mais que tu... Tenho uma filha que sustento,

e cheguei á extrema dôr de comprar-lhe um vestido, e tive de vender um meu, para que a minha filha te não envergonhasse... Avalias tu agora a minha situação?

—Diz ao teu tutor que te entregue o que tens, e tu administrarás...

—Já lh'o suppliquei muitas vezes. Não me concede cinco réis além da mezada que me arbitraram.. Não posso conseguir nada... Emprega tu os meios, que eu concedo-te tudo; e, se não pudieses alcançar mais do que eu, desde já te cedo toda a minha mezada, e eu e minha filha recorreremos á caridade da minha amiga Maria Elisa.

—Não quero caridades de ninguem: quero aquillo que é meu, quando não enterro uma faca no coração do tutor...

—Cala-te, Augusto, que me pareces demente!

—E' porque eu realmente estou louco... Preciso sahir d'esta desgraçada vida em que me vejo... Quero dinheiro, Rosa, quando não vou com um bacamarte para as estradas.

—Augusto!—exclamou ella, tirando-lhe a mão do cabo do punhal, que empunhára instinctivamente no bolso interior do casaco.

—Tu não sabes onde a desgraça é capaz de me levar... A sociedade fez-me assim... Se perdi muito dinheiro, perdi o que era meu; não roubei nada a

ninguem; e a sociedade infame desprezou-me, chamou-me homem perdido, e cuspiu-me na cara, porque eu empobreci... Vi-me abandonado, e tornei-me criminoso... Estou cúmplice n'um roubo, e, se dentro de tres dias, não dér um conto de réis, sou preso, e degredado, ou pendurado n'uma forca.

—Oh meu Deus, que vergonha!... —disse Rosa, caíndo n'uma cadeira, e escondendo o rosto entre as mãos.

—Nada de exclamações... Esse remedio não me presta de nada... Visto que tens uma amiga rica do que era de meu tio, pede-lhe este dinheiro, se me queres salvar .. Não me respondes?

—Augusto!... eu não posso responder-te já... Deixa-me possuir bastante do meu infortunio, para perder a vergonha...

—Isso não soffre delongas... Quero a resposta já...

—A resposta dou-lh'a eu—disse Maria Elisa, que apparecera de improvisio.

Augusto cortejou-a ligeiramente, e Rosa ergueu-se trémula, e sentou-se logo, porque lhe faltavam forças para acolher-se ao seio da sua amiga.

Maria Elisa veiu ter com ella, abraçou-a, deu-lhe um beijo, e levou-a comsigo para dentro. Voltando-se para Augusto, disse:

—Queira demorar-se, que eu volto já.

Augusto Leite sentiu um abalo que faria parece'

lo louco a alguém que o visse. Não era loucura. Era o contentamento de se ver possuidor de um conto de réis, com o qual contava já. Era a esperança de transportar-se com elle a Hespanha a tentar a fortuna, visto que não poderia tornar a Lisboa, onde o perseguiriam por crime de roubo de uns brillantes, cujo valor perdera em menos de tres horas. Esta idéa salvadora produziu-lhe uma febre de loucura passageira. Encarou-se n'um espelho, e viu-se como um idiota, penteando as barbas com os dedos. Retezou os braços, espreguiçando-se, e murmurou por entre os dentes quasi cerrados: «ha um demonio, que me protege! Respeito-o mais que os santos, e hei de mostrar-lhe que sou agradecido...»

Maria Elisa voltou. Sentou-se no canapé, e fez signal a Augusto, offerecendo-lhe uma cadeira:

—Senhor Augusto, v. s.<sup>a</sup> vae receber da minha mão uma quantia de dinheiro, que me não pertence, nem a sua mulher. E' uma generosidade de sua filha, de que eu sou interprete...

—De minha filha?!

—Sim, senhor. Eu dei a quantia que vou confiar-lhe a sua filha, e fiquei sendo sua administradora. Quando ella estiver em estado de recebe' la, v. s.<sup>a</sup> lh'a entregará. São tres contos de réis em notas. E' um deposito sagrado que lhe confio. Espero que v. s.<sup>a</sup> procure reconquistar a sua honra, e não lhe fal-

tarão recursos para um dia entregar a sua filha esta quantia augmentada...

Augusto, balbuciante de prazer, não avistando de um relance toda a extensão do seu futuro, murmurou:

—Eu farei por ser um digno depositario do dinheiro de minha familia.

—Agora, senhor, tenho a pedir-lhe um favor em nome d'ella.

—Qual?... a viuva de meu tio manda, não pede...

—A viuva de seu tio nem manda, nem pede nada. Repito-lhe que sou absolutamente extranha a esta troca de favores que faz o pae com sua filha. O que em nome d'essa menina lhe peço, é que consinta que ella e sua mãe vivam na minha companhia...

—E' muita honra para mim, minha senhora. Eu vou fazer uma pequena viagem por causa de certos interesses, e durante a minha ausencia não posso confiar a mais valiosa protecção a minha mulher e minha filha.

—Vae viajar?... Sua senhora já o sabe?

—Ainda lh'o não disse.

—Pois então... não lh'o diga... Salvo se tem motivos fortes para dizer-lh'o...

—Não tenho alguns... Era simplesmente despedir-me...

—N'esse caso, eu encarrego-me de faze'-la sciente do seu adeus, e v. s.<sup>a</sup> de qualquer paiz lhe escreverá. . .

—Minha senhora. . . dispõe do meu quasi inutil prestimo?

—Empregue-o, que tem muito, em ser um digno marido da minha amiga, e um digno pae da menina que adopto como minha sobrinha. Além dos vinculos de parentesco que o prendiam a meu marido, ha outros mais consistentes, que são os da amizade, que consagro a sua mãe.

.....  
Augusto Leite retirou-se. Maria Elisa, com o coração alvoroçado de prazer, foi abraçar Rosa, e exclamou, com quanto amor podia empregar na sofredão de um beijo: «E's minha para toda a vida!»

## CAPITULO XXVII

Sigamos Augusto Leite, enquanto sua mulher e filha dão a Maria Elisa a felicidade, que ella lhes remunera com afagos.

O jogador, febril de contentamento, entrou em sua casa, no Laranjal, disse algumas palavras a sua mãe, e mandou preparar a inseparavel moçoila, que o acompanhava, na boa e má fortuna, havia quatro annos.

Sahiu, e comprou uma jaqueta de pelles, uma faixa de sêda esca rlate, chapéo de guizos, um par de pistolas, um cobrejão, e dois cavallos de baixo prego.

Duas horas depois, a rapariga, encarapitada n'umas andilhas, passava na Ramada-Alta, estrada de Viana, e Augusto Leite, com pau de choupa debaixo da perna, esporeando o cavallo, á laia de cigano, caminhava a par com ella.

N'esse dia foram dormir a Casal de Pedro, e viram lá umas pulgas, cujas netas eu encontrei trinta annos depois, pulgas enormes e ferozes, que arrastam as meias dos passageiros, depois que lhes exhaurem as arterias de um sangue azedado pelo maldito vinho, que a estalajadeira vos ministra, perguntando-vos se sabeis alguma mézinha para matar as *bichas* dos pequenos.

Pernoitei ahí uma vez na minha v'ida. Compreendi, no quarto que me deram, os supplicios do christão primitivo atirado ao circo. «Christão ás pulgas!» deveria ser, no imperio romano, um grito de prazer para o paganismo sanguinario, como o fatal «Christão ás feras!»

Era alta noite, e eu não podia dormindo, transigir, amigavelmente com a ferocidade dos insectos, se é que não podemos chamar cetaceos áquellas pulgas, de horrivel recordação. No sobrado immediato ao da



- possilga em que eu me contorcia nas vascas de uma agonia de novo genero, rosnavam uma boa duzia de gallegas, que vinham da terra a visitarem os respectivos gallegos residentes no Porto.

Descompunham-se em raivosas apostrophes por causa das mantas, que algumas d'ellas monopolisavam com grave escandalo e frialdade das outras. - Dos improperios passaram a vias de facto. Socaram-se, esgadharam-se, revolveram-se, creio eu, como uma matilha de cadellas, e vieram de encontro á porta do meu quarto, que não resistiu ao choque, e deixou entrar aquelle embrulho indecifrável de gorgonas em fralda de camisa, que me pareciam, á luz mortiça da véla, executarem uma dança macabra, uma mazurka de demonios.

Eu levantei-me em pé sobre o catre de pau castanho, pintado de amarello, e presenciei com os cabellos eriçados o desfecho d'aquella tremenda lucta. O dono da estalagem, e o meu creado vieram protocolisar a desordem, distribuindo alguns murros indistinctamente, de que resultou a fuga desordenada das gallegas, para o seu arraial, ficando considerado o meu quarto campo neutro.

N'esse mesmo quarto, ás duas horas da noite, tambem o senhor Augusto Leite recebeu uma inesperada visita; mas não de gallegas em guerra crua. Eram oito soldados de cavallaria, commandados por

aquelle esturdiado cadete, que o leitor conhece, e reforçados por alguns meirinhos do corregedor, e um especial enviado do regedor das justiças.

Já soubemos que Augusto Leite roubára em Lisboa uns brilhantes. A razão por que os roubára deu a Prudon depois: os brilhantes eram propriedade da condessa de\*\*\*, e a propriedade era um roubo.

Como se introduziu Augusto Leite em casa da condessa de\*\*\*? Não é bem liquido, e eu não quero inventar, porque não tenho necessidade de deslustrar a veracidade do meu conto por amor de um incidente de pouca monta. Disseram uns que Augusto Leite era amante da condessa; outros affirmam que o academico, expulso da universidade, se valera de um seu condiscipulo, primo d'essa senhora, para ser protegido por ella na sua admissão á academia. Eu, de mim, para não duvidar de nenhuma das explicações, acredito as ambas, e não offendo os diversos opinantes.

O que devem todos acreditar é que Augusto Leite dispensou á condessa o trabalho de pôr o seu collar e pulseiras de brilhantes em um dia de annos de uma sua prima. As suspeitas recahiram em todos os domesticos, menos em Augusto Leite. No dia seguinte corria em Lisboa, que um academico, visita frequente da condessa de\*\*\*, tiuha perdido, em menos de tres horas, trinta mil cruzados em casa do barão de

Quintella. Os curiosos averiguaram o manancial possível d'este dinheiro, e souberam que um judeu na rua dos Fanqueiros comprára na vespera por trinta mil cruzados uns brilhantes. A condessa, com auctoridade judicial, fez que o judeu apresentasse os brilhantes comprados. Reconhecidos, apossou-se d'elles sem mais formalidade. O judeu gritou contra a extorsão, perguntando se reviviam os tempos nefastos de D. João III; offereceu-se voluntariamente para a fogueira; e a tudo isto, que realmente era pathetico, o procurador da condessa respondeu: *res ubi cumque est sui domini est.*

O judeu não ficou sabendo latim, mas conheceu varios artigos da nossa legislação, e aproveitou-se d'aquelle que o auctorisava a perseguir o ladrão.

Augusto Leite entrou em casa da condessa, quando ella voltava de reconhecer os seus diamantes. Um creado presenciou que ella algumas palavras lhe dissera, e o seu protegido respondeu a ellas, voltando as costas para nunca mais tornar. Os ma'edicientes quizeram inferir da generosidade da condessa, que o avisou, consequencias desfavoraveis para a honra d'ella. Como quer que fosse, Augusto fugiu de Lisboa, a pé, sem dinheiro, sem bagagem, com uma mulher ao lado, e assim vagou quatro mezes, não sabemos por onde, até que o vimos entrar em casa da viuva de Antonio José da Silva.

Tornemos agora a Casal de Pedro.

O enviado do regedor das justiças bateu á porta da estalagem, e perguntou que passageiros pernoitavam ali.

—Dois almocreves, o recoveiro de Vianna, um passageiro do Porto, com sua mulher, e um creado.

—Abra lá a porta—disse com a costumada intimativa o executor da lei.

Abertas as portas, os meirinhos encaminharam-se para o quarto do passageiro. Augusto Leite ouvira as perguntas. Saltára fóra da cama para fugir, mas não conhecia um palmo da casa fóra do seu quarto. Antonia Brites, companheira dos seus trabalhos, lembrou-se d'alguns sanctos, que conhecera na infancia, e incommodou-os com as suas orações. O antigo traductor de novellas não léra cousa que lhe servisse de modelo para semelhante conflicto. Quiz precipitar-se da janella, mas viu na rua os cavallos em linha. Recuou diante de um sacrificio inutil, e appellou para os extremos.

Os meirinhos entraram, e viram uma mulher de joelhos com as mãos erguidas, e um homem de semblante feroz com duas pistolas aperradas.

O estalajadeiro, que caminhava na frente com a candeia, fez dois passos á rectguarda, e declarou-se neutral. Os meirinhos, que tinham á vida o amor sufficiente para viverem oitenta annos mais, não fo-

ram mais adiante que o prudente estalajadeiro. Augusto conservou-se na postura ameaçadora, fuzilando dos olhos um clarão mais vivido que a candeia tremula do petrificado taberneiro.

Um dos meirinhos, enquanto os outros voltavam as costas, veio á rua, e disse que o homem não era para graças. O cadete apeou, e subiu com dois soldados. Foi á porta do quarto, e encontrou o atleta na sua immobidade sinistra. Deu-lhe voz de preso, e viu que o ladrão era surdo, cu rebelde á lei.

—O melhor é botar-lhe as unhas—murmurou um soldado.

—Agarra-o, *trinta e quatro!*—disse o cadete.

O *trinta e quatro* entrou no quarto, e, quando lançava mão aos copos da espada, sentiu um corpo duro bater-lhe na testa. Descarregou ainda um golpe, e foi de bruços atraz da espada que bateu no sobrado. Estava morto.

O camarada do *trinta e quatro* correu em defesa do seu companheiro. Descarregou duas cutiladas na cabeça de Augusto; mas, á terceira, sentiu fraquear-lhe o braço, e veio recuando, cair, com uma bala no coração, aos pés do cadete.

Os outros soldados tinham subido, e atropellavam-se á entrada do quarto. Augusto Leite, coberto de sangue, defendia-se debilmente com a choupa, que vencía o alcance das espadas. Os soldados, arrefeci-

dos pelo aspecto dos dois camaradas mortos, não ousavam affrontar o aço da choupa, que algumas vezes sentiram resvalar-lhe na farda, deixando-lhe na pelle um ligeiro ardor, que depois se exacerbava com a humidade do sangue.

O cadete, envergonhado da cobardia dos seus, diante de um só homem, entendeu que salvava a sua honra, desfechando uma clavina no peito de Augusto Leite. Ao desfecha'-la viu interpôr-se-lhe um vulto. Era Antonia Brites, que vinha pedir-lhe de joelhos que não matasse Augusto. Não chegou a pronunciar a primeira palavra. Recebeu a bala, que havia de matar o marido de Rosa, e cahiu pedindo confissão. Deus lhe levaria em desconto das suas culpas o bom desejo de reconciliar-se com o céo, porque fechou os olhos antes de ver o padre.

Augusto, impellido pelo instincto da vida, saltou da janella ao quinteiro com tal destreza, que as espadas não puderam tocar-lhe. O quinteiro estava deserto de homens, e os cavallo soltos entretinham a fome no tojo. A comitiva correu atropelladamente a impedir a fuga. Quando chegaram ao quinteiro, meirinhos e soldados, qual d'elles mais corajoso, o que viram foi um cavallo de menos, e na calçada fronteira as faiscas das ferraduras do que fugia. Alguns soldados quizeram montar; mas os cavallo assustados pelo salto de Augusto ao meio d'elles, não deixa-

vam estribar, e jogavam de garupa com mau resultado para o meirinho geral, que perdeu ahí os tres unicos dentes que possuia.

— Já se não pilha ! . . . — disse o cadete.

— Agora é ve'-lo ir — accrescentou um soldado.

— Vamos ao quarto tomar-lhe conta das malas — disse o enviado do regedor das justiçaes.

Entraram no quarto. Abriram uma pequena mala de couro, e umas bolsas de hollandilha onde encontraram alguma roupa branca. Dinheiro, nem cinco réis. A volumosa carteira com tres contos menos duzentos mil réis, que o sobrinho do senhor Antonio José da Silva gastára em cavalloes e pistolas, e fato, levava-a elle no bolso da jaqueta de pelles.

De madrugada os executores da lei voltavam para o Porto, com os dois cavalloes de Augusto Leite.

Os tres cadaveres foram enterrados no adro da egreja parochial, porque o vigario duvidou sepulta'-los em sagrado, visto que não traziam signal de christãos, como cruz, nominas, bentinhos, veronicas ou outro qualquer distinctivo da fé catholica.

*Relação das pessoas que já morreram n'este romance*

O mestre de latim . . . . .	1
A senhora Escolastica . . . . .	1
O arcediago . . . . .	1

Uma velha da viella do Cirne, cujo nome me não lembra.....	1
O senhor Antonio José da Silva.....	1
Antonia Brites, amante de Augusto Leite.....	1
Dois soldados de cavallaria.....	2
	—
Somma total.....	8
	—

Continuarão a morrer convenientemente.

## CAPITULO XXVIII

Augusto Leite quando chegou á Barca do Lago ia a pé. O cavallo cahira rebentado; e o cavalleiro desviou-se da estrada para curar os ferimentos que recebera na cabeça. Não lhe era difficil viver seguro em casa de um lavrador, que foi largamente indemnizado do hospitaleiro acolhimento que deu ao passageiro, que, segundo elle, tinha cara de pessoa de bem. Vendeu-lhe a sua egua, encaminhou-o por atalhos seguros da vigilancia dos aguazis, e levou-o á fronteira de Hespanha, curado das feridas, e salvo de encontros importunos. Ahi, foi facil ao foragido comprar um passaporte, que o levou a Madrid com o pseudonymo de D. Fernando Godinho Pereira Forjaz.



Chegado a Madrid, cortou as barbas, vestiu-se de trajes sérios, apresentou-se como viajante, relacionou-se com a facilidade habitual em Hespanha, e entrou como portuguez distincto nas primeiras casas da capital. Encontrou ahí fidalgos portuguezes, que o não conheciam; mas respeitavam-n'o pelos appellidos, e não se recusavam a chamar-lhe primo, visto que os Pereiras Forjazes eram ramificação do heraldico tronco dos condes da Feira.

Augusto Leite jogou, e augmentou consideravelmente os seus haveres. Em alguns mezes alcançara uma publicidade que lhe não convinha. O seu nome era repetido de mais nos salões. As suas conquistas amorosas excitavam invejas e reservas vingativas que poderiam perde'-lo. Augusto resolveu abandonar Hespanha, e procurar na sociedade mais ampla de Pariz viver bem, sem excitar curiosidades funestas.

Em Pariz deu-se como hespanhol, e era conhecido por D. Affonso Vilhegas. Falava correntemente o hespanhol, associára-se a uma partida de jogadores da sua patria adoptiva, e engrandecera o seu peculio, que já subia a vinte contos de réis. O dinheiro de Maria Elisa fôra abençoado !

Não tivera, até então, alguma noticia de sua mulher. Não lhe convinha solicita'-la, porque podia ser descoberta a sua residencia. O coração tambem lh'a não pedia.

Passeava uma tarde nos *boulevards*, e viu um homem, que lhe não era de todo extranho, e reparava muito n'elle. Perguntou-lhe, em francez, se era hespanhol.

—Sou portuguez—respondeu o cavalheiro.

—Estimo muito... Eu gosto dos portuguezes. Viajei alguns mezes na sua terra, e sympathisei com as mulheres, que são quasi todas gordas e vermelhas. Eu gosto muito das mulheres vermelhas e gordas.

—Tem razão... mas pela pronuncia, parece-me hespanhol, e as mulheres da Hespanha não são inferiores ás de Portugal. Não tem razão de invejar a minha patria... Que cidades conhece em Portugal?

—Conheço as que lá ha que mereçam esse nome... Lisboa e Porto.

—Esteve no Porto? É uma bonita cidade, não é?

—É muito interessante. A gente de dia faz horas para se deitar ao escurecer. Não ha nada melhor. Come-se e dorme-se com a mais perfeita tranquillidade de espirito. E na semana santa vêem-se as mulheres, quando passam as procissões.

—Conheceu alguma no Porto?

—Apenas uma. Como fui recommendado a um negociante chamado Antonio Jose da Silva, tive occasião de vêr de passagem uma bonita rapariga, que falava em estylo de *Corneille*.

—Pois conheceu essa senhora?!

—Perfeitamente. Que é feito d'ella? É feliz?

—Penso que não. A sua fortuna está perdida. É por causa d'ella que eu vim a França.

—Sim? é notavel a coincidencia! . . . Pois senhor, veja se eu posso servir-lhe de alguma cousa com o meu pouco valimento. . . Que desastre foi esse! O tal negociante passava por ser um homem rico. . .

E era. O negociante morreu ha dez mezes. A viuva liquidou a sua fortuna, que valia bem duzentos mil cruzados. Entrou com ella em uma casa commercial franceza, que tinha representantes em Lisboa. Esta casa acaba de fallir, e o dinheiro de Maria Elisa está perdido, segundo creio.

—Coitada! . . . Fica pobre por consequencia . . .

—Pobrissima.

—E tem filhos?

—Não, senhor.

—Nem familia?

—Tem em sua companhia uma amiga e a filha d'essa desgraçada senhora, que tambem foi rica, e está reduzida a nada. . .

—Tambem tinha os seus bens de fortuna na casa commercial que falliu?

—Não, senhor. . . foi o marido que a reduziu a esse estado deploravel. . .

—Pobres senhoras! . . . Estou-me interessando

em que não sejam tão infelizes como o senhor as pinta...

—Pois não digo metade das desgraças que as esperam.

—E o marido d'essa amiga da viuva... naturalmente é um perdido que lhes não pôde valer de nada?..

—Esse homem morreu... ou ha todas as probabilidades para o julgar morto... Parece que o mataram, quando o prendiam por ladrão...

—Era ladrão? Oh diabo! então foi bem feito matarem-n'o!

—Roubára em Lisboa uns brilhantes que vendera a um judeu. O judeu perseguiu-o, e quando soube que sua mulher possuia algumas propriedades, de que fruia os rendimentos, provou o roubo, e penhorou-lh'as todas... A viuva do negociante, que o senhor conheceu, não lhe dava tempo a scismar nos seus infortunios; mas agora a situação de ambas é desgraçadamente igual.

—E o seu procedimento?

—O mais exemplar. Maria Elisa vac retirar-se a um convento, e é natural que a outra viuva a acompanhe.

—Então o senhor que veio fazer a Pariz?

—Vim tentar o ultimo esforço; mas inutilizei despesas e trabalho. Pedi que se indemnissasse a viuva

da massa fallida; mas o tribunal do commercio não deferiu ao meu requerimento.

—Quando parte o senhor para o Porto?

—A'manhã deixo Pariz, e vou embarcar a Toulon.

—Póde ser portador de uma encommenda para a viuva de Antonio José da Silva?

—Com muito boa vontade.

—Tenha a bondade de acompanhar-me.

Augusto Leite súbuiu ao hotel, onde residia, enquanto o procurador de D. Maria Elisa o esperava. Demorou-se alguns minutos, e entraram juntos em uma casa commercial ingleza. Sacou uma ordem de mil e quinhentas libras sobre o Porto, entregues á ordem de D. Maria Elisa, e entregou-a com uma carta ao portador, accrescentando :

—Diga a essa senhora, que não desça da sua dignidade, nem abandone as pessoas que levantou da miséria. Eu terei cuidado de velar pela sua sorte.

O procurador, aturdido como é natural, desejou n'aquelle momento vencer como n'um vôo de espirito a distancia, que o separava de Maria Elisa. Aventurou algumas perguntas ao generoso hespanhol; mas não conseguiu elucidar-se mais do que tinha sido.

Augusto Leite entrou no seu quarto, e disse á sua imagem representada no espelho: «Meu amigo, quan-

do te vi, ha oito mezes, rir de contentamento no espelho de Maria Elisa, tinhas um riso bem differente d'esse que te vejo agora. Acredito que o prazer de uma boa acção é o unico prazer sem mixtura de dôr. E' a primeira acção boa que praticas, meu caro Augusto! Se te habituasses a ser honrado assim muitas vezes, naturalmente caías desamparado na rua. Esconde agora a face da honra, e faz uso da outra, porque uma só cara não presta para nada. Visto que tomas a teu cargo aquellas mulheres, precisas de ser pessoa de bem uma vez cada anno. A virtude, nos homens da tua fortuna, deve ser como os intervallos lucidos da loucura. Se vaes dizer á sociedade que te dê os meios para sustentares tua pobre mulher e tua filha, a sociedade manda-te trabalhar. Pois então, D. Affonso Vilhegas, trabalha antes que ella te mande. Dos trabalhos procura o mais rendoso. Como não tens grande força muscular, faz que o teu officio esteja mais dependente do espirito.»

Este dialogo, com o seu *unico amigo*, foi interrompido por um personagem, que apeára de uma sege e mandára adeante o seu nome: era o visconde de Bellarmin.

—Meu caro visconde, vieste encontrar-me a conversar comigo.

—E' necessario que te retires de Pariz immediatamente.

—Porque?

—O governo suspeita que tu és um enviado do partido monachal de Hespanha, que combinas com o de França uma reacção. Ha ordem de prisão para ti.

—Não julguei que era uma pessoa tão importante. Tenho gloria de ser preso como homem temivel a duas nações. Ainda agora me lembro que posso ser um grande homem. Quem sabe se me está reservada a corôa de Fernando VII!

--Não zombes, Vilhegas... Foge, quanto antes, de Pariz. Aqui tens passaporte para Portugal.

—Não vou para Portugal: Alcança-me um passaporte para Hespanha, e perdôo-te as mil libras que hontem perdeste. Olha lá... Dou-te outras mil se dizes no passaporte que eu sou um missionario hespanhol, que volto do Japão. Aceitas?

—Acceito... Vou buscar-t'o. Mas tu não tens cara de missionario.

—Eu respondo pela cara, e, se não, sabes quem venda uma? Os vossos ministros devem ter algumas disponiveis!... Vês como eu já vou pendendo para a linguagem dos estadistas?... Nunca me lembrou que podia ser o grande homem que vou ser!... Onde quer está um Napoleão incubado!... Avia-te...

Duas horas depois, Augusto Leite, com uma pe-

quena trouxa, um habito franciscano, a face amarellecida por não sabemos que tinturas finissimas, caminhava a pé para um porto de mar, onde devia embarcar para Cadiz.

Vae-se tornando interessante o romance. Já era tempo!

O frade franciscano Benito das Cinco Chagas, dias depois, desembarcava em Cadiz, onde as côrtes se refugiaram com Fernando VII, que estava preso, a pretexto de demencia, por não ter sancionado a constituição.

Augusto Leite apresentou-se nos congressos monarchaes, e offereceu, como fanatico pelas prerogativas reaes, e inimigo encarnizado da França, o seu apoio, e o seu braço, sendo necessario.

Tal fôra a sua enthusiasta eloquencia, que os chefes da reacção, sem discutirem a pessoa, abraçaram-n'o, victoriarão-n'o, e confiaram lhe o segredo dos seus planos, acclamando-o unanimemente seu secretario

Era necessario falar ao rei, que os liberaes retinham com sentinella á vista. Empresa difficilima! Foi pedido o parecer do frade missionario, em quem os fanaticos reconheciam o providencial redemptor de Hespanha. Antes que elle abrisse a bocca, já todos sabiam que a sua palavra seria a salvação, e as suas ordens immediatamente executadas.

6.



Augusto entrou no congresso, envolto no seu habito. Não respiravam os circumstantes. Fixavam-se todos os olhos nos labios do moço frade, quando elle, antes de pronunciar uma palavra, deixou cair o habito, e deixou ver um fardamento completo de general francez.

As escarlates physionomias dos conspiradores empallideceram, murmurando um prolongado *ah!*

—Não me julguem algum magico—disse Augusto Leite, sorrindo bondosamente.—Sou um frade, que renega por momentos o seu habito, para vesti'-lo um dia, com a consciencia de ter servido a Hespanha, fortalecendo-lhe a sua independencia, e defendendo-a das impias aggressões da França. E' necessario falar a Fernando VII. Eu irei apresentar-me ás côrtes, e direi que sou um enviado do duque de Angoulême, que, a estas horas, bate ás portas de Madrid. Direi que o meu fim é capacitar o rei em aceitar a constituição, e serei conduzido pelos interessados ao pé do monarcha.

—E depois?—exclamaram algumas vozes.

—Depois da minha conferencia a sós com o rei, retirar-me-hei dizendo ás côrtes que Fernando VII está doudo, e não concebeu as minhas razões. As côrtes, que por força precisam que o seu rei seja doudo, reputar-me-hão de uma intelligencia muito fina, ou de uma astucia tão cavillosa como a sua. Fernando VII,

uma hora depois que eu me retire, dirá ao seu medico que sente uma forte dôr de cabeça; duas horas depois sentirá uma convulsão, e cairá . . .

—Morto?!

—Apparentemente morto. O medico virá dizer ás côrtes que o rei morreu de uma apoplexia fulminante. Far-se-hão os funeraes. O cadaver será transportado para o palacio municipal. Tres horas depois que o julgarem morto, o rei resuscitará, e, á frente do exercito fiel, dirá: «A Providencia restituiu ao povo hespanhol o seu monarcha!»

Os venerandos frades sacudiram a cabeça em ar de pasmo. A alguns affigurou-se-lhes que o seu irmão era o proprio diabo, que vestira o habito do serafico S. Francisco, sobre a farda de jacobino, que elle era, desde que o senhor o expulsou do céu. Os mais circumspectos, encarando-o com o respeito da superstição, por isso que o reputavam embaixador de um poder sobrenatural, não ousaram interrompe'-lo no extenso discurso, que não publicamos na sua integra, porque na sala do conciliabulo não estiveram tachigraphos, que nos transmitissem o discurso completo.

O que sabemos é que Augusto Leite n'esse dia apresentou-se ás côrtes, pedindo consentimento para falar ao rei como enviado do duque de Angoulême, commandante do exercito francez.

Perguntado pelos meios que empregára para che-

gar desconhecido até Cadiz, respondeu que embarcára n'um porto de França, com passaporte que apresentou, passado a frei Benito das Cinco Chagas. As Cortes acreditaram o enviado, e permittiram-lhe a entrada no carcere de Fernando VII.

O rei, quando lhe foi annuciado um emissario francez, declarou que o não recebia, sem ter ao seu lado uma peça de calibre 40, com mórão acceso. Esta difficuldade é que o marido de Rosa Guilhermina não previra. Redobraram as instancias inutilmente durante tres dias, ao cabo dos quaes o duque de Angoulême, defronte de Cadiz bombardeava a cidade.

Augusto Leite, empregando a corrupção por meio do ouro, fez saber ao rei que o enviado francez era um partidario do congresso sacerdotal, que vinha offerecer a Sua Magestade valiosos serviços para a sua fuga do poder das côrtes.

O rei recebeu-o perplexo; mas brevemente se confiou aos planos do futuro arcebispo de Toledo, graça que desde logo lhe confirmou com a sua real palavra.

Augusto Leite agradeceu com reverente effusão a graça, e offerecia ao rei a beberagem que devia proporcionar-lhe a vida aparentemente, quando se ouviram exteriormente gritos que annunciavam a fuga do exercito hespanhol, e o desembarque do duque de Angoulême.

O populacho dava *mórras* aos membros das côrtes; e os partidarios da constituição, que não sabiam as intenções da França, luctavam desesperadamente contra o povo, e contra o exercito victorioso.

Augusto Leite, persuadido de que era já desnecessaria a realisação dos seus planos para a soltura do rei, não lhe ministrou o liquido, e dava graças á estúpida fortuna que o collocára ao lado de Fernando VII, no momento da sua liberdade.

Um membro das côrtes, que odiava o rei, e julgava perdida a causa, e cortada infallivelmente a sua cabeça um momento depois, resolveu um d'esses attentados sanguinarios, que são o character do povo hespanhol nas crises revolucionarias, resolveu o regicidio.

Entrou no carcere, armado de um punhal. Foi direito á camara do rei. O primeiro que se lhe antepoz foi o supposto official francez. Recuou diante de duas pistolas; mas um instante. Refez-se da coragem da desesperação, e aggreuiu o timido rei, que se refugiára atraz de Augusto. O bem provado athleta de Casal de Pedro desfechou-lhe uma pistola no peito: mas não pode esquivar-se a uma punhalada no coração. Travaram por alguns minutos uma lucta feroz, e cahiram ambos extendidos.

O que recebera uma bala no peito podia viver ainda hoje, se, no dia immediato, não fosse arrancado á en-

fermaria militar, para padecer morte de garrotilho, com alguns dos seus collegas. Mas, ao mesmo tempo Augusto Leite, que sentirá mais dentro a ponta do punhal, era enterrado com grandes honras por ter defendido, á custa da propria, a vida do seu rei.

O que ninguem sabia dizer ao certo era a naturalidade do corajoso defensor de Fernando VII. Os frades queriam-n'o para o catalogo dos martyres franciscanos; mas um francez do estado maior do duque de Angoulême dizia que aquelle homem vivera algum tempo em Pariz, onde se intitulava D. Affonso Vilhegas. O que tal disse, tinha razão sobeja para sabe'lo, porque era visconde de Bellarmin, que vendera o passaporte de frade ao seu amigo por mil libras.

Ora pois, d'este sujeito estamos nós livres. Podemos dizer que morreu bem. Espero que este meu romance, só de per si, conduza á eternidade individuos sufficientes para chamarem a attenção devota dos pios leitores em dia de fieis defunctos.

## CAPITULO XXIX

Maria Elisa, com Rosa Guilhermina, e a filha viviam na casa do Sério, unica propriedade que puderam salvar da fatal quebra do negociante francez e do sequestro do judeu. O dinheiro que lhes fôra

enviado de Pariz, melhorára a condição precaria das afflictas senhoras, que se viam na dura precisão de entrarem n'um convento como creadas de freiras.

Calcularam d'onde poderia vir-lhes aquelle dinbeiro, e abençoaram Augusto Leite, que parecia entrar, ao cabo de tantos desatinos, na estrada da honra. Calaram o segredo, receando que perseguissem o assassino dos dois soldados em Casal de Pedro, e esperaram que o tempo o rehabilitasse para tornar a Portugal.

Passou um anno sem novas de Augusto. Resolve-ram mandar a Pariz o procurador que falára com o generoso hespanhol. Foi. Procurou-o na mesma casa, e soube que esse homem se retirara de França um anno antes. 21

Disseram-lhe que existia em Pariz um general, que conhecera muito D. Affonso Vilhegas. O procurador encontrou esse general que era o visconde de Bellarmin, e soube que o supposto hespanhol morrera em Cádiz.

Esta nova matou todas as esperanças das pobres senhoras. Pobres outra vez! Choraram muito, como é natural, e resolveram abraçar a haixa profissão de creadas de convento.

Mas eram bellas ainda. A desgraça, ao passar por ellas, nem lhes desbotára o viço da formosura, nem lhes arrefecera de todo o coração. Viuvias ambas, em-

hora pobres, quantos an ciariam por esposa'-las, se ellas viessem ao mundo com o seu sorriso de seducção ?

Rosa tinha visto, em cinco mezes successivos, todos os dias, á mesma hora, um cavalleiro que passava com os olhos pregados na janella do seu quarto, onde ella, na hora das saudades, á luz crepuscular, costumava sentar-se com sua filha nos braços.

Em uma d'essas tardes, vira que o cavalleiro parava, e dissera para cima palavras que ella não entendeu, nem quiz entender. Retirára-se a contar á sua amiga a aventura extranha, e promettera nunca mais, a tal hora, dar azo aos atrevimentos do sr. Alvaro de Sousa, que assim se chamava o fidalgo enamorado.

No dia seguinte, é certo que não veiu á janella; mas por entre as cortinas mal cerradas, teve a fraqueza de espreita'-lo. O fidalgo, que não deu por isso, parou um momento, e disse ella á sua amiga que o vira suspirar. Se isto é verdade, o sr. Alvaro de Sousa, enquanto a mim, era poeta. Os poetas fazem monopolio dos suspiros, mas, honra lhes seja feita, não encarecem o genero; barateiam-no de modo que não ha consumidora que tenha razão de queixa.

Eu creio sinceramente que Rosa Guilhermina, se lhe não dava em troca um suspiro, nem por isso se

affligia da violencia com que o illustre representante dos Sousas lhe remettia os seus anhelitos amorosos.

Hão de acreditar-me que o mancebo era um bello mancebo. Ainda hoje me falam d'elle como a joia das formosuras masculinas do Porto, Era uma dama, segundo me dizem as senhoras de cincoenta annos. Tinha intelligencia, qualidade que o exceptuava da regra geral que regulava o entendimento opaco de seus nobres primos. Era filho segundo; mas rico, e generoso, e dado a prazeres que lhe não arruinavam a bolsa nem a saude. Vinha a ser, emfim, um perfeito homem o que se apaixonára sériamente pela esquiva viuva de Augusto Leite.

Alvaro de Sousa, contrariado pela apparente frieza de Rosa, sentiu-se vexado no seu amor proprio, e impoz-se orgulhosamente um fidalgo desprezo por tal mulher, indigna de honrar-se com o seu amor. Isto foi ao meio dia; mas, ás quatro horas, o soberbo moço anafava cuidadosamente os cabellos, para não ser surpreendido, em desalinbo, no Sério.

N'essa tarde encontrou Rosa Guilbermina passeando, na alameda da Lapa, com a amiga, e a filhinha que brincava com um cão de regaço. O cãesinho, que não estava para brincados, encolheu a cauda, e fugiu á ama, na direcção da casa. As senhoras chamavam-lhe *Joli*, que era, por esse tempo, o nome



favorito de todos os cães; mas o rebelde quadrupede não olhava para traz.

Alvaro esporeou o cavallo, cortou a vanguarda do cão, apeou-se gentilmente, apanhou o bichinho, que se agachava com medo, tomou-o no collo, e foi conduzi'-lo ás damas, que receberam a attenciosa delicadeza com rubor na face.

O leitor deve ter observado que estas damas perderam o antigo estylo. Já não falam a guindada linguagem das novellas, nem curam de aprimorar as idéas, enfeitando-se d'aquelles arrebiques e galanteiras que eu espero ainda encontrar na mulher, que Deus me destina, e que ha de fazer de mim um respeitavel marido.

N'outro tempo, Alvaro de Sousa seria recebido com quatro metáphoras, e vêr-se-ia na precisão de incommodar a mythologia para responder-lhes. Agora, já não. A idade, o soffrimento, a experiencia, e o temor do futuro abatera no raso da linguagem humana aquellas almas perdidas nas maravilhas aereas. Falavam como nós, importavam-se pouco de livros, sentiam-se muito decahidas no espirito, e concordavam conscienciosamente que tinham sido embrutecidas pela desgraça. E se não vejiam:

— Agradecemos muito a sua delicadeza — disse Maria Elisa, recebendo o cãozinho (não tenho a certeza se era cadellinha) das mãos de Alvaro.

— Só este irracional—disse Alvaro, mastigando a fineza—deixaria de obedecer ás ordens de suas amas. Assim mesmo peço que não seja castigado. . . Se elle tivesse entendimento, o remorso de ter sido desobediente seria bastante castigo.

—Muito agradecidas ás lisonjas de v. ex.<sup>a</sup>—ata-  
lhou Maria Elisa, enquanto Rosa se fingia distrahida sacudindo a terra das saias da menina.

—Não é lisonja, minhas senhoras. O que eu digo é o menos que se pôde dizer, e espero acreditem que não sei dizer tudo que sinto. Aquella senhora parece aborrecer-se da minha presença. . .

—Não, senhor—disse Rosa.—A presença de v. ex.<sup>a</sup> não aborrece. . . E' porque estava sacudindo a terra dos vestidos de minha filha. . .

—Que é linda como sua mãe. . . Que annos tem?

—Quasi cinco.

—Em tão tenra idade é admiravel a esperteza d'esta creança! . . . Venha cá, minha menina. . . como se chama?

—Açucena—disse a creança.

—Que lindo nome! . . . Uma *rosa* devia produzir uma *açucena* . . . E' minha amiga?

—Sou.

—E'? Já tenho uma pessoa que seja minha amiga! . . . Sou mais feliz do que pensava. . . Quer ir a minha casa?

—Quero.

—Pois hei de manda'-la buscar um dia. Minha mãe gosta muito de creanças. . . V. ex.<sup>a</sup> dá-me licença que ella vá?

—Pois não! E' muita honra. . .

—N'esse caso, amanhã, se me permite. . .

—Quando aprover a v. ex.<sup>a</sup>

Ora aqui está como começou o namoro No dia seguinte, Alvaro de Sousa veio de carroagem buscar a menina, subiu á sala, como era natural, e não viu Rosa que se fechára no seu quarto banhada em lagrimas. Quiz saber a causa de tal soffrimento, e disse Maria Elisa que a sua amiga tivera noticia de estar viúva.

—Viúva a reputava eu, ha muito! — atalhou Alvaro.

—Não o era. . . Convinha que esse boato correspondesse. . .

O fidalgo deu a entender que sabia a razão d'esse boato, e retirou-se sem *Acucena*, que não pôdia durante o lucto sair de ao pé de sua mãe. Á tarde, Alvaro veio fazer a D. Rosa a visita de pesames, e oferecer o seu prestimo.

Na tarde do dia seguinte repetiu a visita, e passou a noite.

Nos dias immediatos entrava com familiaridade. O ferreiro que morava defronte disse ao sapateiro seu

vizinho que o tal fidalgo não se lhe dava de recolher as duas frangas perdidas do rebanho. Este ferreiro tinha algum espirito. Se vivesse hoje, de certo não era ferreiro; escreveria folhetins, ao passo que o seu vizinho sapateiro, homem lido no Bandarra e Carlos-Magno, amanharia substanciosos artigos de fundo. O fidalgo, esse, se vivesse hoje, faria o mesmo que fez então, e que ha de fazer-se no seculo XX. Eu, por mim, se fosse contemporaneo do mestre ferreiro, não escrevia romances. A estas horas (são sete e meia da tarde) estava eu resando vespersas em algum côro de frades carmelitas, para o que tenho uma vocação imperiosa.

Agora, leitores, o meu trabalho termina aqui. As cartas, que ides lér, confiou-m'as a pessoa que me contou esta historia. São textuaes. Podem vêr-se em minha casa, desde o meio dia até ás quatro horas da tarde. Quem as escreve é um pintor que teve nome no Porto, e pouco tempo furtou á desgraça para cultivar a arte. Quem as reccebe é uma senhora que ainda vive.

## CARTA I

22 de setembro de 1824

Minha estimavel amiga.

Não posso ser indifferente ao interesse, que v.

ex.<sup>a</sup> tem na minha felicidade. Na soledade em que me vejo, as suas cartas são a unica indemnisação que tenho das compridas horas de uma vida sósinha, escura, e despovoada de todas as bellezas, se é que algumas a existencia pôde ter para mim.

Votei-me ao amor da arte, porque eu tinha precisão de viver para alguma cousa; mas a arte não me galardôa a minha dedicação. Do seio da tela tenho arrancado imagens, que são a reminiscencia d'aquella mulher que me fugiu dos braços para os braços do tumulo.

Aqui tem, minha amiga, como a arte recompensa os meus desvelos! Pede-me lagrimas, e não m'as paga com a esperança de crear por ella um nome, como o de muitos desgraçados que se immortalisaram nos quadros, em que verteram muitas.

Eu não sou egoista dos meus padecimentos. Tenho querido encontrar a felicidade que a minha extremosa amiga me vaticina. Tenho procurado essa segunda mulher com o reflexo luminoso da primeira, que me deixou rodeada de trevas, e saudades. Alguma vez, abandono o meu quarto, e corro, anhelante de não sei que esperança embriagadora, atraz d'esta visão impossivel Sabe o que eu encontro sempre? A fachada do templo de S. Francisco. Lá dentro dorme o somno eterno a nossa amiga, sempre chorada! Se posso entrar, ajoelho, chamo-a a

testemunhar as minhas ancias, e retiro-me d'alli gelado pela duvida, gelado como a pedra que a separa dos vivos, gelado como o cadaver, que se move impellido por não sei que mão fatal que me não deixa resvalar no meu abysmo!

Sou bem desgraçado, não é assim? Muito! Este meu viver é alguma cousa mais dilacerante que a dôr. Não tenho a esperança consoladora que a Providencia manda sentar-se no limiar de todos os infelizes. Vejo d'aqui todos os pontos em que devo passar na minha longa viagem para o nada. O presente conta-me o futuro. O que vem não receio que seja peor que o que é. Ha uma cruel monotonia n'esta angustia de todas as horas!

V. ex.<sup>a</sup> comprehende-me? Creio que sim! O infortunio illumina o entendimento. Para o que soffreu não ha mysterios de dôr no coração do extranho. A minha amiga tem soffrido muito. Perdeu, ha pouco, um esposo querido. Já depois beijou os labios frios de uma unica filha que ficára falando com a innocencia da saudade a linguagem singela e carinhosa de seu pae. Ainda assim, invejo-lhe o poder que tem de prestar consolações á amargura dos outros. Eu, hoje, não saberia consolar ninguem.

Minha amiga, dê-me a sua estima, que eu não tenho mais nada. Em remuneração, dou-lhe a verdade

da minha alma, que é um thesouro, raras vezes concedido.

De v. ex.<sup>a</sup>  
Verdadeiro amigo,  
*Paulo.*

## II

30 de setembro

Palpita-me com sobresalto o coração. Preciso escrever-lhe enquanto me dura esta febre, que está sendo a minha felicidade! *Felicidade!* com que ousadia pueril escrevi semelhante palavra! Já é *desajar* muito possuí-la! Bem se vê que sou um homem sem presentimento nenhum alegre, sem nenhum direito à felicidade. Um pequeno lance na minha vida torna-me a cabeça; e, comtudo, estes lances, creio eu que são frequentes, e desaperebidos, na vida de qualquer outro, mediocrementemente feliz.

Hontem fui procurado por Alvaro de Sousa, que uma vez encontrei em casa de v. ex.<sup>a</sup> Impressionou-me um ente extranho, no meu quarto, fechado para todo o mundo. Chamou-me «amigo» e esta palavra banal fez-me sorrir, pronunciada por um homem, que eu apenas conhecia, e que tão distante está da minha obscura classe! . . .

Disse-me que possuía um quadro meu, em que uma virgem, mais formosa que as de Raphael, era pintada no extasis de responder a sua mãe que a chamava do céu. Eu já sabia que v. ex.<sup>a</sup> lhe tinha dado este quadro. Entendi, quando o soube, que não devia magoar-me; mas quizera, antes, que os profanos na religião do martyrio ignorassem o auctor d'aquella pintura. Não me receba isto como queixume. E' a innocente sensibilidade de quem, pelo muito soffrimento, chegou talvez aos escrupulos injustos...

Perguntou-me se eu continuava a pintar. Respon-di-lhe a verdade, que nunca veio desfigurada do meu coração. Disse-lhe que sim. Pediu-me, como especial favor, que retratasse uma mulher. Hesitei um momento; mas tive pejo de me negar. Annuí, e na tarde de hontem acompanhei-o ao Sério, a casa da viuva de um negociante, que, penso eu, se chamou Antonio José da Silva, e creio-mesmo que v. ex.<sup>a</sup> me falou, ha tempos, n'esse homem, contando-me as aventuras de uma tal Anna do Carmo, casada com seu primo de traz da Sé.

Em casa d'essa viuva está uma senhora, viuva tambem. Ha tres annos que a vi casada com um tal Augusto Leite, que deixou uma triste celebridade. A nossa chorada amiga fôra companheira d'ella nas orphãs em S. Lazaro, e contou-me cousas que lhe



não eram muito favoráveis á sua indole de menina.

Quando a vi casada com um homem perdido, imaginei que a semelhança dos genios approximára dois entes, que deviam encontrar-se. Comtudo, a Rosinha, como lhe chamava Helena, pareceu-me triste. Soube depois que era realmente infeliz, e nunca mais tornei a vê-la.

Vi-a hontem, sentada deante de mim, com o sereno aspecto do prazer no rosto, um pouco macerado, mas radiante ainda d'aquelle brilho de certas bellezas que não se apaga nunca. Quiz adivinhar-lhe o coração nos olhos, e estes olhos, languidos de ternura, vi que se fechavam n'um espasmo delicioso a cada olhar de Alvaro de Sousa. Entristeci-me d'aquelle, porque me lembraram as mulheres do grande mundo, os typos de magestosa immoralidade, que difficultosamente se aclimatam em Portugal, onde não chegou ainda a cultura e o despejo da França.

Eu disse-lhe que não podia prescindir dos seus olhos por algumas horas. Sentia-me com disposição para zombar da belleza, que tinha a vaidade de reproduzir-se para, dez annos depois, encontrar, no logar das rosas, as rugas da velhice, no vivido scintillar dos olhos o amortecimento do cansasso.

Principiei o retrato. Alvaro de Sousa entretinha nos braços uma pequena creança a quem chamavam Açucena. E' filha de Rosa. Conheci-a pela seme-

lhança com sua mãe; mas não sei o que ha na physionomia da pequena, que prophetisa fatalidades! Serei eu supersticioso?

Emquanto esboçava os contornos, perguntei-lhe se conhecera Helena Christina, nas orphãs. Disse-me que sim, e que chorára, quando teve a noticia da sua morte, por causa de uma paixão que cegamente tributára a um homem, que não era da sua condição.

—Que homem era esse?—perguntei-lhe eu.

—Era o filho de um advogado.

—Pensei que a condição do advogado era nobre —repliquei eu.

—E' nobre; mas a de um general é muito mais nobre, e Helena era filha de um general.

Não pude continuar o retrato. A palheta tremia-me no braço, e o pincel traçava linhas confusas. Pedi licença para retirar-me, e deixei Alvaro enleado da minha improvisada saída.

Passei uma noite cruelissima. Levantei-me para escrever a v. ex.<sup>a</sup> Cuidei que esta carta me seria um desabafo; mas a suffocação augmenta. Para que me disse aquella mulher que eu fui a causa da morte de Helena? Penso que o fui. Accuso-me d'esse crime; porque não posso accusar meu pae, que devera ser general, e não advogado.

Como é a sociedade, senhora! E' impossivel que a

Providencia não abandonasse o homem, depois de o ter creado! Se o espirito de Deus presidisse á organização do genero humano, ninguem viria dizer-me: «A tua condição social collocou um tumulto entre ti e a filha de um general!»

E é a isto que eu chamei *a minha felicidade!* E' um novo crime! Aquella mulher confirmou a certeza que eu tinha de ter sido amado por Helena até lhe merecer o sacrificio da vida. Será isto um egoismo barbaro?

Adeus, minha boa amiga.

De v. ex.<sup>a</sup>

Amigo do coração,

*Paulo.*

III

12 de outubro

Tive hontem o desgosto de não encontrar em casa v. ex.<sup>a</sup> Procurei-a porque tinha muitas idéas a revelar-lhe, mas tão desordenadas, que receei não poder escrevel'-as. A bondade, com que a minha paciente amiga costuma attender os desvarios d'este forte coração e d'esta debil cabeça, seria mais uma vez tolerante comigo.

Não a encontrando, resolvo, escrever-lhe, e v.

ex.<sup>a</sup> verá n'esta carta o tumulto de sensações que se me atropellam na alma, ha dez dias.

Instado por Alvaro de Sousa, fui recommençar o retrato da viuva. Era-me preciso, para não passar por doudo, remediar de qualquer maneira a precipitação com que saí d'aquella casa. Não me occorreu algum pretexto. Adoptei o silencio como explicação, e não dei uma palavra que suscitasse recordações do dia anterior.

Reparei com animo frio na physionomia de Rosa. E' uma d'estas mulheres que o mundo chama bellas, e eu creio que o são. Sem uns traços de soffrimento, que lhe assombram os olhos, não seria tão bella. Tem um olhar humilde, como quem pede compaixão. Não sei que transparente brilho de lagrimas lhe empana os olhos. As palpebras, como cançadas de se abrirem diante do infortunio, pendem amortecidas. Se não ha estudo n'esta attitudo caracteristica, o olhar de Rosa pôde exprimir muito amor, ou muito fastio.

Muito amor, talvez... é mais natural. Alvaro de Sousa, constantemente embebido na contemplação d'esta mulher, não a deixa um instante sósinha. Muitas vezes a viuva do negociante vem á sala trocar algumas palavras com Alvaro, e não consegue divertir-lhe os olhos da sua amiga. Não pude comprehendê'-los. Achei demasiada precaução no aman-

te, e alguma frieza, se não era pudor, em Rosa. As perguntas carinhosas, que elle lhe faz, são correspondidas com meiguice nos labios; mas a phrase vêm secca do coração. Reparei n'isto, e parece que o pincel, que traçava as feições de Rosa, copiava tambem a physionomia moral de ambos.

No dia seguinte fui continuar o retrato.

Alvaro de Sousa não tinha chegado ainda. Rosa pareceu-me mais alegre, e recebeu-me com um sorriso de graça e confiança. Antes de sentar-se perguntou-me que razão tivera eu para retirar-me, na primeira vez que alli fôra, de um modo que a deixára cuidadosa. Pedi-lhe que me não interrogasse. Rosa, sem offensa ao meu pedido, falou de Helena, recordando a conversa que precedera a minha saída. Era uma delicada maneira de interrogar-me. Eu creio que me desfigurei. Reparou ella que eu estava pallido e tremulo. Açucena, que por não sei que infantil capricho me subira para o collo, disse que eu tinha uma lagrima nos olhos. Rosa approximou-se, e, apertando-me a mão, com um ar de bondade, e um desembaraço de que eu não seria capaz, disse que me conhecia, e pediu-me perdão de ter ferido o filho do advogado, que adorára a filha do general.

Não respondi a este lance affectuoso. Pedi-lhe que se sentasse para continuar o retrato. Rosa parecia mais commovida que eu. Sentou-se. N'este momento

entrou Alvaro. Cortejaram-se com algumas perguntas e respostas triviaes, e eu, com os olhos do coração no tumulto de Helena, e os da face na physionomia da sua companheira de recolbimento, continuei, sem vontade nem attenção, o retrato.

No dia immediato fui concluir a obra. Rosa recebeu-me com extranha affabilidade. Perguntou-me quantas secções faltavam. Respondi que era aquella a ultima.

—E, depois—proseguiu ella, titubeando—não tor-na a esta casa ?

—Tornarei todas as vezes que v. exc.<sup>a</sup> se dignar occupar-me no seu serviço.

—Eu desejava possuir o retrato de minha filha.

—Enviarei a v. ex.<sup>a</sup> um habil pintor.

—Pois não quer encarregar-se d'este trabalho que eu tanto queria fosse seu ?

—Agradeço a lisonjeira fineza . . . Se eu tivesse o amor artistico, não teria mais incensos a desejar para o seu culto; mas eu não posso, sem grande sacrificio, fazer retratos. Fui surprehendido, quando me prestei a este serviço; agora, se v. ex.<sup>a</sup> me concede recusar um sacrificio que não é necessario ao seu bem eu declino de mim esse trabalho, e, repito, enviarei a v. ex.<sup>a</sup> um retratista, que de certo não posso substituir.

—N'esse caso, prescindindo do seu favor . . . agrade-

cendo-lh'o muito... Não será retratada minha filha.

—Eu receio ter sido grosseiro, minha senhora... Se v. ex.<sup>a</sup> determina que seja eu o retratista d'esta linda menina, recebo a sua vontade como ordem...

—Deus me livre de sacrifica'-lo... Pensei que lhe não seria penoso conversar com uma companheira de Helena, alguns instantes no dia.

—E' muito penoso...

—Muito?... é admiravel!... E porque?... Me-reço-lhe a confiança de me dizer que motivos lhe dou para não ser digna testemunha de suas lagrimas?

—Nenhuns motivos, senhora D. Rosa... E' que eu não tenho a tranquillidade de espirito precisa para receber como um prazer as recordações d'essa mulher que amei como não posso tornar a amar... Já vê que deve ser-me bastante amarga a convivencia com uma pessoa, que promette falar-me de Helena...

—Não lhe falarei n'ella...

—Então seria eu quem falaria, senhora D. Rosa... Tenho-a sempre adiante dos olhos... Não posso manda'-la afastar da minha alma, para entreter-me em cousas futeis...

—Nem tudo é futil, senhor Paulo...

—Para mim... é. Não tenho vida que não seja uma insoffrivel saúdade; mas acho esta dôr mais no-

bre que tudo que me rodeia... Por ella, troco de boamente todas as felicidades que o mundo possa traçoeiramente offertar-me...

—Traçoeiramente...

—Sim... Creio que o mundo não pode offerece'las de outro modo... Tomára eu ser esquecido para todos, assim como o meu nome o foi para v. ex.<sup>a</sup>... Preciso que me deixem, porque eu não procuro al-guem. Será forçarem-me a soffrimentos com que não posso, e contra os quaes empregarei toda a minha coragem, chamarem-me para um mundo, onde serei como o homem sem patria, nem affeições, nem ami-gos.

—Não cré na amizade?

—Não, minha senhora... Eu tinha uma grande alma, cheia de todos os sentimentos bons; essa alma foi como um raio de luz amortecida no prestito fune-bre da filha do general... Apagou-se ao pé da se-pultura... Não tinha senão essa alma...

—Nem espera resuscitar d'esse lethargo?

—Nunca mais.

—Nem emprega diligencias para isso?

—Nenhumas. Eu sei que o mundo não tem nada para mim...

—Nem o senhor Paulo tem nada que dê ao mundo?

—A compaixão para os desgraçados como eu, um sorriso de escarneo para as felicidades de um dia, e



um adeus invejoso áquelles que morrem... Bem vê que ainda sinto impulsos nobres no coração...

—Deseja a morte?... .

—Procuro-a; mas entendo que é debil o poder das paixões nas organizações fortes... Eu lucto, ha dois annos, face a face, com uma dôr, que me não deixa cinco minutos de descanço, e vivo... vivo assim com o aspecto da serenidade, e talvez com o rosado juvenil de uma saude perfeita... Não se morre de paixão. .

—E que importaria morrer?

—Importava não sentir...

—Pois o senhor não crê n'outra vida?

—Não creio n'outra vida. Procurei acredita'-la. Li tudo, estudei tudo, porque me disseram que a incredulidade era a estupidez. A cada oraculo da immortalidade, que consultava, a minha alma, além de incredula, sentia a cruel precisão de escarnecer a fé dos que nos mandaram crêr. Disseram-me que eu não cria, porque a fé era uma graça especial do Senhor. Isto fez me rir amargamente; mas, supersticioso pela desgraça, pedi, invoquei, supliquei com fervor a fé. Esperei-a. Deixe-me rir, senhora, que este riso é um insulto bem merecido ás minhas crenças.. O homem é um verme. Deus não tem nada com este grão de areia, que lançou no oceano, a turbilhões, com a ponta de um pé. . .

—Deve ser muito desgraçado...

—Não sou mais do que ser ia: creio, pelo contrario, que sou menos. A immortalidade de que me servia?

—De encontrar essa mulher, que tanto amou n'este mundo...

—Isso é falso... Essa mulher, que muito amei n'este mundo, antes de entrar no esquife, principiou a desorganisar-se. As pessoas, que estavam em redor, diziam que era insupportavel o cheiro do cadaver... A putrefacção, a estas horas, deve te'-la consummido... De que me servia a immortalidade a mim, se os vermes me não restituissent a mulher que teve um dobre a finados, uma oração mercenaria, uma lagrima do costume, e a eternidade do nada, que é a verdadeira eternidade?...

—Com uma razão tão forte é impossivel que não possa vencer os seus soffrimentos.

—Chama v. ex.<sup>a</sup> a isto *razão forte*? E' uma debilidade, minha senhora... Forte é a razão do homem que se dá voluntariamente a esperanças chimericas, e crencas sem critica... O forte é esse, que vence a propria razão... Fraco sou eu, que não posso subjugar o espirito...

—Nem com as consolações de uma verdadeira amiga?

—O que é uma verdadeira amiga?

Fomos sorprendidos por Alvaro de Sousa. Reparou

no embaraço de Rosa, com ares desconfiados. Eu recebi-lhe os cumprimentos com a frieza não calculada dos meus habitos ordinarios. Continuei o retrato, com não sei que placidez incomprehensivel! Sentime melhor do coração...

Agora é que eu me sinto incapaz de continuar esta longa carta... Creio que é longa e fastidiosa... Sofra, e tolere-m'a, minha querida senhora.

Até amanhã.

De v. exc.<sup>a</sup>

Dedicado amigo,

## VI

*14 de outubro*

O retrato de Rosa estava concluido. Na tarde d'esse dia, Alvaro de Sousa procurou-me, agradeceu-me o emprego que eu fizera de todos os recursos da minha arte divina, e delicadamente deixou sobre a minha mesa um cartuxo de dinheiro. Não sei o que continha; porque, apenas o encontrei, depois que Alvaro se despedira, mandei entrega'-lo em sua casa.

Alvaro voltou no dia immediato, e instou pela razão de semelhante procedimento. Respondi-lhe, depois de importunado, que me dispensasse s. exc.<sup>a</sup>

de dar uma categorica explicação das minhas acções. Vi-lhe um sorriso de desconfiança, que me fez piedade. Estive quasi a pedir-lhe a definição do sorriso; mas não quiz culpar-me no erro, que lhe censurava a elle. Todo o homem pode chorar ou rir quando quizer.

Decorreram tres dias, sem o menor incidente, com referencia ao retrato da viuva. Hontem, porém, recebi a carta, que remetto a v. exc.<sup>a</sup>, já que me impoz a obrigação de lhe não esconder os mais secretos incidentes d'esta minha attribulada existencia, que v. exc.<sup>a</sup> segue, desde o berço, minuto por minuto. Communicando-lhe essa carta, entendo que não me deshonro. A mulher, que a escreveu, ou está deshonorada de mais para não soffrer nos seus creditos com semelhante revelação, ou está bastante pura para não soffrer no seu pudor, confiando-se á minha discrição, e á de v. exc.<sup>a</sup>.

«Já não sou de mim propria quando commetto a  
«extranha temeridade de escrever-lhe. Separo-me  
«das leis do meu sexo, e declaro-me muito forte na  
«minha fraqueza para me abandonar loucamente á  
«vontade caprichosa de um sentimento, que pôde  
«deshonrar me, mas que me absolve na consciencia.

«Escrevo-lhe, Paulo, porque não tenho esperan-  
«ças de encontra'-lo n'esta casa. Quero deixar cabir  
«este véo, com que me viu, porque tenho vergonha

«de parecer-lhe o que a minha razão me diz que não  
«sou.

«Que julga de mim? Como te avaliado o meu  
«procedimento? Reputa-me amante de Alvaro de  
«Sousa? Não quero essa consideração; renuncio a  
«tal gloria, porque eu não sou amante de Alvaro de  
«Sousa. Este homem entra na minha casa, e deno-  
«mina-me prima. Intitula-me prima, porque dizem  
«que minha mãe é casada com não sei quem que  
«pertence á alta nobreza. Vi esta mulher; não pude  
«amal-a; não pude reconhece-la, e fui com ella rude  
«como seria com uma pessoa extranha.

«Soube que a fortuna de meu pae a fizera elevar-  
«se até ao ponto de nobilitar-se. Não me fez uma li-  
«geira impressão esta mudança. Não a procurei nua-  
«ca, e morrerrei de indigencia antes de pedir-lhe uma  
«dobra de seus velhos tapetes para resguardar do  
«frio minha filha.

«Alvaro de Sousa tem-se-me offerecido para esta-  
«belecer entre mim e D. Anna do Carmo uma alli-  
«ança filial. Revela um interesse extraordinario pelo  
«meu futuro. Dedicame extremos de irmão e enco-  
«bre com muito fina astucia as suas intenções, se  
«ellas são más.

«Não me importa saber quaes ellas sejam. Nada  
«ha commum entre mim e este cavalheiro, senão  
«uma amizade sem consequencias, e um commercio

«de frivolidades como é a troca de retratos, a que  
«eu não ligo importancia alguma.

«Aqui tem o que eu sou para aquelle homem. Pre-  
«cisava abrir-lhe assim a minha alma, Paulo. O res-  
«to do mundo deixo-o julgar a seu bel-prazer; não  
«me canço até em sondar a indifferente opinião da  
«sociedade a meu respeito.

«A sua preciso d'ella; porque preciso da sua esti-  
«ma, como de um amparo que me anime a esperar  
«sobre a terra a felicidade, que, em poucos dias, vi  
«fugir diante de meus olhos, como um sonho ditoso.

«A sympathia entre dois desgraçados deve ser  
«abençoada por Deus. Não fuja de uma mulher que  
«póde, se não dar-lhe consolações, recebe'-las ao me-  
«nos. Seja meu amigo, não como foi de Hellena, mas  
«como póde se'-lo de uma pessoa, que desejára n'es-  
«te instante ter uma sepultura ao lado d'ella.

«Não ousou pedir-lhe nada, não tenho sequer cora-  
«gem de implorar-lhe duas linhas em resposta a es-  
«ta carta, que me sahiu tão ingenua do coração, que  
«nem quero tornar a vé'-la, para que o artificio da  
«fria cabeça não vá manchar a pureza natural com  
«que a escrevi.

«Adeus, Paulo. Não desdenhe a inutil estima, que  
lhe offerece

«*Rosa Guithermína.*»

Esta carta não me impressionou. Quasi que me não occupi senão do estylo em que era escripta! Encontrou-me n'um momento de gélida atonia. Tenho-os assim, e então a minha alma é dura, o meu coração paralyza, os meus labios sorriem-se machinalmente, e eu escondo a face nas mãos para contemplar este mysterioso mixto de sensibilidade e cynismo que caracteriza as feições da minha indole.

O portador d'esta carta esperava uma resposta, duas horas depois. Eu não pensei que devia responder; por isso não tive o cuidado de saber se alguém esperava resposta. Quando me annunciaram o portador, mandei-o subir. Perguntei-lhe se era forçoso responder; disse-me que tinha ordem de esperar até que eu lhe desse a resposta, ou dissesse que a não tinha.

Escrevi...

Não me lembra bem o que. Penso que eram estas as idéas:

Que eu não mostrara o menor interesse em conhecer indiscretamente a natureza das ligações que prendiam D. Rosa Guilhermina a Alvaro de Sousa;

Que me eram tão indifferentes depois como antes, mas que muito ingenuamente estimava que ellas fossem taes, que nunca a excellente senhora tivesse de soffrer por ellas;

Que acccitava a offerta da sua estima, porque já

não podia aspirar a outros triumphos no coração das mulheres, que sabiam separar a amizade do outro sentimento que a hypocrisia vestiu com os arminhos emprestados de uma afeição nobre;

Que, na minha posição, não podia dár-lhe mais consolações do que as muito poucas que um homem qualquer pôde offerecer no serviço de qualquer senhora, que precisa de um creado.

Penso que foi isto, pouco mais ou menos, o que eu escrevi. São passadas vinte e quatro horas. Não tenho nada a acrescentar a este episodio, e creio que terminará aqui.

Não concebo bem o que esta senhora quer de mim! Não creio n'estas fascinações momentaneas, porque as não entendo, ou o meu coração está muito abaixo d'esses vãos.

O que em verdade lhe digo, minha boa amiga, é que não preciso recordar os juramentos que fiz a Helena, dois dias antes da sua morte, para vencer a impressão que Rosa Guilhermina me poderá ter feito. E' nenhuma. Posso esperar com firmeza e animo frio a perseguição. Nem, ao menos, a lastimo, porque a febre da imaginação ha de mitigar-se, e, quinze dias depois, esta mulher terá por mim um sentimento de resentido orgulho que ha de salva'-la. Entende-o assim?

De v. exc.<sup>a</sup> Grato amigo, — *Paulo*



V

19 de outubro

Retirou-se, n'este momento, de minha humilde casa o senhor Alvaro de Sousa.

S. exc.<sup>a</sup> é um lastimavel mancebo! Como seu primo, minha boa amiga, sinto que elle seja o incentivo irrisorio d'esta carta

Entrou de chapéo na cabeça na minha officina.

Vou tentar recordar o dialogo, que tivemos.

«—Venho exigir do senhor uma prompta resposta--disse elle, dobrando o punho de uma bengalinha com a ponta.

«—Tenha a bondade de fazer a pergunta--respon-di-lhe eu, convidando-o a assentar-se no canapé, inutilmente.

«—O senhor tem algumas intelligencias com D. Rosa Guilhermina?

«—Não respondo.

«—Quer dizer que tem?

«—Não quero dizer nada. Digo que não respondo.

«—Mas eu preciso que responda sim, ou não.

«—Pois por satisfazer ás suas exigencias imperiosas, senhor Alvaro de Sousa, respondo ambas as palavras: *sim e não.*

«—Não comprehendo. . .

«—Tanto peor para v. exc.<sup>a</sup> que não pôde esperar de mim outras explicações.

«—O senhor parece ignorar a qualidade de pessoa com quem fala. . .

«—Poder-me-hei ter enganado, mas creio que falo com um dos mais distinctos cavalheiros do Porto. . . O sr. Alvaro de Sousa é muito conhecido, para que eu não conheça a qualidade da sua pessoa, até pela libré dos seus lacaios.

«—E' preciso que nos entendamos.

«—Desejo-o de todo o coração. . .

«—O senhor tem algumas relações com D. Rosa?

«—Continuamos na mesma desintelligencia, sr. Alvaro. . . Essa pergunta já foi respondida.

«—Mas a resposta não me satisfaz.

«—Não tenho outra, e falta-me até a paciencia para lhe offerecer, outra vez, a que v. ex.<sup>a</sup> não aceita.

«—Eu sinto que o senhor não seja um cavalheiro da minha classe para responder-me á ponta da espada.

«—Dou, portanto, louvores á Providencia por me ter feito de uma classe diversa da dos heroes, que teem ponta de espada para os que não teem ponta de lingua. . .

«—O senhor zomba de mim!?

«—Zombo.

«E não receia as consequencias d'essa affronta á minha honra?

«—Não, senhor.

«—Estou em sua casa...

«—Que quer dizer com isso?

«—Não quero dizer nada... Encontrar-nos-emos..

«—Senhor Alvaro de Sousa, eu tenho epocas em que difficilmente sou encontrado, e esta parece-me que é uma. Se v. ex.<sup>a</sup> tem urgencia de encontrar-se comigo, saírei hoje.»

Não me respondeu, e saiu.

São tres horas da tarde. Vou dar um passeio.

V. ex.<sup>a</sup> ha de permittir-me que, invocando o sagrado testemunho da nossa amizade, eu lhe imponha o preceito de não fazer transpirar uma palavra d'esta minha carta, a não desejar um completo rompimento nas nossas relações.

De v. ex.<sup>a</sup>

Humilde creollo,

*Paulo.*

## VI

*20 de outubro*

A carta de v. ex.<sup>a</sup>, cheia de benevolos conselhos, e prudentes reflexões a respeito do meu conflicto com o sr. Alvaro de Sousa, é uma nova força que v. ex.<sup>a</sup> quer dar ás minhas convicções na sua amizade.

Felizmente, o primo de v. ex.<sup>a</sup>, sentindo por ventura que lhe não era glorioso um desforço com o pintor, já teve a summa discrição e bondade de encontrar-se comigo tres vezes, e deixar-me seguir pacificamente o meu caminho.

Sinceramente lhe digo, minha nobre amiga, que o menos interessado, n'esta ridicula lucta com um moço digno de outro competidor, era de certo eu.

Não me levava para este acto de suprema vaidade o coração. O meu mal pensado cavalheirismo era todo da cabeça, que tenho cheia de loucuras, e refractaria a tudo que é submissão a classes, cuja superioridade—desculpe-me v. ex.<sup>a</sup>—não reconheço de baixo do céu.

D'este orgulho, que eu supponho não existirá de hoje a cem annos, porque então os homens serão todos eguaes perante a lei, e irmãos perante Deus, d'este orgulho resultou a facilidade com que fui hon-

tem procurar D. Rosa, que me pedia anciosamente uma entrevista.

Encontrei-a assustada, confiando de mais na superioridade de Alvaro, e avaliando em menos que o seu valor real a minha frieza de animo para arrostar as furias do seu fidalgo amante.

Sorri piedosamente para aquelles receios, aliás naturaes no coração de uma mulher.

Aquietei-lhe quanto pude o seu sobresalto, e acabei por pedir-lhe que fosse grata aos extremos do gentil moço, que, por ella, se arriscava a um encontro, cujas consequencias eram imprevisas para ambos nós. N'este sentido aconselhei-a com uma generosidade digna de outros tempos. Encareci o merecimento do sr. Alvaro, advoguei a causa d'elle com o fervor de amigo, estabeleci comparações entre nós que redundam em grandes vantagens para elle, e terminei este difficil papel, salvando a minha posição falsa, com lhe offerecer a sincera estima de irmão.

Rosa Guilbermina não me quer para irmão. Achei-a de marmore para este sentimento que seria em mim o mais vital de todos, o que eu hoje mais lhe agradeceria, e o primeiro e derradeiro que eu posso offerer a uma mulher. Ella, não. Falou-me do seu amor com extranho desembaraço. Explicou-me os effeitos de uma impressão violenta. Disse-me que só

um prompto desprezo poderia salva'-la, porque tinha o amor proprio necessario para não succumbir sem gloria, humilhando-se a um homem que a não comprehendia. Empregou, na exposição eloquente da sua sympathia, as melhores palavras da novella, e concluiu o seu não interrompido discurso com lagrimas, que me pareceram mais eloquentes que a fecundidade palavrosa.

Eu não sei o que ha de sublime, e mavioso nas lagrimas de uma mulher. Como se Deus lhe dêsse a humildade por instrumento de triumpho, eu sentime enfraquecer, ao mesmo tempo que recobrava toda a minha coragem, pedindo-a á saudade de Helena, como se pede uma alegria ás recordações do passado, que se nos foi com todas ellas.

Eu creio já ter dito a v. ex.<sup>a</sup> que D. Rosa é uma linda mulher. Quando a retratei, havia alli n'aquella physionomia um colorido de felicidade, um sangue agitado que lhe vinha em estos ardentes do coração, uma viveza robusta, que denunciava um feliz descuido de pesares.

Hontem não era assim. Rosa estava livida. Orlavam-lhe os olhos umas manchas azuladas, que marcavam talvez a passagem de muitas lagrimas escondidas, em longas noites de desesperação. Posto que vaidoso, eu não me felicitei, minha cara amiga, por ter sido a causa d'esses padecimentos. Se é por

mim que elles existem, não se me dá da gloria inutil que elles possam dar-me. Não tenho nenhuma: não me prestam de balsamo para o coração; não me aquecem esta cabeça de gelo; não me deixam roubar ao passado um instante, para com elle idear futuros de impossivel felicidade.

Poderei amar esta mulher repetindo as minhas visitas? Não. A aproximação é o divorcio das grandes paixões, que a distancia esposára. Aos pés do homem cáe partido o prisma, quando o halito da mulher é tão de perto que lhe empana as côres.

E eu, de mais a mais, não desejei approximar-me, quando a vi de longe. Não senti este toque inesperado, esta surpresa electrica, uma só vez recebida na existencia de cada homem. Poderá o tempo fazer o que não fez um instante? Não.

Dizem que existe um amor lentamente creado pelo habito, emanção da amizade contrahida pela semelhança de vontades, resultado de uma demorada elaboração de dois espiritos que se consagram no mutuo sacrificio de propensões e desejos. Não sei o que seja isto. A razão rejeita essas candidas theorias.

Eu só creio no amor não esperado, não grangeado por sacrificios, não calculado de dia para dia.

Se me dizem que essas paixões improvisadas n'um olhar, e n'um sorriso, e n'um córar, são instantâ-

neas, e ephemeras como o feto arrancado ao embrião, com violencia, antes de tempo, eu direi que sim... que morrem essas paixões na vida, porque ha a pedra do tumulo que desce quando Deus a manda, mas ha a eterna saudade que nem a Providencia pôde desvanecer-la no coração, que se envolve n'um pedaço da mortalha, roubada a outro coração, que o deixou viuvo de todas as esperanças, e gélido para todos os confortos.

Minha paciente amiga, eu sou fastidioso com as minbas choradeiras. Acolha-m'as com amor, que eu não tenbo, sequer, em galardão de tantos soffrimentos, o poder de as lançar ao papel de modo que consternem a compaixão da unica pessoa que pôde sentir comigo.

Estou pintando. E' o meu sonho de ha dias E' Helena, quando me deu uma rosa murcha, e me disse: «Ahi tens o meu amor: a rosa cairá desfeita em pó; mas a saudade ficará perpetuamente entre os vivos, como o germen d'essa flôr.» Estas palavras repetiu-m'as no sonho. Vi-a tal qual era, n'esse primeiro dia em que os medicos lhe disseram que désse um passeio recreativo á ilha da Madeira. N'esse dia começou ella o seu curto passeio em redor da sepultura!...

Adeus, minha estimavel senhora.

De v. ex<sup>a</sup>, Amigo dedicado,—*Paulo.*



## VII

29 de outubro

Tem decorrido sete dias, depois que lhe escrevi; minha boa amiga. V. ex.<sup>a</sup> não calculava a razão do meu silencio, quando na sua queixosa carta de hon-tem arguia a minha reserva, ou indolencia.

Eu indolente, senhora! Eu que não tenho cinco minutos de repouso desde o dia á noite! Eu, que conto os longos instantes do escurecer ao dia!

Não lhe escrevi... por vergonha!... Ha de crer-me, senhora! não tenho tido animo de ser eu o proprio accusador das minhas fraquezas incomprehen-siveis! Tenho esperado o intervallo lucido d'esta de-mencia de seis dias, e as trevas cerram-se cada vez mais.

Que é o que se passa em minha alma? Que trans-figuração se operou na minha vida? Que brinquedo cruel é este que vem ludibriar-me no canto esquecido em que me refugiei com as minhas desgraças?

A minha organização está debaixo da terrivel in-fluencia de uma zombaria providencial! Eu era, ha oito dias, o homem morto para o futuro; as minhas alegrias resuscitava-as do tumulo mudo do passado; a minha vida era uma saudade que devia cegar-me

os olhos da razão com o seu brilho sinistro, enlouquecendo-me, ou matando-me. Detestava o presente, porque debaixo dos meus pés estava o ardor do deserto, e nos horisontes da minha esperança... nem uma gotta de agua que me apagasse este lume que me queima, sem o poder de aniquilar-me. Eu era isto! A solidão era-me cara. O tumulto de Helena povoava se-me de arjos A imagem d'ella, esboçada em cada téla que me rodeia, tinha uns olhos que choravam, mas os seus labios articulavam não sei que palavras animadoras, que me mandavam subir com o sorriso da resignação as escadas do meu patibulo.

E esta vida acabou para mim. A imagem de Helena fugiu lagrimosa e espavorida da solidão do meu quarto. A sepultura d'ella... é uma pedra erma de phantasmas para mim. Comecei por descrer das minhas passadas visões. Raciocinei friamente sobre a vida e a morte; sobre a belleza que foi, e o cadaver que é; sobre o coração arquejante de amor, e o coração minado de vermes.

Que é isto, pois? quem rasgou este véo diante de meus olhos? Que homem sou eu hoje, ou que homem fui durante dois annos de amargura incuravel?

Entre mim e Helena... está Rosa Guilhermina! Tenbo o rubor do pejo na face, quando estas palavras me fogem do coração! Parece que a vejo contrahir

uma visagem de indignado pasmo por tal mudança! O meu character apresenta-lhe uma inconcebivel monstruosidade! Vota-me um legitimo desprezo, desde este momento?

Primeiro me desprezei eu a mim. Primeiro olhei eu com asco para a minha miseria. Antes de v. ex.<sup>a</sup> recuar nauseada da baixa condição da minha alma, entrei eu na minha consciencia, e vi-me torpe, ingrato, insensivel, perjuro e vil!

Tenho muito orgulho da minha honra; quero absolver-me d'esta deslealdade á memoria de Helena e não posso. Vejo que é necessario ser cynico para me desculpar, escarnecendo as culpas que a sociedade me imputa. Não posso, não sei se'-lo, não está na minha mão rasgar o contracto que fiz com Helena, nos seus ultimos instantes.

Mas eu amo Rosa. Que sentimento é este? Como hei de convencer-me de que amo esta mulher? Se isto é uma illusão, como é que se dissipam estas chimeras?

Não sei! Lembra-me que senti uma commoção inexplicavel quando a vi chorar! Lembra-me que a vi n'um sonho, de que acordei balbuciando o seu nome com ternura. Lembra-me que desdenhei, acordado, a ternura do sonho. . . Mas a minha alma estava inquieta. O meu quarto parecia-me pequeno; este silencio entristecia-me. . . Faltava-me não sei

que voz; que som dos anjos que me tinha ferido uma corda no coração!... Ri da minha fragilidade. Peguei de um pincel... Disse á minha alma que lhe inspirasse os traços de Helena... e os olhos amortecidos de Rosa ressaltaram-me do panno com duas lagrimas... Era a imagem d'ella, que se levantava de um tumulo a dizer-me: «Aqui tens lagrimas minhas; aqui tens um coração, que renasceu das minhas cinzas; aqui te dou a unica mulher, que póde supprir a que não terá para ti um sorriso sobre a terra... Vê que os vermes corroeram a minha face. Não te illuda uma esperança em outros mundos, porque os limites da vida são a campa... Eterna é só a materia; mas a materia que te feriu os sentidos, dissolveu-a o sopro da desgraça...»

Contive-me durante dois dias de tribulação incessante. O coração dizia-me que Rosa me escreveria. Li a carta que recebera com indifferença, e passei por a minha alma todas aquellas palavras. Achei-as sinceras.. Acarinhei-as com sofreguidão... Recordei o que ella me dissera, depois. Accusei-me de ingrato. Tive orgulho do meu rival. Reccei ter parecido um ente indigno de tamanho amor! Senti ciúmes... Queria ve'-la... Precisava de lhe esconder metade da minha alma, revelando-lhe uma pequena parte dos meus sentimentos...

—E procurei-a... Não sei o que lhe disse... Re-

cordo-me que lhe apertei a mão com ardor; que lhe pedi lagrimas de piedade, e coragem para não transgredir um juramento... Penso que me não entendeu, porque me respondeu com um sorriso, e fugiu de ao pé de mim com a face abrasada...

E, desde esse dia, escrevo-lhe a todas as horas. Não lhe mostro as minhas cartas porque não posso convencer-me de que o meu coração está n'ellas... É impossivel!. . Aqui ha uma fascinação!... Eu não posso ter esquecido Helena!...

Preciso hoje da sua companhia, minha querida amiga!... Escrevi o que não ousaria pronunciar...

De v. ex.<sup>a</sup>

Grato amigo,

*Paulo.*

### VIII

*25 de outubro*

A ingratidão é punida. Principio a expiar o perjurio. Helena vae ser vingada por esta mulher, que, traiçoeiramente, me assaltou o coração, quando eu me julgava de ferro para as paixões.

Rosa Guilhermina vae recuando diante de meus passos. Approximar-me foi gela'-la. Da tristeza profunda com que me olhava, antes da vergonhosa queda

que dei do alto do meu orgulho, transformou-se n'um rosto folgasão, n'um conversar futil e acreançado, n'um nem eu sei que de motejo e zombaria que me escandalisa e envergonha.

Esta mulher quiz experimentar-se, experimentando a minha soberba. Humilhou-se, como a vibora, que se enrosca entre as urzes, para se levantar de um salto de que eu devia fugir atrozmente ferido no meu amor proprio. Isto tudo é inexplicavel; mas o facto existe com horrorosa evidencia ! Essa mulher que me provocou, ha de amanhã desprezar-me. . . despreza-me já hoje, e ousa dizer-me que me recebe, em attenção á delicadeza com que a tenbo tratado !

Esta fria linguagem é a mascara impostora dos caracteres, que se não sustentam. Quando a mulher assim fala, é porque o amor, nos labios d'ella, foi uma expressão mentirosa, que passou por lá, como a palavra «Deus» que é seguida, na bôca do impio, pela palavra «demonio» !

É isso crível, minha querida amiga ?

Rosa será aquella mulher, que me escreveu? Não a veria eu chorar? As lagrimas pôdem assim prestar-se a uma infamia? Ha mulheres que tiram de um coração gasto um tal proveito?

Hontem procurei-a com a resolução estúpida de convida'-la a ser minha mulher! Eu não podia já lu-

ctar com ella, nem comigo. Um dia antes, perguntei-lhe a razão da sua frieza; respondeu-me que ella mesmo não sabia explica'-la. Disse-me que Alvaro de Sousa não frequentava a sua casa, e accrescentou que desejava saber de mim a razão d'este procedimento.

—De mim?!—perguntei eu.

—Sim... do senhor... Por minha parte não lhe dei a elle motivo algum de abandonar uma casa, em que entrava como parente... O que fiz foi interpôr as minhas supplicas com o senhor Paulo e com elle para que não tivessem desintelligencias em que soffresse a minha reputação.

—A sua reputação é invulneravel...

—Não é tanto assim... A vinda frequente do senhor Paulo, e a ausencia completa de Alvaro de Sousa, é motivo de murmuração na vizinbança.

—Quer com isso dizer que não a sacrifique á murmuração dos vizinhos?

—Escuso lembrar á sua honra esse dever. O senhor deve ser o primeiro a lembrar-se da susceptibilidade em que estou na presença de um mundo que não distingue as mais honestas das mais torpes intenções...

—Está raciocinando com admiravel prudencia, senhora D. Rosa!... Quer em summa dizer que não devo vir a sua casa...

— Não digo tanto; mas devo pedir-lhe que seja menos frequente nas suas visitas. . .

Compreendi-a. . .

E ergui-me de um impeto para retirar-me. Parece que o coração se me tinha despedaçado no peito. Ouvi um zumbido extranho, que me fazia latejar a cabeça em dolorosas pontadas. Era tudo escuro diante de meus olhos, e não havia em mim sensação que me não fizesse recear uma demencia.

Sabi, e, só muitos passos longe d'aquella casa fatal, me lembrou a retirada boçal que fizera. Como foi possível que eu não respondesse áquella mulher?! Que indignação, ou que nobreza d'alma foi a minha, que me não inspirou uma palavra que a fizesse córrar?! Será isto uma devassidão moral, que supporta impassível todas as offensas? A longa desgraça petrificou-me? Um amor, todo santo, todo saudade, o amor de Helena, dois annos puro no sacrario do meu coração, fez-me cynico?

Tenho-me boje feito estas perguntas. É um tormento não poder responder. Não pôsso. Não sei o que sou, nem o que é aquella mulher! Seria uma desgraça, um cancro incuravel na minha alma a certeza que ella é tão infame como se me ostenta!

Vejamos se posso absolve'-la. . . Oh! eu queria absolve'-la, sem deshonra para mim, nem para ella! . . . De que modo? . . .



Ha, por ventura, uma intriga? Qual? Por quem? E com que fim?

Não sei, não posso comprehende'-la!

Disse-me ella que nunca me confessou amor! Será isto verdade? Fui eu que me illudi? Então, aquella carta, aquella livre explicação de um affecto repentino... foi tudo um sonho?! Terei eu mentido a v. ex.ª? A copia da carta que lhe enviei, foi uma ignobil impostura?...

Como é especialmente horrivel a minha situação! Como eu, de um lance de olhos, vejo todos os casos em que um homem pôde suicidar-se na sua honra cuspiendo na face de uma mulher!...

Esta situação não pôde assim durar... Eu preciso ouvi'-la... Ella ha de saber colorir a sua depravação de outro modo... Eu quero até que ella se defenda, porque vae ahi n'essa defesa a salvação do meu amor proprio... Que dirá?... Que terei eu que responder-lhe?

Minha boa amiga, ha uma conspiração sobrenatural contra mim... Eu receio, hoje mais que nunca, uma demencia. Lamente o seu infeliz amigo

*Paulo.*

IX

*2 de novembro*

Tudo está perdido.

Rosa Guilhermina vae sair do Porto. D. Anna do

Carmo faz parar, ha quatro dias a carroagem á porta de sua filha. Alvaro de Sousa reconciliou-as. Leia v. ex.<sup>a</sup> essa carta, que recebo n'este momento:

«Confidente de minha amiga Rosa Guilhermina, «devo dizer a v. . . que as suas visitas a esta casa, «emquanto ella fôr minha hospeda, são bastante prejudiciaes á futura felicidade d'esta senhora. Sua «mãe, informada das relações que o chamam a minha casa, obriga Rosa a sair do Porto. Suspeito que «a sua direcção não pare aqui em Portugal.

«Da parte de v. . . , tanto eu como ella esperamos «a cavalheirosa prudencia, que o seu bom character nos «afiaça. Se a ama, como devo acreditar das cartas «que lhe escreve, desvele-se em não prejudica'-la. «Até aqui a sua união com a filha sem mãe, seria «possivel. Hoje que D. Anna do Carmo reconhece «sua filha para eleva'-la até onde o dinheiro a collocou, declaro-lhe, com pesar meu, que serão, além «de inuteis, nocivos todos os seus esforços.

«Com sincera estima

«De v. . .

«Veneradora affectuosa,

«*Maria Elisa.*»

Ora aqui tem, minha boa amiga, o artista em lucta com a sociedade. Ellaahi vem pôr-me um pé, segunda vez, no pescoço! Cá sinto já a dôr vilipen-

diosa, e nem sequer sei já sorrir-me, quando a soberba me estende na face uma bofetada! É preciso ser homem, antes de tudo. Quero tirar nobreza da minha vilania! Esta dôr moral é mais forte que a outra. Sinto desvanecer-se o amor, só tenho alma para compulsar as agonias de uma paixão incomparavelmente maior. Cerra-se uma ferida; mas creio que me abriam outra incuravel, rasgando-me a antiga cicatriz. Hoje preciso da vida, porque é impossivel que eu não tenha a minha hora de vingança...

Vou sahir de Portugal... não porque me reconheça tão pusillanime que receie aqui uma consumpção moral... Não é isto... é que debaixo d'este céo não ha para mim um anjo bom que me auxilie n'esta peleja desigual com o meu inseparavel demónio.

Tenho dinheiro, que me é inutil aqui. Preciso desperdiça'-lo... Quero tocar o extremo da miseria, para que a necessidade me faça artista, e o trabalho me salve d'estes ocios despedaçores. Não sei onde irei... nem mesmo quero sabe'-lo... De qualquer parte, minha querida amiga, virá uma carta minha pedir-lhe uma lagrima. Quando a não receber... quando o silencio lhe afigurar que a sua amizade fez um ingrato, poderá v. ex.<sup>a</sup> dizer: «Aquelle desgraçado, de quem fui tão amiga, e que tanto deveu ás minhas consolações, morreu!»

E v. ex.<sup>a</sup> poderá então louvar a Deus, que encravou a roda do meu infortunio. Poderá agradecer-lhe, como unica pessoa que deixarei no mundo com o meu nome no coração, a graça da morte concedida ao talvez primeiro homem, que não teve cinco minutos de felicidade na demorada existencia de vinte e seis annos.

N'este momento ha em mim alguma cousa sobrenatural. Não amo Rosa Guilhermina; mas tambem a não detesto! O que eu muito queria era o segredo d'aquella indole, porque eu não seria acreditado se contasse a transição do amor ao desprezo, a infame mentira que me arrancou aos braços de um cadaver para me lançar nos da desesperação.

Deixa'-la! Quero até pedir a Deus... *a Deus!* a desgrça, que é a mãe da piedade! Sinto-me religioso, porque, acima d'estas torpezas, ha de necessariamente existir um Creador, que deixou aqui a dilacerarem-se o mal e o bem. Este Creador deve ser juiz, e eu começo a teme'-lo desde este momento... Quero, pois, pedir a Deus que proteja o futuro de Rosa Guilhermina. Os anjos vão com ella. Esta expressão do povo é a mais expansiva e tocante que a minha alma pôde dar-lhe. A derradeira consolação do infeliz é perdoar. Eu perdôo... Offereço o meu coração para todos os punhaes; curvo a minha cabeça a todas as desgrças; dobro o meu joelho a todas as

violencias, prometto de nunca mais chamar infames os instrumentos, que obedecem á vontade superior do grande motor da vida, e da morte, da honra, e da deshonra.

Não tenho coragem de abraça'-la, minha cara irmã. Adeus.

De v. ex.<sup>a</sup>

Amigo de toda a vida,

*Paulo.*

x<sup>1</sup>

*Roma, 4 de abril de 1825*

Minha prezada amiga

Eu tinha esperanças na minha convalescença moral. O coração, aturdido por padecimentos tumultuosos, cansado e endurecido por cicatrizes de golpes so-

---

<sup>1</sup> Não interessam no romance algumas cartas, que se não publicam. Escriptas de Lisboa, Cadiz, Barcelona, Paris, Genova, e Milão, quasi todas são descrições locais. Vê se que Paulo, em todas ellas, só muito de relance, fala em cousas passadas. Se é acinte, se naturalidade, não o sabemos nós. A sua amiga do Por-

bre golpes, adormecera extenuado. . . Eu principia-va agora uma nova estação na minha vida. A insensibilidade promettia-me uma tranquillã vegetação. Adormeceria sem lagrimas; acordaria sem sobresaltos; veria tudo descórado em redor de mim; abriria para tudo, que me cerca, estes olhos de estatua, sem culto para o bello, nem asco para o repugnante.

Este ultimo baluarte sinto-o esboroar-se debaixo dos pés. A' convalescença da alma segue-se a desorganisação da materia.

Estou doente de uma enfermidade que eu sentia, ha annos, fermentar-se-me no coração. Muitas vezes sentia umas palpitações extraordinarias, e depois dores agudissimas, um suor copioso, um mal-estar physico e moral, um mixto de aborrecimento e desesperação, que eu attribuia sempre á inconsolavel viuvez da minha alma.

Este padecimento, nos primeiros mezes da minha viagem, deminuiu até se extinguir. N'outro tempo, não se me dava sentir aggravar-se o mal; mas, ago-

---

to, diz nos que tambem muito de proposito, se lhe escrevia, nem ligeiramente lhe falava de Rosa. A carta, que publicamos, é a vigesima da collecção, escripta, segundo se vê da data, cinco mezes depois da saída de Paulo.

ra, queria ver-me livre, queria viver muito n'este marasmo de todos os sentidos.

Não o quiz a Providencia. Ha quinze dias que soffro muito. Dizem-me que tenho um aneurisma. Não sei o que é... E' a morte, que me fugiu quando eu a chamava, e me chama quando eu lhe fujo. Não posso dizer-lhe que bem vinda seja!

Mandam-me a ares patrios... Eu não saírei, já agora, d'aqui... Este conselho da medicina é um futil subterfugio.

A minha doença estudo-a nos livros onde aprendem a cura'-la os medicos E' inevitavel a morte... Póde-se assim viver longos annos; mas eu, assim, não desejo viver...

E' lamuria de mais por uma cousa tão transitoria como a vida!... Eu devo ser superior a esta pouca materia que se dissolve no dia seguinte áquelle em que o espirito planiza mil prosperidades. Não me deve ser penoso morrer, porque eu não tinha previsto felicidade nenhuma. O meu futuro seria uma atonia glacial, uma sensibilidade de morte no coração, e vida na apparencia... Viver assim, entre os homens, ou entre cadaveres, que importa?... Morrerei resignado. Agora posso falar-lhe de tudo, porque tudo me é indifferente. Levanto, hoje, a suspensão que impuz á sua bondade, minha amiga. Póde falar-me de Rosa. Que é feito d'essa mulher?

Incommoda-me muito o escrever. Proíbem-m'o; mas a proibição não seria obedecida, se a cabeça me deixasse... Sinto um desprazer semelhante á nausea. E' um esvahimento de cabeça, e uma lassidão em todo o corpo, que só posso attenuar com o uso do opio, que me entorpece completamente. Adeus.

De v. ex.<sup>a</sup>

Amigo do coração,

*Paulo.*

#### RESPOSTA

*Porto, 6 de maio de 1825*

Meu bom amigo

Eu peço a Deus que lhe socgue a imaginação. V.. suppõe-se mais doente do que realmente está. O seu ardente espirito engana-o. Não se entregue ao terror da morte: viva porque esse medo é signal de que a vida ainda lhe é cara.

Espero ainda vê-lo em Portugal, esquecido dos seus passados dissabores, e vivendo para a felicidade de pessoas suas amigas.

Quando v... perder um falso preconceito em que



tem a sociedade, verá que o seu elevado merecimento lhe grangeia estimas, e o seu bom coração encontrará, por ventura, outro digno d'elle.

Não quero que se lembre da morte!

Dava-me tantas esperanças de o vér feliz, na sua penultima carta, e agora parece que capricha em fazer-se desditoso, communicando á sua extremosa amiga as suas tristes previsões!

Bem sabe com que amizade lhe falo. Affiz-me a trata'-lo como irmão, e não saberia amar com mais ternura um filho. Quando perdi um esposo, na flor dos annos, e uma filha que elle me deixou nos braços, tambem eu, sr. Paulo, me julguei morta para tudo. Sentei-me no leito d'onde vira sair o cadaver de meu marido, e esperei ahi a morte. Abracei-me ao berço vazio de minha filha, e pedi ao Senhor a esmola de uma mesma sepultura para tres entes que deviam ajuntar-se.

Encontrei-o ao meu lado, chorando comigo a perda de Helena, sr. Paulo, e os seus nobres padecimentos vieram minorar os meus. V. . . falou-me do céo, da eternidade, da perpetua união das almas no seio de Deus, e eu acreditei-o. Como as suas palavras me vinham sanctificar a minha dôr no coração, gravei-as ahi, e a sua imagem entrou lá com ellas para sempre.

Não sei se o amei; mas, se o amor não era aquel-

la extremosa amizade, que lhe consagrei, e consagro, então não sei o que é o amor.

Não era isso o que accende o ciume, porque esse não o senti nunca. O seu triste episodio com Rosa contristou-me, porque desde o principio propheti-sei desventuras. Realisaram-se muito além do meu agouro.

Nunca lhe falei assim, porque... deixe-me tambem ceder a não sei que triste e mysteriosa inspiração... parece-me que o não verei mais... isto é uma allucinação, mas o coração sente-a tão forte, que eu não posso suspender as lagrimas... nunca lhe falei assim, porque v... tem hoje vinte e sete annos, e eu trinta e sete... As desgraças não me puderam ainda envelhecer de todo, e eu recearia enganar-lo, fazendo-o nutrir, a respeito da minha amizade, alguma falsa supposição, que me poderia fazer muito desgraçada, ou muito feliz.

Esses receios passaram. Agora conheço que não ha commum entre nós senão uma amizade illimitada até á honesta confiança. Nunca podia ser outra cousa...

Falei já muito de mim. Quer que lhe fale de Rosa?

Depois da sua partida, a filha de Anna do Carmo foi viver na companhia de sua mãe, levando comsi-go a viuva do negociante da rua das Flores. Encontrei-as em casa de D. Antonia\*\*\*, e achei-as ambas bellas.

Maria Elisa trazia douda a cabeça de S\*\*\* C\*\*\* Rosa Guilhermina, um pouco triste, recebia com indifferença o cortejo teimoso de Alvaro de Sousa. Por causa de Maria Elisa houve pequenas miserias de salão, ciumes senis, com que os nossos velhos se inculcam rapazes. Felizmente, não lhes falta zelo para não deixarem transpirar as fidalgas impudencias, que sabem occultar nos seus solares.

Agora receba uma novidade, que não deve já ferir a sua vaidade, nem mesmo alvoroçar o seu coração.

Rosa Guilhermina vae casar-se.

Quer saber com que neto de trinta avós ?

E' um neto sem avó conhecido.

Não sei se ha seis ou mais annos que Rosa Guilhermina viveu algum tempo em casa do negociante Silva, da rua das Flores, com quem seu pae, o arcediago de Barroso, a quiz casar.

Rosa namorou-se ahi de um tal José Bento, filho de um retrozeiro. Este lorpa (diz Maria Elisa que o era de grande marca, e eu creio que continua a se'lo) estudava latim em casa do Passos, cujo quintal partia com o do arcediago, na travessa do Laranjal ao Bomjardim. Por causa d'ella, e á sua vista, o rapaz foi castigado com uma palmatoria. No dia seguinte, o mestre que o castigou, appareceu morto, e José Bento desapareceu.

Foi para o Brasil, onde se demorou alguns annos,

vendendo carnes seccas. Por fim, morre o patrão, e deixa-o senhor de uma riqueza que parece extraordinaria, pelo fausto com que se apresentou no Porto.

Ninguem se lembrava já do filho do retrozeiro, que tinha morrido. José Bento de Magalhães e Castro, como elle se assigna, occultou algum tempo o seu nascimento; mas, um dia, apresenta-se em casa de Anna do Carmo, pedindo licença para ver Rosa Guilhermina.

A viuva apparece; mas não se recordava já das feições do seu primeiro namoro. José Bento declara-se, e offerece-se como marido de Rosa.

Não sei o que se seguiu a isto. O boão do proximo casamento correu logo. O senhor Magalhães e Castro é recebido nas primeiras casas. Alcançou foro de fidalgo, e trata de edificar no Reimão um palacete com as armas dos Castros e Magalhães. Dizem-me, que, dentro de oito dias, Rosa será senhora de grandes bens de fortuna, e as suas carruagens serão as melhores.

Eu quizera que v. . . se risse com a fina ironia do talento, e da experiencia, como eu realmente me rio d'estas grutescas evoluções do mundo.

Vae extensa a carta, e parte para Cadiz o hiate que deve leva'-la.

Adeus, meu querido amigo. Escreva-me, dizendo

que se desvaneceram os seus terrores. Viva para a sua dedicada irmã.

## XI

*Roma, 28 d'abril de 1825.*

Graças, minha querida amiga! A sua carta é um modelo de que deviam servir-se os raros anjos, que receberam de Deus a divina missão de consolar infelizes.

O meu coração sentira uma estranha alegria, duas horas antes de eu abrir a carta de v. ex.<sup>a</sup>. Era o presentimento.

Tive uma hora de luz. Respirei o aroma de todas as flores da vida. Dilatava-se-me o coração. As palpitações eram impetuosas como as do sangue, surpreendido pela imagem de uma mulher, que se julga morta, e para sempre perdida.

Era esta justamente a hora em que v. ex.<sup>a</sup> devia assim falar-me. Mezes antes, esta linguagem faria a sua desgraça, que a minha está fadada desde o seio de minha mãe.

Foi minha amiga, quanto podia se-lo. Fui eu quem lhe esposou o seu coração viuvo de um espo-

so e de uma filha. Eis aqui uma vaidade santa, que não deshonra um quasi moribundo. As suas revelações, senhora, acolhe-as meu coração como um deposito sagrado que brevemente confiarei ao tumulo.

A minha morte proxima não é uma chimera de imaginação ardente. Já lhe disse que quero viver e não posso... Desfalleço, porque todos os meus esforços são impotentes. Cravo as unhas na aresta do abysmo; mas o corpo resvala, e a queda é infallivel.

Morro aos vinte e sete annos. Vou, envelhecido por toda a sorte de tribulações. Resta-me saber o que é a indigencia: vae muito adiantada a noite da vida para que a conheça. O meu dia eterno vae nascer, e a luz matutina d'esse dia irradiou-se em volta de mim, quando as suas palavras vieram povoar de bellas visões a solidão do meu quarto.

Foi o amor que me matou! Posso dize'-lo com toda a ufania de uma nobre amargura; foi o amor que me matou! Esta grande alma não era para esta sociedade. Oflereci'-lh'a, desprezou-m'a... Lancei-lh'a aos pés... calcaram-m'a... Fez-se-me uma villania, porque eu era muito nobre... conheço que o era, porque tenho perdoado a todos aquelles que me cortaram as carnes até me chegarem ao coração... Não me conheceram, e eu não os conheci a tempo. Foi muito tarde que o mundo se me ostentou, qual é. Eu

tinha direitos a ser feliz, embora recebesse a felicidade pela porta da deshonra. Não quiz. A minha pureza custou-me a vida, porque fugi do mundo para a solidão a digerir o fel que me deram, e protestei morrer antes de cuspi'-lo na face da sociedade.

Aconselho a infamia a todos os desgraçados, se não quizerem o martyrio. Se forem insultados, indemnisem-se. Renunciem educação, honra, pundonor e dignidade, todas as vezes que a vingança depender da villania, da deshonra, da impudencia, e do descaramento.

Desculpe-me v. ex.<sup>a</sup>... Esqueci-me que estava escrevendo a uma senhora, que não resolveu ainda os asquerosos problemas da infamia. A minha cabeça é um vulcão. Não é ainda a demencia que me desvaira, mas pôde se'-lo a febre.

Ha tres dias que me não levanto. Estou quasi só. Tenho um medico alguns minutos no dia, um frade portuguez que me serve um caldo, e não entende o que lhe digo.

Eis-aqui a minha familia na vespera de uma viagem infinita... Falta-me aqui uma mulher, que me fosse esposa, mãe, ou irmã. Em Portugal, quando estes ataques me annunciavam a morte, lembrei-me, muitas vezes, que o meu derradeiro olhar encontraria os olhos de v. exc.<sup>a</sup>

Aqui, será a sua imagem, o seu retrato, que me

sorri, aquelle retrato que v. ex.<sup>a</sup> me concedeu a pedido da nossa pobre Helena...

Não posso...

Ah!... esquecia-me dizer-lhe que a historia de Rosa Guilhermina é uma bonita farça... Fez-me sorrir; mas, no coração, lamento-a!... E' uma mulher bem trivial!...

Adeus, minha querida irmã... Será o ultimo?...

*Paulo.*

«—Eis-aqui a ultima carta, que eu recebi de Paulo—disse a senhora, que me confiou a leitura, e as cópias de todas.

«—Que sentiu v. ex.<sup>a</sup>, depois que a leu?

«—O que eu senti?... Nem já me recordo... Isto passou-se ha trinta annos; e a memoria do coração, aos sessenta e seis, está embotada; mas, se quer um facto que lhe exprima melhor que todas as palavras o que eu senti, bastará dizer-lhe que, dois dias depois, parti para Roma...

«—Para Roma!...

«—Admira-se!?

«—Então v. exc.<sup>a</sup> amava Paulo...

«—Se o amava!... Não se fazem essas perguntas a uma velha. O senhor ri de mim, se eu deixar falar o coração, como elle, ainda ha trinta annos, lhe responderia.



«—Eu não posso rir do que a vida tem mais grave e triste...

«—O amor!... diz bem... E' bem triste recorda'-lo; mas o ridiculo manda suffocar as expansões de um coração, que não envelheceu ainda. Dizem que os cabellos brancos são veneraveis. Se o são, é só nos patriarchas, nos prophetas, e nos apóstolos... Quer que lhe diga que amei Paulo? Pois sim... Amei-o muito... Conheci-o, já casada; mas eu fui uma esposa com todas as virtudes, e com a resignação para todos os sacrificios.

A filha do general\*\*\* amava Paulo.

A minha casa era o unico local onde se reuniam. Impuz-me esta violencia, e prestei-me ao doloroso serviço de os approximar, porque precisava matar um veneno com outro veneno.

Helena morreu, e Paulo refugiou-se a chorar comigo. Eu e o tumulto d'ella eramos o unico passatempo da sua atormentada existencia.

Enviuei. Encontrei-o sempre a meu lado. Sondei com muita delicadeza a sua alma, e achei-a fria. Reconheci que era meu amigo, porque eu lhe falava muito de Helena. Um homem assim não podia amar-me...

«—Porque não lhe revelou a sua alma?

»—Uma mulher, se não está gasta pela libertinagem, ou não é prodigiosamente estúpida, nunca faz

semelhantes revelações. Se elle me perguntasse se eu o amava, responder-lhe-ia que não, e còraria pela vergonha da mentira, ou pelo remorso da offensa. . . Dizem me que as mulheres de hoje são faceis n'essas delações da sua alma. Se não é a moda que as absolve, o pudor de certo não é. . . Emfim, eu nunca lhe disse que o amava, nem elle me proporcionou occasiões de dizer-lh'o.

Um anno antes de conhecer essa mulher fatal. . .

«—Quem? Rosa Guilhermina?

«—Sim. . . Um anno antes de conhece'-la, raras vezes vinha a minha casa. Vivia muito só: dizia-me nas suas frequentes cartas, que vivia namorado da arte, que tinha muitos retratos de Helena, e que roubava á pintura o tempo apenas necessario para visitar-lhe, em S. Francisco, a sepultura.

Relacionado com Rosa, Paulo, sem o pensar, ultrajou-me quanto era possivel! . . . O ciume devorou-me alguns dias, e eu tive momentos de detestar o infame character do infeliz moço. . . Habituada, porém, a dominar-me, afivelei outra vez a mascara, e recebi-o com a mesma graça em minha casa para ouvir-lhe as expansivas apologias de Rosa Guilhermina.

Tenho remorsos de ter sentido uma cruel alegria, quando essa mulher o desprezou. . .

«—Naturalmente. . . alguma intriga. . .

«—Urdida por mim?...»

«—O amor, muitas vezes, obriga...»

«—A praticar vilezas? O amor nobre, não... Eu não urdi intrigas... Rosa desprezou-o, porque o seu character era o character de sua mãe... Anna do Carmo nascera nas palhas, fôra amante de um padre, fôra adúltera mulher de um livreiro, fôra repellida de casa de sua filha, e recebera-a por fim, nos seus salões, sem vergonha do seu passado, nem resentimento da sua dignidade. Filha de tal mãe, não podia apreciar o amor de Paulo, que amára uma mulher, que morrera por elle.

Ia-me esquecendo o conto... Fui a Roma; cheguei lá vinte dias depois que recebi a carta.

«—Encontrou-o?»

«—Sepultado... Morrera seis dias antes... Ao lado da sua cabeceira estava o meu retrato... E' aquelle que alli se vê.»

Reparei... Ninguem diria que esta senhora podia ter sido tão bella!

Caíam-lhe duas a duas as lagrimas... Eu quiz diverti'-la d'esta dolorosa situação, perguntando-lhe:

«—Demorou se em Roma?»

«—Tres dias... Voltei a Portugal, depois... Deixei-me chorar, porque ha muitos annos que não falei a ninguem n'este homem... Quer saber o resto d'esta historia que faz o seu romance?... Essa se-

nhora de que faz menção no seu prologo, pôde contar-lh'a.

«—Com menos graça que v. ex.<sup>a</sup> . . .

«—Pois eu lhe digo: Rosa Guilhermina morreu ha seis annos em Lisboa, com o titulo de viscondessa de \*\*\*. Seu marido ainda vive. . . E' um dos mais ricos proprietarios do paiz. . .

«—E Maria Elisa?

«—Essa mulher perdeu-se. . . Foi amante de S\*\*\* C\*\*\*, que deu escandalo no Porto, e perturbou a tranquillidade da sua casa, e da casa das suas amantes, que eram quasi todas casadas. Depois, como elle morresse, Maria Elisa, que vivera na companhia de Rosa, reagiu contra os conselhos de José Bento, e abandonou a amiga para entregar-se a uma vida dissipada sem ao menos a colorir com as variadas tinturas da hypocrisia. Tocou o extremo grau de miseria; mas d'esta miseria prosaica e villã, que não pôde ser historiada n'um romance. Não era fome nem nudez. Era a negação para todos os sentimentos de honra. Quando desceu tão abaixo recebeu uma boa mezada de Rosa; mas dissipou-a com amantes. Por fim envelheceu. Rosa tinha morrido, e o visconde de \*\*\*, que a soccorrera estimulado por sua mulher, abandonou-a inteiramente.

«—E ainda vive?

«—Morreu já depois que o senhor principiou o seu

romance. Foi justamente no dia em que saiu o quinto folhetim na *Concordia*.

«—Morreu miseravelmente?

«—Não, senhor. Quem lhe prestou os ultimos socorros fui eu. Não lhe faltou uma cama, um medico, uma enfermeira, e um padre até ao seu ultimo momento.

«—Devia ser terrivel, nos ultimos dias, o olhar d'essa mulher para o passado! . . .

«—Creio que não. . . A desgraça desmemória. . . Por não sei que favor da Providencia, a mulher que se degrada não tem já o senso intimo da sua dignidade perdida. Caiu, do leito á sepultura, impassivel como a pedra que tomba insensivelmente do alto da serra ao fundo do abysmo. . .

«—Esqueceu-me perguntar-lhe como viveu Rosa com José Bento. . .

«—Honradamente, e parece que feliz.

«—Deixou filhos?

«—Do segundo marido nenhum.

«—E aquella Açucena, que tão linda me pintaram? Deve ter hoje trinta annos. . .

«—Morreu ha dois. . . Quer saber a vida d'essa mulher?

«—Desejava. . .

«—Mas tem de fazer outro volume.

«—Pois a vida de Açucena dá para tanto?

---

«—E' um triste romance... Ha de escreve'-lo, e intitula'-lo: A NETA DO ARCEDIAGO.

FIM











